

A Liahona

Janeiro de 1986



RELATÓRIO DA 155ª CONFERÊNCIA GERAL SEMI-ANUAL DE
A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS, OUTUBRO DE 1985

A Liahona

Janeiro de 1986 - Volume 39 - Nº 1
PBMA053APO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando discursos e relatórios da Conferência Geral Semi-anual da Igreja de outubro de 1985.

A Primeira Presidência:
Spencer W. Kimball, Marion G. Romney,
Gordon B. Hinckley.

Quorum dos Doze:
Ezra Taft Benson, Howard W. Hunter,
Thomas S. Monson, Boyd K. Packer,
Marvin J. Ashton, L. Tom Perry,
David B. Haight, James E. Faust,
Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson,
Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard.

Comitê de Supervisão: Carlos E. Asay,
Rex D. Pinegar, George P. Lee,
James M. Paramore.

Editor: Carlos E. Asay

Diretor do International Magazines:
Ronald L. Knighton

International Magazines:
Editor Gerente: Larry A. Hiller
Editor Associado: David Mitchell
Desenhista: Sharri Cook

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Carleto

Editor: Paulo Dias Machado
Assinaturas: Victor Hugo da C. Pires

Supervisor de Produção:
Elias Nelson Munhoz Dias

Capa: O Templo do Lago Salgado. Fotografia
de Royce Bair

Fotos deste número ficaram a cargo do
Departamento de Desenvolvimento e
Planejamento de Audiovisuais da Igreja:
Eldon Linschoten, fotógrafo chefe, Michael
M. McConkie e Marty Mayo.

ÍNDICE POR AUTORES E ASSUNTOS

Os oradores desta conferência são alistados abaixo em ordem alfabética.

Asay, Carlos E. 39
Ashton, Marvin J. 62
Backman, Robert L. 10
Ballard, M. Russell 70
Benson, Ezra Taft 4, 32
Burton, Theodore M. 58
Cuthbert, Derek A. 22
Dunn, Loren C. 8
Faust, James E. 6
Fyans, J. Thomas 83
Hales, Robert D. 16
Hinckley, Gordon B. 3, 44, 51,
65, 76, 79
Hunter, Howard W. 66
Kapp, Ardeth G. 86
Larsen, Dean L. 60
Lee, George P. 19
Lind, Don 34
Maxwell, Neal A. 13
Monson, Thomas S. 30
Nelson, Russell M. 27
Oaks, Dallin H. 55
Packer, Boyd K. 73
Perry, L. Tom 41
Pinegar, Rex D. 36
Rector, Hartman, Jr. 68
Reeve, Rex C., Sr. 71
Wells, Robert E. 24
Winder, Barbara W. 88
Young, Dwan J. 84

Os assuntos abaixo são tratados em discursos iniciados nas páginas indicadas.

Abundância 55
Amor 8, 10, 30, 58
Arrependimento 4, 58
Autodomínio 27
Bênçãos 79
Caridade 8, 10
Chamados 70
Condição da Igreja 44
Convênios 39
Criticismo 6, 44, 60
Discipulado 30, 68
Ensinamento 32
Escrituras 86
Espiritualidade 44, 55, 83
Exemplo 36, 60
Expição 16
Fé 76
Frutos do Evangelho 60
Igreja de Jesus Cristo 22, 73
Jejum 66
Jesus Cristo 4, 19, 68, 73
Joseph Smith 71
Julgamento 68
Obediência 41, 76, 88
Obra Missionária 22, 24
Oração 84
Paternidade 32, 36, 44
Paz 62
Perseguição 19
Perseverança 16
Preparação 34
Restauração 71
Revelação 22
Sacerdócio 36, 39
Serviço 10, 88
Templos 51
Testemunho 73
Vida Pré-mortal 13

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 20.000; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: Cr\$ 2.500.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês.

Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Av. Paulista, 900 - 6º andar - Fone: 289-7279 - Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

Índice

- 2 Relatório da 155.^a Conferência Geral Semi-Anual de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Sessão Matutina de Sábado

- 3 Unidos em Amor e Fé *Presidente Gordon B. Hinckley*
- 4 Nascido de Deus *Presidente Ezra Taft Benson*
- 6 A Vida Abundante *Élder James E. Faust*
- 8 O Evangelho de Amor *Élder Loren C. Dunn*
- 10 “Como Eu Vos Amei” *Élder Robert L. Backman*
- 13 Vida Pré-Mortal — Uma Gloriosa Realidade *Élder Neal A. Maxwell*

Sessão Vespertina de Sábado

- 16 Lições da Expição Que Nos Ajudam a Perseverar Até o Fim *Bispo Robert D. Hales*
- 19 “Pode Vir Alguma Coisa Boa de Nazaré?” *Élder George P. Lee*
- 22 Onde Está a Diferença? *Élder Derek A. Cuthbert*
- 24 Aventuras do Espírito *Élder Robert E. Wells*
- 27 Autodomínio *Élder Russell M. Nelson*
- 30 Aqueles Que Amam Jesus *Élder Thomas S. Monson*

Sessão do Sacerdócio

- 32 Pais Dignos, Filhos Dignos *Presidente Ezra Taft Benson*
- 34 “Os Céus Manifestam a Glória de Deus” *Don Lind*
- 36 A Corda Salva-Vidas do Evangelho *Élder Rex D. Pinegar*
- 39 O Juramento e Convênio do Sacerdócio *Élder Carlos E. Asay*
- 41 “Eu Confiro o Sacerdócio de Aarão” *Élder L. Tom Perry*
- 44 Perguntas e Respostas *Presidente Gordon B. Hinckley*

Sessão Matutina de Domingo

- 51 Regozijai-vos com a Grande Era de Edificação de Templos *Presidente Gordon B. Hinckley*
- 55 Espiritualidade *Élder Dallin H. Oaks*
- 58 Misericórdia e Justiça *Élder Theodore M. Burton*
- 60 “Por Seus Frutos os Conhecereis” *Élder Dean L. Larsen*
- 62 Paz — Triunfo de Princípios *Élder Marvin J. Ashton*

Sessão Vespertina de Sábado

- 65 Apoio dos Oficiais da Igreja *Presidente Gordon B. Hinckley*
- 66 Dia de Jejum *Élder Howard W. Hunter*
- 68 O Evangelho *Hartman Rector, Jr.*
- 70 Resposta ao Chamado *Élder M. Russell Ballard*
- 71 Joseph Smith, o Instrumento Eleito *Élder Rex C. Reeve*
- 73 A Única Igreja Verdadeira *Élder Boyd K. Packer*
- 76 “Levemos Avante Esta Obra” *Presidente Gordon B. Hinckley*

Reunião Geral das Mulheres

- 79 Dez Bênçãos do Senhor *Presidente Gordon B. Hinckley*
- 83 “Achegai-vos a Mim” *Élder J. Thomas Fyans*
- 84 Achegai-vos a Ele em Oração *Dwan J. Young*
- 86 As Sagradas Escrituras: Cartas Recebidas de Casa *Ardeth G. Kapp*
- 88 Achegai-vos a Mim pela Obediência *Barbara W. Winder*
- 48 Autoridades Gerais de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
- 91 Notícias da Igreja

Participação Adicional:

Na sessão matutina de sábado as orações foram proferidas pelo Élder J. Thomas Fyans e Élder John H. Groberg; na sessão vespertina de sábado pelo Élder Marion D. Hanks e Élder Royden G. Derrick; na sessão do sacerdócio pelo Élder Adney Y. Komatsu e Élder F. Enzio Busche; na sessão matutina de domingo pelo Élder Charles Didier e Élder Angel Abrea; e na sessão vespertina de domingo pelo Élder William R. Bradford e Élder John K. Carmack.

Relatório da 155.^a Conferência Geral Semi-Anual de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

*Sermões e procedimentos dos dias 5 e 6 de outubro de 1985,
no Tabernáculo da Praça do Templo, Cidade do Lago Salgado, Utah.*

Estamos vivendo numa das mais significativas e importantes épocas da história da Igreja e da história da obra de Deus entre seu povo. Estamos vivendo a maior era de construção de templos já vista”, dizia o Presidente Gordon B. Hinckley, segundo conselheiro na Primeira Presidência, ao falar na sessão matutina de domingo, 6 de outubro, da 155.^a Conferência Geral Semi-Anual da Igreja.

“A construção e dedicação de templos tem progredido com tanta rapidez nestes últimos anos, que alguns não o notam, nem consideram significativa. Mas o adversário está bem atento...

“Em pouco mais de dois anos e meio, dedicamos dezesseis novos templos, e rededicamos o Templo de Manti após a remodelação. Antes do fim deste ano, dedicaremos pelo menos mais um, chegando a seis dedicados em 1983, seis em 1984 e seis em 1985. O grande ímpeto na construção de templos foi iniciado pelo Presidente Kimball, conforme revelação do Senhor, a quem pertence a obra”, disse o Presidente Hinckley.

A conferência geral foi presidida pelo Presidente Spencer W. Kimball, que esteve presente às quatro sessões gerais de sábado e domingo, dias 6 e 7 de outubro. As sessões foram dirigidas pelo Presidente Hinckley e Presidente

Ezra Taft Benson, presidente do Quorum dos Doze. Estiveram ausentes o Presidente Marion G. Romney, primeiro conselheiro na Primeira Presidência, e o Élder David B. Haight, do Quorum dos Doze, convalescendo em casa.

Os procedimentos administrativos da conferência foram realizados na sessão geral vespertina de domingo. O Élder M. Russell Ballard, da Presidência do



Primeiro Quorum dos Setenta, foi apoiado como membro do Quorum dos Doze Apóstolos, preenchendo a vaga deixada pelo Élder Bruce R. McConkie, falecido a 19 de abril de 1985. Da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, foi desobrigado ainda o Élder J. Thomas Fyans, presidente sênior da mencionada Presidência, por haver sido chamado pela Primeira Presidência para presidir a Área Sul da América do Sul, sediada em Buenos Aires, Argentina. O Élder Fyans sucede o Élder A. Theodore Tuttle, reconduzido a uma função na sede da Igreja. O Élder Carlos E. Asay ocupará a vaga do Élder Fyans como presidente sênior da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta. Para preenchimento de duas vagas na Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, foram apoiados o Élder Jack H. Goaslind, Jr., e o Élder Robert L. Backman, ambos membros desse quorum.

A conferência foi televisionada via satélite, para mais de mil pontos de reunião de membros da Igreja, em centros de ala e estaca, espalhados pelos Estados Unidos e Canadá.

A Reunião Geral de Mulheres realizou-se uma semana antes da conferência, a 28 de setembro, sendo transmitida por satélite para centros de recepção nos Estados Unidos e Canadá. Os discursos desta reunião estão incluídos neste número.

Unidos em Amor e Fé

Presidente Gordon B. Hinckley
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

“Não há poder debaixo dos céus capaz de impedir o progresso desta obra, se, como povo, vivermos o Evangelho de Jesus Cristo.”



Evangelho de Jesus Cristo.

Estou tão feliz com a presença do Presidente Kimball conosco esta manhã! A despeito de seus noventa anos, ele esforçou-se para estar aqui. Desejaria de todo coração que ele pudesse dirigir-nos a palavra, mas não nos parece possível. Pediu-me que eu vos transmitisse seu amor e bênção. Ele

é o nosso profeta, vidente e revelador. Foi colocado nesse lugar pelo Deus dos céus, e nele é mantido por esse mesmo poder. Ele ficará conosco enquanto o Senhor quiser que permaneça. Somos abençoados por sua presença.

Nesta conferência, sentiremos a falta da voz forte do Élder Bruce R. McConkie, que faleceu a 19 de abril de 1985. Ele prestou seu último testemunho desta obra ao nos falar na conferência de abril p.p. Foi um dedicado estudioso do evangelho e destemido defensor de sua mensagem. A lógica de sua apresentação e a sinceridade de suas declarações enriqueceram nossa vida e ampliaram nossa compreensão. Falava como um apóstolo, uma testemunha especial de Cristo.

Somos gratos pela contínua força e vitalidade do Presidente Ezra Taft Benson, presidente do Quorum dos Doze Apóstolos. Ele será nosso primeiro orador nesta manhã.

É um maravilhoso privilégio e bênção estar convosco nesta grande conferência. Muitos mais, além dos aqui congregados, estão-na assistindo em locais fora do Tabernáculo. Nós vos saudamos calorosamente, onde quer que estejais e seja qual for vossa condição.

Na construção deste Tabernáculo, há mais de cem anos, quando nosso número era relativamente pequeno, as autoridades presidentes da Igreja observaram que jamais poderíamos esperar construir um edifício suficientemente espaçoso para acomodar todos os santos dos últimos dias. Se já era verdade, então, quanto mais hoje! O número de membros da Igreja aproxima-se da casa dos seis milhões.

Devido ao milagre da ciência e pelo poder do Espírito, estamos unidos nesta grande conferência mundial. Agradecemos vosso interesse e presença. Agradecemos vossa grande fé e fidelidade. Não há poder debaixo dos céus capaz de impedir o progresso desta obra, se, como povo, vivermos o



Presidente Spencer W. Kimball e Presidente Ezra Taft Benson, do Conselho dos Doze, cumprimentam-se afetuosamente antes de uma sessão da conferência.

Nascido de Deus

Presidente Ezra Taft Benson

Presidente do Quorum dos Doze Apóstolos

“O Senhor opera de dentro para fora. O mundo opera de fora para dentro. O mundo procura moldar os homens, modificando seu meio-ambiente. O evangelho modifica os homens que então transformam seu ambiente.”



Que pensais vós do Cristo?” (Mateus 22:42.) Esta pergunta do Senhor vem desafiando o mundo há séculos.

Felizmente Deus nos proveu uma escritura moderna, outro testamento, mesmo o Livro de Mórmon, para convencer o mundo de que Jesus é o Cristo. Toda pessoa que ler o Livro de Mórmon e o submeter à prova divina proposta por Morôni (ver Morôni 10:3-5), se convencerá de que Jesus é o Cristo. Obtida tal convicção, resta a questão: “Optaremos por segui-lo?” Os demônios crêem que Jesus é o Cristo, mas optaram por seguir Lúcifer. (Ver Tiago 2:19; Marcos 5:7.)

Em todas as épocas, os profetas têm exortado o povo a se decidir. “Escolhei hoje a quem servais”, implora Josué. (Josué 24:15.)

Elias bradava: “Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-o.” (I Reis 18:21.)

Quando escolheis seguir a Cristo, escolheis o Caminho, a Verdade, a Vida — o caminho reto, a verdade salvadora, a vida abundante. (Ver João 14:6.)

“Eu vos exorto a que busqueis esse

Jesus”, diz Morôni. (Éter 12:41.)

Quando decidis seguir a Cristo, escolheis modificar-vos.

“Nenhum homem”, dizia o Presidente David O. McKay, “pode resolver sinceramente aplicar na vida cotidiana os ensinamentos de Jesus Cristo, sem sentir a própria natureza modificar-se. A expressão ‘nascido de novo’ encerra um sentido muito mais profundo do que muitas pessoas lhe dão. Essa *mudança no sentir*, pode ser indescritível, *mas é real*.” (Conference Report, abril de 1962, p. 7.)

O coração humano pode ser modificado? Ora, logicamente que sim! Acontece todos os dias na grande obra missionária da Igreja. É um dos mais difundidos milagres modernos de Cristo. Se ainda não aconteceu convosco, deveria.

Nosso Senhor disse a Nicodemos que “aquele que não nasceu de novo, não pode ver o reino de Deus”. (João 3:3.) Palavras que o Presidente Kimball comentou assim: “Esta é a resposta simples, cabal para a mais importante de todas as questões... Para se obter a vida eterna, é preciso haver um renascimento, uma transformação.” (Conference Report, abril de 1958, p. 14.)

Dizia o Presidente McKay que Cristo pediu a Nicodemos “uma total revolução” de seu “homem interior”. Sua maneira de pensar, sentir e agir com relação às coisas espirituais teria de sofrer uma modificação fundamental e permanente. (Conference Report, abril de 1960, p. 26.)

Além da ordenança física do batismo e imposição das mãos, a pessoa precisa renascer espiritualmente, para fazer jus à exaltação e vida eterna.

Alma afirma: “E o Senhor disse-me: Não te admires de que a humanidade, sim, homens e mulheres, todas as nações, famílias, línguas e povos tenham que nascer outra vez; sim,

nascer de Deus, ser mudados de seu estado carnal e decaído a um estado de justiça, e redimidos por Deus, tornando-se seus filhos e filhas;

“E tornam-se assim novas criaturas; e, se assim não fizerem, não poderão de modo algum herdar o reino de Deus.” (Mosiah 27:25-26.)

A melhor descrição do processo de “mudança do coração” e “nascido de novo”, encontra-se no Livro de Mórmon, pedra fundamental de nossa religião.

Os que nasceram de Deus depois de ouvirem o sermão do Rei Benjamim, sentiram uma poderosa mudança no coração; eles não tinham mais “vontade de praticar o mal, mas de fazer o bem continuamente”. (Ver Mosiah 5:2, 7.)

O quarto capítulo de Alma descreve um período da história nefita em que o “progresso (da igreja) começou a diminuir”. (Alma 4:10.) Alma enfrentou tal desafio, renunciando ao posto de juiz supremo do governo, passando a dedicar-se “exclusivamente ao serviço sacerdotal da santa ordem de Deus”. (Alma 4:20.)

Ele usou a “força de um testemunho puro” contra o povo, (ver Alma 4:19), e no capítulo seguinte, propõe mais de quarenta perguntas decisivas.

Falando francamente aos membros da Igreja, ele declara: “E agora vos pergunto, meus irmãos da Igreja: Haveis nascido espiritualmente de Deus? Haveis recebido sua imagem em vossos semblantes? Haveis experimentado essa poderosa mudança em vossos corações?” (Alma 5:26.)

O progresso da Igreja não aumentaria dramaticamente hoje com um número crescente dos que renasceram espiritualmente? Conseguis imaginar o que aconteceria em nosso lar? Podeis imaginar o que aconteceria com um número crescente de exemplares do Livro de Mórmon nas mãos de um número crescente de missionários que sabem como usá-lo e que já nasceram de Deus? Quando isto acontecer, colheremos o resultado que o Presidente Kimball prefigura. Foi o Alma “nascido de Deus” quem, como missionário, conseguiu transmitir a palavra que fez muitos outros também nascerem de Deus. (Ver Alma 36:23-26.)

O Senhor opera de dentro para fora. O mundo opera de fora para dentro. O mundo quer tirar as pessoas da miséria, das favelas. Cristo tira a miséria das pessoas e então elas próprias se livram das favelas. O mundo procura moldar

os homens, modificando seu meio ambiente. Cristo modifica os homens que então transformam seu ambiente. O mundo procura modelar o comportamento humano; Cristo, porém, consegue mudar a natureza humana.

“A natureza humana *pode* ser mudada, aqui e agora”, dizia o Presidente McKay, citando a seguir:

“Vós podeis modificar a natureza humana. Nenhum homem que sentiu em si o Espírito de Cristo que fosse por meio minuto apenas, pode negar esta verdade...”

“Vós podeis modificar a natureza humana, vossa própria natureza humana, entregando-vos a Cristo. A natureza humana pode ser mudada aqui e agora. Ela tem sido mudada no passado. A natureza humana tem de ser mudada em enorme escala no futuro, para que o mundo não se afogue no próprio sangue. E somente Cristo consegue mudá-la.

“Doze homens operaram uma grande mudança no mundo (mil e novecentos) anos atrás. Doze simples homens.” (Citando Beverly Nichols em *Stepping Stones to an Abundant Life*, comp. Llewelyn R. McKay, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1971, p. 23, 127.)

Sim, Cristo muda o homem, e homens mudados conseguem mudar o mundo.

Os homens mudados por Cristo serão capitaneados por Cristo e perguntarão como Paulo: “Senhor, que queres que faça?” (Atos 9:6.) Diz Pedro que eles seguirão “as suas pisadas” (I Pedro 2:21), e João, que andarão “como ele andou”. (I João 2:6.)

Finalmente, os homens capitaneados por Cristo nele se consumirão. Parafrazeando o Presidente Harold B. Lee, eles inflamam outros com sua própria chama. (*Stand Ye in Holy Places*, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1974, p. 192.)

A vontade deles submerge na vontade de Cristo. (Ver João 5:30.)

Sempre fazem o que agrada ao Senhor. (Ver João 8:29.)

Não só morreriam pelo Senhor, como muito mais importante ainda, eles querem viver para ele.

Entrando no lar de um deles, os quadros nas paredes, os livros na estante, a música no ar, suas palavras e atos mostram que são cristãos.

Servem de testemunhas de Deus a todo momento, em todas as coisas, em todo lugar. (Ver Mosiah 18:9.)

Têm Cristo sempre em mente,

lembrando-se dele em todo pensamento. (Ver D&C 6:36.)

Têm Cristo no coração, pois seu afeto lhe pertence para sempre. (Ver Alma 37:36.)

Quase que toda semana participam do sacramento, voltando a testificar ao Pai Eterno estarem dispostos a tomar sobre si o nome de seu Filho, lembrar-se sempre dele e guardar seus mandamentos. (Ver Morôni 4:3.)

Nas palavras do Livro de Mórmon, eles “(se banqueteiavam) com as palavras de Cristo” (2 Néfi 32:3); “(falam) de Cristo” (2 Néfi 25:26); “(regozijam-se) em Cristo” (2 Néfi 25:26); são “vivificados em Cristo” (2 Néfi 25:25); e “(se gloriam) em ... Jesus”. (Ver 2 Néfi 33:6.)

Em suma, eles se perdem no Senhor e encontram a vida eterna. (Ver Lucas 17:33.)

O Presidente David O. McKay conta um caso singular que lhe aconteceu. Depois de adormecer, diz ele, “contemplei em visão algo infinitamente sublime”. Viu uma bela cidade, um grande cortejo de pessoas

vestidas de branco, e o Salvador.

“A cidade, compreendi, era a dele. Era a Cidade Eterna, e o povo que o seguia ali habitaria em paz e felicidade eterna.

“Mas, quem seriam?

“Como se lesse meus pensamentos, ele respondeu-me apontando um semicírculo que então apareceu acima delas e no qual estava escrito em letras de ouro:

“*Estes São os Que Venceram o Mundo, Que Realmente Nasceram de Novo!*

“Quando acordei, amanhecia o dia.” (*Cherished Experiences from the Writings of President David O. McKay*, comp. Clare Middlemiss, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1976, pp. 59-60.)

Quando acordamos e nascemos de Deus, romperá um novo dia, e Sião será redimida.

Que possamos convencer-nos de que Jesus é o Cristo, optar por segui-lo, ser modificados e capitaneados por ele, consumidos nele e nascer de novo, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.



Presidente Spencer W. Kimball cumprimenta o Presidente Gordon B. Hinckley, segundo conselheiro na Primeira Presidência. À esquerda está o Dr. Arthur Haycock, secretário do Presidente Kimball.

A Vida Abundante

Élder James E. Faust
do Quorum dos Doze Apóstolos

“Testifico que a Igreja é merecedora de nossa plena confiança. Não existe nenhuma inconsistência entre verdade e fé.”



Minha mensagem desta manhã diz respeito à busca da vida abundante. Sem intuito de ofender a quem quer que seja, gostaria sinceramente de tentar relacionar essa busca a todos, inclusive àqueles membros da Igreja e outros que se consideram “críticos amorosos” dela. Faço-o não por medo de que qualquer crítica ou oposição possa prejudicar a Igreja, antes pela sincera preocupação espiritual com os próprios críticos. O criticismo pode ser útil, se apropriadamente motivado e se chega aos que tomam as decisões; muitas vezes, porém, é sintoma de um problema que aflige os próprios críticos. Creio que os que apontam falhas ficariam surpresos, se soubessem quantas vezes a liderança da Igreja ora por eles. E é nesse espírito que eu gostaria de falar hoje.

O Presidente Gordon B. Hinckley nos lembrou: “Nós incentivamos, como Igreja, o estudo do evangelho e a busca de entender toda a verdade. A crença na liberdade individual de pesquisa, pensamento e expressão é fundamental em nossa teologia. O debate construtivo é um privilégio de todo santo dos

últimos dias.” (*Ensign*, setembro de 1985, p. 5.)

Disse o Salvador: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância.” (João 10:10.) E como se obtém a vida abundante? A vida abundante envolve uma busca incessante de conhecimento, luz e verdade. Dizia o Presidente Hugh B. Brown: “Deus deseja que aprendamos e continuemos a aprender, mas isto exige certo desaprendizado. Conforme dizia o Tio Zeke: ‘Não é a ignorância que me tem atrapalhado, mas o que eu sabia que não era assim.’ O mal supremo é fechar a mente ou empederni-la contra a verdade, resultando no endurecimento das artérias intelectuais.” (Discurso de Formatura, Universidade Estadual de Utah, Logan, Utah, 4 de junho de 1965.)

Obtemos conhecimento de duas fontes; uma é a divina, e a outra secular. Rex E. Lee refere-se a elas como o “processo racional e o processo extra-racional”. (*Brigham Young University 1981-82 Fireside and Devotional Speeches*, Provo; Brigham Young University, 1982, p. 131.) Todos nós estamos mais familiarizados com o processo racional que aprendemos na escola e pelos estudos ao longo da vida. O extra-racional, ou processo divino, é menos comum. Entretanto, é a fonte mais segura. Ambas estão à nossa disposição. Felizmente não precisamos escolher uma em detrimento da outra. E continua o Irmão Lee: “Deveríamos estar igualmente à vontade em casa, na escola e no templo, considerando cada um como um centro de aprendizagem.” (*Speeches*, p. 132.)

Aparentemente somos parte de um universo em expansão. O conhecimento secular se expande rapidamente. O conhecimento da verdade do evangelho também se está expandindo. Profetas continuam a falar, e também é possível um melhor entendimento das escrituras. E assim as oportunidades de uma vida

abundante aumentam, ao buscarmos a verdade e o conhecimento.

No infinito processo de aceitar e rejeitar informações na busca de luz, verdade e conhecimento, praticamente todos têm momentos de dúvidas particulares. Isto faz parte do processo de aprendizagem. Muitos são como o pai bíblico da criança com “espírito mudo” que implorou ao Salvador: “Eu creio, Senhor! Ajuda a minha incredulidade.” (Marcos 9:24.)

A Igreja não precisa e, no meu modo de ver, não deve manifestar-se sobre cada ponto em questão. Mas não posso deixar de indagar-me se um membro da Igreja não se coloca em certo perigo espiritual, ao desmerecer publicamente o chamado profético de Joseph Smith ou seus sucessores, ou qualquer doutrina fundamental e aceita da Igreja.

Quando um membro externa dúvidas ou descrença particulares como repreensão pública à liderança ou doutrina da Igreja, ou afrontando os que igualmente buscam luz eterna, ele está invadindo território sagrado. Aqueles que reclamam da doutrina ou liderança da Igreja, mas têm falta de fé ou não desejam guardar os mandamentos de Deus, arriscam-se a alienar-se da fonte divina de aprendizado. Eles não usufruem a mesma abundância do Espírito que poderiam gozar, se provassem seu sincero amor a Deus, andando em humildade perante ele, guardando os mandamentos e apoiando aqueles que ele escolheu para dirigir a Igreja.

Alguns dos que agora criticam e encontram falhas, no passado sentiram o pacífico e espiritualmente confortador consolo gozado pelos que vivem em plena harmonia com o evangelho, conforme foi restaurado por Joseph Smith. Possivelmente foram também esquecidos e abandonados por quem deveria ser mais caridoso.

Não existe um muro de pedra separando os membros da Igreja de todas as seduções do mundo. Como todos os outros, os membros da Igreja estão igualmente sujeitos a enganos, desafios e tentações. Entretanto, para os perseverantes na fé, juízo e discernimento, existe um muro invisível que decidem jamais ultrapassar. Os que se encontram no lado seguro desse muro invisível, são cheios de humildade, não servilismo. Eles aceitam de bom grado a supremacia de Deus e confiam nas escrituras e conselhos de seus servos, os líderes da Igreja. Estes são homens com fraquezas humanas e

imperfeitos em sua sabedoria e juízo. Na terra não existe perfeição no homem. Mas, quase que sem exceção, esses líderes prestam sincera, humilde e piedosamente um grande e dedicado serviço cristão na medida de sua capacidade. E o mais importante, são portadores de uma divina autoridade e comissão pela qual grandes e eternas bênçãos fluem aos que os apóiam e seguem. Eles são servos de Deus.

O que devemos subscrever para estarmos corretos e firmes na doutrina? Quais são os absolutos nos quais se baseia a fiel condição de membro? Em minha opinião, são estes:

Primeiro, a paternidade de Deus, o Pai Eterno.

Segundo, a divindade de Jesus Cristo como o Salvador do Mundo.

Terceiro, a missão de Joseph Smith como Profeta de Deus e restaurador da plenitude do evangelho.

Quarto, a sucessão ininterrupta da linha de autoridade do sacerdócio desde Joseph Smith até o Presidente Spencer W. Kimball, que é o profeta, vidente e revelador na terra, hoje.

Uns poucos talvez não consigam entender a verdadeira fidelidade do devoto. Um crítico, por exemplo, escreveu que a obediência a mandamentos como o dizimo é obrigatória. Para fazer jus a certas bênçãos, a obediência é, sem dúvida, obrigatória, mas o cumprimento jamais imperativo, isto é, forçado. Nada é obrigatório nesta Igreja; o livre-arbítrio é um princípio fundamental da obediência. Nenhum membro maduro pode, em sã consciência, alegar ser forçado ao que quer que seja. A obediência nasce do amor a Deus e compromisso para com sua obra. A única punição para uma transgressão grave ou apostasia é o afastamento de membros da sociedade e congregação da Igreja. (Ver D&C 134:10.)

Seria a auto-suficiência uma das razões da falta de fé em homens e mulheres? Alguns parecem ter medo de recorrer a qualquer fonte de sabedoria e conhecimento acima de si próprios; confiam tão somente na fonte secular do saber.

Uns poucos se dizem fiéis e leais à Igreja, mas julgam inteligente, requintado o moderno mostrar-se um pouquinho rebelde, um tantinho independente e desacreditar algumas doutrinas tradicionais pregadas por Joseph Smith e seus sucessores. Isto pode ser a consequência de certa falta de conhecimento divino. Quando eu era



menino, uma das doutrinas freqüentemente difamadas era a Palavra de Sabedoria. Alguns se ofendiam, quando líderes da Igreja a ensinavam. Agora, provas científicas, desconhecidas em minha juventude, exaltam a Palavra de Sabedoria como importante lei de saúde física, embora, a meu ver, seus maiores benefícios sejam espirituais.

Tenho ouvido alguns dizerem: “Bem, creio em todas as revelações, menos uma.” É uma lógica difícil de entender. Credo que as revelações provêm de fonte divina, como pode alguém querer escolher as que aceita ou não? A aceitação do evangelho deve ser total e absoluta, de todo o coração e alma.

Alguns querem justificar suas críticas, dizendo: “Mas é verdade.” Minha resposta é: “Como pode ter tanta certeza?” A verdade espiritual tem de estar ligada à fé e retidão, para ser plenamente compreendida. O Apóstolo Paulo nos lembrou de que o uso impróprio da verdade a transforma em mentira. (Ver Romanos 1:25.)

Desde o princípio, a Igreja restaurada vem sofrendo muita oposição e crítica,

tanto interna como externa. O que resultou de toda essa oposição e crítica? Os espiritualmente imaturos, fracos e incrédulos se afastaram. No entanto, a Igreja em si não apenas sobrevive mas progride e se fortalece. Em alguns aspectos, nada no mundo se iguala a esta obra. Apesar dos muitos desafios de um crescimento acelerado, tudo indica que há um aumento de fé em grande parte da terra. Por exemplo, nunca na história do mundo se construíram tantos templos.

Não creio que esta obra venha a ser impedida ou seriamente prejudicada por seus detratores. As declarações proféticas contrárias são inúmeras. A história tem provado definitivamente que a Igreja cresceu sob perseguição; tem crescido, apesar das críticas. Ao procurar falhas nas doutrinas, práticas ou liderança da Igreja, a pessoa perde inutilmente muito tempo e esforço. Aqueles que se lavaram nas águas do batismo, colocam em risco sua alma eterna buscando, descuidados, somente a fonte secular do saber. Creemos que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias possui a plenitude do Evangelho de Cristo, evangelho este que é a essência da verdade e esclarecimento eterno. Creemos que o grande legado desta Igreja é ela possuir o único meio completo para se obter vida eterna.

Quem declara a doutrina da Igreja? Está bem estabelecido, por revelação e prática, que o atual Presidente da Igreja e seus conselheiros retêm as chaves para declarar a doutrina da Igreja. A investidura desta autoridade vem por revelação. Eles, a Presidência, constituem “um quorum... a fim de receber os oráculos para toda a Igreja”. (D&C 124:126.) Falando dessa autoridade, diz o Presidente Stephen L. Richards: “Eles (a Presidência) são a corte suprema aqui na terra, para interpretação das leis de Deus.

“No exercício de suas funções e poderes atribuídos, eles são controlados por uma constituição, parte da qual está escrita e outra não. A parte escrita consiste de escrituras legítimas, antigas e modernas, e de pronunciamentos registrados dos profetas modernos. A parte não escrita é o espírito de revelação e inspiração divina inerentes ao seu chamado.

“Ao formularem suas interpretações e decisões, eles também conferenciam sempre com o Conselho dos Doze Apóstolos que, por revelação, são designados a assisti-los e agir com eles no governo da Igreja. Portanto, quando

uma decisão é tomada e proclamada por esses líderes, torna-se imperativa para todos os membros da Igreja, independente dos pontos de vista individuais contrários, pois o reino de Deus é um reino de lei e ordem.”

(Stephen L. Richards, Conference Report, outubro de 1938, pp. 115-116.)

Não desejamos que aquele que tiver dúvidas prove que seus sentimentos são sinceros, deixando a Igreja. Não é isto que queremos. Gostaríamos de que essa sinceridade se manifestasse antes na edificação dos sentimentos que os têm mantido na Igreja. Sua fé pode ser fortalecida seguindo sua sã intuição e os sentimentos mais nobres e puros de sua alma. Buscando uma fonte superior ao ser humano, eles podem receber da fonte divina resposta para suas dúvidas. Se erros foram cometidos, existe um caminho de volta. As portas estão sempre abertas e braços estendidos para recebê-los. Existe lugar para todos; não há quem não possa contribuir com alguma coisa.

No espírito da carta de Wilford Woodruff a Lyman Wight, um apóstolo que se afastou da liderança da Igreja, dizemos a todos: “Volta a Sião, teu lar, convive conosco. Confessa e abandona teus pecados, faze o que é certo... como todos os homens devem fazer, a fim de obter a graça de Deus e o dom do Espírito Santo, e desfrutar da associação com os santos... Estamos todos interessados no teu bem-estar; não tens inimigos; quanto mais tempo ficares longe de nós, mais alienado te sentirás.” (Citado em “A Dialogue between Wilford Woodruff and Lyman Wight”, de Ronald G. Watt, BYU Studies, outono de 1976, p. 113.)

A liderança da Igreja continuará orando pelos críticos, seus inimigos e aqueles que procuram prejudicá-la.

Creio que poucas coisas na vida merecem confiança irrestrita. Testifico que a Igreja é merecedora de nossa total confiança. Não há inconsistência entre a verdade e a fé. Sei que todos aqueles que, sincera e fervorosamente, procuram saber isto, tê-lo-ão confirmado espiritualmente. Que possamos abrir a mente, o coração e o espírito à fonte divina da verdade. Que possamos humildemente nos elevar acima de nós próprios e nossos interesses mundanos, e nos tornar herdeiros do conhecimento de toda a verdade e da vida abundante prometida por nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Oro em seu nome sagrado que assim seja. Amém.

O Evangelho de Amor

Élder Loren C. Dunn

do Primeiro Quorum dos Setenta

“Ninguém professa ser perfeito, mas existe um espírito nesta obra e entre esta gente que faz dela um povo melhor.”



Um dos hinos prediletos cantados pelos santos dos últimos dias é um legado deixado pelos pioneiros.

Dizem também que era um dos hinos favoritos do Profeta Joseph Smith e foi cantado nas fáticas horas antes de seu martírio. Eis a letra da primeira estrofe:

*Um pobre aflito viajor,
Por meus caminhos a cruzar,
Auxílio suplicou-me e amor
E nunca pude-lho negar.*

*Seu nome nunca perguntei,
Qual seu destino ou sua grei,
Mas seu olhar consolação
Me trouxe ao triste coração.**

As outras estrofes do hino mostram igualmente que nosso amor ao próximo é, de fato, uma expressão de nosso amor a Deus.

A maior expressão de amor do Pai Celestial à família humana é, provavelmente, a expiação eterna do Salvador. “Porque Deus amou o mundo de tal maneira”, disse João, “que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. (João 3:16.)

* Hino ainda sem versão em português. N. do T.

A mais nobre expressão de amor dada aos homens é: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu pensamento... E o segundo semelhante a este é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” (Mateus 22:37, 39.)

Amar o próximo é um atributo divino que se pode manifestar de muitas formas.

No dia em que ninguém na vizinhança viu a Sra. Hansen, os vizinhos, preocupados, bateram à porta, mas ninguém atendeu.

Estavam preocupados com a bondosa e amável viúva que havia conquistado o coração de todos. Tratavam-na como se fosse parte da família.

Finalmente um membro do bispado forçou a porta e encontraram Marie Woodruff Hansen deitada no quarto, como se estivesse dormindo. Nunca mais, porém, acordaria nesta vida.

Ao contemplar o quadro triste, mas tranquilo, esse membro do bispado ficou surpreso ao ouvir uma voz atrás de si dizer: “Eu te amo.” Sabendo que Marie morava sozinha, virou-se, e num canto viu uma gaiola. E a ave voltou a dizer: “Eu te amo.”

Era como se a própria Marie houvesse parado nos portais que separam a vida da morte para enviar uma última mensagem, antes de continuar a jornada para a nova vida.

Deixou atrás de si toda uma vizinhança de amigos, jovens e idosos.

Conhecia todos. Eram como sua família. Os quitutes de Marie eram saboreados nas casas dos vizinhos, e eles a tratavam como uma tia ou avó querida. As visitas dos mestres familiares e professoras visitantes foram apenas o princípio desse “caso de amor” coletivo. As crianças eram bem-vindas em sua casa; sabiam que lá sempre encontrariam biscoitos fresquinhos. Sua casinha irradiava um calor que era um reflexo da vida de Marie. Muitas preces haviam sido oferecidas nesse lar; preces de gratidão e ação de graças.

As palavras que ensinou à sua ave de estimação eram a máxima que lhe norteava a vida. Mesmo após sua morte ecoavam nos ouvidos daqueles que ela deixara. No outro lado era aguardada pelo esposo, falecido há muitos anos. Ela levou uma vida plena e deixou o adeus final nas palavras que melhor conhecia: “Eu te amo.”

Marie Hansen deixou um grande legado, maior do que ela própria imaginava. Pois não disse o Senhor: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis”? (João 13:34.)

Há pessoas que desejam conhecer-nos melhor, entender-nos melhor como religião, como Igreja. Muitos escrevem a nosso respeito e nos estudam. Mas eu gostaria de dizer que jamais nos compreenderão se não levarem em conta esse espírito de amor. Estamos fundamentados no genuíno amor a Deus e ao próximo.

Hoje, por exemplo, existem missionários SUD em muitos países pelo mundo afora. São facilmente reconhecidos pela maneira de vestir e agir. Eles cumprem missão por diversas razões: Dever, desejo de servir, e o testemunho da mensagem que levam. Mas, depois de servir honrosamente por dezoito meses ou dois anos, virtualmente todos sentem um grande e profundo amor ao povo ao qual servem... Como disse um missionário: “Embora tenha sido difícil, sou grato por todas as experiências que tive aqui. Estavam certos sobre a missão; é o melhor lugar de se praticar o verdadeiro cristianismo e a melhor época da vida.” Um outro diz: “Agradeço ao Senhor de todo o coração por ter-me dado a oportunidade de servi-lo. Eu amo esta terra maravilhosa e este povo.”

Dias atrás, na cidade de Cali, Colômbia, o presidente da missão assistiu a uma de nossas reuniões da Igreja. No início da reunião, um menino de sete anos foi para junto ao púlpito e sentou-se ao lado do presidente. Ele não estava incluído no programa, somente queria estar ao seu lado. Quase ao término da reunião, foi ao púlpito e prestou testemunho.

Em seguida, voltou a sentar-se perto do presidente. Os dois se olharam, e o presidente da missão sorriu aprovadamente. O garoto devolveu o sorriso.

Nos olhos escuros, havia uma mensagem de amor e segurança, pois sabia que era amado.

Mais tarde soubemos que o menino vivera seus primeiros anos como órfão. Um casal da ala havia-o acolhido e o estavam criando como seu próprio filho. A ala inteira era seu lar e ele “floresceu” nesse ambiente de aceitação.

“Quando o fizestes a um destes meus pequenos irmãos, a mim o fizestes.” (Mateus 25:40.)

Alguns anos atrás, quando o Presidente Kimball pertencia ao Quorum dos Doze, ele e a Irmã Kimball estavam visitando missões fora dos Estados Unidos.

Uma mudança no horário de vôo os deixou, em companhia de um presidente de missão e sua esposa, num aeroporto gelado, cheio de correntes de ar, tarde da noite, sem outra opção senão esperar o vôo da manhã seguinte.

A Irmã Kimball havia trazido um casaco, mas a esposa do presidente da missão não. O Presidente Kimball ofereceu seu sobretudo, mas ela recusou. Ao adormecerem nos duros bancos, o Presidente Kimball levantou-se e cobriu a esposa do presidente de

missão, enquanto dormia. Esse tipo de cuidado abnegado pelo próximo tem sido a marca de sua vida. Este é o mesmo líder que hoje apoiamos como profeta, vidente e revelador. É o homem que Deus chamou para liderar quase seis milhões de santos dos últimos dias.

Em certo sentido, ele tem literalmente vivido tirando o agasalho e colocando-o nas costas daqueles que julga precisarem mais; pessoas de todas as raças e credos; homens, mulheres e crianças. Nada disso faz diferença para ele. Todos são seus irmãos e irmãs.

“E a caridade é sofredora, benigna, não tem inveja, não é orgulhosa, não procura o que é seu, não se irrita facilmente, não pensa mal, não se alegra na iniquidade, mas regozija-se na verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta... pois a caridade é o puro amor de Cristo, e permanece para sempre. (Morôni 7:45-47. Ver também I Coríntios 13.)

Pouco tempo atrás, a Irmã Dunn e eu assistimos a uma conferência de estaca em Marília, Brasil. Marília é uma



Elder Thomas S. Monson, do Quorum dos Doze

linda cidade de cem mil habitantes, situada no interior do sudoeste do país. A sessão de domingo acabara de terminar. O tema havia sido a expiação de Cristo e como ele é o Salvador do mundo.

Alguns haviam viajado de ônibus mais de três horas para assistir à reunião. Ao cumprimentarmos os membros, aproximou-se uma jovem. Ela parou primeiro diante do presidente da missão e perguntou-lhe como se diz “eu te amo” em inglês. Aproximou-se de nós com um sorriso largo e sincero, e disse: “I love you.” Pode parecer coisa de menos, porém tocou-nos o coração. Foi a expressão de amor de uma humilde seguidora de Cristo. A mensagem poderia ter sido falada em qualquer idioma que seria entendida.

O espírito de amor transpõe as barreiras dos idiomas. No amor há uma pureza que eleva a alma e nos faz ver que somos filhos do mesmo Deus.

Há um mesmo elemento encadeando todos: Marie Hansen, o órfão colombiano, a jovem brasileira e nosso amado presidente, Spencer W. Kimball.

Ninguém professa ser perfeito, mas existe um espírito nesta obra e entre esta gente que faz dela um povo melhor. É o espírito de amor levado nas asas do evangelho restaurado de Jesus Cristo. Provém de um Deus de amor. Faz a Igreja tocar a vida de homens e mulheres em todo lugar.

Não estou querendo dizer que somos os únicos a mostrar amor ao próximo. Sabemos que há muitas pessoas boas e decentes neste mundo. Respeitamos e admiramos as coisas retas nas quais acreditam. Nós ensinamos o Evangelho de Jesus Cristo. É um evangelho de salvação e exaltação. É um evangelho de amor: Amor a Deus e ao próximo.

A última estrofe do hino que mencionei no início diz assim:

*O estranho então se transformou;
Naquele instante e mesmo ali,
As mãos e o lado me mostrou;
Meu Salvador reconheci,*

*Meu pobre nome ouvi chamar:
“Tu que soubeste assim me amar,
Dando aos humildes teu amor,
Vem para o gozo do Senhor.”*

À guisa de testemunho, gostaria de expressar meu amor ao Pai Celestial, a seu filho Jesus Cristo, a todos vós onde quer que estejais, e a meus irmãos, as Autoridades Gerais. Em nome de Jesus Cristo, Amém.

“Como Eu Vos Amei”

Élder Robert L. Backman
do Primeiro Quorum dos Setenta

“Tomar a mão de outra pessoa, arriscando a própria popularidade, requer muita maturidade e amor cristão.”



Fern freqüentava o segundo grau numa escola de cidade pequena. Era uma dessas moças boazinhas que passam despercebidas e não são muito populares. Sua família era pobre e vivia nos arredores da cidade. Ela não fazia parte da “turma”, e seu nome só era mencionado em conversas dos colegas de maneira sarcástica e zombeteira que parece tão engraçada quando se é jovem, inseguro e sente necessidade de ridicularizar os outros para sentir-se melhor. Seu nome tornou-se sinônimo de tudo o que é bobo e fora de moda. Se alguma coisa era inaceitável ou ridícula, os jovens a chamavam de “fernoso”.

Como a juventude sabe ser cruel! Era tradição na escola homenagear anualmente o aluno que houvesse demonstrado mais animação e entusiasmo na torcida pelos times dela. Reunida a assembléia para a dita homenagem, chamaram o nome de uma das jovens mais populares, como já era de se esperar. A caminho do palco, ela sorria e acenava a todos os seus amigos. Foi então que o milagre aconteceu. Chegando no palco, falou: “Não posso aceitar esse prêmio. De fato, mostrei entusiasmado aos times e torci por eles em todos os jogos. Mas Fern também

assistiu a todos os jogos. Eu vinha num carro confortável e aquecido, rodeada de amigos. Ela vinha andando sozinha os cinco quilômetros, às vezes na chuva ou na neve. Ela ficava sentada sozinha, mas não conheço ninguém que torcesse com mais entusiasmo do que Fern. Eu gostaria de nomeá-la a aluna mais entusiasta da escola.”

Fern foi conduzida ao palco em meio ao aplauso de seus colegas em pé.

Como a juventude sabe ser bondosa!

Hoje, Fern é uma mulher madura, de cabelos grisalhos. Muitos acontecimentos moldaram sua vida, mas nada foi mais importante do que aquela explosiva demonstração de apreço de seus colegas naquele dia memorável.

Existem hoje homens e mulheres maduros que não conseguem lembrar-se de quantos jogos seu time da escola perdeu ou venceu naquele ano, mas jamais esqueceram a emoção ardente que sentiram, quando se levantaram e aclamaram Fern, fazendo-a sentir-se incluída em sua amizade e círculo.

Numa conferência da Estaca Lancaster, Califórnia, ouvi Marianne Mortensen, uma adorável Laurel, contar esta história, ao falar sobre como demonstrar caridade aos nossos colegas e companheiros.

Estender a mão aos outros não é fácil, particularmente quando se é jovem. Tomar a mão de outra pessoa, arriscando a própria popularidade, requer muita maturidade e amor cristão. No entanto, o Salvador não fez qualquer distinção entre jovens e velhos, ao declarar:

“... Como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis.” (João 13:34.) Precisamos desesperadamente desse tipo de afeição no mundo de hoje!

Os jovens estão sendo atacados aberta e sutilmente de todos os lados em sua fé, seus ideais, moralidade, autoconfiança e até em sua individualidade. O adolescente típico é retratado como egocêntrico:

introvertido, insensível aos outros, sempre à procura de gratificação pessoal imediata. Ainda que alguns jovens sejam assim, e muitos outros estejam lutando e perdendo na batalha da vida, outros a estão vencendo de modo espetacular. Nossa juventude está conseguindo hoje coisas que nós outrora pensávamos exigir uma vida inteira. Na ciência, na literatura, nas artes, no serviço social, cívico e espiritual, podemos apontar, com orgulho, milhões de adolescentes talentosos que estabeleceram para si metas elevadas e estão tentando alcançá-las.

A pergunta é: Como podemos ajudar aqueles que tropeçam, a dar o braço aos que seguem confiantes pela estrada da vida?

“A influência positiva dos companheiros da mesma idade” pode ser o socorro desta geração. Se isto for verdade, pensai em quão admiravelmente apropriados são os nossos quoruns do Sacerdócio Aarônico e classes das Moças para oferecer serviço tão significativo.

Em seu discurso, dizia, Marianne:

“Muitos de nós achamos difícil resistir àqueles que verdadeiramente nos amam. Tais pessoas se tornam muito importantes para nós, porque sabemos que somos realmente importantes para elas. A juventude de hoje clama por interesse genuíno e amizade significativa com seus companheiros da mesma idade. Ao referir-me a verdadeiras amizades, penso imediatamente na Regra de Ouro: “Fazei aos outros aquilo que quereis que vos façam.”

“Isto às vezes é difícil para os adolescentes. Estender a mão àqueles que estão fora do nosso círculo de amigos é uma coisa difícil, quando nos sentimos tão à vontade com o próprio ‘grupinho’, mas, se olharmos a vida de Cristo, vemos que ele não se afastou do seu ‘grupo’, os apóstolos, ou dos amigos que o rodeavam. Ele simplesmente abriu os braços a todos os que estavam dispostos a ouvi-lo. Ele aumentou seu rebanho. Portanto... não é preciso deixar o nosso ‘grupinho’ para nos importar com os sentimentos dos outros jovens. Basta simplesmente abrirmos os braços e ampliar as amizades.”

Marianne Mortensen estava certa.

Há outra faceta nessa questão de prestar serviço ao próximo, não somente aos nossos companheiros de idade e que se aplica àqueles que lutam para seguir o caminho.



Quando menino, eu procurava achar a felicidade à maneira do mundo: queria ser aceito por todos, ser famoso (particularmente como atleta), e rico. Não tinha nada disso e era muito infeliz. Achava a felicidade tão esquivada quanto uma sombra.

Só quando fui chamado para cumprir missão é que descobri a verdadeira chave da felicidade. Para minha surpresa, apesar de desilusões, desânimo e trabalho árduo durante a missão, eu era feliz. Aprendi então que a felicidade é realmente um subproduto do serviço ao próximo. Ao esquecer meus próprios desejos, minhas próprias fraquezas e fragilidades, dedicando-me à obra missionária, comecei a compreender a profundidade do conselho do Rei Benjamim a seu povo:

“Mas eis que vos digo estas coisas para que aprendais sabedoria; para que saibais que, quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus.” (Mosiah 2:17.)

Essa é a razão de o missionário poder voltar das experiências mais difíceis da vida e dizer: “Foram os dois anos mais felizes de minha vida!”

Uma vida voltada para si mesmo nunca pode ser feliz. Portanto, julgando-se infelizes, esqueçam seus problemas e saiam à procura de alguém que precise de vocês.

Se quiserem ser felizes, procurem meios de servir ao próximo. Sua felicidade será proporcional ao serviço que prestarem.

E imaginem quanto essa alegria poderá aumentar, ao estendermos nosso amor e serviço a mais e mais pessoas.

Eis exemplos de serviço que proporcionam felicidade tanto a quem dá como àquele que recebe:

1. A juventude da Estaca Meridian Leste Idaho participou, recentemente, de um projeto comunitário intitulado “Pintar de Coração”. Cento e sessenta e quatro jovens dividiram-se em grupos, de cinco, cada grupo pintando a casa de uma pessoa idosa durante um período de sete horas.

2. Preocupado com o egoísmo da juventude da ala, um zeloso bispo de Bountiful desafiou os jovens a provarem a doçura do serviço ao próximo. Relutantes a princípio, os jovens deixaram o divertimento de lado



Presidente Gordon B. Hinckley, segundo conselheiro na Primeira Presidência.

e iniciaram projetos. Um deles foi fazer acolchoados para os excepcionais de certa escola. Concluído o projeto, as jovens foram entregar os cobertores. Chegaram na escola a tempo de ajudar a servir o jantar às “crianças”. Que experiência! Ao saírem da escola com o cabelo e a roupa sujos de purê de batata, molho e legumes, uma das jovens, tocada pela doçura da experiência de servir uma das “crianças”, disse: “Jamais me esquecerei do Billy.”

3. Em carta recente dirigida a um redator, eu li:

“Estamos sempre ouvindo falar dos incorrigíveis adolescentes, com suas roupas detestáveis e conduta deplorável. Que animadora a emocionante experiência vivida com quatro — imaginem! — adolescentes.

“Uma noite, eu estava em companhia de um convidado meu de Nova York, na bela Praça do Templo, admirando o monumento às gaivotas. Quando nos voltamos para ir embora,

quatro adolescentes se aproximaram. Imediatamente fiquei preocupado com a segurança de meu convidado, quando um deles se adiantou e disse: ‘Minha senhora, gostaríamos de dar-lhe esta rosa para fazê-la feliz, esperando que tenha uma boa noite.’

“Ali, na sua mão, estava uma bela rosa vermelha enfeitada com samambaia, embrulhada artisticamente em papel celofane.

“Comparamos esta rosa para dar a alguém, e quando a vimos, achamos que era a pessoa certa.”

“Ao começarem a ir embora, perguntei apressadamente seus nomes e expressei meu mais profundo apreço e admiração por sua generosidade e delicadeza, tão incomum, e como me sentia tão tocada em pensar que quatro jovens teriam o desejo de praticar ato tão afável, e que ninguém ficaria mais agradecida do que eu, uma avozinha, ao dar um grande abraço em cada um.” (Irene Staples, *Deseret News*, 25 de setembro de 1985.)

4. Sabendo que seu irmãozinho tinha leucemia, Michelle, foi para a escola, triste e acabrunhada. Ficou preocupada o dia todo, sentindo-se agradecida ao ouvir o sinal de saída. Ao pegar seu material, uma amiga pediu-lhe que a acompanhasse até a sala de música. Michelle acompanhou-a sem muita vontade. Ao entrar na sala de música, ficou surpresa vendo todo o coral da escola reunido. Sem grandes rodeios, à maneira dos jovens, disseram a Michelle que tinham jejuado por seu irmãozinho e gostariam que agora ela se unisse a eles em oração para encerrarem o jejum.

Emerson colocou-o muito bem, quando diz: “Serve e serás servido. Se amares e servires os homens, não poderás escapar à remuneração, mesmo escondendo-te ou por qualquer outro estratagema.” (“The Sovereignty of Ethics”, em *The Complete Writings of Ralph Waldo Emerson*, Nova York: Wm. H. Wise & Co., 1929, p. 1004.)

Nós amamos a quem servimos. Descobrimos que amar profundamente alguém é um dos sentimentos mais prazerosos que podemos ter e assim começamos a compreender o generoso amor do Pai Celestial.

D. Brent Collette conta uma história emocionante:

“Ronny não se mostrava apenas tímido; era positivamente retraído. Aos dezessete anos e cursando o último ano do segundo grau, Ronny nunca teve um amigo achegado ou feito algo que incluísse outra pessoa. Era famoso por sua timidez. Jamais falava com alguém, nem mesmo com o professor. Bastava olhá-lo para diagnosticar seu caso: complexo de inferioridade. Andava curvado como que querendo esconder o rosto e parecia estar sempre olhando os pés. Sentava-se sempre nos fundos da sala e nunca participava...”

“Foi devido à timidez de Ronny que fiquei tão atônito, quando ele começou a aparecer na minha classe da Escola Dominical...”

“Sua vinda à minha classe era o resultado do esforço pessoal de Brandon Craig, um colega de Ronny que recentemente conseguira tornar-se seu amigo. Gente, que dupla mais estranha! O Brandon era uma pessoa sociável, e bem mais alto que Ronny. Sem dúvida, o principal astro do programa atlético da escola. Participava de tudo e saía-se bem... Era uma rapaz e tanto.

“Bem, Brandon apegou-se a Ronny como visgo. Obviamente as aulas eram

penosas para Ronny, mas Brandon o protegia como um guarda real. Eu só o observava, não lhe fazia perguntas, só um ligeiro sorriso e um tapinha nas costas. O tempo parecia colaborar, mas ficava pensando se o Brandon e companhia (o restante da classe por certo cooperou) conseguiriam quebrar o gelo. Foi por isso que fiquei tão chocado, quando Brian, o presidente da classe, se levantou na Escola Dominical num domingo e anunciou corajosamente que Ronny faria a primeira oração.

“Houve um momento de hesitação; depois, Ronny levantou-se. Olhando para os pés, veio para a frente da sala. Cruzou os braços (já estava de cabeça baixa). Na classe, silêncio absoluto. Pensei comigo: ‘Se ele orar, seremos todos transladados.’”

“Foi aí que, num sussurro, ouvi: ‘Nosso Pai Celestial, agradecemos-te a nossa classe da Escola Dominical.’” Depois silêncio, um longo, audível silêncio! Eu pude sentir o sofrimento de Ronny. Em seguida, umas fungadas e um soluço abafado.

“Oh, não, pensei, eu deveria ter sentado na frente onde pudesse ajudá-lo.”

“Sentia dó dele; todos nós. Abri os olhos e estava prestes a socorrê-lo. Mas Brandon foi mais rápido. Com um olho ainda aberto, vi Brandon com seus quase dois metros pôr o braço ao redor do amigo e curvar-se com o queixo sobre o ombro de Ronny, e então sussurrar as palavras de uma breve e terna oração. Foi difícil a Ronny dominar-se, mas repetiu a oração.

“Mas, terminada a oração Ronny, ainda de cabeça baixa, acrescentou: ‘Agradeço-te por Brandon. Amém.’” Então, virando-se para seu enorme amigo, falou claramente para que todos ouvissem: ‘Quero muito a você, Brandon.’”

“Brandon, cujo braço ainda estava sobre o ombro do amigo, respondeu: ‘Eu também tenho amor a você, Ronny, e que alegria!’”

“E assim o foi para todos nós.”

As crianças da Primária cantam este glorioso hino:

“Amai-vos uns aos outros como eu vos amei

Este é o novo mandamento.

Por isto saberão que sois meus discípulos,

Se vos amardes uns aos outros.”

(de Luciane Clark Fox)

E nisto reside a felicidade. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Vida Pré-Mortal — Uma Gloriosa Realidade

Élder Neal A. Maxwell
do Quorum dos Doze Apóstolos

“Sem esta verdade, prevalecem as lamentações existenciais sobre como o homem passa a vida inteira provando a si próprio que sua existência não é absurda.”



Caso ainda não tenhais notado, ser discípulo nos últimos dias é viver *em crescendo*. Nossas adversidades e momentos críticos somente farão ressaltar a sólida simplicidade e realidades confortantes do evangelho. Da mesma forma, os súbitos desafios a crenças fundamentais e algumas aflições podem contribuir para o desenvolvimento de uma convicção mais forte ainda a respeito dessas crenças. Embora sejam as doutrinas-chave as atacadas, depois de assentado o pó desta dispensação, serão elas que prevalecerão.

Nos primórdios da Restauração, apareceram em rápida sucessão numerosas verdades claras e preciosas por revelação e tradução. Isto se deu pela instrumentalidade de Joseph Smith, o “vidente escolhido”. (2 Néfi 3:6.) Como quando os convidados para jantar chegam quase todos ao mesmo tempo, Joseph, o anfitrião, recebeu, saudou e anotou devidamente cada verdade. Só mais tarde teve tempo e percepção amadurecida para discernir

seu relacionamento e a antigüidade de suas credenciais.

Entre essas verdades claras e preciosas estava a doutrina da existência pré-mortal da humanidade. (Ver 1 Néfi 13:39, 40.) Joseph recebeu bastante cedo muita coisa concernente a esta verdade, mas, como as revelações a ela concernentes vieram paulatinamente, assim também ocorreu com a compreensão de Joseph.

Uma das “coisas claras e preciosas” há muito “suprimidas” ou “tiradas” (1 Néfi 13:34, 40), uma verdade sumamente importante, não chegou à Bíblia Sagrada com considerável destaque, embora, sem dúvida, nela se encontre. (Ver Jeremias 1:5; Efésios 1:4-5; II Timóteo 1:9.) Depois dos primitivos apóstolos, teve apenas breve existência. Aliás, exatamente como Paulo previu, logo chegou a época em que os membros da Igreja não perseverariam na “sã doutrina”, inclusive nesta. (Ver II Timóteo 4:3.)

Com a posterior desaprovação dos concílios, a doutrina da existência pré-mortal não poderia ser realmente restabelecida pela pesquisa. A doutrina não contraria a lógica, pois “verdade é razão”, particularmente a verdade eterna, porém é mais do que a lógica por si só pode sustentar. Ela só poderia ser restaurada por revelação moderna. Certamente não se encontrava na América até os pronunciamentos de Joseph Smith.

Ademais, tanta coisa acontecera na história humana, que tornava necessária a restauração dessa verdade-chave. Era necessária para desfazer a falsa doutrina de uma humanidade criada do nada. (Ver 2 Néfi 3:12.) Esta versão, dizia o Profeta Joseph Smith, “diminui o homem, em minha opinião”. (*Words of Joseph Smith*, Andrew F. Ehat e Lyndon W. Cook, comp., Provo: BYU

Religious Studies Center, 1980, p. 359.)

Sem esta verdade, prevalecem as lamentações existenciais sobre como o homem passa a vida inteira provando a si próprio que sua existência não é absurda. Até mesmo os crentes, segundo Paulo, podem enfraquecer, “desfalecendo em (seus) ânimos” e render-se às circunstâncias, se forem mal nutridos quanto à doutrina. (Ver Hebreus 12:3.)

A realidade da existência pré-mortal explica as perplexidades que sugerem que somos estranhos aqui. É um curativo para os anseios expressos na música, poesia e literatura. Nelas encontramos indagações, conjeturas como estas:

*O homem nada cria embotado, nem embalado, lânguido, seguro, saciado;
Mas em implacável desafio, intenso arrebatamento, com júbilo ardente;
Continua sendo um caçador,
Embora sua pretendida presa seja a esperança, um sonho ou mistério...*

*De que anseio imortal, que súbito vislumbre do ignoto
Desperta tal desejo?
Que fato pertinaz, que faiscante centelha d'arte ou remoto horizonte,
Acende essa chama?*

(Nancy Newhall, em Thomas F. Horbein, *Everest, the West Ridge*, San Francisco: Sierra Club, 1965, pp. 28, 30.)

E encontramos ponderações como esta:

“Tudo em nossa vida acontece como se nela chegássemos com um fardo de obrigações assumidas numa existência anterior... obrigações cuja sanção não é da vida atual, mas parece pertencer a um mundo diferente, fundado na bondade, em escrúpulos, sacrifício, um mundo totalmente diferente deste, um mundo do qual emergimos para nascer nesta terra, antes de para ela voltar.” (Marcel Proust, em Gabriel Marcel, *Homo Viator*, Nova York: Harper and Row, 1963, p. 8.)

E finalmente estas linhas mais conhecidas:

*Nosso nascimento não passa de um sono, um olvido: ...
Mas em nuvens de glória viemos de Deus,
Que é o nosso lar.*

(William Wordsworth, “Ode: Intimations of Immortality from Recollections of Early Childhood”, versos 58, 64-65.)

Até onde sabemos, irmãos e irmãs, a restauração dessa compreensiva doutrina começou com a tradução de uns poucos versículos do Livro de Alma por Joseph Smith em fins de 1829 ou princípios de 1830. (Ver Alma 13:3-5.) Entretanto, estes versículos por si só não bastariam. Diz o Élder Orson Pratt: “Esta mesma doutrina (da existência pré-mortal) é brevemente mencionada no Livro de Mórmon. Contudo, não penso que a teria discernido nesse livro, não fora a nova tradução das escrituras (Bíblia).” (*Journal of Discourses*, 15:249.)

Em junho de 1830, enquanto reescrevia parte de Gênesis sob inspiração, o “vidente escolhido” recebeu uma revelação agora incluída no Livro de Moisés. Comenta Joseph a respeito desse momento revelador: “Direi que ... em meio a todas as provações e tribulações por que tivemos de passar, o Senhor, que conhecia perfeitamente nossa imatura e delicada situação, confiou-nos uma provisão de força e nos concedeu ‘linha sobre linha de conhecimento, um pouco aqui e um pouco ali’, do qual o que segue é um fragmento precioso.” (*History of the Church*, 1:98.)

Incluídas nesse “fragmento precioso”, estavam palavras de Moisés, ampliando a visão de Joseph sobre como a obra de Deus abrange outros planetas: “Mas eu só te darei um relato desta terra e dos seus habitantes. Porque eis que há muitos mundos que pela palavra do meu poder deixaram de existir.” (Moisés 1:35.)

Também ficaram mais claros os planos e propósitos de Deus: “Porque eis que esta é a minha obra e minha glória: proporcionar a imortalidade e vida eterna ao homem.” (Moisés 1:39.) Assim, a imensidão do espaço reflete a imensidão do amor de Deus a todos os seus filhos.

Seguiram-se outras revelações. Em maio de 1883, a assombrosa comunicação, agora conhecida como seção 93, declarava: “O homem também no princípio estava com Deus. A inteligência, ou a luz da verdade, não foi criada nem feita, nem pode deveras ser feita... Pois o homem é espírito e elementos são eternos, e espírito e elemento, inseparavelmente ligados, recebem a plenitude da alegria.” (D&C 93:29, 33.)

Passaram-se vários anos, anos de aparente amadurecimento e preparação, antes de o registro indicar que o Profeta começara a pregar publicamente essa

preciosa doutrina. Em 1839, ponderando e meditando na Cadeia de Liberty, Joseph, por epístola, exorta os membros da Igreja a um melhor comportamento, a uma conduta condizente com pessoas “chamadas desde antes da fundação do mundo”. (*The Personal Writings of Joseph Smith*, Ean C. Jessee, comp., Cidade do Lago Salgado: Deseret Book Co., 1984, p. 397.)

Joseph recebeu igualmente revelação de que havia sido ordenado no “conselho do Deus Eterno... antes da fundação deste mundo”. (D&C 121:32.) Na prisão, Joseph foi informado e tranquilizado de que seus dias eram conhecidos e seus anos não seriam diminuídos. (Ver D&C 122:9.)

O primeiro discurso público de que se tem registro, sobre esta importante doutrina, deu-se pouco após seu livramento da dolorosa detenção no Missouri. (Ver *The Words of Joseph Smith*, p. 9.) Seguiram-se outros discursos, finalmente coroados pelo sublime sermão no funeral de King Follet, na primavera de 1844.

Esta declaração de Jeremias: “Antes que te formasses no ventre te conheci, e antes que saíesses da madre te santifiquei: às nações te dei por profeta.” (Jeremias 1:5), em 1842, encontra paralelo no Livro de Abraão:

“Ora, o Senhor havia mostrado a mim, Abraão, as inteligências que foram organizadas antes de existir o mundo; e entre todas estas, havia muitas nobres e grandes.

“E Deus... disse: A estes farei meus governantes;... e disse-me: Abraão, tu és um deles; foste escolhido antes de nasceres.” (Abraão 3:22-23.)

Corroborando a seção 93, o Livro de Abraão usa palavras cujo sentido pleno mal começamos a captar:

“... se houver dois espíritos, ... não obstante um ser mais inteligente que o outro, (eles) não têm princípio; existiram antes, e não terão fim... porque... são... eternos.” (Abraão 3:18.)

Aliadas às verdades da resplandecente Restauração, as referências bíblicas a essa preciosa doutrina ganharam maior sentido e proporcionaram luz adicional. (Ver João 9:2; também Romanos 8:29; Efésios 1:4; Judas 1:6; Jó 38:7.)

Na verdade, um imenso obstáculo foi assim removido por revelação. Exatamente como havia sido predito, Jesus também se manifestou pessoalmente em “palavras” nos



últimos dias. (Ver 1 Néfi 14:1.)

Nos dias de Moisés, o generoso Deus permitiu que sua doutrina gotejasse como chuva. (Ver Deuteronômio 32:2.) Na época de Eli, entretanto, “não havia visão manifesta”. (I Samuel 3:1.) Nos dias de Joseph Smith, “o Todo-Poderoso (derramou) seus conhecimentos dos céus” (D&C 121:33), qual cascata de “claras e preciosas” virtudes, inclusive a doutrina essencial da existência pré-mortal do homem. (Ver 1 Néfi 13:39, 40.)

Alguns escritos antigos inacessíveis a Joseph Smith ou qualquer outra pessoa na época, foram encontrados desde aí. Mesmo escritos apócrifos podem encerrar verdades a serem discernidas, pois “quem for iluminado pelo Espírito, se beneficiará pela sua leitura”. (D&C 91:5.) Um exemplo disto encontramos na Biblioteca Nag Hammadi. Nos escritos apócrifos de Tiago, consta Jesus haver dito aos aflitos Pedro e Tiago: “Se considerardes quanto tempo o mundo existiu antes de vós e quanto durará depois de vós, vereis que vossa vida é um único dia e vossos sofrimentos uma só hora.” (“The Apocryphon of James”, em *The Nag Hammadi Library in English*, ed. James M.

Robinson, São Francisco: Harper and Row, 1978, p. 31.)

Como se assemelha ao que o Senhor disse a Joseph, na prisão: “Meu filho... a tua adversidade e as tuas aflições serão por um momento.” (D&C 121:7.)

Nossa existência, portanto, é breve comparada à vida eterna; é como ser deixado pelos pais na escola por um dia. Mas que dia!

Não obstante, mesmo hoje, muitos ainda “tropeçam na palavra”. (I Pedro 2:8.) Se combinarmos, porém, conforme prescreve Paulo, “longanimidade e doutrina” (II Timóteo 4:2), certos “murmuradores aprenderão doutrina” (Isaías 29:24; 2 Néfi 27:35), permitindo que essa doutrina, “qual orvalho que cintila... gotejando lá do céu” os vivifique e faça com que se cumpram os designios de Deus. (*Hinos*, nº 169.)

Entrementes, o adversário aproveita impiedosamente a ausência ou não aceitação dessa doutrina para restringir a perspectiva humana. O homem unidimensional com uma visão unidimensional do mundo, sem dúvida se concentrará nos cuidados do mundo, apegando-se às coisas do momento.

Os santos dos últimos dias, obviamente, não esperam que outros

aceitem esta verdade do evangelho ou qualquer outra contra a vontade. Pedimos apenas tolerância e que tais doutrinas sejam examinadas e até mesmo criticadas por eles, reservando-nos a mesma liberdade com referência às crenças alheias, mas tudo com mútua boa vontade.

A doutrina da vida pré-mortal não implica descanso. Temos escolhas a fazer, tarefas constantes e difíceis a executar, ironias e adversidades a suportar, tempo a ser bem empregado, talentos e dotes a serem bem aproveitados. Só por termos sido escolhidos “lá e então” não significa que podemos ser negligentes “aqui e agora”. Não importa se homem ou mulher, se preordenado ou pré-designado, os chamados e preparados terão de provar-se também “eleitos e fiéis”. (Ver Apocalipse 17:14; D&C 121:34-36.)

Na verdade, a aprovação no primeiro estado pode ter meramente assegurado um severo segundo estado, com mais deveres e nenhuma imunidade! Admoestações e sofrimentos adicionais parecem ser a regra para os discípulos mais aptos do Senhor. (Ver Mosiah 3:19; I Pedro 4:19.) Nossa existência, portanto, é uma continuidade buscando acompanhar o progressivo currículo de Deus.

Essa doutrina nos proporciona uma indiscutível identidade, mas também grave responsabilidade na vida. Ela ressalta o fato concreto da paternidade de Deus e irmandade do homem.

Lembra-nos igualmente de que não dispomos de todos os dados. Muitas vezes temos de nos refrear no julgamento e confiar em Deus, apesar de todas “essas coisas”. É só com a ajuda dessa doutrina que começamos a entender as coisas como realmente eram, são e serão. (Ver Jacó 4:13; D&C 93:24.)

Concordar em assumir o segundo estado, portanto, foi como aceitar de antemão um anestésico — o anestésico do esquecimento. O médico não interrompe a anestesia de um paciente no meio de uma cirurgia, para perguntar-lhe, de novo, se deve prosseguir. Concordamos em vir para cá e nos submeter a certas experiências sob determinadas condições.

Diz o Élder Orson Hyde: “Nós esquecemos!... Mas nosso esquecimento não altera os fatos.” (*Journal of Discourses*, 7:315.) Não obstante, vez por outra temos algum vislumbre. O Presidente Joseph F. Smith observou

quão “freqüentemente captamos uma centelha das lembranças despertas de nossa alma imortal que ilumina todo o nosso ser, como que com a glória de nosso primeiro lar”. (*Doutrina do Evangelho*, pp. 12-13.)

Poderá haver súbitos lampejos de recordação. Reflexos do espelho da memória talvez nos acenem do distante pavilhão repleto de “esplendores eternos” e seres ressuscitados. C.S. Lewis comentou: “Não podemos participar dos esplendores que vemos. Mas todas as folhas do Novo Testamento farfalham, sussurrando que não será sempre assim.” (*C.S. Lewis at the Breakfast Table and Other Reminiscences*, ed. James T. Como, Nova York: Collier Books, 1985, p. 34.) Graças ao Profeta Joseph Smith, outras centenas de folhas de escritura farfalham, farfalham ruidosamente para todos os que têm ouvidos para ouvir.

Assim, pois, quando agora dizemos “eu sei”, esta certeza é uma redescoberta; na verdade, estamos dizendo: “eu sei de novo!”

De longa experiência, suas ovelhas conhecem sua voz e sua doutrina. Enquanto isso, a alma submetida ao demorado processo de tecer, segue em frente, conforme descrevem estes versos anônimos:

*Entre mim e meu Deus, minha vida é
senão um tecer,
As cores de sua obra constante, não
me é dado escolher.*

*Às vezes entretece pesares, e eu, em
louco orgulhar,
Esqueço que ele está lá de cima, e eu
cá debaixo a olhar.*

*Não até que o tear silencie e a
lançadeira cesse,
Deus mostrará o quadro e explicará o
que acontece.*

*Tão necessários são os fios escuros na
mão do hábil Tecelão,
Como os fios de ouro e prata no seu
planejado padrão.*

(Trad. livre a aproximada de *Sourcebook of Poetry*, comp. Al Bryant, Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1968, p. 664.)

Que possamos crer, confiar, submeter-nos, e nos conduzirmos assim, eu oro em nome daquele que é o Senhor, o portão estreito e o fundo da agulha, Jesus Cristo. Amém.

SESSÃO VESPERTINA DE SÁBADO
5 de outubro de 1985

Lições da Expição Que Nos Ajudam a Perseverar Até o Fim

Bispo Robert D. Hales
Bispo Presidente

“Há momentos em que nos sentimos abandonados por Deus, nossos semelhantes ou familiares? É justamente aí que nos devemos voltar a Cristo e perseverar.”



Meus irmãos e irmãs, eu creio em Cristo e devo dar contas deste testemunho. Rogo as bênçãos do Senhor, para que o seu Espírito me fortaleça e pelo apoio de meus irmãos.

No Evangelho de Jesus Cristo, chega uma hora em que temos de responder pelo que somos e pelo que iremos fazer. Na expiação de Cristo, encontramos um exemplo a seguir, o exemplo do filho mais velho de Deus, o Pai. Gostaria de falar alguns minutos, hoje, a respeito do sacrifício expiatório e o que tem representado em minha vida, do ponto de vista de um bispo, ajudando-nos a perseverar até o fim.

Vou começar pelo livro de Éter, do Livro de Mórmon, onde encontramos uma excelente e clara lição, ao lermos a

respeito do irmão de Jared e o Senhor. Ele tinha um problema quanto à oração. Quando oramos, muitas vezes apenas repetimos nossos problemas, como era o caso de Jared. Conforme certamente vos lembrais, ele recebera ordens de fazer seu povo atravessar o mar. Para isso, construiu embarcações, mas não dispunha de iluminação, ventilação, nem algum meio visível de fazê-las funcionar. Dirigiu-se então ao Senhor, perguntando: “Ó Senhor, consentirás que cruzemos estas grandes águas na escuridão?” (Éter 2:23.)

Poucos versículos antes, o irmão de Jared fora repreendido pelo Senhor durante três horas por não orar a ele. E nessas condições, o irmão de Jared se pôs a elaborar um plano específico. Então subiu ao Monte Shelem, extraiu dezesseis pedrinhas de cristal, depositou-as diante do Senhor no cimo do monte e rogou-lhe que as tocasse com o dedo.

A lição que eu gostaria de destacar nesta história é que, quando o Senhor tocou as pedras, o irmão de Jared viu-lhe o dedo. E ao prostrar-se diante do Senhor, este lhe disse: “Levanta-te. Por que caíste?” (Éter 3:7.)

E a resposta foi digna de nota: “Eu não sabia que o Senhor tinha carne e sangue.” (Ver o vers. 8.) E no versículo dezesseis, o Senhor explica: “E eis que este corpo que agora vês é o corpo do meu espírito; e o homem foi por mim criado segundo o corpo de meu espírito; e assim como te apareço em espírito, aparecerei a meu povo na carne.” (Ver o vers. 16.)



O Bispado Presidente, da esquerda para a direita: Henry B. Eyring, primeiro conselheiro; Bispo Presidente Robert D. Hales; e Gleen L. Pace, segundo conselheiro.

O Senhor lhe pergunta se viu mais que o dedo: “Viste algo mais que isto?” (Ver o vers. 9.) Ao que o irmão de Jared responde: “Não, mostra-te a mim, Senhor.” (Ver os vers. 9-10.)

Em seguida, o Senhor pergunta-lhe se creará em suas palavras, e ele diz: “Sim, Senhor, eu sei que falas a verdade, pois és Deus de verdade e não podes mentir.” (Ver o vers. 12.)

Assim o Senhor se mostrou dois mil e quinhentos anos antes de nascer como infante em Jerusalém. A seguir, testifica que seria Jesus, o Cristo, que se mostraria ao seu povo e que haveria de ser o sacrifício expiatório para que toda a humanidade tivesse vida.

Aproximando-nos mais do sacrifício expiatório no Jardim do Getsêmani, encontramos em João 17 a oração intercessória de Jesus: “Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer... antes que o mundo existisse.” (João 17:4-5.) E segue, dizendo no versículo 24: “Porque tu me hás amado antes da criação do mundo.”

E assim, seguro do amor de Deus, o Pai, Jesus dirigiu-se ao Jardim do Getsemâni, onde se ajoelhou em oração, chegando a transpirar grandes gotas de sangue. Depois, indo em busca de seus discípulos, ele os encontra dormindo e indaga: “Então, nem uma hora pudeste velar comigo?” (Mateus 26:40.)

Quantos dormem enquanto pessoas à nossa volta estão sofrendo e em necessidade? Quantos prestam testemunho do Senhor, mas depois não

dão ouvidos, como em I João 4:20: “Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?”

Ele então volta ao Jardim do Getsêmani e roga ao Pai que o ajude na dolorosa experiência que terá de suportar. E eis um grande consolo para nós, pois “apareceu-lhe um anjo do céu, que o confortava”. (Lucas 22:43.)

Acaso não entendemos que, igualmente para nós, haverá momentos em que a vida nos fará dobrar os joelhos, em que precisaremos de ajuda para perseverar até o fim? Até mesmo Joseph Smith ficou impaciente depois de alguns meses de prisão, imaginando por que não podia levar sua missão avante. Foi quando o Senhor lhe disse: “Todas estas coisas te servirão de experiência e serão para o teu bem.” (D&C 122:7.) A maneira de enfrentarmos as provações são parte do processo de amadurecimento do homem físico e espiritual.

Como bispo, aprendi igualmente uma grande lição do sacrifício expiatório, quando Pilatos, embora sabendo perfeitamente que o homem diante dele era inocente, por razões políticas profere o veredito de culpado. E Jesus se manteve calado. Isto nos ensina muito quando inimigos nos atacam e somos falsamente acusados. Há momentos em que é melhor seguir o exemplo do Senhor e não tentar rebater as acusações que nos fazem.

A Expição nos pode ensinar muitas lições. É confortador saber que, embora em sofrimento, Jesus Cristo foi capaz

de, do alto da cruz, preocupar-se com sua mãe e pedir a um discípulo que cuidasse dela. Esta é uma das grandes mensagens que ouvimos nesta conferência: Desviar a atenção um pouco de nossas próprias provações e tribulações para as necessidades de nosso próximo.

Até mesmo os últimos momentos de vida de Jesus contêm uma grande lição. Jesus clama em alta voz: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito.” E diz o versículo seguinte: “E, havendo dito isto, expirou.” (Lucas 23:46.) Jesus perseverou até o fim.

Na terra, houve grande pesar, e os que acompanharam a crucificação, golpeavam o próprio peito. Entretanto, nos céus, uma multidão aguardava jubilosa a chegada do Filho de Deus ao mundo espiritual para proclamar a redenção das cadeias da morte. Seu pó adormecido seria restaurado à perfeita forma. Espírito e corpo seriam unificados para nunca mais se separarem, a fim de poderem receber a plenitude da alegria. Enquanto a enorme multidão aguardava, regozijando-se com a hora de livramento das cadeias da morte, o Filho de Deus apareceu. Pregou-lhes o evangelho eterno, a doutrina da ressurreição e redenção da humanidade da queda e dos pecados individuais, sob condição de arrependimento. (D&C 138:16-19.)

A lição que podemos tirar disto é que, quando falece um ente querido, e dor e desespero se apossam de nosso coração, encontraremos consolo na alegria que haverá quando nossos entes queridos forem reunidos e continuarem a caminhada de progresso eterno por causa do sacrifício expiatório de Jesus Cristo.

Ao ser crucificado, Jesus estava ladeado de dois outros homens supliciados da mesma forma. Pelo que sei, um deles aceitou Jesus Cristo e prestou testemunho de que ele era o Filho de Deus, e o outro o rejeitou. Isto é típico em toda a humanidade. Cada um de nós terá de, nesta vida ou na vindoura, testificar que Jesus Cristo é realmente o Filho de Deus, o Salvador de toda a humanidade.

Nos derradeiros momentos sobre a cruz, Jesus faz ao Pai uma pergunta simples e direta: “Por que me desamparaste?” (Mateus 27:46.) Há momentos em que nos sentimos abandonados por Deus, nossos semelhantes ou familiares? É justamente aí que nos devemos voltar a



Membros do Quorum dos Doze cantam na sessão do sacerdócio da conferência, da esquerda para a direita: Élderes Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry com o seu neto mais velho Terry Haws e James E. Faust.

Cristo e perseverar até o fim. Sabemos que o sofrimento de Cristo tinha um grande propósito por ter sido um ato de livre-arbítrio. Jesus poderia ter convocado legiões de anjos para livrá-lo da cruz, mas não o fez. Suportou tudo até o fim, para que fruíssemos os benefícios do sacrifício expiatório; para que a misericórdia passasse a operar no mundo; para que a justiça fosse satisfeita; para que pudéssemos ressuscitar; e para que pudéssemos fazer jus, pela obediência, à vida eterna na presença de Deus, o Pai, e Jesus Cristo.

Recentemente tive uma experiência que ilustra esses princípios. Certo pai muito abastado solicitou-me que conversasse com sua família. A filha acabara de se divorciar e eu fui visitá-la. O pai poderia perfeitamente sustentar a filha e os netos, satisfazer-lhes todas as

necessidades e desejos; mas disse que estava na hora de aprenderem a viver mais modestamente, a contribuir para o próprio sustento, a serem auto-suficientes e capazes de cuidar de si. É um exemplo semelhante ao do Senhor perguntando ao Pai: “Por que me desamparaste?”, pois a reação dessa família foi: “Por que papai faz isto, quando mais precisamos dele?” Como percebemos, ele queria prepará-los, que se fortalecessem provendo o próprio sustento, para que, quando recebessem sua herança, fossem capazes de perseverar até o fim e permanecer independentes.

Há momentos em que nós, pais, temos de soltar as rédeas de nossos filhos, para que aprendam a tomar suas próprias decisões e adquiram forças para prover o próprio sustento.

Quando suspenso na cruz, Jesus nos ensinou muitas lições. A meu ver, entretanto, uma das maiores delas deu-se após a morte de Jesus e sua saída do sepulcro. Ali estava Maria, mas ela não o reconheceu. Então ele avisou: “Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai” (João 20:17), sabendo que deveria ir e depois voltar para mostrar-se a muitos.

Saltando para 3 Néfi, no Livro de Mórmon, lembro-me de Jesus chegando ao templo como ser ressurreto, depois de a terra ser devastada, parecido com o que aconteceu recentemente com terremotos no México. No relato de 3 Néfi, o povo de lá voltou para junto do templo e eis que apareceu o Senhor, sendo apresentado pelo Pai: “Eis aqui meu Filho bem amado, no qual me alegro, e no qual glorifiquei meu nome.” (3 Néfi 11:7.) Foi pedido que lhe dessem ouvidos, e ele apareceu a eles. O mais importante é que as duas mil pessoas, mais ou menos, ali reunidas no templo, tiveram oportunidade de tocar as marcas de suas feridas para saberem com certeza que estava vivo. E por isto tiveram alguns séculos de paz em seu país, e todos eram como um.

Invoco as bênçãos do Senhor sobre nós, para que sejamos capazes de entender a importância do sacrifício expiatório, que é o maior acontecimento de toda a História. De fato, a Expição foi o propósito da vinda do Senhor e Salvador, Jesus Cristo, à terra. Infelizmente, às vezes nos desviamos do que sabemos.

Anos atrás, quando piloto, decolei de avião com meu instrutor. Este fez o aparelho ficar em posição invertida, virando-o paulatinamente, menos de dois graus cada vez. Meu ouvido interno não percebeu a manobra, porque ele manteve sempre gravidade positiva sobre nós. Assim, quando me passou os comandos, eu não sabia que voávamos de cabeça para baixo. Tudo no avião, cada instrumento estava perfeitamente em ordem e certo, menos o trem de pouso que estava no alto e não embaixo; e toda manobra que eu fazia provocava uma reação oposta à esperada. Isto se chama vertigem e ensinou-me uma grande lição.

Gostaria de falar alguns momentos da vertigem espiritual. Embora tendo conhecimento do sacrifício expiatório de Jesus Cristo, de sua obediência, disposição de servir e ser um exemplo para nós, e de sua mensagem “vem, segue-me”, há ocasiões em que nos

desviamos do curso, de pouquinho, em pouquinho sem perceber que o estamos invertendo totalmente.

Uma das maiores mensagens que já recebi foi do Presidente Harold B. Lee. Eu era ainda moço e estava em visita à Cidade do Lago Salgado, quando fui convidado a ir ao seu escritório. Ele sabia algo que eu desconhecia: Que alguém me solicitaria que representasse sua organização. Pousando as mãos em meus ombros, fitou-me diretamente nos olhos e disse: “Tome cuidado com quem confiar seu nome.”

Creio que o Senhor Jesus Cristo é igualmente muito cioso de quem ele confia seu nome. Ao entrar nas águas do batismo, nós assumimos seu nome e prometemos que seremos sempre obedientes. Toda vez que tomamos o sacramento, recordamos que sempre nos lembraremos dele, que assumimos o nome dele, e guardaremos seus mandamentos. E por causa dessa obediência, é-nos dito que teremos o seu Espírito sempre conosco. Teremos sempre o giroscópio espiritual para nos guiar e, assim, impedir que soframos vertigem espiritual e jamais nos desviemos do curso certo.

Rogo que as bênçãos do Senhor estejam com cada um de vós, que possamos estar atentos às pequenas correções de curso em nossa vida, a fim de sermos obedientes ao Senhor e seguir seu exemplo de obediência.

Vemos o amor de Deus, o Pai, a seu Filho Jesus Cristo, por ter este perseverado até o fim, quando diz: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.” Possamos todos nós perseverar até o fim e ser saudados assim por nosso Criador: “Bem está, servo bom e fiel”, é a minha oração.

Quero agradecer à minha querida companheira seu amor. Certa vez me disse o chefe de uma organização: “Sua esposa é seu maior predicado.” E é verdade.

Presto-vos testemunho de que Deus vive, que Jesus é o Cristo. Disto não tenho dúvida. Disto jamais tive dúvida desde que eu era menino. Testifico que os homens sentados aqui junto ao púlpito — a Primeira Presidência, o Quorum dos Doze — são profetas, videntes e reveladores. Testifico que temos um profeta de Deus, mesmo o Presidente Spencer W. Kimball, cuja perseverança é um exemplo para todos nós. Que estejamos atentos a ele e nos guiemos por seus atos e seu amor, é minha oração em nome de Jesus Cristo. Amém.

“Pode Vir Alguma Coisa Boa de Nazaré?”

Élder George P. Lee
do Primeiro Quorum dos Setenta

“Oposição poderá ser nossa companheira, e adversidade nosso fardo, até que o Senhor venha numa nuvem de glória. Santos dos últimos dias, este é nosso legado, com o qual podemos contar.”



O verdadeiro Evangelho do Filho de Deus sempre tem sofrido oposição dos que se debatem na angústia do pecado. Para muitos, é simplesmente luz demais, verdade demais, inteligência demais. Outros que resistem ao evangelho, acham seus princípios demasiado puros, demasiado nobres e demasiado edificantes para combinar com sua maneira de viver. Em todas as épocas do mundo desde os tempos de Adão, o Evangelho de Jesus Cristo enfrentou oposição quando e onde quer que fosse proclamado. Essa atitude negativa desafia as verdades de Deus e preocupa seus servos ainda hoje.

Os céus se abriram a homens santos de várias épocas. Em todos os casos, o vidente foi rejeitado por seus semelhantes. Às vezes teve a vida ameaçada, não encontrando mais paz na terra. Profetas e apóstolos, mesmo o Senhor Jesus Cristo, enfrentaram muita adversidade e desafios. O verdadeiro Evangelho de Cristo é extremamente impopular no mundo.

Se alguém que me ouve ficar profundamente perturbado pelo aparente criticismo que se levanta contra nós periodicamente, quero dizer-lhe que temos uma gloriosa hoste de predecessores que foram perseguidos e enfrentaram constante oposição.

A este respeito, é um consolo e incentivo não estarmos sós. Em épocas passadas, os santos de Deus foram provocados e escarnecidos pelo único motivo de pregarem a plenitude e pureza da verdade, e por defenderem princípios santos e puros revelados por Deus. De fato, as provações por que tiveram de passar são evidências a favor da verdade da obra que abraçaram, em vez de prova contrária.

Dizia o Senhor Jesus: “Ai de vós, quando os homens de vós disserem bem!” (Lucas 6:26), advertindo os discípulos do perigo quando seus nomes fossem honrados e todos os homens falassem bem deles. Tal advertência serve igualmente bem para nós, santos dos últimos dias. Quando nosso nome é honrado pela boca de todos os homens, precisamos renovar nossa humildade, dedicação e comprometimento.

Meus queridos santos de Deus, lembremo-nos da advertência dos profetas: “E a outros pacificará, e os adormecerá em segurança carnal, de modo que dirão: Tudo vai bem em Sião.” (2 Néfi 28:21.) Se alguém se encontra nesta circunstância, está na hora de renovar sua humildade, comprometimento e dedicação.

Quando o Senhor ia a Jerusalém, era rejeitado e desprezado por muitos, desde o dia em que nasceu até a morte no Gólgota. Falava e ensinava como ninguém antes dele. Trabalhava como ninguém fizera antes. Operava milagres e maravilhas entre os homens. E como era tratado? Foi rejeitado pelos que



deviam amá-lo. Esbofeteado, amaldiçoado, perseguido e levado qual cordeiro ao matadouro. Jesus, um homem em quem não havia dolo, carregou uma tosca cruz, cruel instrumento de tortura que lhe dilacerou as costas, enquanto pendia dela em agonia. Os escribas, saduceus e fariseus não o receberam de braços abertos. Tampouco os cultos, sábios e nobres o aclamavam. Como, pois, esperar que o mundo nos abrace e receba de braços abertos?

Joseph Smith sabia e compreendia, pelos ensinamentos recebidos de Deus e de anjos, o que devia fazer. Ele fora chamado pelo Senhor e levantado exatamente para esse propósito. Também não era popular entre os homens, nem aclamava o mundo sua sabedoria. Até o dia de sua morte, foi perseguido e injuriado por viver e pregar o evangelho. Com sangue selou seu testemunho.

Em seus próprios dias, corria o dito: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?” (Ver João 1:46.) Da mesma forma, a vida e ensinamentos de Joseph Smith não agradavam aos de pensamento mundano. O que ensinava produzia conflito com as tradições e preconceitos dos homens. O clamor na época de Joseph Smith ecoava como nos dias do Salvador: “Pode vir alguma coisa boa de Palmyra? Pode vir alguma coisa boa de Joseph Smith?”

Hoje ouvimos clamores semelhantes:

“Pode vir alguma coisa boa do povo mórmon? Pode A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias obrar o bem?” Acusações falsas são assacadas contra os santos de Deus, e continuarão sendo, até que venha o Filho de Deus.

Os santos de todas as eras têm passado por essas provações. Os de hoje não se encontram em situação diferente. Até o mal ser atado, será sempre assim. Este é um dos legados herdados pelos santos eleitos durante a mortalidade. Oposição poderá ser nossa companheira, e adversidade nosso fardo, até que o Senhor venha numa nuvem de glória. Santos dos últimos dias, este é o nosso legado, com o qual podemos contar.

Disse Jesus: “Eu vos escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos aborrece.” (João 15:19.)

“Se o mundo vos aborrece, sabeis que primeiro do que a vós, me aborreceu a mim.

“Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu...

“Se a mim perseguiram, também vos perseguirão a vós.” (João 15:18-20.)

E se alguns de nós tivermos de sacrificar tudo o que possuímos pelo evangelho e testemunho de Cristo? Os santos já o fizeram no passado, e estou certo de que os santos de hoje têm a fé e coragem necessárias para fazer tudo o que o Senhor deles requerer. Havemos de reclamar ou nos queixar, se for requerido que nos sacrifiquemos em defesa do verdadeiro Evangelho do Filho de Deus?

O Senhor Jesus foi pobre desde a manjedoura até a cruz. Submeteu-se a todas as coisas para poder elevar-se acima de todas elas. Havemos então de nos queixar, se enfrentamos desafios? Como homem, como alguém que trilhou a senda da pobreza e provações, estou começando a reconhecer o valor dessas experiências. O Senhor tem sido sempre minha fé, força e coragem. Ele não quer nada além do melhor para minha família e todas as outras criaturas. Eu almejo a salvação e vida eterna para minha família e meus semelhantes. Vou orar por nossos críticos e inimigos. Vou ser paciente e longânimo para com eles, e retribuir o mal com bondade, preces e retidão.

Não há como impedir a verdadeira obra de Deus. Alguns homens poderão ressentir-se. O mundo poderá rejeitá-la. Poderão até mesmo empregar todos os meios e todo o poder contra esta obra; não obstante, a obra de Deus seguirá avante, recolhendo mais cedo ou mais

tarde toda alma honesta pelo mundo afora. Nós temos a promessa de Deus de que esta é sua obra e que ela jamais será derrotada nesta dispensação, a dispensação da plenitude dos tempos.

Estaremos prontos, nós, santos de Deus, para suportar todas as coisas por amor à alma de nossos semelhantes? Temos ido de continente em continente, de terra em terra, de ilha em ilha, onde quer que encontremos uma porta aberta para pregar o evangelho. Temos deixado o lar, família, esposa e filhos. Alguns sacrificaram a própria vida pela salvação dos semelhantes. Alguns saíram sem bolsa nem alforje. Alguns sofreram vergonha e ridículo, até mesmo perseguição. E continuaremos a fazê-lo, até termos levado este amado evangelho aos confins da terra.

Esta mensagem de salvação e vida eterna foi confiada a nós. A humanidade inteira há de ouvir as boas-novas da salvação. Hão de receber as bênçãos de Deus, ou a condenação, de acordo com a disposição de receber, ou a decisão de rejeitar o evangelho.

Esta obra que assumimos é uma obra sem fim. Não terminará jamais, até esta terra ser redimida, até o poder de Satanás ter sido subjugado, até a iniquidade ser banida da terra, até Cristo estar reinando, em seu legítimo direito, e até que todo joelho se dobre e toda língua confesse que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus.

No devido tempo, todos os que podem ser redimidos o serão. Deus, nosso Pai Celeste, deseja que sejamos longânimos e pacientes para com aqueles que nos procuram afligir e oprimir, exatamente como ele é paciente com todos os seus filhos, apesar de sua iniquidade e obstinação.

Homens de Deus, portadores do santo sacerdócio, estão à testa da verdadeira Igreja do Senhor. Não temos o sacerdócio para engrandecimento pessoal ou para oprimir quem quer que seja. Não existe sacerdócio do Filho de Deus que autorize qualquer homem a oprimir outro ou a intrometer-se em seus direitos em qualquer sentido.

Devemo-nos conduzir como irmãos e amigos de todos os homens, seja onde for. Não nos devemos sentir maiores ou melhores que nossos vizinhos e semelhantes. Os homens de Deus que se mostram acessíveis e compassivos honram o santo sacerdócio de Deus.

Se houver em nosso rebanho alguns que se encontram em erro, procuremos resgatá-los com bondade e longanimidade. Se houver entre nós



alguém com atitudes erradas, ensinemos-lhe uma atitude melhor. Se houver entre nós quem não esteja agindo corretamente, façamos nós o certo e o convidemos: “Vem, segue-me.”

Amém para o sacerdócio ou autoridade de qualquer homem de Deus que exerça controle, domínio ou compulsão sobre um semelhante fora da Igreja ou sobre outro membro dela em qualquer grau de injustiça. (Ver D&C 121:37.)

Espero que nos conduzamos de modo que possamos suportar o exame e escrutínio de nossos semelhantes, e também de nosso Pai Celeste. Oro que estejamos dispostos a ser leais a este evangelho, este testemunho e esta obra em vida e na morte, no tempo e na eternidade.

Oro que todo santo dos últimos dias faça suas preces subirem aos ouvidos do Pai nos Céus dia e noite, seja no círculo familiar ou em lugares secretos,

pedindo ao Senhor que sustenha seus líderes e seu povo ao trabalharem na edificação de Sião e no cumprimento de suas promessas. Oro que todo santo dos últimos dias ore pela Primeira Presidência desta Igreja, e por seus apóstolos e líderes. Apoiemo-los com nossa fé, nossas obras e esperanças. Um dia, a História dirá que o Presidente Gordon B. Hinckley foi um dos mais vigorosos conselheiros que a Igreja já teve. Apoiemo-lo com nossa fé e nossas preces. O Presidente Hinckley carrega um fardo pesadíssimo hoje.

Presto testemunho, em nome do Senhor Jesus Cristo, que esta obra é verdadeira. Sei que não há poder terreno capaz de destruí-la. Até mesmo as forças e poderes conjugados de todas as nações do mundo não conseguirão deter ou retardar essa obra, pois o Grande Elohim e Jeová assim disseram. Presto testemunho de que os princípios do Evangelho hão de subsistir, ainda que a terra se consuma. Não existe

debaixo dos céus nenhum poder capaz de atrasar, deter ou frustrar o progresso da verdade e os decretos de Deus, nosso Pai Eterno.

Presto testemunho de que o destino de toda pessoa, todo príncipe, imperador, de todo rei, presidente, estadista ou governante debaixo dos céus está nas mãos de Deus. Ele fez o mundo e tudo o que nele existe. Eles não poderão ir além do que o Mestre permite. A adversidade há de purificar Sião. A oposição nos fará mais fortes na coragem e mais firmes na fé.

Presto testemunho de que esta obra continuará a progredir com força e poder por toda a terra, até que todas as coisas preditas pelos profetas se cumpram.

Que o Senhor abençoe os santos de Deus no mundo inteiro. Que abençoe os da casa de Israel, os dispersos de todos as tribos, os justos, puros, santos e bons de toda nação, é minha humilde prece em nome de Jesus Cristo. Amém.

Onde Está a Diferença?

Élder Derek A. Cuthbert
do Primeiro Quorum dos Setenta

Dez indagações a respeito de algumas importantes características da Igreja do Senhor.



Há mais de mil e novecentos anos, dizia o Apóstolo Paulo, na epístola aos efésios: “Um só Senhor, uma só fé, um só batismo.” (Efésios 4:5.) Quão longe nos afastamos desde aí, pois hoje existem mais de mil igrejas dizendo-se cristãs!

Nos primeiros vinte e quatro anos de minha vida, fui membro ativo de uma dessa multidão de igrejas da Cristandade. Não obstante, continuava com muitas perguntas não respondidas, o que me induziu a atender os jovens missionários mórmons, quando bateram à nossa porta, na Inglaterra. Indagações semelhantes permanecem sem resposta para milhões de pessoas filiadas a alguma igreja, mas que não compreendem claramente os ensinamentos do Salvador.

Gostaria, portanto, de sugerir dez indagações que membros de qualquer outra igreja possam propor aos nossos missionários ou, na verdade, a qualquer santo dos últimos dias. Minha vida mudou, assim como a de minha mulher, quando conhecemos os missionários, lhes fizemos perguntas e oramos para conhecer a verdade.

Pergunta 1: Por que Deus não nos fala hoje? Minha mulher e eu estávamos na adolescência durante a II

Guerra Mundial, e esta era uma pergunta que nos ocorria freqüentemente. Sentíamos uma necessidade imperativa de orientação divina, como também hoje, nesta época perigosa e desafiante. Nos tempos antigos, o Senhor declarou, por intermédio do Profeta Amós: “Certamente o Senhor Jeová não fará coisa alguma sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas.” (Amós 3:7.) Jamais pude sentir que as revelações cessaram pelo simples motivo de as já recebidas estarem reunidas num livro, a Bíblia Sagrada.

Só cinco anos depois de cessadas as hostilidades bélicas, eu consegui a resposta. Deus voltou a falar por meio de profetas, e mais uma vez revelações fluem dos céus. Esta e muitas outras verdades maravilhosas iluminaram-nos a mente e edificaram nossa alma, enquanto os missionários nos ensinavam. Como é emocionante saber que estamos vivendo nos últimos dias, os “tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os santos profetas, desde o princípio”. (Atos 3:21.) Quão maravilhoso é tomar conhecimento de outro livro de escritura, o Livro de Mórmon, revelado por meio de um profeta moderno como outro testamento de Jesus Cristo.

Pergunta 2: Como é Deus? O próprio Senhor diz, em sua bela prece intercessória: “E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.” (João 17:3.) Que contraste com os ensinamentos da maioria das igrejas de que ele é um mistério, que não podemos nem devemos saber como é Deus!

Quão maravilhoso é o próprio Deus Onipotente ter-se identificado com o homem por meio de seu Filho Amado, Jesus Cristo. Ele se revelou como nosso Pai nos céus, desejo de que nós, seus filhos, mantenhamos contato com ele, enquanto estamos longe de nosso lar celeste. Peçam a uma criança pequena que feche os olhos, pense em Deus e o

descreva. Ela o descreverá como um espírito? Não! Certamente falará de um ser de rosto bondoso, vestido todo de branco. Na epístola aos hebreus, Paulo descreve Jesus em relação a Deus, o Pai, como “o resplendor de sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa”. (Hebreus 1:3.) Sim, a Bíblia Sagrada responde à indagação de como é Deus, mas as pessoas têm sido induzidas em erro por ensinamentos não-bíblicos e meias-verdades. A fim de corrigir erros tradicionais que remontam a séculos e séculos, Deus apareceu pessoalmente numa coluna de luz, junto com seu Filho Amado, Jesus Cristo, ao Profeta Joseph Smith.

Pergunta 3: O que ensina a sua Igreja a respeito da vida familiar? A força e fibra moral de uma nação está em suas famílias, e qualquer igreja que se diz cristã terá de valorizar a vida familiar, não só como legado precioso e divino, mas também como inestimável herança prometida. Hei de ser eternamente grato aos “nossos” missionários por haverem ampliado tão significativamente nosso conceito da família. Eles nos incentivaram a reunir-nos com os filhos pela manhã e à noite, em oração familiar. Depois tomamos conhecimento da “noite familiar”, uma instituição nos lares SUD em todo o mundo. Trata-se realmente de um importante esteio e defesa reunir-se a família, pelo menos uma noite na semana, para debater aplicações dos princípios do evangelho, dedicar-se a atividades agradáveis e salutares, aprimorar talentos no círculo familiar e orar em conjunto. Muitas vezes trocamos reminiscências das noites familiares que realizamos no decorrer dos anos, embora exista uma coisa mais preciosa ainda. Embora já casados “até que a morte vos separe”, agora estamos casados num templo SUD para “o tempo e eternidade”. Nossa família poderá ser eterna!

Pergunta 4: Como pode Deus ser justo, se o batismo é essencial, e tantos morreram sem saber disso? Fui batizado por aspersão quando bebê, mas, posteriormente, aprendi que o batismo é para a remissão dos meus próprios pecados e não da transgressão de Adão ou outro qualquer. Fiquei contente ao saber que as crianças pequenas não necessitam de batismo, pois são inocentes até atingirem a idade da responsabilidade. E quanto aos inúmeros seres responsáveis que morreram antes de serem batizados?

Recordo-me de um excelente ministro

da África do Sul que, estando em visita à Cidade do Lago Salgado, chegou ao meu escritório, perguntando:

“Em que se baseia a doutrina do batismo pelos mortos?”

“O batismo é essencial?” perguntei-lhe.

“É”, respondeu.

“O senhor acredita que Deus é justo?”

“Lógico que sim”, replicou.

“Então, como ficam aqueles que morreram sem batismo?” indaguei, e ele confessou que já pensara muitas vezes sobre isso. Então, perguntei-lhe se nunca atentara para este ensinamento de Paulo: “Doutra maneira, que farão os que se batizam pelos mortos, se absolutamente os mortos não ressuscitam? Por que se batizam eles então pelos mortos?” (I Coríntios 15:29.) Olhando-me pensativo, o ministro disse-me mansamente: “Obrigado por explicar-me essa doutrina.” Fiquei satisfeito por havê-lo esclarecido, mas triste por ele e tantos outros não o terem compreendido antes. Sim, nosso Pai Celeste ama a todos os seus filhos e providenciou um meio de cada um deles poder voltar à sua presença.

Pergunta 5: Se Deus nos ama tanto, por que não nos advertiu dos malefícios do álcool, fumo e outras drogas?

Tantos filhos de Deus se degradam, tornando-se dependentes de drogas. Deus se preocupa com isso, e no ano de 1833, fez tal advertência por intermédio do profeta moderno, Joseph Smith. Essa lei de saúde chama-se Palavra de Sabedoria. Oh, se ao menos acatassem esse conselho do Senhor, dado através

de um profeta, pois muitos crimes, enfermidades e infelicidade no mundo estão ligados às drogas.

Pergunta 6: Como sua Igreja cuida de você e suas necessidades, além da Palavra de Sabedoria? Em todos esses anos de minha filiação a A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, tenho apreciado muito as oportunidades de prestar serviço, pois nele não existe clero remunerado. Todo homem digno da Igreja, acima de doze anos, ocupa um ofício no sacerdócio. Também as jovens e mulheres da Igreja recebem numerosas designações para liderar, ensinar e servir. Toda família é visitada mensalmente por mestres familiares do sacerdócio, que cuidam de suas necessidades, e por professoras visitantes da Sociedade de Socorro, a organização feminina, cujo lema é: “A Caridade Nunca Falha.” Temos ainda toda sorte de atividades físicas, espirituais e sociais, além de receber instruções sobre assuntos como preparação pessoal e familiar, incluindo produção e armazenamento doméstico.

Aqueles que enfrentam dificuldades devidas a desemprego ou doença, recebem ajuda em forma de reabilitação e recolocação. Os meios para essa assistência provêm da congregação que se abstém de duas refeições por mês, o jejum mensal, doando o dinheiro para ajuda aos pobres e necessitados. Sim, o Senhor zela por nós, nos aconselha e adverte por intermédio de seus ministros designados e ordenados. Esses ensinamentos e programas inspirados estão sendo compartilhados com filhos de Deus pelo mundo afora.

Pergunta 7: Por que vocês enviam

missionários ao mundo inteiro, quando a maioria das igrejas estão nos países do terceiro mundo? Confesso que esta pergunta me ocorreu, quando os dois jovens que bateram à nossa porta se identificaram como missionários. Tendo estudado o Novo Testamento, eu deveria saber a resposta, pois o Salvador a deixou tão clara ao instruir seus apóstolos pouco antes da ascensão: “Ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.” (Mateus 28:19.) O fato de o Senhor dar esse encargo é justificativa suficiente para levar o evangelho aos confins da terra. As pessoas de todas as nações necessitam da verdade, e do propósito e felicidade proporcionados pela plenitude do evangelho. Todos deveriam interessar-se pela verdade, e por isso dizemos às pessoas de todas as crenças: Conservem toda a verdade que tem, e nós acrescentaremos mais. É por isto que dezenas de milhares de jovens e bem mais que mil casais aposentados dedicam de um ano e meio a dois anos à pregação do evangelho restaurado de Jesus Cristo no mundo inteiro.

Pergunta 8: Qual é, no seu entender, o propósito da vida? Reduzida ao essencial, esta pergunta poderia ser expressa assim: “Por que estou aqui?” Todo ser humano deseja intimamente conhecer a resposta, a fim de levar uma vida significativa. Como fazem todos os pais amorosos, nosso Pai Celeste também arquitetou um plano para nós, seus filhos, antes mesmo de a terra existir. Nessa era que chamamos de existência pré-mortal, nós vivíamos com Deus, como filhos espirituais seus. A fim de podermos progredir além daquele estado, era necessário passarmos pela mortalidade, recebendo um corpo físico doado por pais terrenos. Afastados temporariamente da presença de Deus, aprendemos a andar pela fé e desenvolvemos atributos que nos qualificarão finalmente para voltar ao lar celeste como seres ressurretos.

O Deus Onipotente, nosso Pai Celeste, proclamou seu sublime propósito e plano para seus filhos: “Porque eis que esta é a minha obra e minha glória: proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem.” (Moisés 1:39.) Sem esse período de vida na terra, não podemos alcançar nem imortalidade nem vida eterna.

Pergunta 9: Como sabe que as respostas dadas são verdade? Eu o sei



por causa do testemunho, que provém do meu íntimo e ainda assim é de fonte divina. Os maravilhosos missionários me trouxeram uma dádiva especial, um dom que recebi após o batismo.

“Uma dádiva? O que eles lhe compraram que o deixou tão feliz e tão certo de que Deus e Jesus vivem, e que eles nos falam hoje por meio de profetas?”

Não, não foi uma dádiva, um dom comprado, a não ser pelo sangue expiatório de Jesus Cristo. Ele prometeu que enviaria um Consolador, sim, o Espírito Santo para nos guiar, abençoar, confortar e testificar da verdade.

“Quer dizer que recebeu o dom do Espírito Santo como foi prometido e conferido na Igreja primitiva?”

Exatamente. Depois de eu sair das águas do batismo, alguém com autoridade recebida do próprio Jesus Cristo colocou as mãos sobre minha cabeça e me conferiu o Espírito Santo para ser meu constante companheiro. O Espírito Santo testifica da verdade; ele dá testemunho do Pai e do Filho.

Pergunta 10: Como posso saber, por mim mesmo, que o que ensina é verdade? A todos os que fazem esta pergunta, a promessa encontrada no Livro de Mórmon é poderosa, autêntica e de significado eterno.

“E quando receberdes estas coisas, eu vos exorto a perguntardes a Deus, o Pai Eterno, em nome de Cristo, se estas coisas são verdadeiras; e, se perguntardes com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo, ele vos manifestará sua verdade disso pelo poder do Espírito Santo.

“E pelo poder do Espírito Santo, podeis saber a verdade de todas as coisas.” (Morôni 10:4-5.)

Sim, meu caro amigo indagador, cresceremos à verdade que já possui, pois Deus fala novamente por intermédio de profetas. Ele tem dado revelações ao homem na era moderna. As famílias podem ser eternas, pois Deus restaurou as sagradas ordenanças do templo para os vivos e mortos. Além disso, deu-nos uma lei de saúde, um programa de bem-estar e um sistema missionário. Ele revelou o propósito da vida e nos concedeu o Espírito Santo, a fim de podermos testificar aos outros e saber por nós mesmos que esta é a Igreja viva do Cristo vivente, e que ele fala por meio de um profeta vivo, mesmo nosso amado Presidente Spencer W. Kimball. Isto eu testifico em nome de Jesus Cristo. Amém.

Aventuras do Espírito

Élder Robert E. Wells
do Primeiro Quorum dos Setenta

“O missionário começa suas próprias viagens de descoberta aos domínios do Espírito, e observa os outros sendo engrandecidos por esses encontros de natureza espiritual que aquecem o coração, produzem paz e desvendam horizontes.”



Eu adoro o espírito aventureiro na vida, porém ainda mais as aventuras do espírito. Sinto-me à vontade com as conotações positivas da palavra *aventura*. Aprecio esta definição de *aventura*: “Experiência emocionante ou notável”; e de *aventureiro*: “disposto... a enfrentar o novo e desconhecido.” (*Webster’s Ninth New Collegiate Dictionary*.)

Tenho vivido muitas aventuras, como caçar animais exóticos, onças, jacarés; esquiar em rios repletos de vorazes piranhas, numa expedição à perigosa mata amazônica; procurar placas de ouro com inscrições religiosas; vôos de monomotor por todo o hemisfério e continente; até mesmo a eleição da Miss América deste ano foi uma emocionante aventura “à Cinderela”.

Diz um filósofo moderno: “É uma assombrosa aventura nascer nesta ilha peregrina no firmamento e uma aventura abandoná-la, quando a morte chama. Ir à escola, fazer amigos, casar-se, criar filhos, enfrentar as rápidas mudanças de condição na vida que nenhum homem pode prever uma hora

antes.” (*Vital Quotations*, comp. Roy Emerson West, Salt Lake City: Bookcraft, 1968, pp. 203-204.)

Sou grato por nos encorajarem as escrituras a descobrir novos horizontes, viver aventuras do intelecto e estudar “coisas dos céus como da terra, e de debaixo da terra; coisas que existiram, que existem, e coisas que logo acontecerão;... (as) perplexidades das nações... e um conhecimento também de nações e reinos”. (D&C 88:79.)

E por que devemos ter um intelecto ou espírito aventureiro? Diz o Senhor: “Para que... estejais preparados em *todas* as coisas... (1) para magnificar o chamado com o qual vos chamei, e (2) a missão com a qual vos comissionei.” (D&C 88:80 grifo nosso.)

Das muitas aventuras que desfrutei na vida, as maiores foram as inspiradoras aventuras missionárias.

Gostaria de incentivar os casais fiéis sem filhos em casa, a cumprir missão. O Senhor necessita de vós no campo missionário. Esqueci vossos temores. Foi em Idaho, procurando desfazer os temores de alguns sumos sacerdotes, que eu disse: “Os casais aposentados não precisam memorizar escrituras como os missionários jovens, não precisam memorizar nenhuma palestra, a menos que queiram.” Disse-lhes mais, que “não precisavam levantar cedo pela manhã como os missionários rapazes para estudar, e se estiver chovendo ou nevando, não são obrigados a sair, se não se acharem em condições de fazê-lo”. Nessa altura, um irmão lá do meio levantou a mão e perguntou: “Quando posso partir? É uma vida melhor do que levo agora!”

Joe e Zella Wendel saíram em missão. As pernas de Zella a incomodavam, e no campo missionário pioraram em vez de melhorar. Ela escreveu para casa: “Pensei que íamos só trabalhar no escritório, mas agora

soubemos que devemos fazer também proselitismo. Mas meus joelhos estão tão ruins, que não posso sair em busca de pessoas. Por isso estamos orando bastante para descobrir alguém aqui no prédio em que moramos.” Em três meses, conseguiram três batismos — novos inquilinos do prédio de apartamentos! Estes missionários são meus pais.

Walter e Ernestine Walser foram chamados para o Peru. O Irmão Walser, um ex-bispo, logo foi chamado como presidente de ramo bem no interior das montanhas. Dependendo de seu precário castelhano aprendido no Centro de Treinamento Missionário, ele teve de escolher seus conselheiros, dirigir reuniões, ensinar, instruir, reativar, ordenar etc. Jejuando e orando, ele recebeu influxos do Espírito e continuou o trabalho. Diz o Élder Walser: “Aprendi que, mesmo com minha limitação lingüística, sempre que precisei me foi dado o suficiente para me comunicar, e eu sei que foi pelo Senhor.”

Como em muitas aventuras, houve dificuldades e sacrifícios, mas os Walsers disseram que o sincero amor e afeição daquela maravilhosa gente peruana e o sentir-se necessário foram mais que compensadores. Eles são gratos por sua aventura espiritual servindo ao Senhor.

Agora vós, irmãs solteiras de vinte e um a sessenta e nove anos, com boa saúde: Não tendes nenhuma obrigação de servir, mas sois certamente bem-vindas e necessárias, se o Espírito vos convidar a servir voluntariamente.

Gostaria de contar o caso de duas missionárias que bateram numa casa de manhã cedo, antes de o marido sair para o trabalho. Convidadas a entrar, logo se puseram a falar da primeira visão de Joseph Smith, do Anjo Morôni, das placas de ouro e restauração do sacerdócio. Então a missionária sênior, percebendo que já se haviam passado quase quarenta e cinco minutos, observou: “Bem, nós gostaríamos de voltar na semana que vem para continuar a palestra.”

Ao que o marido reagiu: “Na semana que vem?” Então, indo até a porta, passou a chave, meteu-a no bolso e disse: “Vocês não saem daqui até nos terem contado tudo sobre Joseph Smith e o evangelho restaurado!”

Elas ficaram o dia inteiro. Na mesma noite, a família quis ser batizada.

Agora vós, rapazes solteiros de dezenove a vinte e seis anos (dezoito fora dos Estados Unidos), saudáveis e



dignos: Desde o tempo dos profetas modernos, a aventura de uma missão vem merecendo ênfase como uma responsabilidade eclesiástica de tal prioridade, que voltamos, hoje, a ressaltar que *a missão tem precedência sobre casamento, educação, oportunidades profissionais, bolsas de estudo, esportes, carros ou namoradas.*

Disse o Presidente Kimball: “Deve todo jovem cumprir missão? A resposta foi dada pelo Senhor e é *sim*. Todo rapaz deve cumprir missão.” O Presidente Kimball então equaciona

esta instrução de cumprir missão com os mandamentos de pagar dízimo, santificar o Dia do Senhor, e casar no templo. (Seminário para Representantes Regionais, 4 de abril de 1974.)

Em vinte e quatro meses, colhereis o equivalente a vinte e quatro anos de aventuras espirituais. Vereis pessoas mudarem, abrandar, tornar-se mais humildes, mais obedientes; receber resposta para as orações; e convencer-se de que nossa mensagem é verdadeira.

Permiti-me ilustrar:

Dois élderes conheceram e ensinaram



um professor com credenciais das universidades de Heidelberg e Sorbonne. Ele não conseguiu aceitar a mensagem, mas teve de ser hospitalizado para uma cirurgia. Enquanto convalescia no hospital, os missionários sentiram-se inspirados a cuidar do seu jardim, que dava mostras de abandono, em seu dia de preparação, arrancando as ervas daninhas, cortando a grama e aparando a sebe.

A esposa contou ao marido o que eles haviam feito. Ele pediu a presença deles no hospital e, com lágrimas nos olhos, comentou: “Nunca em toda minha vida de adulto alguém já se havia dado o trabalho de fazer algo por mim.”

Sua atitude mudou. Ouviu as palestras missionárias. Antes tão cético, agora prestava enlevada atenção, tornando-se visivelmente mais manso e humilde. Orou pela primeira vez desde que era criança, recebeu um testemunho e se batizou.

Dois missionários pediram a uma “nova” família que se ajoelhasse em oração, e o companheiro sênior, sem saber por quê, sugeriu ao marido que

segurasse a mão da esposa. Quando ele hesitou, o missionário comentou singelamente: “É o que meus pais fazem lá em casa. Por favor, segure a mão de sua esposa.”

Após o batismo, o casal confessou, emocionado, que estavam à beira do divórcio, quando os missionários os conheceram. O marido já havia saído de casa, estava apenas visitando as crianças, quando os missionários apareceram. O marido contou que, quando suas mãos se tocaram, sentiram-se tomados por um espírito conciliatório. Afeto substituiu as mágoas e mal-entendidos; perdoaram-se mutuamente, e o marido voltou para casa.

Outro homem disse que ele não iria à igreja, mas sua família poderia fazê-lo. Os missionários disseram-lhe que sempre teriam um lugar reservado para ele perto da porta, caso mudasse de idéia. Um domingo, ele sentiu-se influenciado a ir à reunião, apesar de os familiares já terem saído. Do saguão pôde ver a família sentada com os missionários, e um lugar vago no fim da fila e de fácil acesso. Ele entrou na pequena capela e, ouvindo seus passos, os missionários se voltaram. Quando viram quem era, seus olhos se encheram de lágrimas. Após o batismo, o marido comentaria: “Nunca em minha vida alguém havia chorado de alegria só por me ver chegar.”

Um novo missionário sênior teve de enfrentar uma advogada requintada que se mostrou muito cortês, porém intelectualizada. Quando o missionário lhe perguntou quem o profeta-menino viu na coluna de luz, ela respondeu: “Eu sou atéia.” Como não entendesse bem a implicação, o élder repetiu a pergunta. Ela tornou a responder: “Eu sou atéia. Você está-me dizendo que Joseph Smith viu o Pai e o Filho, mas eu não creio em Deus.”

O élder jamais havia encontrado antes uma pessoa atéia, e seu primeiro impulso foi desistir, mas o Espírito lhe falou: “Não, ela ouvirá. Simplesmente responda às perguntas no lugar dela.” Então o missionário prosseguiu, dizendo: “Tem razão. Ele viu o Pai e o Filho”, e continuou sua apresentação. Mas, em lugar de lançar perguntas diretas, ele o fazia indiretamente e as respondia por ela.

No fim da palestra, ele a ensinou a orar, e em seguida corajosamente a convidou a se ajoelhar com eles e proferir a prece. Ela se ajoelhou e orou ao Pai Celestial. Nunca mais voltou a

dizer-se ateísta. Tempos depois, ela e seus familiares se batizaram.

No campo missionário, mais que em outro lugar qualquer, podeis viver as aventuras espirituais que chamamos de “experiências de véu adelgado” e “experiências de fogo líquido”, coisas tão espirituais e milagrosas, que a língua não tem como confessá-las, nem a mão como descrevê-las adequadamente.

O missionário inicia suas próprias viagens de descoberta aos domínios do Espírito, e observa outros sendo engrandecidos por esses encontros de natureza espiritual que aquecem o coração, produzem paz e desvendam horizontes, e que eu prefiro chamar de “aventuras”, aventuras do Espírito.

Por exemplo:

- * Um versículo das escrituras que fulgura em sua mente, como o de Tiago na de Joseph.
- * Uma prece respondida pelo Senhor, com um fluxo tão intenso de seu amor, que um “sim” ou “não” já não importam mais.
- * Um hino, cuja letra poética de condensada espiritualidade faz a alma elevar-se aos céus.
- * Um ato de serviço abnegado, que o faz sentir-se como se estivesse servindo, quem sabe, o próprio Salvador.
- * O convênio sacramental de tomar sobre si o nome de Cristo invade a alma tão profundamente, que a expiação de Cristo se transforma realmente em experiência pessoal, salvadora, num renascimento.
- * Um Livro de Mórmon entregue a uma pessoa que passa metade da noite explorando, com emoção, a recém-encontrada testemunha de Cristo.
- * Homens ímpios que se tornam justos, homens e mulheres bons que se tornam melhores, pessoas especiais que se tornam mais especiais e cristãs ainda por causa do evangelho. Sede instrumentos em suas mãos. Ajuntai tesouros nos céus. Descobri as aventuras espirituais do missionário. Deus vive e nos ama. Ele está nos céus. Jesus vive e nos ama. Ressurreto, glorioso, exaltado, ele se encontra fisicamente à testa desta Igreja que leva seu nome. Seu porta-voz é um profeta vivo, e tudo o que ensinamos é verdadeiro. Como testemunho, eu o testifico em nome de Jesus Cristo. Amém.

Autodomínio

Élder Russell M. Nelson
do Quorum dos Doze Apóstolos

“Nenhuma quadra da vida transcorre sem tentações, provações ou tormentos sentidos por nosso corpo físico. Desenvolvendo piedosamente o autodomínio, podemos subjugar os desejos da carne.”



Com nossa fé unida em oração, para que juntos sejamos edificados, eu gostaria de falar a respeito da busca de autodomínio. E gostaria de fazê-lo como um pai amoroso, aconselhando um de meus próprios filhos.

Antes de conseguir dominar-se, meu bem, você precisa saber quem é. Você é composto de duas partes: seu corpo físico e seu espírito que vive nesse corpo. Talvez já tenha ouvido a expressão “mente sobre matéria”. É sobre isto que eu gostaria de conversar, porém mudando um pouco: “espírito sobre matéria.” Isto é autodomínio.

Quando você nasceu, seu pequenino corpo era quem mandava. Você vivia a filosofia que costuma chamar de “eu-queiro-o-que-queiro-quando-queiro”. Nenhum argumento do mundo conseguia movê-lo de sua exigente impaciência, quando queria alimentar-se; tinha que ser *já!* Como todos os pais, aguardamos ansiosamente o primeiro sorriso, uma palavra, um vislumbre do potencial do espírito que habitava em seu corpinho. Haverá mãe alguma que não acarinhou seu bebê

como fez a sua, em ardente desejo de conhecer o destino de seu pequenino? Mesmo Maria, a mãe de Jesus, pode ter indagado:

Nenê, tão calmo dormindo na manjedoura,

O que será de ti?

Nenê, o mundo inteiro te observa, espera,

O que será de ti?

Nenê, sonhando no estábulo, debaixo do céu,

O que irás dizer?

Nenê, deitado na manjedoura,

O mundo, um dia, salvarás?

(Natalie Sleeth, “Baby, What You Goin’ To Be?”, Nova York: Carl Fischer, Inc.)

Durante a primeira infância, nós, pais, nos preocupamos devidamente com as necessidades físicas de nossos filhos, tais como alimentação, roupa e abrigo.

Mas, quando vão crescendo, nossa preocupação se transfere mais para seu crescimento espiritual, a fim de que consiga atingir todo seu potencial. “Porque o homem natural é inimigo de Deus, tem-no sido desde a queda de Adão, e sê-lo-á para sempre, a não ser que ceda ao influxo do Espírito Santo... tornando-se santo.” (Mosiah 3:19.)

Isto requer autodomínio. Lembre-se de que “o espírito e o corpo são a alma do homem”. (D&C 88:15.) Ambos são muito importantes. Seu corpo físico é uma criação magnífica de Deus. É o templo dele assim como o seu, e tem de ser tratado com reverência. Diz a escritura: “Não sabeis que sois o templo de Deus...? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo.” (I Coríntios 3:16-17.)

Por mais extraordinário que seja, o propósito primordial de seu corpo é ainda mais importante: Servir de morada para seu espírito. Abraão ensina que “estes... espíritos...

existiram antes, e não terão fim... porque eles são... eternos”. (Abraão 3:18.)

Seu espírito recebeu um corpo ao nascer, tornando-se, assim, em alma para viver na mortalidade, passando por períodos de prova. Parte de cada prova é verificar se seu corpo se deixará dominar pelo espírito que nele habita.

Embora um véu de esquecimento haja sido lançado sobre seu espírito na hora de nascer na mortalidade, ele reteve a capacidade de lembrar-se de tudo o que acontece, registrando com precisão cada acontecimento da vida. De fato, as escrituras nos advertem que “de toda a palavra ociosa que os homens disserem, hão de dar conta no dia do juízo”. (Mateus 12:36.) Os profetas mencionam nossa “viva lembrança” (Alma 11:43) e “perfeita lembrança” (Alma 5:18) nesse dia decisivo.

Como o pensamento precede os atos, você precisa aprender primeiro a controlar seus pensamentos. “Como (o homem) imaginou na sua alma, assim (ele) é.” (Provérbios 23:7.)

Participação plena nas atividades da Igreja ajudá-lo-á na busca de autodomínio. Citarei apenas algumas. Um primeiro passo é quando aprendemos juntos a santificar o Dia do Senhor, que é um dos dez mandamentos. (Veja Êxodo 20:8; Deuteronômio 5:15.) Nós guardamos o Dia do Senhor, a fim de prestar “devoção ao Altíssimo” (D&C 59:10), e porque o Senhor declarou: “Isso é um sinal entre mim e vós... para que saibais que eu o sou Senhor, que vos santifica.” (Êxodo 31:13; veja também Ezequiel 20:20.)

Outro passo para a aquisição de autodomínio você dá quando tem idade suficiente para observar a lei do jejum. Com as contribuições provenientes das refeições não consumidas, serão atendidas as necessidades dos pobres. Mas, ao mesmo tempo, você adquire, por meio de seu espírito, controle sobre os impulsos da fome e sede do corpo. Jejuar o convencerá de que seu espírito é capaz de dominar os apetites.

Tempos atrás, sua mãe e eu visitamos um país do terceiro mundo, onde as condições sanitárias são bem piores que as nossas. Fazíamos parte de uma delegação de médicos do mundo inteiro. O presidente do grupo, viajante experimentado, avisou-nos dos riscos. A fim de evitar ingerir água possivelmente contaminada, ele chegou



Presidente Gordon B. Hinckley, segundo conselheiro na Primeira Presidência, dirigindo uma sessão da conferência. Em primeiro plano estão os Élderes Carlos E. Asay e M. Russell Ballard.

Entregando-se a qualquer coisa que cause dependência, contrariando, assim, a Palavra de Sabedoria, seu espírito se sujeita ao corpo. Então a *carne* escraviza o *espírito*. Isto é contrário ao propósito de sua existência mortal. E no processo dessa dependência viciosa, provavelmente sua vida será abreviada, reduzindo, assim, o tempo para arrependimento, pelo qual o espírito pode adquirir domínio sobre o corpo.

Outros impulsos físicos surgem na época do namoro. Na juventude, provavelmente se sentirá desafiado por restrições dos pais que desejam conduzi-lo em segurança por este maravilhoso período da vida.

Visto ter o adversário conhecimento do poder da tentação física, Alma dizia a seu filho e a todos nós: “Faze também que tuas paixões sejam dominadas.” (Alma 38:12.)

Casando-se, você e sua companheira eterna poderão invocar o poder da procriação, para que possam ter alegria e regozijo em sua posteridade. Este dom divino é guardado pela lei da castidade de seu Criador. Lembre-se sempre: A castidade é o poderoso protetor da masculinidade viril e a coroa da maravilhosa feminilidade.

No namoro e no casamento, a virtude parece ser a primeira a ser atacada. A aflição mental que segue a fraqueza da luxúria tem provocado muitas lágrimas de entes queridos inocentes. Sem o arrependimento, a aflição interior da própria pessoa também não arrefece.

Shakespeare expressa esse conflito interior, fazendo um de seus personagens dizer, refletindo sobre uma conquista passional:

O que eu ganho conquistando o almejado?

Um sonho, um instante, espuma de efêmera alegria.

Quem compra gozo d’um minuto para lamentar uma semana?

Ou vende a eternidade em troca de um brinquedo?

Por uma doce uva que o vinho destruirá?

(“Lucrece”, versos 211-215.)

São frequentes as admoestações dos profetas quanto ao pecado moral. Um deles diz, por exemplo: “Ó, meus queridos irmãos, lembrai-vos de quão terrível é pecar contra o Santo Deus, e quão terrível é sucumbir às tentações daquele ser astuto. Lembrai-vos de que ter a mente carnal é morte, e ter a mente espiritual é a vida eterna.” (2 Néfi 9:39;

veja também Romanos 8:6; Alma 36:4; D&C 29:35; 67:10.)

Não me entenda mal. Não quero que negligencie o corpo. Ele merece cuidados diários. O condicionamento físico, por meio de exercícios regulares, também requer autodomínio. Eu me maravilho com o Élder Joseph Anderson, agora em seu nonagésimo sexto ano de vida. Há décadas, a força de seu espírito sobre o corpo o leva a nadar regularmente, porém sem nunca pretender longevidade física. Isto aconteceu incidentalmente. Seu desejo é servir a Deus e seus ungidos. O Élder Anderson vem seguindo o que chamo de a receita do Senhor para uma vida longa e útil. Pois aqueles que “magnificam os seus chamados, são santificados pelo Espírito para a renovação de seus corpos”. (D&C 84:33-34.)

O programa de exercício físico do Élder Anderson concorda com o ponto de vista de Paulo, que diz: “O exercício corporal para pouco aproveita, mas a piedade para tudo é proveitosa, tendo a promessa de vida presente e da que há de vir.” (I Timóteo 4:8.)

Elegante e bem disposto, o Élder Anderson personifica esta escritura: “Glorificai... a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus.” (I Coríntios 6:20.)

Ao trabalhar durante os anos produtivos da vida, sejam em casa ou no campo, na fábrica ou numa oficina, você adquire boa reputação e forja o caráter desenvolvendo autodomínio. O pagamento fiel do dízimo é parte desse processo; defende-o da desonestidade ou tentações vergonhosas. A corajosa responsabilidade por seus próprios atos se torna um prêmio almejado.

Na verdade, importa muito o que você ouve, o que você vê, o que você pensa, diz e faz. Escolha músicas que fortaleçam o espírito. Controle o falar; mantenha-o livre da linguagem profana e vulgar. Acate o ensinamento deste provérbio: “Porque a minha boca proferirá a verdade; os meus lábios abominam a impiedade.

“Em justiça são todas as palavras da minha boca; não há nelas nenhuma coisa tortuosa nem perversa.” (Provérbios 8:7-8.)

Ao aproximar-se da terceira idade, você enfrentará novos desafios ao autodomínio. Os sintomas de deterioração orgânica podem ser penosos e até mesmo incapacitantes. A morte de entes queridos causa profundos assomos de tristeza. Para

mesmo a nos aconselhar a escovar os dentes com uma bebida alcoólica. Decidimos não seguir seu conselho, mas simplesmente fizemos o que costumamos fazer uma vez por mês. Jejuamos o primeiro dia, pensando que poderíamos depois ingerir gradualmente alimentos e líquidos simples. Mais tarde, éramos os únicos no grupo sem problemas de saúde.

Jejuar fortalece a disciplina sobre os apetites e ajuda a proteger-nos mais tarde dos desejos incontroláveis e hábitos torturantes.

Outro passo para o autodomínio provém da obediência à Palavra de Sabedoria. Lembre-se de que ela inclui uma “promessa adaptada à capacidade... do mais fraco de todos os santos”. (D&C 89:3.) Ela foi dada “devido a maldades e desígnios que existem e existirão nos corações dos homens conspiradores nos últimos dias”. (D&C 89:4.) Realmente, ao adquirir coragem para dizer não ao álcool, fumo e outros estimulantes, você consegue força adicional. Então poderá resistir aos homens conspiradores, aqueles depravados promotores da pornografia ou substâncias prejudiciais. Você conseguirá vencer as tentações.



alguns, essas penosas provações chegam mais cedo. Mas quando as suas o acometerem, lembre-se de um conceito expresso por meu pai algum tempo após a morte de mamãe. Seus avós estiveram casados quarenta e seis anos. Quando alguém lhe perguntou como se estava arranjando, ele simplesmente respondeu: “Estou só, mas não desolado.” Compreende o que ele quis dizer? Embora separado de sua amada, estava tão ocupado ajudando familiares e amigos, que o serviço ocupava o lugar da tristeza, e o amor abnegado o lugar da autocomiseração. Encontrara alegria seguindo o exemplo intemporal do Mestre.

Jesus, nosso Salvador, nasceu nas condições mais humildes. Por ocasião do batismo, foi imerso num ínfimo rio do planeta. Servindo e sofrendo, também “sujeitou-se” a todas as coisas (D&C 122:8), para poder elevar-se acima de todas as coisas. Já beirando o fim da vida, declarou triunfante: “Eu venci o mundo.” (João 16:33.) “Voltai a mim vossos olhos, perseverai até o fim, e vivereis; porque a todo aquele que perseverar até o fim, dar-lhe-ei a

vida eterna.” (3 Néfi 15:9.) As escrituras nos admoestam pelo menos vinte e seis vezes* a perseverar até o fim para obter vida eterna. Então teremos um corpo ressurreto, um corpo incorruptível, glorificado e preparado para viver na presença de Deus.

Siga o Salvador para alcançar seu mais elevado destino. Ele proclamou: “Que classe de homens deveis ser? Em verdade vos digo que deveis ser como eu sou.” (3 Néfi 27:27.) Nossa mais sublime esperança é crescer espiritualmente e alcançar a “medida da estatura completa de Cristo. Para que não sejamos mais meninos”. (Efésios 4:13-14.)

Então você estará preparado para o iminente dia do juízo, quando, conforme ensina o Presidente Spencer W. Kimball, “a alma, composta do corpo ressurreto e do espírito eterno... se apresentará ao grande juiz para receber sua final designação para a

* (Mateus 10:22; 24:13; Marcos 13:13; 1 Néfi 13:37; 22:31; 2 Néfi 9:24; 31:15-16, 20; 33:4; Omni 1:26; Alma 32:13, 15; 38:2; 3 Néfi 15:9; 27:6, 16-17; Mórmon 9:29; Morôni 8:26; D&C 10:69; 14:7; 18:22; 20:25; 20:29; 53:7.)

eternidade”. (*The Teachings of Spencer W. Kimball*, ed. Edward L. Kimball, Salt Lake City: Bookcraft, 1982, p. 46.)

Lembre-se, querido, nenhuma quadra da vida transcorre sem tentações, provações ou tormentos sentidos pelo corpo físico. Desenvolvendo, porém, piedosamente o autodomínio, podemos subjugar os desejos da carne. E conseguido isto, você terá forças para sujeitar-se ao Pai Celeste, como fez Jesus, que disse: “Não se faça a minha vontade, mas a tua.” (Lucas 22:42.)

Quando se defrontar com penosas provações, lembre-se desta gloriosa promessa do Salvador: “Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no meu trono; assim como eu venci, e me assentei com o Pai no seu trono.” (Apocalipse 3:21.)

Cristo é o nosso supremo Exemplo. Declaro, como sua testemunha especial, que ele é o Filho de Deus e “a vida e a luz do mundo”. (Alma 38:9; veja também D&C 11:28.) Nós adquirimos autodomínio tornando-nos como ele é, isto testifico em nome de Jesus Cristo. Amém.

Aqueles Que Amam Jesus

Elder Thomas S. Monson

“Jesus nos ensina: ‘Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele.’”



Rodar pelas modernas rodovias num ensolarado dia de verão é muitas vezes uma experiência gratificante. Com frequência admiramos a grandiosidade de majestosas montanhas e a fascinante rebentação das ondas do mar num único passeio. Entretanto, quando o tráfego está pesado, montanhas e mar são ignorados, com a atenção focalizada no carro à nossa frente. Foi numa dessas ocasiões que li com interesse os dizeres colados no reluzente pára-choque de um carro que rodava “costurando” pelo tráfego intenso: “Buzine se ama Jesus.” Ninguém buzinou. Talvez por estarem todos aborrecidos com a conduta do motorista imprudente e mal-educado. E depois, buzinar seria, acaso, um modo apropriado de demonstrar amor ao Filho de Deus, o Salvador do mundo, o Redentor de toda a humanidade? Não foi esse o modelo deixado por Jesus de Nazaré.

A importância de demonstrar diariamente afeto sincero e constante foi declarada convincentemente pelo Mestre, ao ensinar o doutor da lei que se adiantou, perguntando-lhe ousadamente: “Mestre, qual é o grande mandamento na lei?”

Conta Mateus que Jesus lhe disse: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.

“Este é o primeiro e grande mandamento.

“E o segundo semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” (Mateus 22:36-39.)

Marcos finaliza o relato com a declaração do Mestre: “Não há outro mandamento maior do que estes.” (Marcos 12:31.)

Sua resposta não podia merecer censura. Seus próprios atos davam crédito às suas palavras. Ele demonstrou autêntico amor a Deus, levando uma vida perfeita, honrando a sagrada missão que lhe fora confiada. Jamais se mostrou altivo. Jamais se encheu de orgulho. Jamais foi desleal. Foi sempre sincero. Foi sempre humilde. Foi sempre autêntico.

Ainda que conduzido pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo mestre da astúcia, mesmo o demônio; ainda que fisicamente debilitado pelo jejum de quarenta dias e noites, sentindo-se faminto; ainda quando o maligno lhe fez as mais sedutoras e tentadoras propostas, Jesus nos deu o divino exemplo de genuíno amor a Deus, recusando desviar-se do que sabia ser o certo. (Ver Mateus 4:1-11.)

Durante todo seu ministério, Jesus abençoou os enfermos, restaurou a visão aos cegos, fez os surdos ouvir e os coxos andar. Ensinou o perdão, perdoando. Ensinou a compaixão, sendo compassivo. Ensinou a devoção, dando de si próprio. Jesus ensinava pelo exemplo.

Contemplando a vida de nosso Senhor, todos nós poderíamos ecoar a letra do conhecido hino:

Assombro me causa o amor que me dá Jesus;

*Confuso estou pela graça de sua luz.
E temo ao ver que por mim sua vida deu,*

Por mim tão humilde, seu sangue Jesus verteu.

(“Assombro Me Causa”, *Hinos*, n.º 62.)

Para demonstrar nossa gratidão, é-nos requerido igualmente dar a vida como ele fez? Alguns a deram.

Na bela cidade de Melbourne, Austrália, ergue-se um histórico memorial aos mortos na guerra. Caminhando pelos corredores silenciosos, vêem-se placas de mármore, recordando feitos valorosos e atos de coragem dos que fizeram o supremo sacrifício. Tem-se quase a impressão de ouvir o troar dos canhões, o silvo dos foguetes, os gritos dos feridos. Sente-se júbilo da vitória e, ao mesmo tempo, o desespero da derrota.

No centro do principal recinto, para ser visto por todos, está inscrita a mensagem do memorial. O foco de luz no alto permite fácil leitura, e as palavras parecem quase que falar: “Ninguém tem amor maior do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos.” (João 15:13.)

O desafio que hoje somos obrigados a enfrentar e vencer não é o de seguir para o campo de batalha e sacrificar a vida. Mas antes, viver e servir no campo de batalha da vida de tal maneira, que nosso viver e atos reflitam o verdadeiro amor a Deus, a seu Filho, Jesus Cristo, e aos nossos semelhantes. Isto não se consegue com dizeres espirituosos num pára-choque de automóvel.

Jesus nos ensina: “Se me amardes, guardareis os meus mandamentos.” (João 14:15.)

“Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele.” (João 14:21.)

Anos atrás, dançávamos ao ritmo de uma música muito popular, cuja letra dizia: “É fácil dizer eu te amo, é fácil dizer que serei fiel, é fácil dizer estas coisas simples, mas prove-o pelo que fazes.”

Das lições aprendidas na Primária, lembro-me de uma poesia intitulada “Quem Amou Melhor?”

*“Eu te amo, mãe”, dizia Joãozinho,
E logo de todas as tarefas esquecido,
Correu a se balançar, feliz, no jardim,*

Deixando-a sem água nem lenha.

*“Eu te amo, mãe”, dizia Nelita,
“Quero-te mais do que posso dizer!”
Depois ficou aprontando metade do dia,*

Até a mãe respirar aliviada vendo-a brincar.

*“Eu te amo, mãezinha”, afirmou Fani,
“Vou ajudar-te em tudo o que puder,
“Que bom não ter escola para nós, hoje!”
E se pôs a ninar o bebê e fazê-lo dormir.*

*Então, pisando de mansinho, a vassoura pegou,
Varreu o chão, arrumou a sala, os móveis espanou.
O dia inteiro se ocupou, sorridente,
Prestativa e alegre como as crianças sabem ser.*

*“Eu te amo, mãe”, voltaram a repetir de noite,
Três pequenos cansados ao irem deitar.
Como acham que a mãe deles sabia,
Qual dos filhos lhe dera amor de verdade?*

*(Joy Allison, *The World's Best Loved Poems*, New York: Harper and Row, 1955, pp. 243-244.)*

Vão-se os anos. A infância fica para trás. A verdade permanece. A transição da poesia da Primária para as verdades de hoje não é difícil. O verdadeiro amor continua sendo a expressão visível de uma convicção interior.

Hoje, numa suave elevação na histórica cidade de Freiberg, República Democrática Alemã, ergue-se um belo templo dedicado a Deus. O templo proporciona as supremas, mesmo eternas bênçãos de um Pai Celestial amante a seus santos fiéis.

Dez anos atrás, na manhã de domingo, de 27 de abril de 1975, eu me encontrava de pé, no alto de um afloramento rochoso, situado entre as cidades de Dresden e Meissen, acima do Rio Elba. Atendendo aos influxos do Santo Espírito proferi uma prece, dedicando aquela terra e seu povo. A prece notava a fé dos membros, enfatizava os ternos sentimentos de muitos corações repletos do anelante desejo de obter as bênçãos do templo. Houve um apelo de paz, um pedido de auxílio divino. Pronunciei as palavras: “Amado Pai, permite que este seja o começo de um novo dia para os membros de tua Igreja neste país.”

De repente, ouviu-se lá de longe o vale o repicar de um sino de igreja, e o canto estridente de um galo quebrou o silêncio matutino, ambos anunciando o



início de um novo dia. Embora estivesse de olhos cerrados, senti o calor do sol acariciando-me o rosto, mãos e braços. Como era possível? A manhã inteira vinha caindo uma chuva incessante. Tendo concluído a oração, olhei para o céu e vi um raio de sol que passava por uma brecha nas nuvens e envolvia o exato lugar onde se encontrava nosso minguado grupo. A partir daquele instante, eu soube que dispúnhamos de ajuda divina.

Houve promessa de plena cooperação das autoridades governamentais. O Presidente Kimball e seus conselheiros deram sua aprovação, entusiasmados. O templo foi projetado, o local escolhido, deu-se início à construção após a cerimônia de escavação do solo. Por ocasião da dedicação, a imprensa internacional concentrou sua atenção nesse templo em seu ambiente incomum. Frequentes eram as perguntas “Como?” e “Por que?” Isto foi particularmente evidente durante a visita pública, durante a qual oitenta e nove mil oitocentas e setenta e duas pessoas percorreram o templo. O tempo de espera para entrar chegou a ser de três horas, vez por outra na chuva. Ninguém desistia. A todos foi mostrada a casa de Deus.

Durante a dedicação propriamente dita, quando o Presidente Hinckley proferiu a oração dedicatória, hinos de louvor, testemunhos da verdade, lágrimas de gratidão e preces de ação de graças marcaram o acontecimento histórico. Para se entender *como*, compreender *por quê*, é preciso conhecer a fé, devoção e amor dos membros da Igreja nesse país. Embora não cheguem a cinco mil, os índices de atividade excedem os de qualquer outro lugar no mundo.

Durante os muitos anos que venho servindo por designação nessa área, tenho notado a ausência de capelas espaçosas com múltiplas salas de aula e jardins gramados e floridos. As bibliotecas de capela bem como as

bibliotecas particulares de nossos membros consistem apenas das obras-padrão, um hinário e mais um ou dois livros. Mas eles não permanecem na estante. Seus ensinamentos estão gravados no coração dos membros, estão expostos em seu viver cotidiano. Servir é um privilégio. Um presidente de ramo, de quarenta e dois anos, vem servindo há vinte e um anos — metade de sua vida. Jamais uma queixa, apenas gratidão. Em Leipzig, quando a fornalha de calefação da capela deixou de funcionar num gelado dia de inverno, as reuniões não foram suspensas. Os membros se reuniram na capela gelada, sentados ombro a ombro, embrulhados nos capotes, e cantaram os hinos de Sião e adoraram aquele que aconselha: “Não vos canseis de fazer o bem”; “Vinde após mim”; “Sê humilde; e o senhor te conduzirá pela mão e responderá às tuas orações.” (II Tessalonicenses 3:13; Mateus 4:19; D&C 112:10.)

O Apóstolo Paulo ensinou aos coríntios: “Se alguém ama a Deus, esse é conhecido dele.” (I Coríntios 8:3.) O amor que esses membros fiéis têm a Deus, ao seu Filho, Jesus Cristo, e seu evangelho eterno é confirmado pela vida que levam. Faz lembrar o amor demonstrado pelo irmão de Jared, conforme conta o Livro de Mórmon. As bênçãos de um Pai Celestial amante, zeloso e justo simplesmente não podiam ser retidas. A fé precede o milagre. Agora são realizadas ordenanças eternas, feitos convênios infinitos. O amor de Deus voltou a abençoar seu povo.

Para aqueles que amam a Jesus, estas palavras proféticas têm um sentido sublime:

“Ouvi, ó céus, e dai ouvidos, ó terra, e regozijai-vos, vós, habitantes dela, pois o Senhor é Deus, e além dele não há nenhum Salvador.

“Grande é sua sabedoria, maravilhosos os seus caminhos... Seus propósitos não falham...

“Pois assim diz o Senhor: Eu, o Senhor, sou misericordioso e afável para com aqueles que me temem, e me deleito em honrar aqueles que me servem em retidão e verdade até o fim.

“Grande será a sua recompensa e eterna a sua glória.” (D&C 76:1-3, 5-6.)

Esta é a bênção reservada aos que amam Jesus. Possamos todos qualificar-nos para esta grande recompensa, essa glória eterna, eu oro em nome de Jesus Cristo, a quem amo e de quem testifico. Amém.

Pais Dignos, Filhos Dignos

Presidente Ezra Taft Benson
do Quorum dos Doze Apóstolos

“Ensinar se faz por preceito e exemplo, por palavra e ação. Um bom modelo é o melhor mestre. Por isso, a responsabilidade primordial do pai é dar bom exemplo.”



Falo-vos esta noite sobre o tema de pais dignos, filhos dignos. O Livro de Mórmon foi escrito para nós, destinado aos nossos dias. Suas escrituras devemos aplicar a nós. (Ver Néfi 19:23.)

Isto posto, consideremos a responsabilidade de ensinarem seus filhos, e a responsabilidade dos filhos de aceitarem a orientação dos pais. Como esta é uma reunião geral do sacerdócio, falarei de pais e filhos. Mas, logicamente, este conselho se aplica igualmente à família inteira.

Dizem as primeiras linhas do Livro de Mórmon: “Eu, Néfi, tendo nascido de boa família, fui, portanto, instruído sobre alguma coisa de todo o conhecimento de meu pai.” (1 Néfi 1:1.)

Bons pais ensinam seus filhos, e bons filhos escutam e obedecem. Ensinar se faz por preceito e exemplo, por palavra e ação. Um bom modelo é o melhor mestre. Por isso, a responsabilidade primordial do pai é dar bom exemplo.

Léhi, pai de Néfi, levava uma vida

exemplar. Teve uma visão em que viu “uma árvore, cujo fruto faria uma pessoa feliz”. (1 Néfi 8:10.) Essa árvore representava o amor de Deus. (Ver 1 Néfi 11:25.) Léhi provou do fruto, que lhe encheu a “alma... de uma imensa alegria”. (Ver o vers. 12.) Tendo testemunho de sua excelência, como próximo passo convidou sua família a prová-lo também.

Pais, eis o modelo divino: Como líder da família, primeiro Léhi ensinou pelo exemplo. Tomou a frente em retidão, convertendo-se a Cristo. Depois ensinou por preceito, dizendo: “Crede como eu creio.”

Qual era, pois, a responsabilidade de Néfi depois de receber essa orientação do pai? O Livro de Mórmon conta que Néfi, tendo ouvido todas as palavras do pai referentes ao que vira em visão, teve desejo de igualmente “conhecer essas coisas pelo poder do Espírito Santo, que é o dom concedido por Deus a todos os que o procuram”. (1 Néfi 10:17.)

Néfi escutou o pai, acreditou nele, mas queria saber pessoalmente pela mesma fonte da qual o pai obtivera conhecimento — a revelação. Os filhos dignos têm direito de receber do Pai Celestial confirmação das orientações recebidas de seus pais mortais. Revelação se percebe por revelação. Por isso, Néfi buscou diligentemente o Senhor e recebeu uma revelação, confirmando a revelação dada pelo pai à família.

O que os pais justos do Livro de Mórmon ensinavam aos filhos? Ensinavam-lhes muitas coisas; porém, a mensagem que tudo superava era “o grande plano do Deus Eterno”: Queda, Expição, renascimento, Ressurreição, Julgamento, vida eterna. (Ver Alma 34:9.) Enos diz que sabia ser seu pai um homem justo, “pois me instruiu em seu

idioma e também no saber e na advertência do Senhor — e bendito seja o nome de meu Deus por isso”. (Ênos 1:1.)

Aqueles do Livro de Mórmon a quem não foi ensinado nada referente ao Senhor, mas apenas concernente ao conhecimento terreno, tornaram-se um povo astuto e ímpio. (Ver Mosiah 24:5, 7.)

Nem todas as verdades têm idêntico valor. As verdades salvadoras são as de maior valor. Estas os pais ensinavam com clareza, frequência e fervor. Os pais de hoje fazem o mesmo?

Léhi ensinou a seu filho Jacó a respeito do sacrifício do Messias e da necessidade de sermos “quebrantados de coração e contritos de espírito”. Explicou-lhe que há “oposição em todas as coisas” e que o homem tem liberdade de “escolher a liberdade e a vida eterna” por meio do Senhor, ou o “cativeiro e a morte” pelo demônio, que deseja que todos os homens sejam “tão miseráveis como ele próprio”. (2 Néfi 2:7, 11, 27.)

A repetição é a chave da aprendizagem. Nossos filhos precisam que a verdade lhes seja repetida, especialmente por ouvirem tanta mentira por aí. Os pais dedicados do Livro de Mórmon lembravam constantemente as verdades de salvação a seus filhos. “Oh! Lembrai-vos, lembrai-vos, meus filhos, das palavras que o Rei Benjamim disse a seu povo!” dizia Helamã. “Sim, lembrai-vos de que não há nenhum outro caminho ou meio pelo qual o homem possa salvar-se, senão por meio do sangue expiatório de Jesus Cristo.” (Helamã 5:9.) “Meus filhos, lembrai-vos, lembrai-vos”, prosseguiu, “de que é sobre a rocha de nosso Redentor, que é Cristo, o Filho de Deus, que deveis construir os vossos alicerces”. (Helamã 5:12.)

Os pais devotos do Livro de Mórmon prestavam freqüente testemunho aos filhos. “Ó meus filhos, quisera que vos lembrásseis de que estas palavras são verdadeiras”, testifica o Rei Benjamim aos filhos. (Mosiah 1:6.) Alma presta testemunho ao filho Helamã, dizendo: “O saber que possuo vem de Deus.” (Alma 36:26.)

Importantes legados de família são conservados vivos no Livro de Mórmon. Alma ensinou a Helamã como ouvira seu avô profetizar. (Ver Alma 36:17.)

O Rei Benjamim fez com que seus três filhos “fossem instruídos em todo o saber de seus pais”. (Mosiah 1:2.) Eles



precisavam conhecer a linguagem dos escritos sagrados. Se não conhecessem as palavras adequadas, não poderiam tomar conhecimento do plano. Os mulequitas, não tendo escrituras, logo viram sua língua e fé corromper-se. (Ver Ômni 1:17.)

Os pais amorosos do Livro de Mórmon elogiavam os filhos, quando estes o mereciam. Alma elogia Shiblôn, dizendo: “Principiaste em tua juventude a te voltares para o Senhor.” (Alma 38:2.) Mórmon diz ao filho Morôni: “A Deus te recomendei.” (Morôni 9:22.) Nossos filhos precisam ser encorajados em seus feitos justos.

Quando os filhos se desviavam do caminho, os resolutos pais do Livro de Mórmon continuavam a instruí-los. Léhi exortava dois filhos rebeldes “com todo o amor de um terno pai, a que seguissem seus conselhos”. (1 Néfi 8:37.) Ele os advertia e lhes pedia que guardassem os mandamentos de Deus. (Ver 1 Néfi 8:37-38.)

Alma reprovou o filho Coriânton por sua conduta imoral, dizendo-lhe que o fato de muitos outros pecarem não era desculpa. (Ver Alma 39:4.) Disse-lhe francamente que sua conduta fazia com que muita gente não acreditasse nas palavras dele, Alma. (Ver Alma 39:11.) Depois lhe ensinou que “a iniquidade nunca foi felicidade”. (Alma 41:10.)

Por que os pais justos do Livro de Mórmon se preocupavam tanto com ensinar a palavra de Deus aos filhos? Diz o Rei Benjamim que era para cumprir os mandamentos de Deus. (Ver Mosiah 1:4.) Diz ainda que, não tivessem eles a posse das placas de latão contendo os mandamentos, teriam de “padecer na ignorância”. (Mosiah 1:3.) Será que a falta de ensino das escrituras em nosso lar, poderá fazer-nos padecer na ignorância hoje em dia?

Assim como Léhi e seus descendentes foram abençoados pelas placas de latão, as nossas escrituras devem ser uma bênção para nós. “E agora, meus filhos”, diz o Rei Benjamim, “eu quisera que vos lembrásseis de consultá-las diligentemente, para que isto vos beneficie, e quisera que guardásseis os mandamentos de Deus”. (Mosiah 1:7.) Em outras palavras, primeiro estudá-las, depois segui-las.

Com que idade começamos a ensinar essas verdades do evangelho aos filhos? Alma instruiu o filho Helamã enquanto ainda era jovem. (Ver Alma 36:3.) Nossos jovens não deveriam esperar até chegar ao campo missionário para familiarizar-se com as escrituras e chegar-se ao Senhor. Léhi diz que seu filho Jacó contemplou a glória do Senhor em sua juventude. (Ver 2 Néfi 2:4.) Imaginai o que aconteceria à nossa obra missionária, se mandássemos esse

tipo de rapazes.

Com que frequência os pais deveriam ensinar essas verdades aos filhos? O Rei Benjamim fala de ter os “mandamentos sempre diante de nossos olhos”. (Mosiah 1:5.)

Enos descreve assim o início de uma grande experiência espiritual: “Eis que sai para caçar animais nas florestas; e as palavras que freqüentemente havia ouvido de meu pai sobre a vida eterna e a alegria dos santos penetraram profundamente em meu coração. (Enos 1:3.) Notai a frase “que freqüentemente havia ouvido de meu pai”.

Em suma, o Livro de Mórmon, que é o livro mais correto na terra, mostra que cabe aos pais a principal responsabilidade de ensinar aos filhos o grande plano do Pai Eterno: Queda, Expição, renascimento, Ressurreição, Julgamento, vida eterna. Isto deve ser feito individualmente, bem como em família. Deve ser pregado e debatido, para que nossos filhos conheçam os mandamentos. Deve ser feito desde quando são jovens... e com frequência.

Que os pais ensinem os filhos como faziam os pais exemplares do Livro de Mórmon. E que nossos filhos, à semelhança de Néfi, escutem e obedecem, sabendo, por esses ensinamentos, que também nasceram de boa família, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

“Os Céus Manifestam a Glória de Deus”

Don Lind
Astronauta

“Levou-me longo tempo, muitos anos de preparação para ‘entrar em órbita’. Aprendi que as coisas importantes não se conseguem fácil ou rapidamente. Aprendi que a persistência vale a pena. Aprendi, também, que é preciso estar preparado para quando surge a oportunidade.”



Irmãos, sinto-me honrado em estar com vocês nesta noite. Na vida profissional, convivo com algumas pessoas bastante conhecidas e muito competentes, tanto astronautas como cientistas. Na qualidade de astronauta, faço parte de diversos organismos científicos e governamentais. Fui membro de alguns comitês que têm tomado decisões bastante importantes no programa espacial, envolvendo muito dinheiro e a carreira de muitas pessoas. Mas posso dizer, honestamente, que me impressiona muito mais ser membro do sacerdócio desta Igreja do que de qualquer outra organização a que pertencço. As outras são organizações dos homens. É uma honra integrá-las, porém sua existência é passageira. O sacerdócio existirá para sempre. Estou mais preocupado em ser digno de associar-me com vocês, irmãos do sacerdócio, do que com qualquer outro grupo de pessoas com quem já trabalhei.

Pouco depois da conferência de abril próximo passado, estava-me preparando para uma das mais emocionantes viagens que consigo imaginar. No dia 29 de abril, nossa equipe subiu e entrou em órbita com a espaçonave *Challenger*, a fim de realizar a missão científica chamada “Spacelab 3”. Foi uma viagem impressionante e uma grande emoção pessoal. Muitos de vocês, tenho certeza, já viram o lançamento de uma espaçonave pela televisão. Posso assegurar-lhes que é tão emocionante quanto parece.

Fiquei surpreso com minha própria calma, quando ocupamos nossos lugares umas duas horas e meia antes do lançamento. À medida que a contagem regressiva se foi aproximando mais e mais da hora do lançamento, permiti-me só um bocadinho de comoção. Ouvindo o estrondo dos reatores vindo lá de baixo de mim, o fluxo de adrenalina aumentou perceptivelmente. E quando ouvi o súbito e terrível ribombo da partida do pesado foguete e senti o *Challenger* arrancar, estava tão alvoroçado como um garotinho indo ao circo.

Com sete e meio milhões de libras de empuxo pressionando a gente contra o assento com o triplo de seu peso normal, a velocidade aumenta depressa. No momento em que o combustível acaba, é preciso estar a uma velocidade suficiente, para que a força centrífuga nos conserve em órbita, isto é, a vinte e oito mil quilômetros por hora. Viajar a essa velocidade é uma experiência e tanto. Ao entrar em órbita, percorremos a distância do Cabo Canaveral, que fica na Flórida, até além de Boston, no norte, em pouco mais de oito minutos.

Quando se atinge a velocidade orbital, os reatores se desligam de repente, e tudo fica muito silencioso. Eu flutuava contra os tirantes que me prendiam os ombros. Dois manuais subiram no ar até onde permitiam suas trelias, oscilando à minha frente, lembrando as algas gigantes que eu via nos mergulhos com respirador. Sabia que era a ausência de gravidade. E fiquei simplesmente recostado no assento por alguns minutos, saboreando o fato de encontrar-me finalmente no espaço.

Na semana seguinte, nossa equipe realizou umas quinze experiências bastante complicadas no laboratório instalado no compartimento de carga da espaçonave.

A entrada em órbita fora uma experiência emocionante, enquanto a saída dela já não era tão grande novidade, pois eu já me acostumara ao espaço. No entanto, era igualmente séria. Quando se está devidamente treinado, não se sente medo, mas um grande respeito pela enorme energia envolvida e, portanto, pelo risco inerente. A gente tem consciência de que cada procedimento precisa ser cumprido precisamente, sem erro.

Devíamos aterrar na Base Edwards da Força Aérea, um pouco ao norte de Los Angeles, mas iniciamos o reingresso na atmosfera a nordeste da ilha de Madagascar, passando ao sul da Austrália e em seguida rumo ao norte pelo Pacífico na volta para casa. O reingresso é uma manobra nada fácil. Não há maneira de levar combustível suficiente durante o vôo orbital para diminuir a velocidade com os reatores. O combustível disponível basta apenas para um “cutucão” que rebaixa a órbita para a margem extrema da atmosfera, quando se faz uma manobra realmente inteligente. Entra-se na atmosfera na pior posição aerodinâmica possível — de barriga. Isto provoca uma terrível onda de choque aerodinâmica. Mas ela diminui a velocidade da espaçonave sem usar uma só gota de combustível. Sua energia cinética é convertida no calor da onda de choque.

Isto tudo é muito engenhoso, só que a temperatura dessa onda de choque chega a três mil graus centígrados, bem superior ao ponto de fusão dos astronautas. É por isso que nos preocupamos tanto com as placas antitérmicas que revestem a parte inferior da espaçonave. Ao reingressarmos na atmosfera, elas ficam

incandescentes. Na verdade, todo o ar em volta da nave fica vermelho-fogo. Do solo nos parecemos exatamente com um meteoro cruzando o firmamento. Olhar pela janela através dessa bola de fogo é uma experiência impressionante. Damo-nos conta de que estamos numa fornalha ardente, muitíssimo mais quente que a preparada para Sadraque, Mesaque e Abednego. (Ver Daniel 3:12-30.) E a NASA não nos pode garantir a proteção de Deus de que eles gozavam.

A espaçonave da qual dependia nossa vida, funcionou perfeitamente. Estou pessoalmente convencido de que o Senhor zelou por nós, promessa que me fora feita numa bênção especial que recebi antes do lançamento. Esta bênção se cumpriu em todos os pormenores, pelo que sou grato ao Pai Celestial.

Estou certo de que a imagem geral do vôo espacial é de máquinas impressionantes, enormes chamas e precisão da tecnologia avançada. E não está errada. Mas para mim, houve ainda muitas sensações especiais, pessoais e particulares. Algumas delas agradáveis. Viver na ausência da gravidade é uma delícia. A capacidade de flutuar para qualquer canto do laboratório e pousar como o pardal na menor saliência, me fez sentir como se estivesse vivendo meus mais loucos sonhos de menino.

Algumas de minhas sensações pessoais foram profundamente espirituais. Contemplar a terra lá de cima do espaço é absolutamente incrível. Eu sabia de antemão o que iria ver. Intelectualmente eu estava preparado para o que via, mas não emocionalmente. O mundo é enorme. Eu sabia disso. Mas contemplar a imensa, magnífica esfera girando lentamente lá embaixo, foi assoberbante. Não tenho como descrever como realmente é, e nenhuma chapa fotográfica consegue fazer-lhe a mínima justiça. A visibilidade era obviamente excelente, mas fiquei assombrado com a intensidade das cores. Calculo que havia uns vinte matizes de intenso azul na mudança da atmosfera do cinzento do horizonte curvo, até o incrível vácuo negro do espaço. E quando se olha para um grupo de ilhas, vêem-se centenas de tons de azul, verde e castanho-amarelado impossíveis de descrever.

A primeira vez que tive um minuto de folga para simplesmente ficar admirando a terra, a beleza absoluta do panorama trouxe-me lágrimas aos

olhos. Na ausência da gravidade, as lágrimas não rolam simplesmente pelas faces; ficam diante do globo ocular crescendo mais e mais, e dali a instantes a gente se sente um peixe de olhos arregalados, olhando através da superfície do aquário.

Tentem, agora, imaginar o que senti, admirando tal panorama com fragmentos de meia dúzia de escrituras espocando na mente. “Os céus manifestam a glória de Deus. (Salmo 19:1.) Quem viu os céus, viu “Deus obrando em sua majestade e poder”. (D&C 88:47.) Estou certo de que vocês conseguem imaginar como me senti próximo ao Pai Celeste ao contemplar lá embaixo uma das suas maravilhosas criações. Fiquei realmente emocionado com a percepção intensificada do que ele fez por nós como Criador de nossa terra. Foi uma das mais tocantes experiências de minha vida.

Outra experiência muito íntima foi tomar o sacramento em órbita. Como ficamos uma semana inteira no espaço, logicamente passamos um domingo lá. O bispo havia-me dado permissão para realizar meu próprio serviço sacramental. Foi um pouco estranho. Os sacerdotes aqui presentes poderiam imaginar como é tentar ajoelhar-se na ausência da gravidade; não se consegue ficar parado. Para ter privacidade, realizei o serviço sacramental no meu “alojamento”, algo parecido com um beliche dos carros dormitórios de um trem. Ajoelhei-me no que vocês considerariam o teto, com os ombros escorados contra meu beliche, para não sair flutuando. Foi uma experiência assaz extraordinária. Lembrar-me-ei desse serviço sacramental e da renovação dos convênios batismais lá do alto, acima da terra, durante toda minha vida. Senti parte daquela sensação especial que geralmente só se tem ao passar pelo templo.

Pouco após o vôo, tive oportunidade de mostrar o centro espacial à Irmã Sharlene Wells, nossa Miss América. Ela perguntou-me se não causava desconforto ser lançado no espaço de cabeça para baixo. Expliquei-lhe que lá no espaço, a pessoa se sente sempre de cabeça para cima e parada. A terra é que gira abaixo da gente. Se a cabeça de alguém estiver junto de seus pés, é ele quem está de cabeça para baixo. No lançamento, a terra simplesmente gira para uma posição acima de sua cabeça, mas isto é problema dela.

Mais tarde, durante um serão, a Irmã Wells comentou uma situação que julgo



muito significativa. Com referência a muitas coisas que fazemos, o mundo acha que estamos totalmente “de cabeça para baixo”. Acham nossos valores morais uma tolice, nossos padrões restritivos e nossas crenças curiosas, mas simplesmente ultrapassadas. O importante, porém, é que nós nos conservemos na posição correta, alinhados com o Senhor, mesmo que com isso o mundo inteiro pareça estar de cabeça para baixo.

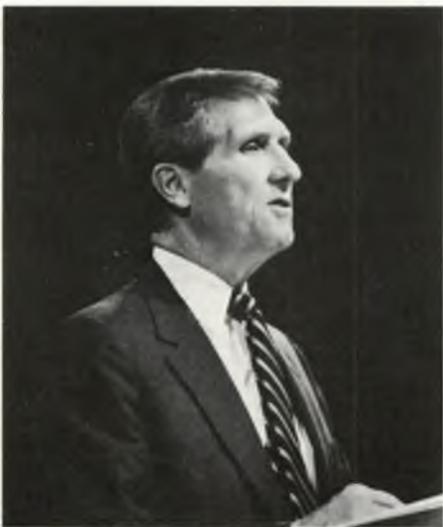
Levou-me longo tempo, muitos anos de preparação para conseguir “entrar em órbita”. Aprendi que as coisas importantes não se conseguem fácil ou rapidamente. Aprendi que a persistência vale a pena. Aprendi, também, que é preciso estar preparado para quando surgir a oportunidade. Comecei a preparar-me para o programa espacial muito antes de haver um programa espacial. Consegui passar no exame físico de seis dias dos astronautas por sempre ter guardado a Palavra de Sabedoria. Quando começaram a aceitar inscrições para o programa de astronautas, eu já terminara os estudos. Já sabia pilotar aviões a jato. Quando fizeram uma pesquisa no FBI a meu respeito, não encontraram em meu prontuário nada que me desqualificasse. Vocês, rapazes do Sacerdócio Aarônico, nesta noite já começaram a preparar-se para o que virão a ser algum dia. Eu os incentivo a se prepararem bem.

Irmãos, é uma honra estar com vocês esta noite. Presto-lhes testemunho de que estamos empenhados na obra do Senhor. Ele vive, dirige a sua Igreja, estes irmãos aqui junto ao púlpito são seus servos escolhidos. Presto-lhes este testemunho em nome de Jesus Cristo. Amém.

A Corda Salva-Vidas do Evangelho

Élder Rex D. Pinegar
do Primeiro Quorum dos Setenta

“Agarremo-nos à corda salva-vidas do Senhor, aceitando-o como nosso Salvador e estendendo essa corda a outros: nossos familiares, nossos amigos e àqueles que fomos chamados a servir.”



Anos atrás, servindo no *USS Bairoko*, tive uma experiência que me ensinou como é importante dispor de uma corda salva-vidas confiável. Nosso porta-aviões operava ao largo da costa coreana, em águas bastante agitadas. Quando um dos aviões de combate Corsair tentava pousar, o navio jogou repentinamente, e o avião bateu com força na pista de aterragem, deu um salto mortal e caiu emborcado, parte sobre a amurada e parte sobre a água. O piloto foi resgatado por uma equipe de homens ligados por uma corda salva-vidas que lhes permitiu descer pela asa do avião até a carlinga. Para retirar o aparelho, entretanto, foi preciso armar um grande guindaste.

A lança ou braço do guindaste estava encaixado num berço ou suporte, distante dois a três metros do costado da pista de aterragem, sobre o mar. A perigosa tarefa de “soltar” a lança coube a mim.

Enfiei uma jaqueta salva-vidas, tendo

uma corda de segurança envolvendo minha cintura e passando entre as pernas, e presa num cunho de aço do convés. Três homens ficaram segurando a corda para me salvar, caso eu caísse de meu precário apoio.

De bruços, com braços e pernas em torno da lança, fui avançando cuidadosamente sobre as águas revoltas. Os homens que seguravam a corda me asseguravam de que não me deixariam despencar, pelo menos não muito.

Alcançando o berço de sustentação, encontrei o contrapino e porca um tanto enferrujados, após meses passados no mar. Parecia necessário bastante força para destarrachá-los, tarefa nada fácil quando se está sentado de pernas abertas na lança roliça e escorregadia.

Com a chave no lugar, inclinei-me para diante, dando um forte safanão, esperando que a porca resistisse. Mas ela cedeu inesperadamente, e a força do meu impulso me fez perder o equilíbrio. Surpreendentemente, contudo, em lugar de cair no mar, dei um giro completo na lança e parei em cima dela outra vez. Agarrando-me no suporte de aço, consegui firmar-me. Os homens que seguravam a corda salva-vidas resistiram com firmeza, cuidando atentamente da corda e dando-me, assim, toda a proteção e segurança possíveis.

Logo o guindaste estava armado, o avião recuperado, e a guarnição havia voltado a suas tarefas habituais.

Dias mais tarde, aportamos no Japão. E lá me esperava uma carta de mamãe. Após palavras de saudação e notícias da família, mamãe escrevera: “Nós procuramos não nos preocupar demais com você, Rex. Oramos por você todos os dias.”

Minha recente experiência aflitiva no

mar deixara-me grato pela resistência e apoio de uma corda salva-vidas nas mãos de homens fortes e confiáveis. A carta de minha mãe lembrava-me a mais segura e confiável corda salva-vidas, o Evangelho de Jesus Cristo. É uma corda absolutamente segura nas mãos de Deus. Agarrando-me a ela e vivendo por ela, terei a segurança da vida eterna.

Há poucas semanas fui ao batismo de um homem que conheço há muitos anos. Que ocasião prazerosa. Rodeado pela esposa de quarenta e sete anos, os filhos, netos e outros entes queridos, esse bom homem entrou na pia batismal e fez convênio com o Senhor, tornando-se um membro da Igreja que há muito vinha apoiando e prestigiando.

Desde o dia em que trouxe a noiva mórmon para formar um lar no seu amado Sul, ele respeitou as crenças dela e seu desejo de ensiná-las aos filhos. Como não havia um ramo da Igreja na pequena cidade, a casa deles tornou-se o primeiro local de reuniões para os poucos membros da Igreja que sua mulher conseguiu localizar e convidar a adorar com eles. Sua casa estava sempre aberta para os missionários, que lá podiam contar com uma boa refeição e um lugar para dormir. (Sua esposa se lembra de que, certa vez, quatorze missionários dormiram uma noite lado a lado, de uma parede a outra, na sua pequena casa.)

Enquanto sua fiel mulher e filhos labutavam com os missionários para edificar a Igreja e o número de membros já não cabia mais na casa deles, ele apoiou financeiramente o ramo, a ala e finalmente a sede da estaca, à medida que foram sendo construídos.

Durante esses anos, o evangelho foi uma corda salva-vidas que permitiu a essa esposa conservar a esperança e a confiança no Senhor. Foi a força que manteve essa família unida.

Entretanto, as bênçãos plenas que o Senhor oferece eram inatingíveis pela família, até que o pai e marido se fizesse digno e estivesse disposto a fazer o convênio do batismo e receber o sacerdócio de Deus. Agora essa família pode antecipar as ordenanças exaltadoras do templo e a corda salva-vidas para a vida eterna, que não podiam prover sozinhos.

Certo dicionário define *corda salva-vidas* ou *linha de salvação* como “qualquer coisa que preserve ou ajude a preservar algo incapaz de subsistir por si só”.



Saudando amavelmente o Elder M. Russell Ballard, à esquerda, como novo membro do Quorum dos Doze, estão os membros do Quorum Dallin H. Oaks, Russell M. Nelson, e apertando as mãos, Neal A. Maxwell.

Essa corda deve estar presa nalguma coisa fixa, capaz de resistir à pressão e tensão de forças opostas, permanecendo firme em seu lugar.

O sacerdócio ancora a linha de salvação do evangelho ao Pai Celestial, exatamente como qualquer corda salva-vidas está amarrada a um lugar seguro.

“Portanto, todos os que recebem o sacerdócio, recebem este juramento e convênio do meu Pai, que ele não pode quebrar, nem pode ser removido.” (D&C 84:40.)

Como portadores do sacerdócio, irmãos, temos uma grande e magnífica responsabilidade.

A plenitude das bênçãos e promessas de Deus na vida de nossa esposa e filhos depende de nossa dignidade e liderança em retidão.

Dizia o Presidente N. Eldon Tanner, falando numa reunião do sacerdócio:

“Não podeis imaginar e estimar a influência que o sacerdócio desta Igreja exerceria no mundo inteiro, se todo homem magnificasse o sacerdócio.

Irmãos, o sacerdócio é uma influência e força estabilizadora, quando magnificado. Toda esposa e mãe tem o legítimo direito e responsabilidade de buscar amparo, força e orientação do marido que tem o sacerdócio. E a ele cabe a responsabilidade de magnificar esse sacerdócio, a fim de ser capaz de prover essa orientação, segurança e força necessárias no lar.” (*Seek Ye First the Kingdom of God*, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1973, p. 177.)

Estudos recentes realizados para o Conselho Executivo do Sacerdócio da Igreja, visaram determinar que fatores na formação de um jovem na Igreja poderão predizer seu futuro desempenho. (Ver *Ensign*, dezembro de 1944, pp. 66-68.)

Verificamos que dois fatores exercem a maior influência sobre o desejo de um rapaz de conservar-se moralmente limpo, cumprir missão e casar-se no templo. São eles: Vivência religiosa no lar (como oração em família, noite familiar, estudo familiar das escrituras),

e concordância com os pais quanto a valores e metas para o futuro. Estas duas influências provaram ter maior impacto sobre o desenvolvimento desses desejos essenciais do que todos os outros fatores conjugados.

Essas verificações confirmam a importância do pai, como patriarca da família e seu principal líder eclesiástico, em dar bom exemplo, tornando operante e efetiva essa linha de salvação em sua própria vida, para depois estendê-la a sua família. Exatamente como Lêhi, do Livro de Mórmon, que, tendo tido uma visão da importância do fruto do Evangelho de Jesus Cristo convidou sua família a dele participar, os pais de nossa Igreja hoje devem igualmente participar do fruto do evangelho e depois estender esta linha de salvação à esposa e filhos. E assim como Néfi foi obediente ao pai e participou fiel e voluntariamente do fruto do evangelho, e recebeu suas bênçãos, também hoje todo filho deve agarrar-se firmemente à barra de ferro,



a corda salva-vidas do evangelho mencionada por Néfi, e, como este, seguir o exemplo justo de seu pai e líderes do sacerdócio.

O Presidente Tanner disse aos rapazes do sacerdócio: “Rapazes, nós temos responsabilidade para com nossas irmãs.” Explicou que as jovens devem poder olhar com respeito para o portador do sacerdócio, tenha ele doze anos ou mais, e que “tem o direito de ver nele um exemplo vivo do que o sacerdócio deve ser, e nele buscar força, conselho e orientação, e sentir-se seguro com ele”. (*Seek Ye First the Kingdom of God*, p. 177.)

Disse que toda namorada deve poder sentir que um portador do sacerdócio faria qualquer coisa, “até mesmo dar a própria vida para proteger sua feminilidade e virtude, jamais pensando em privá-la dela, se estiver magnificando o sacerdócio; e ele não se sentirá tentado a fazê-lo, ao se lembrar do sacerdócio que porta e a responsabilidade que tem”. (Conference Report, abril de 1973, p. 124.)

Um portador do sacerdócio atua como uma espécie de mediador entre o

povo e Deus, representando-o oficialmente no culto e nas ordenanças sagradas. Visto representar Deus, ele não pode assumir esse ofício por si, mas tem de ser chamado por Deus. Em certo sentido, o portador desse poder e autoridade do sacerdócio delegados por Deus, pertence a Deus. Tem de ser santo e puro diante dele. Representa o Senhor e age como seu agente quando está oficiando ou desempenhando seus deveres eclesiais. Esses direitos do sacerdócio estão inseparavelmente ligados aos poderes dos céus e, portanto, só podem ser exercidos ou utilizados efetivamente com base na retidão pessoal. (Ver D&C 121:36.)

Precisamos tentar traçar nosso próprio curso, irmãos. A linha de salvação do Senhor já está estabelecida como um guia e auxílio seguros. Quando um líder do sacerdócio deixa de seguir o programa do Senhor, ele corta essa linha, negando a si próprio e aos que foi chamado a servir, a orientação divina do Senhor.

Como mordomos desse grande poder e autoridade do sacerdócio, compartilhamos responsabilidade eterna com o Senhor. Nós, guardiães da linha de salvação do Senhor para seu povo, precisamos nos manter firmes, como fizeram aqueles três homens encarregados de segurar a corda salva-vidas no *Bairoko*, cuidando dela com firmeza e devoção, para que os que dependem da linha de salvação do evangelho estejam em segurança.

Houve outra ocasião em minha curta carreira naval, quando as cordas salva-vidas se tornaram muito importantes. Nosso navio encontrava-se no mar, ao sul do Japão, quando fomos atingidos por um furacão. O mar ficou tão turbulento, que foi preciso instalar cordas salva-vidas ao longo dos conveses corridos e em todos os corredores e passagens. Durante três dias, a tormenta fez o navio jogar pesadamente em todas as direções, tornando perigoso ir a qualquer parte sem se agarrar a uma corda salva-vidas. Até mesmo as tarefas mais comuns da vida a bordo eram difíceis de cumprir sem se agarrar a elas. Somente um marinheiro maluco ou inexperiente se aventura pelas obras mortas, numa tormenta, sem uma corda salva-vidas. Ele sabe que até mesmo com mar calmo se conserva à mão uma corda salva-vidas.

Líderes do sacerdócio, apeguemo-nos firmemente ao Evangelho de Jesus Cristo. Agarremo-nos à corda salva-

-vidas do Senhor, aceitando-o como nosso Salvador e estendendo essa corda a outros: nossos familiares, nossos amigos e àqueles que fomos chamados a servir. Ela é a nossa linha de salvação eterna para nos sustentar, não apenas nas horas de emergência e crise, mas nos fornecer conselho e orientação nas decisões e desafios do cotidiano.

Quero terminar com palavras de um de meus poetas prediletos.

A Corda Salvadora
Kristen Pinegar
30 de setembro de 1985

*Minha vida, antes, seguia ao acaso,
Confusa me sentia, o coração tão frio,
Até que luz e verdade meu rumo se tornaram,
Apanhada, segura, na corda de salvação.*

*Agora, ao embate de ondas revoltas
Da dúvida sobre o certo e errado,
Quando o ímpeto surge, de cair,
A corda me puxa para lugar seguro.*

*Quando ímpios desejos de fama e riqueza,
Me instam a viver à maneira do mundo,
A corda lança-me os vãos pensamentos
E me vergasta, trazendo-me à razão.*

*Quando o mundo inteiro desaba,
Quando tudo, amigos, parentes,
deserta,
Dentre os destroços surge o consolo:
A corda salvadora amaina minha dor.*

*A ela apegar-me dá-me forças e poder,
Muito além de meu humano ser,
Para abençoar e dar aos que de mim precisam,
E com eles partilhar o amor que vejo.*

*A senda da vida leva a gozo não sabido,
Quando me guio pela corda que salva.
Cada passo dado traz paz, serenidade,
Enquanto vou segura, ao seu lado seguindo.*

*A tão fiel amiga em quem confiamos,
Ancora-se num lugar que não vejo.
Como sonho conhecer sua origem,
E o Salvador face a face encontrar!*

*Oh! quando eu morrer, e minha vida,
Perante meus olhos desfilar por inteiro,
Hei de reconhecer a mão do Redentor,
E saber que me salvou foi a sua corda!*

Em nome de Jesus Cristo. Amém.

O Juramento e Convênio do Sacerdócio

Élder Carlos E. Asay

da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

“Não nos tornamos instantaneamente os eleitos de Deus por receber o sacerdócio. Esta honra só nos virá à medida que nos lembrarmos do convênio do sacerdócio e nos conduzirmos de acordo com ele.”



De todos os sagrados pactos pertinentes ao Evangelho de Jesus Cristo, poucos, se é que os há, transcendem a importância do juramento e convênio do sacerdócio. É, sem dúvida, um dos mais sagrados pactos, pois envolve a cessão de poderes celestes e a busca de metas eternas pelo homem. Nenhum de nós pode-se dar o luxo de desconhecer os termos desse contrato. Fazê-lo, poderia implicar insucesso no desempenho de nosso dever e resultar na privação de bênçãos prometidas.

Um convênio do evangelho é um pacto sagrado. “Deus estabelece os termos à sua vontade, que o homem aceita.” (Bible Dictionary, LDS Ed., sv. “covenant”.)

As duas partes no convênio do sacerdócio são o homem e Deus. O homem concorda em fazer certas coisas ou preencher certas condições; Deus cita as promessas que faz em troca.

O Convênio do Homem

Janeiro de 1986

1. *Receber o Sacerdócio de Melquisedeque de Boa Fé.* Quando o Sacerdócio de Melquisedeque é conferido a um homem, espera-se que ele o *receba* de boa fé. A palavra *receber* é usada generosamente nos versículos de Doutrina & Convênios que falam do juramento e convênio do sacerdócio:

“Todos os que recebem este sacerdócio, a mim me recebem, diz o Senhor...”

“E aquele que me recebe a mim, recebe o meu Pai;

“E aquele que recebe meu Pai, recebe o reino de meu Pai.” (D&C 84:35, 37-38.)

Quando uma pessoa é confirmada membro da Igreja, aqueles em autoridade colocam as mãos sobre a cabeça dela e ordenam: “Recebe o Espírito Santo.” O mesmo não se aplica no conferimento do poder do sacerdócio? Anos atrás, meu pai colocou as mãos sobre minha cabeça, para me conferir o Sacerdócio de Melquisedeque e, como diz no Velho Testamento, conceder-me de sua “glória” e dar-me “mandamentos”. (Ver Números 27:18-23.) Eu sabia que ele tinha poder para conferir, sabia que esse poder era real e conhecia a fonte suprema dele. Assim, recebi o santo sacerdócio de boa fé.

2. *Magnificar os Chamados.* O Presidente Kimball define *sacerdócio*, em parte, como “meio pelo qual o Senhor atua através de homens para salvar almas”. (*Ensign*, junho de 1975, p. 3.) Esta definição sugere ação, e não inação. Significa que o poder do sacerdócio deve ser exercido em benefício de outras pessoas; não é algo para se ter ou simplesmente gloriar-se nele. Sugere que os chamados do sacerdócio devem ser *magnificados*.

As bênçãos do sacerdócio não se obtêm só pela ordenação. É-nos ensinado:

“A ordenação ao sacerdócio é um requisito prévio para receber (bênçãos), mas não as garante. Para que um homem realmente as consiga, ele tem de cumprir fielmente a obrigação que assume ao receber o sacerdócio.” (Marion G. Romney, Conference Report, abril de 1962, p. 17.)

O que quer dizer magnificar um chamado? Segundo o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, “magnificar” é “engrandecer, exaltar; ampliar as dimensões de; aumentar; mostrar-se grande”. O homem magnifica seu chamado:

* Aprendendo o dever e cumprindo-o plenamente. (Ver D&C 107:99-100.)

* Dando o melhor de seus esforços no desempenho de suas funções.

* Consagrando tempo, talentos e recursos à obra do Senhor, conforme designação de nossos líderes e os sussurros do Espírito. (Ver Spencer W. Kimball, *Ensign*, março de 1985, p. 5.)

* Ensinando e exemplificando a verdade.

Testificou Jacó, o profeta do Livro de Mórmon: “E nós magnificamos o nosso ofício para o Senhor, tomando sobre nós a responsabilidade... (de ensinar) com diligência a palavra de Deus... trabalhando com toda nossa força.” (Jacó 1:19.)

Resalto as palavras *tomando sobre nós a responsabilidade, ensinar com diligência a palavra de Deus e trabalhando com toda nossa força* desta citação inspirada. São ações críticas relacionadas ao exercício do poder do sacerdócio.

3. *Obedecer aos Mandamentos.* Na revelação sobre o sacerdócio, lemos: “E agora vos dou o mandamento de que... atendeis diligentemente às palavras de vida eterna.” (D&C 84:43.) “Atender diligentemente”, creio, inclui *obedecer* aos mandamentos.

Cada mandamento ou requisito do evangelho é importante. Cada qual tem seu lugar, todos devem ser respeitados. Não se deve menosprezar nenhum deles ou pô-lo de lado como inconveniente.

A pessoa que decide obedecer a um mandamento e ignorar outros é tão insensata quanto o motorista que obedece estritamente ao limite de velocidade indicado, mas atravessa todos os semáforos vermelhos e comete outras infrações de trânsito.

Lembre-mos de que todo mandamento de Deus é acompanhado



Elder Eldred G. Smith, Patriarca da Igreja.

de uma promessa de bênçãos. Se esperamos receber as bênçãos, precisamos guardar o mandamento. Se, pelo contrário, ignoramos ou violamos o mandamento, somos amaldiçoados com a perda da bênção. (Ver Deuteronômio 11:26-28.) É uma disposição muito simples, mas séria.

4. Viver Segundo Toda Palavra de Deus. Dirigindo-se aos portadores do sacerdócio, diz o Senhor: “Pois *viveréis* de toda a palavra que sai da boca de Deus.” (D&C 84:44; grifo nosso.) Esta injunção reforça a necessidade de obediência, além de sugerir que é preciso conhecer a palavra do Senhor.

As palavras de vida eterna provêm de uma só fonte: Deus. São colocadas à nossa disposição pela fonte das escrituras e pela fonte dos profetas vivos, e confirmadas pela revelação pessoal pelo poder do Espírito Santo.

Estudando as escrituras, sentamo-nos aos pés de profetas como Abraão, Isaias, Pedro, Paulo, Néfi, Morôni e Joseph Smith. Estes homens receberam revelações no passado, tendo muita sabedoria para compartilhar conosco. O conselho deles poderia ser comparado com uma luz colocada às costas e que nos ajuda a entender coisas de outros tempos e dando-nos uma visão parcial do futuro.

A fim de recebermos mais luz, luz posicionada à nossa frente e acima de nós, temos que nos assentar aos pés dos profetas vivos, como estamos fazendo esta noite. Nenhum de nós precisa

andar aos tropeços ou desviar-se do caminho na presença de tal luz. Basta-nos manter os olhos fixos nos profetas, acatar suas advertências e viver segundo suas palavras inspiradas.

Os portadores do sacerdócio deveriam gravar estas palavras a fogo na mente:

“O que eu, o Senhor, falei, disse e não me escuso... minha palavra... será inteiramente cumprida, seja pela minha própria voz, ou pela de meus servos, não importa.” (D&C 1:38; ver também vv. 11-14.)

Eu disse que o homem que recebe o Sacerdócio de Melquisedeque concorda com (1) recebê-lo de boa fé, (2) magnificar os chamados que receber, (3) obedecer a todos os mandamentos e (4) viver segundo toda palavra de Deus. Estas quatro expectativas constituem o seu acordo solene no que diz respeito ao juramento e convênio do sacerdócio.

Agora, consideremos as promessas e juramento de Deus. Poderíeis perguntar: “Se eu cumprir a minha parte do acordo, o que Deus me promete em troca?” Consideremos três promessas:

Promessas e Juramento de Deus

Primeira Promessa: Seremos Santificados pelo Espírito. Atentai para estas palavras:

“Pois aqueles que forem fiéis até a obtenção destes dois sacerdócios dos quais falei (Sacerdócio Aarônico e de Melquisedeque), e magnificarem os seus chamados, serão santificados pelo Espírito para a renovação de seus corpos.” (D&C 84:33.)

Certa ocasião, o Presidente Hugh B. Brown testemunhou que o Presidente David O. McKay fora santificado pelo Espírito para a renovação de seu corpo, acrescentando: “Alguns de nós estamos em melhor condição hoje do que anos atrás no que concerne à saúde física, e atribuímos este fato à bênção (do Senhor).” (Conference Report, abril de 1963, p. 90.)

Temos sentido a influência dessa “promessa de renovação”. Sem ela, inúmeros encargos não teriam sido cumpridos.

Segunda Promessa: Seremos Contados com os Eleitos de Deus. Está dito dos que receberam o santo sacerdócio e permanecem fiéis a seus convênios: “Eles se tornam os filhos de Moisés e de Aarão e a semente de Abraão, e a igreja e o reino, e os eleitos de Deus.” (D&C 84:34.)

Explica o Élder Bruce R. McConkie: “Esses são a porção dos membros da Igreja que se empenham de todo o coração em guardar a plenitude da lei do evangelho nesta vida, a fim de poderem tornar-se herdeiros da plenitude das recompensas do evangelho na vida vindoura.” (Mormon Doctrine, 2ª ed., Salt Lake City: Bookcraft, 1066, p. 217.)

Não nos tornamos automaticamente santos entrando nas águas do batismo. Tornamo-nos santos, no legítimo sentido da palavra, à medida que levamos uma vida piedosa e cultivamos atributos cristãos. Semelhantemente, não nos tornamos instantaneamente os eleitos de Deus por receber o sacerdócio. Esta honra só nos virá à medida que nos lembramos do convênio do sacerdócio e nos conduzimos de acordo com ele.

Terceira Promessa: Tudo o Que Deus Possui Nos Será Dado. Esta promessa que tudo abrange é formulada assim por Cristo: “Tudo o que meu Pai possui ser-lhe-á dado.” (D&C 84:38.)

Poucos, suponho, conseguem compreender plenamente o que esta promessa significa. Embora saibamos que inclui a vida eterna, ou a herança da exaltação, ainda assim é tão grande, tão maravilhosa que frustra uma explicação condizente. A mim me basta saber que Deus é meu Pai Celeste e que ele me abençoará com tudo o que tem a oferecer, se eu provar ser um filho fiel.

Quedo-me em humilde adoração ao Criador, quando me dou conta de que ele afiançou e confirmou sua parte do acordo com um juramento. (Ver Hebreus 6:13-17.) Ele jamais deixará de ser fiel à promessa, nem a anulará ou comprometerá no mínimo grau —

Talvez eu possa elucidar melhor tudo o que falei a respeito do juramento e convênio do sacerdócio, contando uma história verídica.

O filho de um homem muito abastado foi chamado para uma missão de tempo integral. Chegando ao campo missionário, pôs-se a trabalhar. A princípio, tudo correu bem; porém, ao começar a enfrentar recusas e outras dificuldades em encontrar e ensinar pessoas, sua fé começou a vacilar.

Os companheiros de missão procuraram incentivá-lo, mas parecia não adiantar. Um dia, o jovem comunicou ao presidente da missão que estava abandonando seu chamado; ia voltar para casa. O presidente fez tudo para dissuadi-lo, mas foi inútil.

Quando o pai soube da decisão do

filho, obteve permissão para visitá-lo no campo missionário. Em uma das muitas conversas tensas que tiveram, o pai disse:

“Filho, tenho vivido para o dia em que você cumpriria missão de tempo integral. E isto porque eu amo você e amo a Deus. E sei que não existe trabalho mais essencial do que o de ensinar a verdade aos povos do mundo.”

Tocado pelas palavras do pai, o filho respondeu mansamente: “Pai, eu não sabia que a missão significava tanto para o senhor.”

“Ela significa tudo para mim”, replicou o pai, acrescentando com emoção: “Trabalhei e economizei a vida inteira com uma pessoa em mente: você. Meu único objetivo tem sido deixar-lhe uma herança decente.”

“Mas, pai”, interrompeu o filho, “o trabalho é tão difícil e eu não gosto...”

Não permitindo que terminasse a frase, perguntou:

“Como poderei confiar-lhe meus negócios, se você não é capaz de servir ao Senhor dois curtos anos?”

Houve uma pausa, enquanto constrangido o jovem ponderava a pergunta do pai e estudava suas feições ansiosas. Então, com palavras comedidas, o pai prometeu:

“Filho, meu único herdeiro, se você for fiel neste chamado e se provar digno sob todos os aspectos, tudo o que tenho será seu.”

Perceptivelmente comovido pelos argumentos sinceros, o filho levantou-se, abraçou o pai e disse soluçando: “Ficarei.”

O jovem perseverou no campo missionário, servindo com dedicação a partir daquele dia. E no devido tempo, recebeu do pai a prometida herança, mesmo tudo o que o pai tinha para dar.

Meus irmãos, nós somos filhos de Deus. Ele nos investiu com seu poder, e nos chamou para uma missão num lugar chamado mortalidade. Nossa missão significa muito para ele e deveria significar tudo para nós. Nesta vida mortal, espera-se que nos provemos dignos de seu amor e merecedores da herança que tem para oferecer.

Qual é esta herança? Tudo que ele possui, mesmo a vida eterna. Este bem aventurado e prometido dom ser-nos-á concedido somente se guardarmos os convênios, particularmente o convênio do sacerdócio, e permanecermos fiéis até o fim.

Oro que assim seja, em nome de Jesus Cristo. Amém.

“Eu Confiro o Sacerdócio de Aarão”

Élder L. Tom Perry
do Quorum dos Doze Apóstolos

Conselho ao jovem portador do Sacerdócio Aarônico da Igreja: “O sacerdócio que você porta é um dom especial, pois vem do próprio Senhor. Use-o, magnifique-o, viva de modo que possa merecê-lo.”



Esta noite convidei um jovem muito especial para ajudar-me no discurso. Gostaria de apresentar-lhes Terry Haws, meu neto mais velho.

Terry, qual é sua idade?

Terry: Doze anos

O que aconteceu de especial em sua vida este ano?

Terry: Recebi o Sacerdócio Aarônico e fui ordenado diácono.

Terry, gostaria de congratular-me mais uma vez com você pela preparação pessoal para ser digno de receber esse grande dom. Quando estava no círculo naquela hora especial, ouvindo a bênção que recebia de seu pai, ao lhe conferir o Sacerdócio Aarônico e ordená-lo diácono, fiquei impressionado com o privilégio especial que estava recebendo ainda tão jovem.

Eu queria ter uma conversinha de avô-para-neto logo em seguida, mas, infelizmente, tinha encontro marcado com um avião. Por isso, aproveito esta designação para a nossa conversinha. Deixemos que outros a ouçam só para o

caso de outros jovens portadores do Sacerdócio Aarônico que nos ouvem poderem tirar proveito dela. Está bem?

Terry: Está.

Terry, não estou contente com as condições do mundo que você e outros jovens estão herdando, ao se encaminharem para a idade adulta.

Creio que nós, os mais velhos, que temos idade e posição para influir no mundo, falhamos, permitindo que as condições do mundo se tornassem assim. Isto faz com que você tenha de conviver com muitos que não foram criados de modo que pudessem compreender ou respeitar os valores tradicionais. Com isso, a pressão dos companheiros de idade torna-se mais forte e difícil de resistir.

Trouxemos para casa rádios, toca-discos e aparelhos de televisão. Embora todos eles sejam capazes de prover entretenimento sadio, muita coisa do que vem sendo produzida para ouvir e assistirmos não é de molde a inspirar e incentivar positivamente os jovens. Na verdade, a maioria do que se produz é degradante. O ligar de um botão, em sua própria casa, poderá destruir, dentro de você, a percepção do que é certo ou errado.

Alguns atletas de hoje que são os ídolos de muitos rapazes como você, aviltaram-se a ponto de recorrer a produtos que só prejudicam o corpo. Recentemente alguns deles foram punidos por violação das leis que regem a distribuição e consumo de drogas.

No entanto, Terry, resta um lugar no qual você encontrará sempre heróis autênticos que, imitados, lhe darão a maior alegria e felicidade na vida. São os heróis encontrados nas histórias das sagradas escrituras. Estas falam de acontecimentos registrados por profetas dos tempos antigos e são histórias que

nunca passam de moda. Os princípios que proclamam ao mundo hoje são certos e verdadeiros e jamais mudarão.

Existe uma ótima forma de tornar a leitura das escrituras mais interessante: é lê-las como se as coisas que contam estivessem acontecendo hoje. As grandes lições ensinadas pelos profetas antigos se aplicam perfeitamente aos acontecimentos atuais. Vou dar um exemplo do que estou querendo dizer.

Um dos heróis de quem sempre gostei de ler no Velho Testamento é Daniel. Na época em que viveu, Israel não era fiel aos mandamentos do Senhor. Por isso, perdeu todo o poder, não sendo mais capaz de defender-se dos inimigos. Estrategicamente, estava numa posição insustentável, pois situava-se entre duas nações poderosas, a Síria ao norte, e o Egito no sul. Em vez de guerrearem em território próprio, elas se revezavam, invadindo Israel para transformá-la em seu campo de batalha.

Foi nessas condições que nasceu Daniel. Ainda criança, Jerusalém foi sitiada por Nabucodonosor, rei da Babilônia, que, como parte dos troféus de conquistador, levou os vasos sagrados do templo. Além disso, para fortalecer ainda mais seu país, levou como reféns todos os jovens inteligentes e promissores dos israelitas. Como dizem as escrituras, o rei levou justamente os “mancebos em quem não houvesse defeito algum, formosos de parecer, e instruídos em toda a sabedoria, sábios em ciência, e entendidos no conhecimento, e que tivessem habilidade para viver no palácio do rei, a fim de que fossem ensinados nas letras e na língua dos caldeus.” (Daniel 1:4.)

Daniel foi com eles levado para o palácio de Nabucodonosor, para ser instruído e posteriormente usado para tornar seu império mais forte.

Pouco depois de ter sido levado de Jerusalém Daniel enfrentou a primeira prova. Parte da comida do rei, que consistia principalmente de carne e vinho, fora reservada aos israelitas.

Daniel sabia, pelo que havia sido ensinado, que a comida e o vinho mandados pelo rei não lhe fariam bem. Sabia que fariam mal ao seu corpo. Então procurou o príncipe que cuidava deles e lhe pediu que não o obrigasse a comer carne e tomar vinho do rei.

O príncipe ficou perplexo com tal pedido e tinha medo de permitir que Daniel comesse coisa diferente do que o rei havia ordenado. Temia perder o cargo ou mesmo a vida, se o rei

descobrisse. Daniel entendeu sua situação, mas havia aprendido princípios corretos. Então fez um acordo com o príncipe: comeria só aquilo que aprendera ser saudável durante dez dias. Se, passados esse dez dias, não estivesse mais disposto e saudável que seus companheiros, passaria a comer a porção de carne e beber do vinho mandados pelo rei.

É lógico que, como Daniel seguiu os ensinamentos do Senhor, passados os dez dias, era o mais forte de todos os jovens apresentados ao rei. (Veja Daniel 1.)

Muitas vezes, Terry, você será provado e tentado a usar coisas que aprendeu não serem boas para o corpo. Quando se recusar a usá-las, talvez os outros riem e façam pouco de você. Exatamente, porém, como nos tempos antigos, em que Daniel foi fortalecido por obedecer aos mandamentos do Senhor, você será igualmente abençoado.

As leis do Senhor são eternas. Na mesma medida em que as seguir, você será abençoado. Ele nos prometeu que “todos os santos que se lembrarem e guardarem estas coisas, obedecendo aos mandamentos, receberão saúde... sabedoria e grandes tesouros de conhecimento, mesmo tesouros ocultos; E correrão e não se cansarão, caminharão e não desfalecerão”. (D&C 89:18-20.) Daniel passou pela primeira prova e foi abençoado pelo Senhor.

Terminados os trinta e três anos de instrução, esses jovens foram apresentados ao rei para que os julgasse. Daniel não havia desperdiçado o tempo e estudara com afinco. Seus esforços foram abençoados com “conhecimento e... inteligência em todas as letras e sabedoria”. (Daniel 1:17.) Estava preparado para submeter-se ao exame do rei. E o rei não encontrou ninguém que se igualasse a Daniel. Em todos os aspectos de sabedoria e conhecimento que o rei o interrogou, Daniel mostrou-se dez vezes superior a todos os homens entendidos do rei.

Terry, você foi abençoado com grande inteligência. Você poderá ser tentado, às vezes, a não estudar tanto quanto poderia, achando que não precisa. Certamente nem sempre as condições serão as melhores nas escolas que freqüentará, mas, ainda assim, você terá a capacidade de progredir e crescer em conhecimento e saber. Você pode chegar lá.

Procure obter sabedoria nos melhores livros. Desafie seu intelecto privilegiado esforçando-se nos estudos. O Senhor prometeu que tudo o que aprender aqui, ressurgirá com você na ressurreição e será seu para sempre. Sua mente possui imenso poder e capacidade. Prepare-se para esta vida e para a vida futura.

Daniel passou pela segunda prova. Preparou-se melhor que muitos outros e foi escolhido para ser um dos homens entendidos do rei.

O terceiro desafio que Daniel teve de enfrentar deveu-se a uma mudança de governo. Nabucodonosor morreu, passando a Babilônia a ser governada por um novo rei, o qual sentiu-se embriagado pela riqueza e pelo poder. Após a coroação, deu uma grande festa, para a qual convidou os chefes de estado dos países vizinhos. Foi uma daquelas festas mundanas com muita bebida, dançarinas, mesa farta e outras atrações do mundo.

Tendo bebido bastante, o rei mandou buscar os vasos sagrados que Nabucodonosor havia pilhado do templo sagrado, e os profanou, tomando vinho deles. Isto deixou o Senhor tão indignado, que escreveu com o próprio dedo algumas palavras na parede. O rei ficou assustado, e seus joelhos tremiam tanto, que batiam um contra o outro na frente dos ilustres convidados.

Quando nenhum dos nobres e sábios presentes soube interpretar o que estava escrito na parede, mandaram buscar Daniel, que, pelo poder do Senhor, é óbvio, interpretou o escrito. Daniel comunicou ao rei que o desagrado de Deus era tamanho, que ele perderia a vida. (Veja Daniel 5.)

Sempre achei esta história muito interessante, porque, apesar do grande número de convidados, tiveram de buscar Daniel. Embora fosse um dos mais ilustres dos homens entendidos, ele não estava presente à festa. Não se rebaixava em participar de uma coisa tão mundana e vil. Era sua terceira prova. Vivia afastado do ambiente corrompido que só serviria para encher-lhe a mente de pensamentos maus e ações injustas.

Terry, seja sempre forte como Daniel, mantendo-se distante dos costumes e lugares impróprios do mundo. Não permita que o tipo errado de livros, gravuras e outros materiais de leitura o tentem a dar até mesmo só uma olhadela. Essas coisas podem envenenar e destruir a mente, tão certo



como bebidas alcóolicas e drogas envenenam e destroem o corpo.

Tenha a coragem de não assistir a programas de televisão impróprios, e de manter-se longe de filmes e videotapes que só lhe trariam pensamentos maus e violência. Lembre-se do que diz a escritura: “Pôrque, como (o homem) imaginou na sua alma, assim (ele) é.” (Provérbios 23:7.)

O quarto desafio enfrentado por Daniel foi mais importante que a própria vida. O rei havia escolhido cento e vinte presidentes para governarem todo o reino, supervisionado por três príncipes, sendo que Daniel era um dos três. Daniel foi escolhido para ser o primeiro príncipe. Como vê, ele não precisou participar da maneira mundana e desregrada de viver para ser reconhecido e considerado uma pessoa de muito valor.

Os outros presidentes e príncipes ficaram com inveja do prestígio de Daniel e procuraram um meio de desacreditá-lo aos olhos do rei. As escrituras dizem que eles ficaram frustrados, pois não conseguiam encontrar falha nele; ele era fiel em todas as coisas. Tiveram que inventar

alguma outra coisa. Eles sabiam, por observação, que Daniel se recolhia aos aposentos três vezes por dia, para orar e dar graças ao Senhor. A única saída que puderam imaginar, foi tornar a oração ilegal e, assim, sujeitar Daniel à nova lei. E eles conseguiram que se promulgasse um decreto real, tornando ilegal qualquer petição que não fosse dirigida ao rei, durante trinta dias. O rei assinou o decreto, e qualquer pessoa que o violasse seria lançada na cova dos leões.

Daniel tinha uma fé forte e vigorosa no Deus vivente. Ele continuou orando e foi, obviamente, descoberto e denunciado ao rei. Este, profundamente pesaroso, obrigado pela lei, condenou-o a ser lançado na cova dos leões.

Após a sentença, o rei ficou tão perturbado, que não dormiu a noite inteira. Na manhã seguinte, bem cedo, foi à cova dos leões para ver se o Deus de Daniel o havia protegido. Sua alegria foi grande, ao ver que Daniel fora protegido pelo Senhor, estando vivo e ileso. O rei, assombrado com o milagre, proclamou que o Deus de Daniel era o Deus vivo e eterno. (Veja Daniel 6.)

A história de Daniel, Terry, nos

ensina que grandes bênçãos estão reservadas àqueles que confiam no Senhor, mesmo para a proteção da própria vida.

Essas histórias das escrituras não envelhecem jamais. Não importa se você as lê como diácono, mestre, sacerdote, missionário, mestre familiar, presidente de quorum de élderes ou seja lá o que for que o Senhor o chamar: serão igualmente emocionantes. Elas o ensinarão a ter fé, coragem, amor ao próximo, confiança e certeza no Senhor.

Edifique sua vida sobre um fundamento de verdade e justiça. Só um fundamento assim resistirá às pressões desta vida e perdurará pela eternidade. O sacerdócio que você porta é um dom especial, pois quem doa é o próprio Senhor. Use-o, magnifique-o, viva de modo que possa merecê-lo. Quero que saiba que tenho um testemunho categórico de seu poder. Ele tem abençoado minha vida de tantas maneiras!

Nós o amamos e rogamos que as bênçãos do Senhor permaneçam sempre com você. Presto testemunho desta obra em nome de Jesus Cristo. Amém.

A Causa do Senhor

Presidente Gordon B. Hinckley
Segundo conselheiro na Primeira Presidência

“Somos todos parte desta grande causa, cada qual com uma responsabilidade para torná-la vitoriosa. Não necessitamos de críticos nos observando da margem do caminho. Necessitamos de homens de fé e capacidade, que amam o Senhor e trabalham para cumprir seus propósitos.”



Irmãos, tenho apreciado esta reunião e tudo o que foi dito. Oro que o Espírito do Senhor me oriente em tudo o que tenho a dizer como conclusão.

Não obstante nossos repetidos apelos para que os membros da Igreja discutam suas dúvidas e problemas com o respectivo bispo e presidente de estaca, uma grande quantidade de correspondência chega aos escritórios da Primeira Presidência. Muitas dessas cartas estão repletas de tristeza; falam de tragédias pessoais, famílias em dificuldades, de lares desfeitos e corações partidos. Lendo-as, fico às vezes assoberbado pelo grande fardo que muitas pessoas são obrigadas a carregar. Algumas também fazem perguntas de fatos concernentes à Igreja e seu funcionamento; outras indagam a respeito de normas e doutrinas.

Em lugar de hoje à noite falar de forma usual, pensei que poderia fazer uma entrevista comigo mesmo a respeito de algumas dessas indagações,

bem como sobre pontos freqüentemente abordados, quando inquiridos pela imprensa. Farei as perguntas e em seguida tentarei responder a elas, à medida que permitir o tempo.

1. Como está o Presidente Kimball?

Aonde quer que vamos, é-nos feita invariavelmente esta pergunta, em particular por membros da Igreja que têm um profundo amor a este homem extraordinário. Minha resposta é franca. O vigor do Presidente Kimball não é grande. Ele sofre as debilidades da idade. Está agora em seu nonagésimo primeiro ano de vida, tendo suportado muitas e graves doenças. Esses problemas vêm causando um efeito cumulativo. Ele tem sido preservado pelo poder do Senhor. Disto estou convencido.

Que grande e maravilhoso líder ele tem sido, a síntese da bondade e paciência. Ao mesmo tempo que estende a mão aos aflitos, tem sido imutável na lealdade ao Senhor e na determinação de levar avante a obra da Igreja conforme nos é ordenado por revelação. Durante o período em que vem servindo como presidente, foi enorme a expansão da obra em muitos campos, muitos aspectos, muitas áreas. Ele motivou a Igreja inteira com o apelo de alongarmos o passo.

Agora sua vitalidade regrediu bastante. Mas ele se levanta e veste-se todas as manhãs, e continua reunindo-se conosco, e nós com ele. Estar na sua presença é uma inspiração. Ele é o presidente da Igreja, o profeta do Senhor. Embora não possa cuidar de muitas responsabilidades inerentes ao cargo da Presidência, nós o consultamos em todas as decisões importantes e não tomamos qualquer medida sem seu consentimento e aprovação. Asseguro-vos que o

trabalho da Presidência está em dia. Deus abençoe nosso querido profeta.

2. Como vai a Igreja?

A Igreja vai bem, obrigado. Está robusta e forte, ficando cada vez mais vigorosa. As estatísticas que usamos para medir sua vitalidade são todas positivas. Temos numerosas alas e estacas em que a freqüência à reunião sacramental alcança atualmente setenta e oitenta por cento. Isto era inconcebível quando eu era jovem, ou mesmo quando servia como presidente de estaca trinta anos atrás. Temos mais jovens cumprindo missão. Estamos construindo mais prédios que em qualquer outro período da história da Igreja, visando preencher as necessidades da crescente congregação e suas atividades. Talvez vos interesse saber que contamos atualmente na Igreja com dez mil e trinta e cinco alas, e mil quinhentas e cinquenta e oito estacas.

Quando me mostro assim otimista, não quero dizer que estamos onde deveríamos estar. Há margem para muito aprimoramento e temos de trabalhar com mais afinco ainda para chegarmos lá. Esta obra diz respeito ao progresso eterno dos filhos de nosso Pai; não existe um trabalho mais importante na terra.

Agrada-me informar, meus irmãos, que reina harmonia, total união das Autoridades Gerais com os oficiais e líderes da Igreja em todas as partes do mundo em que a obra está organizada.

3. É a Igreja uma instituição rica, como muitos dizem?

A Igreja conta um substancial patrimônio, pelo que somos gratos. Esse patrimônio é representado principalmente por imóveis em mais de oitenta países: prédios para funcionamento de alas e estacas; escolas e seminários, cursos de nível superior e institutos; projetos de bem-estar; casas de missão e centros de treinamento para missionários; e templos, dos quais temos um número substancialmente superior ao que jamais tivemos no passado; e instalações para a obra genealógica. Mas é preciso reconhecer que são todos bens onerosos e não produtores de lucro. São instalações dispendiosas para se construir e manter. Não produzem riqueza material, mas ajudam a produzir e fortalecer os santos dos últimos dias. São unicamente meios para um fim. São acomodações físicas para o funcionamento de programas ligados à nossa responsabilidade de pregar o evangelho ao mundo, edificar

a fé e atividade dos membros vivos e levar avante a imperativa injunção do Senhor concernente à redenção dos mortos.

Possuímos algumas propriedades lucrativas, mas cujo provento serviria para manter a Igreja funcionando por muito pouco tempo. O dízimo é a lei financeira do Senhor. Não existe outra lei financeira que se compare a ela. É um princípio com promessa dado pelo próprio Senhor para o benefício de seus filhos.

Em última análise, a única riqueza real da Igreja é a fé que tem o seu povo.

4. Por que a Igreja continua exercendo atividades lucrativas?

Essencialmente, os bens lucrativos que a Igreja possui hoje são remanescentes de empreendimentos iniciados no período pioneiro de nossa história, quando vivíamos isolados nos vales das montanhas ocidentais da América. Por exemplo, havia necessidade de um jornal para manter o povo informado dos acontecimentos locais e mundiais. O resultado foi o *Deseret News*, que vem sendo publicado há cento e trinta e cinco anos. Na década de vinte, as autoridades governamentais incentivaram a imprensa escrita a montar estações de rádio, isto na infância da indústria radiofônica. Então uma emissora foi instalada pelo *Deseret News* aqui na Cidade do Lago Salgado. Dela decorreram pelo natural processo de desenvolvimento, algumas outras propriedades correlatas.

Como todos vós certamente reconheceis, a faculdade e capacidade de comunicação se acham entre nossas maiores e constantes necessidades. A posse dessas empresas, tanto o jornal como as emissoras, embora administrados como empreendimentos comerciais, nos ajudam direta e indiretamente na responsabilidade de veicular nossa mensagem e pontos de vista.

A Igreja foi pioneira na industrialização da beterraba sacarina para ajudar nossos agricultores a dedicar-se a uma cultura lucrativa. (Não de mera subsistência. N. do T.) Uma de nossas atuais propriedades é uma consequência disso.

Um belo hotel foi construído ao lado da Praça do Templo há setenta e cinco anos, visando oferecer acomodações confortáveis aos que visitavam esta cidade.

Os interesses mercantis são produto do movimento cooperativista existente



na época pioneira. A Igreja conservou a posse de alguns imóveis, particularmente os contíguos à Praça do Templo, visando preservar a beleza e integridade do centro da cidade. Todas essas propriedades comerciais pagam os impostos devidos.

Eu repito, os proventos desses empreendimentos lucrativos são relativamente pequenos e não conseguiriam manter a obra além de um breve período.

Gostaria de acrescentar, para vossa informação apenas, que a ajuda de custo concedida às Autoridades Gerais, bastante modesta em comparação à remuneração de executivos no mundo profissional, é retirada desses proventos comerciais e não do dízimo dos membros.

5. Por que há tanta controvérsia sobre o Centro Universitário Brigham Young atualmente em construção em Jerusalém?

Não consigo entender o motivo. Têm-se ouvido temores de que seja utilizado como meio de proselitismo entre o povo judeu. As autoridades universitárias garantem que não será o caso. Todos os requisitos legais foram plenamente satisfeitos, inclusive a necessária publicação na imprensa de Jerusalém, antes de o governo fornecer a licença de construção. Trata-se de uma instalação destinada a um programa em funcionamento há muitos anos, preenchendo as necessidades de

estudantes que procuram conhecer melhor, num ambiente acadêmico, a história, cultura, países e o povo de Israel e Oriente Médio. A experiência prova que os participantes desse programa colhem dele um apreço muito maior pelas influências e pelo povo com quem lá conviveram. Autoridades da BYU têm recebido de numerosos judeus e pessoas de outras crenças expressões de apoio a esse projeto. Estou confiante em que, a longo prazo, resultará em benefício para o povo de Israel, bem como para os interesses educacionais da BYU e seus alunos.

6. E quanto aos contristadores problemas que afligem a sociedade, como o de maus-tratos a crianças?

Como sabeis, recentemente publicamos um livreto sobre esse assunto. Deploramos o terrível problema de crianças maltratadas que parece estar aumentando no mundo. Obviamente não é novo. Vem-se repetindo há gerações. É grave, e temo-lo como tal. O abuso sexual de crianças por parte dos pais ou outra pessoa, vem sendo motivo de excomunhão da Igreja há muito tempo. Nenhum homem ordenado ao sacerdócio de Deus poderá, impunemente, maltratar a esposa ou o filho. Tal conduta torna-se impedimento imediato de portar e exercer o sacerdócio, e continuar filiado à Igreja.

Estou contente por verificar que está havendo um crescente interesse público

quanto a esse insidioso mal. A exploração de crianças ou o abuso do cônjuge para a satisfação de desejos sadistas é pecado dos mais graves.

7. E quanto aos pais que deixam de pagar a pensão alimentar dos filhos?

Todo homem que deixa de cumprir o dever de cuidar dos seres que gerou, coloca em risco sua reputação na Igreja, e particularmente sua elegibilidade para uma recomendação para o templo. Dizia Paulo a Timóteo: "Mas se alguém não tem cuidado dos seus, e principalmente dos da sua família negou a fé, e é pior do que o infiel." (I Timóteo 5:8.)

Poderá haver circunstâncias atenuantes em certos casos, mas serão a exceção. Temos seguido o princípio, no caso de homens excomungados por transgressão e que mais tarde mostram desejo de voltar para a Igreja e recuperar as bênçãos anteriores, que demonstrem, como prova de arrependimento sincero, que têm cumprido e estão cumprindo o pagamento das pensões alimentícias estabelecidas por lei e obrigatórias pelos princípios de nossa religião.

As responsabilidades paternas foram prescritas pelo Senhor e vêm recebendo ênfase de nossos líderes desde os primórdios da Igreja.

8. As loterias estão sendo estatizadas nos Estados Unidos e em muitos outros países. A Igreja tem opinião formada sobre esse assunto?

Tenho opinião própria a respeito dele.

Pelo que me consta, uns vinte e dois estados dos Estados Unidos têm atualmente loteria estadual. O Congresso tem recebido propostas para instituir a loteria federal.

Não pode haver dúvidas quanto às implicações morais dessa prática. A loteria é um jogo de azar, a despeito dos propósitos altissonantes que possam emprestar-lhe. Recentemente, a febre lotérica atingiu o auge, quando o Estado de Nova York anunciou que os três bilhetes vencedores dividiriam quarenta e um milhões de dólares. Formaram-se filas imensas para a compra de bilhetes. Um dos bilhetes premiados pertencia a vinte e um operários; setecentos e setenta e oito pessoas ganharam em segundo lugar, e cento e treze mil receberam prêmios de consolação. Isto pode soar muito bem.

Contudo, houve também quase trinta e seis milhões de perdedores, que gastaram dinheiro na esperança de ganhar. A possibilidade de ganhar o



primeiro prêmio foi de um para mais de seis milhões.

O caso das loterias é uma questão moral. Que atualmente o governo promova o que antes considerava contrário à lei, é um triste reflexo da deterioração da moral pública e política do país.

O Presidente Brigham Young condenava os jogos de azar. O Presidente Lorenzo Snow se pronunciou contra. O Presidente Joseph F. Smith era categoricamente contrário; e, em 1925, o Presidente Heber J. Grant e seus conselheiros diziam: "A Igreja sempre se opôs e continua inalteravelmente contrária a qualquer espécie de jogos de azar." (*Improvement Era*, setembro de 1926, p. 1100.)

A loteria é defendida como meio de aliviar a carga tributária. Isto pode ser uma questão política. Mas não importa que nome tenha, imposto continua sendo imposto, exceto que, nesse caso, o fardo geralmente recai sobre os pobres que menos condição têm de pagá-lo. Como dizia recentemente o editorial do *USA Today* (Jornal norte-americano. N. do T.): "As loterias não são inofensivas; a grande maioria dos jogadores sempre perde. O jogo tira pão e dinheiro do pobre. E é mais uma

tentação para o jogador compulsivo que com o vício arruina sua carreira e a família." (*USA Today*, 26 de agosto de 1985.) Nesse contexto, torna-se uma questão moral.

9. E quanto à corrida armamentista, particularmente o aumento de armas nucleares?

É, novamente, uma triste ilustração de nossa sociedade que a paz do mundo depende do equilíbrio do terror. Ninguém que se dá conta dos fatos pode duvidar que uma decisão precipitada poderá levar ao extermínio da raça humana. É de se esperar que os representantes das grandes potências continuem a dialogar e buscar, com sinceridade e seriedade, meios de minorar a terrível ameaça que paira sobre o mundo.

Sou de opinião que, para se evitar uma catástrofe, é preciso haver uma rendição generalizada, por parte de homens e mulheres de todas as nações, a um forte e irresistível desejo de paz. Nós, que somos seguidores do Príncipe da Paz, oremos com grande fé, em nome dele, que o mundo seja poupado da indescritível catástrofe provocada por algum infeliz incidente.

10. E quanto aos críticos da Igreja, ultimamente tão veementes?

Nós os temos. Sempre os tivemos. Não estão sendo tão clamorosos como já foram. Por mais ruidosos que sejam não são tão ameaçadores. As pessoas perguntam se temos medo de que nossa história seja pesquisada. Respondo que não, logicamente que não, desde que seja feita imparcial e honestamente, como tem sido por alguns estudiosos de dentro e fora da Igreja.

Entretanto, não temos obrigação alguma de despendar dinheiro do dízimo para prover facilidades e recursos aos que demonstram ter por objetivo atacar a Igreja e dificultar sua missão. Esses fundos são sagrados. Foram e são consagrados pelos fiéis para a promoção da obra, e é para este fim que serão usados.

Nossa obrigação é pregar o evangelho aos povos da terra, prestar testemunho da realidade de Deus, nosso Pai Eterno, proclamar a divindade de Jesus Cristo, testificar que a obra deles foi restaurada nesta dispensação para se executarem seus propósitos eternos, e levar essa obra avante sob o mandato que recebemos. Isto esgotará nosso tempo, nossas energias e os recursos de que dispomos.

Quando formos chamados perante o tribunal de Deus para dar contas de



Presidente Spencer W. Kimball, ao centro, com Presidente Gordon B. Hinckley, à direita, segundo conselheiro na Primeira Presidência e Dr. Arthur Haycock, à esquerda, secretário do Presidente Kimball.

Janeiro de 1986

AUTORIDADES GERAIS DE A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA



Presidente Marion G. Romney
Primeiro Conselheiro



Presidente Spencer W. Kimball



Presidente Gordon B. Hinckley
Segundo Conselheiro

O QUORUM DOS DOZE



Ezra Taft Benson



Howard W. Hunter



Thomas S. Monson



Boyd K. Packer



Marvin J. Ashton



L. Tom Perry



David B. Haight



James E. Faust



Neal A. Maxwell



Russell M. Nelson



Dallin H. Oaks



M. Russell Ballard

PRESIDENCIA DO PRIMEIRO QUORUM DOS SETENTA



Carlos E. Asay Dean L. Larsen Richard G. Scott Marion D. Hanks Wm. Grant Bangerter Jack H. Goasling, Jr. Robert L. Backman

MEMBROS ADICIONAIS DO PRIMEIRO QUORUM DOS SETENTA



A. Theodore Tuttle Franklin D. Richards Theodore M. Burton Paul H. Dunn Hartman Rector, Jr. Loren C. Dunn Robert L. Simpson Rex D. Pinegar J. Thomas Fyans Adrey Y. Komatsu Joseph B. Wirthlin Gene R. Cook



Charles Didier William R. Bradford George P. Lee John H. Groberg Jacob de Jager Vaughn J. Featherstone Royden G. Darrick Robert E. Wells James M. Paramore Hugh W. Pinnock F. Enzo Busche Yoshihiko Kikuchi



Ronald E. Poglman Derek A. Cuthbert Rex C. Reeve, Sr. F. Burton Howard Ted E. Brewerton Anjeli Abree John K. Carmack Russell C. Taylor Robert B. Harbertson Devere Harris Spencer H. Osborn Philip T. Sonntag



John Sonnenberg F. Arthur Kay Keith W. Wilcox Victor L. Brown H. Burke Peterson J. Richard Clarke Hans B. Ringger Waldo P. Call Helio R. Camargo

O BISPADO PRESIDENTE



Henry B. Eyring Robert D. Hales Glenn I. Pace
Primeiro Conselheiro Bispo Presidente Segundo Conselheiro

Patrarcia



Eldred G. Smith Sterling W. Sill Henry D. Taylor

AUTORIDADES GERAIS EMÉRITAS

Membros do Primeiro Quorum dos Setenta



Bernard P. Brockbark James A. Cullimore Joseph Anderson John H. Vandenberg O. Leslie Stone



Élderes A. Theodore Tuttle, Franklin D. Richards e Theodore M. Burton, do Primeiro Quorum dos Setenta.



Três Autoridades Gerais cuja vida mudou na Conferência Geral de outubro: à direita, Élder M. Russell Ballard, anteriormente membro da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, chamado para preencher a vaga no Quorum dos Doze. Élder Carlos E. Asay, ao centro, é o membro mais antigo da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, sucedendo a Élder J. Thomas Fyans, à esquerda, que foi chamado como Presidente de Área Sul da América do Sul da Igreja.



nosso desempenho, acho improvável que algum de nós seja elogiado por haver consumido a vida desenterrando algum fragmento histórico, incompleto em seu contexto, para deslustrar esta obra. Creio, antes, que seremos inquiridos sobre o que fizemos para edificar o reino, levar a luz e compreensão das verdades eternas do evangelho aos olhos e à mente de todos aqueles dispostos a nos ouvir, cuidar dos pobres e necessitados e tornar o mundo, pela nossa presença, um lugar melhor de se viver.

Chego agora à última pergunta.

11. *Como vai a força espiritual de nosso povo?*

Tenho tido oportunidades de vê-los, de encontrar-me com dezenas de milhares deles nos últimos meses, durante a dedicação de templos em diversos cantos do mundo. Existe muita fé. Existe uma forte convicção. Existe vibrante testemunho. Existe poder e grande reserva de capacidade espiritual. Esses são os santos dos últimos dias no pleno sentido do termo. Eles oram. Criam os filhos segundo os ensinamentos e admoestação do Senhor. Dedicam-se a servi-lo, dando generosamente de seu tempo e meios. Estendem a mão ao próximo sem egoísmo e até mesmo pondo em risco o próprio bem-estar. Servem nos templos sem esperar gratidão daqueles em cujo benefício atuam.

Graças sejam a Deus pelos santos dos últimos dias, por vós, meus irmãos, vossas esposas, vossos filhos, vossos companheiros. Nós vos amamos. Oramos por vós e esperamos que oreis por nós. Somos todos parte desta grande causa, cada qual com uma responsabilidade de torná-la vitoriosa. Não necessitamos de críticos nos observando da margem do caminho. Necessitamos de homens de fé e capacidade que amam o Senhor e trabalham para cumprir seus propósitos. Que Deus vos abençoe, a cada um de vós, inclusive vós, rapazes, que vos encaminhais para a idade adulta e sobre cujos ombros depositaremos o fardo deste reino. Vivei dignos desta futura responsabilidade. Preparai-vos para ela.

Presto-vos testemunho. Esta é a obra do Onipotente. É a obra de seu Filho Amado. É a obra da salvação, de bênçãos eternas para todos os que a aceitarem. Que o Pai nos ajude a sermos verdadeiros e fiéis, eu rogo humildemente em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

Janeiro de 1986

SESSÃO MATUTINA DE DOMINGO
6 de outubro de 1985

Regozijai-vos com a Grande Era de Edificação de Templos

Presidente Gordon B. Hinckley

Segundo conselheiro na Primeira Presidência

“Estamos vivendo numa das mais significativas e importantes épocas da história da Igreja e da história da obra de Deus entre seu povo. Estamos vivendo a maior era de construção de templos que já se viu.”



Meus amados irmãos e irmãs, sinto-me profundamente grato pela fé e oração de apoio dos santos dos últimos dias. Estar perante vós no exercício de minha função é uma responsabilidade muito séria e sagrada. Não tenho nenhum talento especial. Espero que reconheçais que não estou aqui por escolha própria. Não procurei este encargo. Foi-me dado pelo profeta do Senhor. É uma responsabilidade à qual não me posso furtar.

Sou impelido por duas resoluções. A primeira é servir ao Senhor o melhor que posso. Acho que, de certo modo, percebo o que isto significa. A segunda é servir ao seu profeta escolhido, o Presidente Spencer W. Kimball, e

aliviar seus ombros de todo fardo que me for legitimamente possível. Considero estas obrigações sagradas, e imperiosas, e mais importantes que qualquer outra consideração.

Sou profundamente grato aos meus irmãos do Conselho dos Doze Apóstolos que, consistentemente e sem exceção, cumpriram tudo o que lhes foi solicitado e atribuído.

Eles têm-se mostrado sumamente prestativos. O mesmo se aplica aos membros do Primeiro Quorum dos Setenta e do Bispado Presidente. Repito o que já falei deste púlpito, que existe perfeita unidade entre as Autoridades Gerais. Não são homens que dizem “sim” a tudo, são homens entendidos, convictos e de comprovada capacidade. Humildes, sempre estão dispostos a esquecer todas as considerações pessoais e colocar a obra do Senhor em primeiro lugar.

Meu convívio diário com esses irmãos capazes e dedicados é para mim um milagre constante. Tratamos de muitos problemas sérios, com muitas forças pressionando sua solução. Cada um deles tem liberdade de expressar sua opinião. É impressionante e maravilhoso de se ver como, pela influência do Santo Espírito, as opiniões vão-se harmonizando até chegar-se a uma decisão unânime.

Nenhuma norma importante, nenhuma ação de monta é tomada sem ser considerada nos mais altos conselhos da Igreja, e isto somente após

unanimidade de sentimento, quanto à decisão. Nenhuma ação é tomada sem oração sincera e diligente e sem rogar orientação e revelação ao Todo-Poderoso, e sem a aprovação do presidente da Igreja.

Alguns se perguntam quem estará dirigindo a Igreja. Presto-vos testemunho solene de que recebemos inspiração do alto, e que o nosso Pai nos Céus e seu Filho Amado, o Redentor do mundo, estão guiando e dirigindo esta Igreja, para que cumpra seus propósitos eternos em favor dos filhos e filhas de Deus.

Estes são dias importantes na obra do Senhor. Por exemplo, estamos vivendo numa das mais significativas e importantes épocas da história da Igreja e da história da obra de Deus entre seu povo. Estamos vivendo a maior era de construção de templos que já se viu, e é sobre isto que desejo falar por alguns minutos.

Canto com convicção o nosso grande hino SUD: “Damos Graças a Ti, Ó Deus Amado, por mandares a Nós uma Luz.” (*Hinos*, nº 147.) Canto-o com gratidão e como tributo ao Profeta Joseph Smith, por intermédio do qual foi revelado o fundamento desta obra da dispensação da plenitude dos tempos. Canto-o com gratidão e como tributo àquele que hoje honramos, como o nosso profeta, o Presidente Spencer W. Kimball.

A construção e dedicação de templos tem progredido com tanta rapidez nestes últimos anos, que alguns não o notam, nem consideram um fato significativo.

Mas o adversário está bem atento. A construção e dedicação desses edifícios sagrados vem sendo acompanhada pela renovada oposição de alguns inimigos da Igreja, bem como pelas críticas de alguns de seus membros. Isto me faz lembrar das palavras de Brigham Young em 1861, enquanto se construía o Templo do Lago Salgado. Ao ser solicitado a alguém evidentemente com experiência anterior, que colaborasse na construção do templo, a pessoa respondeu: “Não gosto de fazê-lo, porque nunca começamos a construir um templo sem que os sinos do inferno comecem a repicar.”

Ao que Brigham Young respondeu: “Quero ouvir os sinos repicando outra vez. Todas as tribos do inferno começarão a agitar-se, se descobrirmos as paredes deste templo. Mas, o que adiantará? Tendes visto o tempo todo no que dá.” (*Journal of Discourses*,

8:355-6.)

Sim, ultimamente temos enfrentado muita oposição, mas também temos notado a frustração daqueles que tentam impedir esta obra. Somos fortalecidos e temos progredido sob a promessa do Senhor, que disse: “Não permitireis que eles (os inimigos) destruam minha obra; sim, mostrarei-lhes-ei que a minha sabedoria é maior do que a astúcia do diabo.” (D&C 10:43.)

Em pouco mais de dois anos e meio, dedicamos dezesseis novos templos, e rededicamos o Templo de Manti, após sua remodelação. Antes do fim deste ano, dedicaremos pelo menos mais um, chegando a seis dedicados em 1983, seis em 1984 e seis em 1985. O grande ímpeto na construção de templos foi iniciado pelo Presidente Kimball, conforme revelação do Senhor, a quem pertence a obra. A obra sagrada e importante que se realiza dentro dos templos tem de ser acelerada, e para que isto aconteça, é necessário que se edifiquem templos mais perto do povo, em vez de este ter de viajar grandes distâncias para chegar a um templo.

Gostaria de que todos os que têm dúvidas a respeito do poder e força desta causa pudessem ter as experiências que eu tive recentemente, quando da dedicação de templos nos Estados Unidos, Ásia, Austrália, México, América Central, América do Sul, Europa e África. Tenho observado o semblante de dezenas de milhares de santos dos últimos dias. Sua tez pode variar de tom e cor, mas seus corações palpitam com um só testemunho e convicção da veracidade desta grande obra restaurada por Deus. Ouvi seus testemunhos prestados com sinceridade. Ouvi suas orações. Ouvi-os erguer a voz em hinos de louvor. Vi suas lágrimas de gratidão, e sei dos sacrifícios que fizeram como gratidão pelas bênçãos recebidas.

Seus idiomas são muitos, mas falam como que com uma só voz, ao prestarem testemunho da divina e eterna verdade restaurada na terra.

São homens e mulheres que amam ao Senhor, que entendem seu plano eterno, estão imbuídos de abnegação que os leva a servir dedicadamente sem esperar agradecimento ou recompensa. É o mesmo em todo o lugar que estivemos... Oxalá houvesse tempo para contar experiências vividas em muitos desses serviços dedicatórios. Falarei brevemente de três ou quatro.

Tenho visitado o México várias vezes

no decorrer dos anos. Antes o nosso povo de lá parecia tão pobre, sua escolaridade tão precária. Parecia gravemente carente em muitos aspectos.

Recentemente, quando foi dedicado o Templo da Cidade do México, milhares vieram à dedicação. Estavam aseados, as faces sorridentes e alegres, suas roupas cuidadas e atraentes. Demonstravam educação e refinamento. Havia neles certa grandeza. A maioria deles são descendentes de Lêhi. As escamas da escuridão já caíram de seus olhos, conforme foi prometido pelos profetas do Livro de Mórmon. Tornaram-se um povo “puro e agradável”. (2 Néfi 30:6.) Foi uma experiência maravilhosa estar com eles e ver o poder milagroso de Deus operando em sua vida.

Não pude conter as lágrimas, quando estivemos nas Filipinas. Tive o privilégio de participar da abertura da obra missionária nesse país em 1961; naquele tempo, não tínhamos nenhuma propriedade de qualquer espécie e havia somente um membro filipino. Em 1984, apenas vinte e três anos mais tarde, tive o privilégio de dedicar um lindo templo do Senhor numa excelente área, na grande cidade de Manila. Observei a face dos milhares santos dos últimos dias fiéis e esclarecidos, sobre os quais o Senhor está derramando suas bênçãos maravilhosa e significativamente. Em menos de vinte e cinco anos, de um único membro passamos para mais de cem mil. Estes são meus amigos, o povo que eu amo, com o qual tenho trabalhado e a quem ensinei o evangelho. Um templo para eles representa a plenitude das oportunidades do evangelho, a fruição dos seus sonhos de há muito.

Em Freiberg, na Alemanha, dedicamos em agosto próximo passado, outra linda e sagrada casa de Deus. Antes da dedicação, quando o edifício foi aberto à visitação pública, pouco menos de noventa mil pessoas percorreram o templo, muitos delas esperando horas na chuva.

Os santos fiéis sacrificaram dinheiro, jóias e conforto para ajudar na construção desse templo.

Uma das pessoas que assistiu à dedicação, escreveu: “Reinava um silêncio solene, e não havia um só olho sem lágrimas. O sol brilhou depois de muito tempo... podia-se sentir a alegria, o entusiasmo e o desejo de harmonia sem fim... lágrimas, riso e alegria, tudo estava presente.”

Ainda que reconhecendo as diferentes



filosofias políticas sob as quais vivemos, expresso sincera gratidão às autoridades governamentais desse país por sua colaboração, possibilitando a construção desse sagrado edifício para a bênção daqueles nossos irmãos e irmãs.

Recentemente voltamos de Johannesburg, na África do Sul. Os jornais e a televisão nos mostram muitos conflitos naquela área. Mas, dentro da casa de Deus, havia paz no lindo Templo de Johannesburg, a paz do Senhor, a paz “que excede todo o entendimento.” (Filipenses 4:7.) Convivendo como irmãos e irmãs, ligados pelos convênios eternos com o Todo-Poderoso, havia pessoas de diferentes origens. Entre eles viam-se descendentes de holandeses e também os naturais da África. Havia companheirismo, amor, união e respeito mútuo entre todos os que se achavam reunidos na casa do Senhor.

Sentimos muita alegria nessas ocasiões sagradas, não só nos templos que mencionei, mas em todos os outros igualmente. Depois da dedicação de cada templo, deu-se início à obra de

ordenanças e que vem progredindo incessante, sem óbices, para a bênção de milhares deste lado do véu e dezenas de milhares além do véu. Se existe obra no mundo que demonstre a universalidade do amor de Deus, é esta abnegada obra que se realiza nessas casas sagradas.

Jesus Cristo, o Filho de Deus, deu a vida na cruz do Calvário para a expiação dos pecados da humanidade. Foi um sacrifício vicário por nós. Desse sacrifício dependeu a promessa de ressurreição para todos, e foi feito pela graça de Deus, sem esforço da parte dos homens. Além disso, através das chaves do santo sacerdócio conferido pelo Senhor aos Doze, quando andava entre eles, chaves essas que foram restauradas nesta dispensação por aqueles que as tinham antigamente. Por meio delas vieram outras grandes bênçãos, inclusive as ordenanças especiais e importantes administradas na casa do Senhor. Somente nessas ordenanças é exercida a “plenitude do sacerdócio”. (D&C 124:28.)

Presumo que não exista cristão que

não reconheça a necessidade e importância do batismo “da água e do espírito”. Ninguém poderia legitimamente negar sua necessidade, em vista das palavras do Mestre a Nicodemos: “Quem não nascer da água e do espírito, não poderá entrar no reino de Deus.” (João 3:5.)

Será que as bênçãos do reino de Deus serão negadas aos milhões que morreram sem batismo, porque não estavam a par deste requisito?

É inconcebível que alguém acredite que Deus, o Pai de todos nós, fizesse tamanha discriminação em termos de bênçãos eternas.

Não, para haver justiça universal, é preciso existir oportunidade igual.

A pergunta de Paulo aos santos de Corinto oferece uma confirmação bíblica da prática do batismo vicário em favor dos mortos: “Doutra maneira, que farão os que se batizam por causa dos mortos? Se absolutamente os mortos não ressuscitam, por que se batizam por causa deles?” (I Coríntios 15:29.)

As palavras de Jesus a Nicodemos



não falam de exceção. Em cada um dos templos de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, existe uma pia batismal onde as pessoas podem ser batizadas pelos mortos. Não gosto de me referir a eles como “os mortos”. Acredito que, segundo o grande plano de nosso Pai Eterno e pela expiação de Cristo, eles estejam vivos. Mesmo que seus corpos mortais tenham falecido, eles conservaram sua própria identidade. São personalidades como nós somos, e merecem as bênçãos da vida eterna. Será que sou mais digno dessas bênçãos transcendentais do que meus antepassados, por meio dos quais aqui estou?

A casa do Senhor é uma casa de pureza. Os que nela servem se vestem de branco imaculado. Eles participam de ordenanças sagradas. São instruídos no plano eterno do Senhor. Fazem convênios ligados à moralidade e retidão pessoal, serviço e abnegação. Seus atos são precursores da cena descrita por João, o Revelador: “Estes que estão vestidos de vestidos brancos, quem são, e donde vieram?... “Por isso estão diante do trono de Deus, e o servem de dia e de noite no seu templo; e aquele que está assentado sobre o trono os cobrirá com a sua sombra.

“Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem sol nem calma alguma cairá sobre eles.

“Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida; e Deus limpará de seus olhos toda a lágrima.” (Apocalipse 7:13, 15-17.)

Nessas casas sagradas, marido e esposa são selados pela mesma autoridade que o Senhor deu aos apóstolos de antigamente. “E, chegando Jesus às partes de Cesaréia de Filipo”, conversou com seus discípulos e dessa conversa resultou a emocionante declaração de Pedro: “Tu és o Cristo, o filho de Deus vivo.” (Mateus 16:13, 16.)

O Salvador falou então do poder de revelação pelo qual obteve esse conhecimento, e do princípio de revelação sobre o qual seria edificada sua igreja. Em seguida, disse a esses seus irmãos escolhidos: “E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus.” (Mateus 16:19.)

O casamento solenizado nos templos da Igreja é celebrado pela autoridade desse mesmo santo sacerdócio, não só para esta vida como também para a vindoura.

A separação de entes queridos pela morte sempre traz tristeza. Que esperança teríamos, se não houvesse uma alternativa para a inexorabilidade do “até que a morte vos separe”, proferido em quase todas as cerimônias de casamento.

Não precisa ser assim. A razão negaria que o Pai que nos ama a todos, destruiria o mais sagrado dos relacionamentos humanos e baniria a convivência conjugal daqueles que se amam, honram e respeitam um ao outro. Mas é preciso haver regras, concordância e obediência. O caminho

está claramente traçado, e isto pelo exercício do santo sacerdócio nos templos sagrados.

Alguns dias atrás, sentei-me ao lado de um amigo que havia perdido sua companheira. Ele chorava de solidão, sentindo falta de um convívio de mais de meio século e que fora o alicerce de sua vida. Através das lágrimas e dúvidas, porém, brilhava a convicção de que o casamento realizado havia tantos anos fora celebrado pela autoridade cujo poder transcende o véu da morte e será tão válido lá como aqui.

Não é de admirar, pois, que a abertura desses novos templos trouxe lágrimas aos olhos de homens fortes ao abraçarem a esposa nos altares dessas sagradas casas. Também vi lágrimas de pais e mães ao abraçarem seus filhos nesses mesmos altares. Pelo poder ali exercido, eles sabem que nem o tempo, nem a morte poderão destruir os laços que os unem.

E assim como esses laços são válidos para os vivos, são igualmente válidos para os mortos, quando seus representantes vivos realizam as ordenanças por eles. Esta abnegada obra, em prol daqueles que se encontram do outro lado, aproxima-se mais da obra vicária sem paralelo do Salvador do que qualquer outra. A grande e importante obra de ensinar o evangelho de Cristo aos povos do mundo estaria incompleta, quando muito, se não permitisse o ensino daqueles que se encontram em outra esfera, possibilitando-lhes receber as ordenanças do evangelho requeridas de todos os que desejam ir adiante no caminho da vida eterna.

Esses templos estão aqui para serem usados, e aqueles que os usam, receberão uma bênção de paz em sua vida. Achejar-se-ão mais ao Senhor, e o Senhor a eles.

Alguns zombam das nossas ordenanças do templo. Eles podem zombar da linguagem, mas não do espírito, nem da veracidade dessa obra. Presto-vos testemunho da universalidade do amor de nosso Pai, da universalidade da salvação da morte pelo sacrifício do Salvador, e da universalidade da oportunidade para todas as gerações humanas às grandiosas bênçãos de nosso Pai, que disse: “Eis que esta é a minha obra e minha glória: proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem.” (Moisés 1:39.)

Disto eu testifico em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

Espiritualidade

Élder Dallin H. Oaks

do Quorum dos Doze Apóstolos

“Para os fiéis, a espiritualidade é uma lente por meio da qual vêem a vida e o gabarito pelo qual a avaliam.”



Como fiéis membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, temos uma forma única de encarar a vida. Consideremos nossas experiências em termos de eternidade. Ao nos apartarmos mais e mais do mundano, sentimo-nos mais próximos do Pai Celestial e mais aptos de ser guiados por seu Espírito. Chamamos a esta qualidade de *espiritualidade*.

Para os fiéis, a espiritualidade é uma lente por meio da qual vêem a vida e o gabarito pelo qual a avaliam. O Apóstolo Paulo expressou este conceito em duas epístolas:

“Não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas.” (II Coríntios 4:18.)

“Porque os que são segundo a carne, inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o espírito, para as coisas do espírito. Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do espírito é vida e paz.” (Romanos 8:5-6.)

Pensar espiritualmente é ver e avaliar nossas experiências em termos de uma ampla perspectiva eterna.

Todos temos uma lente por meio da qual vemos o mundo. A nossa lente

empresta sua especial cor a tudo o que vemos. Poderá suprimir alguns aspectos e ressaltar outros. Pode também revelar coisas de outra forma invisíveis. Através da lente da espiritualidade, podemos saber “as coisas de Deus” pelo “Espírito de Deus”. (I Coríntios 2:11.) Conforme ensina o Apóstolo Paulo, essas coisas parecem “loucura” ao “homem natural”. Portanto, ele não consegue vê-las, “porque elas se discernem espiritualmente”. (I Coríntios 2:14.)

A forma de *interpretar* nossas experiências é também uma função do nosso grau de espiritualidade. Alguns interpretam a mortalidade unicamente em termos das realizações e posses terrenas. Nós, que temos um testemunho do Evangelho de Jesus Cristo, pelo contrário, devemos interpretar nossas experiências baseados no conhecimento do propósito da vida, da missão do Salvador e do destino eterno dos filhos de Deus.

A ocupação ou o cargo não produz espiritualidade. O cientista poderá ser mais espiritual do que um teólogo; o professor poderá ser mais espiritual que um líder. A espiritualidade é determinada pela perspectiva pessoal e pelas prioridades. Evidencia-se em nossas palavras e ações. O Élder John Taylor demonstrou sua espiritualidade nestas palavras, ao apresentar o relatório de sua missão à Europa, em 1852:

“Alguns me dizem, às vezes: Não sente medo de atravessar os oceanos e desertos, onde existem lobos e ursos e outros animais ferozes?... Não tem medo de cair morto e seu corpo ficar no deserto, ou submerso no oceano? Não. Quem se importa com isso? E daí, se acontecer de eu cair morto?... Essas coisas não me afetam, mas regozijo-me o dia inteiro que Deus tenha revelado os princípios de vida eterna, que estou de posse desta verdade, e sou considerado digno de fazer parte da obra do Senhor.” (*Journal of Discourses*, 1:17.)

As escrituras contêm grandiosas

ilustrações de espiritualidade relacionadas ao viver diário. Uma delas, registrada no décimo capítulo de Lucas, conta a visita do Salvador a certa aldeia:

“E aconteceu que, indo eles de caminho, entrou numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa;

“E tinha esta uma irmã chamada Maria, a qual, assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra.

“Marta, porém, andava distraída em muitos serviços, e, aproximando-se, disse: Senhor: não se te dá de que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe pois que me ajude.

“E, respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas.

“Mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada.” (Lucas 10:38-42.)

Esta escritura lembra a cada Marta, seja homem ou mulher, que não devemos estar tão ocupados com o rotineiro e temporal, a ponto de deixarmos de aproveitar as oportunidades que são únicas e espirituais.

O contraste entre o espiritual e o temporal também é ilustrado pelos gêmeos Esaú e Jacó, e em sua atitude diversa para com a primogenitura. Esaú, o primogênito, “desprezou” a sua primogenitura. (Gênesis 25:34.) Jacó, o segundo dos gêmeos, a almejava. Jacó dava valor ao espiritual, enquanto Esaú vendeu sua primogenitura por um guisado de lentilhas. “Eis”, explicou, “que estou a ponto de morrer, e para que me servirá logo a primogenitura?” (Gênesis 25:32.) Muitos Esaús já desistiram de algo de valor eterno, para satisfazer a fome momentânea pelas coisas do mundo,

Os soldados romanos de Pilatos ilustram inesquecivelmente as diferentes perspectivas da mente carnal e da mente espiritual. Durante a trágica tarde no Calvário, um punhado de soldados encontrava-se ao pé de uma cruz. O evento mais importante de toda a eternidade se passava na cruz, acima de suas cabeças. Indiferentes ao fato, ocupavam-se em “lançar sortes” para dividir os bens terrenos do agonizante Filho de Deus. (Ver Mateus 27:35; Lucas 23:34; João 19:24.) O exemplo deles nos ensina que não devemos “lançar sortes” pelas coisas do mundo, enquanto as coisas da eternidade, inclusive nossa família e a obra do Senhor, precisam de nossa atenção.

Eis aqui um exemplo de avaliação espiritual e temporal de uma experiência diária. Anos atrás, durante um devocional na BYU, o Élder Loren C. Dunn contou como seu pai, um ocupado presidente de estaca em Tooele, delegou aos seus dois jovens filhos a responsabilidade de criar vacas na fazenda da família. Concedeu aos rapazes grande liberdade naquilo que poderiam fazer, e eles cometeram alguns erros. Foram observados por um vizinho alerta, que contou ao pai os erros que os jovens “pecuaristas” estavam fazendo. “Tiago, você não compreende”, respondeu o Presidente Dunn. “Veja, eu estou criando rapazes, não vacas.” (“Our Spiritual Heritage”, BYU Devotional, maio de 1982, p. 6.) Que percepção maravilhosa! Que exemplo para os pais com tendência de ver e avaliar o desempenho dos filhos somente em termos temporais.

O que *vemos* ao nosso redor depende do que *buscamos* na vida. Os conquistadores espanhóis se apossaram de insubstituíveis objetos de arte dos artesãos do Novo Mundo e os transformaram em lingotes de ouro. Os inimigos do jovem Joseph Smith perseguiram-no, para se apossarem das placas de ouro das quais ele traduziria o Livro de Mórmon. Queriam as placas de ouro para conseguir dinheiro, não uma mensagem. O valor temporal das placas tinha um preço; o valor espiritual delas era inestimável.

O Élder John A. Widtsoe ensinou: “Existe um significado espiritual em todos os atos humanos e eventos terrenos... cabe ao homem descobrir o significado espiritual nas coisas terrenas... Não existe homem mais feliz do que aquele... que baseia todos os seus labores nessa interpretação espiritual e compreensão dos atos de sua vida.” (*Conference Report*, abril de 1922, pp. 96-97.)

Os homens e mulheres SUD que colonizaram estes vales das montanhas, agiram segundo esse princípio. À luz dos valores e aspirações do mundo, alguns empreendimentos dos pioneiros foram um insucesso. A “missão do ferro” não conseguiu produzir quantidades significativas de ferro. A “missão do algodão” não tornou o Território de Utah auto-suficiente na produção de açúcar não alcançou êxito material por quarenta anos. O Fundo Perpétuo de Imigração não se perpetuou, porque muitos imigrantes

não puderam saldar seus débitos para com ele.

Quando, porém, medidos à luz dos valores eternos da lealdade, cooperação e consagração, algumas das mais flagrantes falhas terrenas são tidas como os maiores triunfos empresariais dos pioneiros. Seja qual for o resultado financeiro, esses empreendimentos requereram sacrifícios que transformaram os pioneiros em santos e prepararam santos para a exaltação. Para Deus, “todas as coisas... são espirituais”. (D&C 29:34.)

Noutro evento da história mórmon, centenas de homens marcharam de Ohio até Sião, no Missouri, a fim de levar socorro militar aos santos perseguidos. Mas, quando os homens do Acampamento de Sião se aproximavam do destino esperado, o Profeta Joseph Smith os dispersou. De acordo com seu ostensivo propósito, a expedição foi um malogro. A maioria dos homens que viriam a liderar a Igreja nos cinquenta anos seguintes, inclusive os que levariam os santos pelas planícies e colonizariam o Oeste, entretanto, vieram a conhecer o Profeta Joseph Smith e receberam seu treinamento-modelo de liderança durante a marcha do Acampamento de Sião. Eis o que disse o Élder Orson F. Whitney a respeito:

“A redenção de Sião é mais do que a compra ou recuperação de terras, da construção de cidades ou até da fundação de nações. É a conquista do coração, a rendição da alma, a santificação da carne, a purificação e enobrecimento das paixões.” (Orson F. Whitney, *The Life of Heber C. Kimball*, 2ª ed., Cidade de Lago Salgado: Stevens & Wallis, Inc., 1945, p. 65.)

O primeiro dos Dez Mandamentos: “Não terás outros deuses diante de mim” (Êxodo 20:3) é a síntese da

natureza da espiritualidade. Para a pessoa espiritual, não há prioridade que precede a Deus. A pessoa que busca ou serve outros objetivos, tais como poder ou preeminência, não é espiritual.

A primazia da espiritualidade sobre o temporal é evidente nos ensinamentos dos três primeiros apóstolos do Salvador. Pedro ensinou:

“Porque toda a carne é como erva, e toda a glória do homem como a flor da erva. Secou-se a erva, e caiu a sua flor;

“Mas a palavra do Senhor permanece para sempre.” (I Pedro 1:24.)

Tiago pergunta: “Não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto, qualquer que quiser ser amigo do mundo, constituiu-se inimigo de Deus.” (Tiago 4:4.) E João, o Apóstolo, escreveu:

“Não ameis o mundo, nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele.

“Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do mundo.

“E o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre.” (I João 2:15-17.)

O materialismo que dá prioridade às necessidades e objetos materiais, é, obviamente, o oposto da espiritualidade. O Salvador ensinou que não devemos ajuntar “tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam”. (Mateus 6:19.) Devemos ajuntar tesouros nos céus: “Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.” (Mateus 6:21.)

Como outros profetas do Livro de Mórmon, Samuel, o lamanita, advertiu os nefitas, dizendo que eram malditos por causa de suas riquezas, “porque



nelas colocastes vossos corações e não destes ouvidos às palavras daquele que vo-las deu”. (Helamã 13:21; ver também Helamã 6:17 e 7:21.)

O Apóstolo Paulo assim aconselhou o jovem Timóteo: “Manda aos ricos deste mundo que não sejam altivos, nem ponham as esperanças na incerteza das riquezas, mas em Deus, que abundantemente nos dá todas as coisas para delas gozarmos.” (1 Timóteo 6:17.)

O dinheiro não é mau em si. O bom samaritano usou a mesma moeda a serviço do próximo, que Judas utilizou para trair o Mestre. É o “*amor do dinheiro* [que] é a raiz de toda a espécie de males”. (1 Timóteo 6:10; grifo nosso.) A diferença crítica é o grau de espiritualidade com que encaramos, avaliamos e administramos as coisas deste mundo e nossas experiências nele.

Caso permitamos que se torne objeto de adoração ou prioridade, o dinheiro pode tornar-nos egoístas e orgulhosos, “inchados das vaidades do mundo”. (Alma 5:37.) Mas, pelo contrário, se empregado para o cumprimento de nossas obrigações legais e pagamento de nossos dívidos e ofertas, o dinheiro poderá demonstrar integridade e fomentar o altruísmo. A utilização espiritualmente esclarecida da propriedade pode ajudar a nos prepararmos para a lei maior de uma glória celeste.

Os atributos da espiritualidade que conseguimos adquirir na vida se mostram muitas vezes na maneira como reagimos diante da morte ou outras aparentes tragédias ou infortúnios. O fiel santo dos últimos dias consegue suportar a morte de entes queridos, porque têm fé na ressurreição e na natureza eterna dos laços familiares. Podemos nos arrepender e sobrepujar nossos erros e deficiências, porque sabemos que nosso Salvador “[sofreu] estas coisas por todos, para que, arrependendo-se, não precisassem sofrer”. (D&C 19:16.)

Do ponto de vista eterno, um revés temporal pode ser uma oportunidade de desenvolver nosso poder espiritual de significado eterno. Na adversidade é que se forja a força. O desenvolvimento da fé dá-se quando não podemos ver o que está à frente.

Léhi prometeu a seu filho Jacó que Deus “consagrará tuas aflições para teu benefício”. (2 Néfi 2:2.) Em meio à perseguição no Missouri, o Senhor assegurou aos santos que “tudo o que vos tiver afligido reverterá para o vosso



bem”. (D&C 98:3.) Aqueles que conseguem encarar suas aflições dessa maneira, têm espiritualidade.

Como conseguimos a espiritualidade? Como obtemos aquele grau de santidade que nos faz usufruir a constante companhia do Espírito Santo? Como é que conseguimos ver e avaliar as coisas deste mundo pela perspectiva eterna?

Buscamos a espiritualidade por meio da fé, do arrependimento e batismo; perdoando-nos mutuamente; jejuando e orando; por meio de desejos retos, pensamentos e ações puras. Buscamos a espiritualidade servindo ao próximo; pela adoração; banqueteados com a palavra de Deus, nas escrituras e nos ensinamentos dos profetas vivos. Obtemos espiritualidade, fazendo e guardando convênios, procurando guardar, conscienciosamente, todos os mandamentos de Deus. Não se adquire espiritualidade de repente. É a consequência de uma sucessão de escolhas certas. É a colheita de uma vida reta.

Pela lente da espiritualidade, vemos todos os mandamentos de Deus como convite às bênçãos. Obediência e sacrifício, lealdade e amor, fidelidade e família todos aparecem numa perspectiva eterna. Na tradução inspirada do Profeta Joseph Smith, de Mateus 16:25-26, as palavras do Salvador adquirem renovada significância:

“E todo aquele que perder sua vida neste mundo por amor de mim, achá-la-á no mundo vindouro.

“Portanto, renunciad ao mundo, e salvai vossa alma; pois o que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma? Ou que dará o homem em recompensa da sua alma?”

Os frutos da espiritualidade foram revelados ao Profeta Joseph Smith na seção 88, de Doutrina e Convênios:

“E se os vossos olhos estiverem fitos só na minha glória, os vossos corpos se encherão com luz, e em vós não haverá trevas; e o corpo que é cheio de luz compreende todas as coisas.

“Portanto, santificai-vos, para que as vossas mentes se ponham em acordo com Deus.” (D&C 88:67-68.)

Testifico que somos os filhos de Deus, o Pai Eterno. Pelo sacrifício expiatório de seu Filho Unigênito, nosso Salvador Jesus Cristo, ele nos deu os meios para sermos purificados de nossos pecados. Através de seus profetas, concedeu-nos a perspectiva eterna da espiritualidade.

Que procuremos obter o grau de espiritualidade que nos santifica, para que nossa mente se ponha de acordo com Deus. (Ver D&C 88:68.) Assim fazendo, usufruiremos as bênçãos prometidas pelo Senhor, inclusive a bênção de vida eterna, “que é o maior de todos os dons de Deus”. Isto eu testifico em nome de Jesus Cristo. Amém.

Misericórdia e Justiça

Élder Theodore M. Burton
do Primeiro Quorum dos Setenta

Conselho sobre como lidar com transgressores e seus familiares:

“Não os abandoneis na hora de maior necessidade.”



Muitas pessoas, tanto membros como não-membros da Igreja, gostariam de saber o que fazem as Autoridades Gerais e me perguntam: “Como o senhor despende seu tempo? Sei que viaja muito, assiste a conferências de estaca e fala nas reuniões de domingo. Mas, o que faz o resto do tempo? Apenas estuda e prepara discursos?” Quando me perguntam isso, meu desejo é responder: “Que resto de tempo?” Preparei este discurso durante vôos e esperas em aeroportos. Se parecer meio “sacudido”, espero que me desculpeis.

Fui chamado a servir como Autoridade Geral há vinte e cinco anos, sem, a princípio, fazer idéia do que se esperava de mim. Designado a realizar uma conferência de estaca na semana subsequente ao meu chamado, fui aconselhar-me com o ex-presidente de minha estaca, o Élder Harold B. Lee, que era então membro do Conselho dos Doze Apóstolos. Pedi-lhe que me dissesse o que fazer. A resposta que recebi me deixou atônito e ao mesmo tempo assustado: “Theodore, agora você é uma Autoridade Geral. Ninguém diz a uma Autoridade Geral como agir

em seu chamado especial. Se tem dúvidas, pergunte ao Senhor, e ele o instruirá.” Antes eu orava, sem jamais esperar uma resposta direta, mas então passei a orar seriamente e com real intenção.

O Senhor respondeu às minhas preces, não da maneira que eu esperava, mas falando à minha mente. Isto, porém, acontecia somente depois de eu haver estudado o problema e me preparado para receber uma resposta. Fico atônito com certas respostas que recebo. Escrituras que antes não compreendia, de repente ficam claras. Respostas que não percebera ao ler as escrituras, agora tinham um novo significado. Durante esses anos, aprendi realmente linha sobre linha e preceito sobre preceito. Aprendi a seguir os profetas viventes, bem como os profetas que já não existem. Por necessidade, aprendi a viver pela fé.

No decurso de meu serviço, fui incumbido de várias designações. Cada Autoridade Geral fica responsável por uma ou mais funções especiais que lhe ocupam o tempo todo. Podem ser de pesquisa ou ensino; outras, árduos encargos administrativos. Algumas são experiências altamente espirituais como administrar um templo, onde o trabalho começa de manhã bem cedinho e se prolonga até altas horas da noite. Todas as designações das Autoridades Gerais requerem tino administrativo, pois têm que demonstrar capacidade espiritual e organizacional em matéria de finanças, pessoal e em outras funções administrativas. O trabalho exige tempo e energia, e sempre me maravilha quão bem meu colegas desempenham as designações.

No momento, sirvo num comitê especial que assessora a Primeira Presidência no esforço de trazer de volta à Igreja membros que se desgarraram do rebanho e que agora chegaram ao ponto de sentir necessidade de recuperar as bênçãos do

sacerdócio e do templo. Cada caso requer a aprovação pessoal da Primeira Presidência. A tarefa do nosso comitê é prover informes completos, de maneira concisa sobre cada caso, a fim de que a Primeira Presidência possa tomar uma decisão final baseada na justiça e misericórdia.

Muitas vezes me perguntam: “Não é deprimente ter que examinar os pecados e transgressões de pessoas com tais dificuldades?” Seria, se estivesse à procura de pecados e transgressões. Mas estou lidando com pessoas em processo de arrependimento. São filhos e filhas de Deus que cometeram erros, às vezes muito graves, mas *não* são pecadores. Eles *foram* pecadores no passado, mas aprenderam por amarga experiência o sofrimento resultante da desobediência às leis de Deus. *Agora* já não são mais pecadores. São filhos *arrependidos* de Deus que querem voltar a ele e estão-se esforçando para consegui-lo. Cometeram erros e pagaram por eles. Agora estão em busca de compreensão, amor e aceitação.

Muitas vezes desejo que tivessem acreditado de início nas palavras de Alma a seu obstinado filho Coriânton:

“E eis porque, meu filho, não te debes expor ao perigo de ofender novamente a teu Deus no tocante a esses pontos de doutrina que até aqui tens desafiado para cometer pecado.

“Não penses que serás restaurado do pecado para a felicidade, em vista do que foi explicado acerca da restauração. Eis que te digo que a iniquidade *nunca* foi felicidade.” (Alma 41:9-10; grifo nosso.)

Assim como um molde determina o vestido ou roupa que usamos, nossa vida também determina nossa existência futura. Por que as pessoas têm que bater tanto a cabeça para aprender a verdade? As escrituras e as instruções dos nossos líderes espirituais nos ensinam a evitar o sofrimento que *sempre* é a conseqüência do pecado.

Algumas pessoas têm-me dito ou escrito sobre o quanto aprenderam ao sobrepujarem o pecado, proporcionando, com isso, nova alegria a si próprios e seus familiares. Mas quão melhor teria sido, se marido e mulher tivessem aprendido a ser bondosos e amáveis, amorosos e atenciosos, virtuosos e verdadeiros, evitando, assim, todo aquele sofrimento inútil? Muitas pessoas têm feito isso e sido felizes. Outros tiveram que aprender a fazer as coisas certas da

maneira difícil, antes de serem felizes.

Mas aqueles de cujos casos eu trato, estão no caminho de volta. Por isso, regozijo-me ao organizar e resumir cada caso a ser examinado pela Primeira Presidência. Se a petição de um ex-transgressor é aprovada pela Primeira Presidência, uma Autoridade Geral é designada a entrevistá-lo e decidir se merece e está preparado para, novamente, usufruir as bênçãos do sacerdócio e do templo, que desfrutava antes da excomunhão. Assim, quando o Presidente Benson me designa, por exemplo, a tal tarefa, eu entrevisto a pessoa, a fim de assegurar-me de que está realmente arrependida.

Então, ensino a pessoa a evitar que o problema se repita. Depois que se transgrediu uma vez, Satanás procura de todas as formas desencorajá-la e tirar-lhe a esperança de um dia sentir-se completamente livre daquele pecado. Eu explico que Deus verdadeiramente a ama, e que por meio desse amor e do sacrifício expiatório de Jesus Cristo, até mesmo os pecados pessoais podem ser e serão perdoados e completamente anulados, bastando que simplesmente abandone o pecado e jamais volte a ceder à tentação. Como Autoridades Gerais, somos médicos espirituais, procurando ajudar as pessoas a colocarem a vida e sempre que possível, as famílias novamente em ordem, para que continuem a viver retamente e possam um dia retornar à presença de Deus, o Pai Eterno.

Fico triste ao saber como alguns de nossos membros e, às vezes, até líderes locais, tratam as pessoas que precisam ser disciplinadas devido à transgressão. Sei que existe a tendência de equiparar “disciplinar” com “punir”, mas existe uma diferença entre esses dois termos. Em inglês, pelo menos, a palavra “disciplina” tem a mesma raiz que “discípulo”. Discípulo é um aluno, alguém a ser ensinado. Ao lidar com transgressores, precisamos ter em mente que eles *necessitam* desesperadamente de ser ensinados. Muitas vezes o transgressor é tão hostil, que se torna impossível ensiná-lo naquele momento.

No entanto, se nos lembrarmos de que é um filho de Deus, jamais o abandonaremos. Um presidente de ramo ou bispo que aconselha aos membros evitarem o transgressor é muito insensato e maldoso. É nesses momentos de rebelião ou ira que mais precisam de ajuda. Devemos continuar mostrando-nos amigáveis, não com atitude de desafio ou crítica, mas num



espírito de compaixão.

Quanto mais estudo o Livro de Mórmon, mais grato fico pelo espírito de bondade e amor com que foi escrito. Referindo-se aos que ainda não estavam prontos para se arrepender, Jesus disse a seus discípulos:

“E eis que vos reunireis com frequência; e não proibireis a ninguém que se chegue a vós, quando vos reunirdes. Antes, permitireis que se cheguem a vós e não os afastareis.

“Mas orareis por eles e não os expulsareis; e, se acontecer que se cheguem a vós frequentemente, rogareis por eles ao Pai, em meu nome.” (3 Néfi 18:22-23.)

Pessoas indignas não devem tomar o sacramento, para que não zombem desta sagrada ordenança na qual fazemos o convênio de cumprir e obedecer às leis de Deus. O Salvador prossegue: “Não obstante, não o expulsareis, mas ministrarlhe-eis e rogareis por ele ao Pai, em meu nome.” (3 Néfi 18:30.)

No meu entender, “ministrar” quer

dizer que devemos ensinar, fazer amizade e ajudar a pessoa a compreender, arrepender-se e voltar para Deus. Se ela então se arrepende e é batizada, isto é bom. Mas, caso se recuse a arrepender-se, ela ainda não está pronta para ser considerada como membro da Igreja de Cristo. O Salvador então nos ensina a tratar aqueles que ainda não se arrependeram:

“Não obstante, não o expulsareis das vossas sinagogas ou lugares de culto, porque a ele continuareis a ministrar; pois não sabeis se voltará, se se arrependerá e virá a mim com toda a sinceridade de coração, e eu o curarei; e sereis vós os intermediários de sua salvação.” (3 Néfi 18:32.)

Exorto-vos particularmente a considerar os problemas que a família do transgressor tem de enfrentar. Quando uma pessoa precisa ser disciplinada, lembrai-vos do impacto que isto causa a seus familiares. O fato em si já arrasa a família. Ela acabou de ser traída e machucada, e cada um, individualmente, muitas vezes sente a mancha da transgressão sobre si próprio, ainda que pessoalmente seja inocente. Não os abandoneis na hora de maior necessidade. Jamais precisarão mais de amigos do que nessa ocasião. Nunca precisarão de mais aceitação, bondade e compreensão do que naqueles primeiros meses após a decepção. Não alargueis a brecha. Não condeneis mais ainda o ofensor aos olhos da família. Isto só prolongará o processo de recuperação e dificultará o perdão. Colocai-vos no lugar deles. Eles precisam de força e incentivo, e muitas vezes de ajuda financeira e/ou física. O cônjuge abandonado tem dificuldade de ajustar-se às muitas e necessárias mudanças. Só vos peço que *estejais* lá, sejais um pilar de amizade no qual possam apoiar-se, um consolador e protetor das crianças da família.

Assim, pois, como Autoridade Geral e como parte de meu atual encargo, rogo a todos que sejais bondosos para com esses angustiados filhos de Deus, que agora necessitam de vossa ajuda mais do que nunca. Que possamos dar ouvidos ao conselho do Salvador:

“Um novo mandamento vos dou, que vos ameis uns aos outros: como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.” (João 13:34-35.)

Que assim possamos fazer, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

“Por Seus Frutos os Conheceréis”

Élder Dean L. Larsen

da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

“Existem alguns testes definitivos que se podem aplicar para determinar a natureza divina de qualquer obra religiosa. São provas prescritas pelo próprio Senhor.”



Recentemente, vários documentos de interesse histórico vieram a público, motivando renovado interesse pela vida do Profeta Joseph Smith e os meios pelos quais estabeleceu a Igreja. Ampla gama de opiniões tem sido expressa com relação a até que ponto essas novas descobertas afetarão nossa concepção dos relatos tradicionais e escriturísticos do chamado divino de Joseph Smith e de seu papel na restauração do evangelho e no estabelecimento da Igreja de Jesus Cristo.

Em meu discurso, hoje, não pretendo examinar a validade desses documentos recém-descobertos, tampouco até que ponto podem afetar a reconstrução da história da Igreja, aos olhos de alguns. Ao invés disso, gostaria de sugerir alguns testes definitivos que se podem aplicar, para determinar a natureza divina de qualquer obra religiosa. São provas prescritas pelo próprio Senhor e ultrapassam a importância experimental de qualquer documento histórico capaz de resistir à passagem do tempo, quer se

relacionem a eventos específicos ou a pessoas que deles participaram. A obra do Senhor é reconhecida por seus frutos. Muitas vezes, os documentos de interesse histórico refletem, quando muito, como uma pessoa percebe ou recorda os acontecimentos, ações e motivos daqueles que neles tomaram parte. Tais reflexões podem ser interessantes, porém nem sempre são exatas. Podem até contar mais sobre aqueles que escrevem do que sobre quem se escreve.

De qualquer forma, a prova sugerida pelo Senhor é a única que resistirá ao tempo, e revelará a verdade sobre aqueles que professam realizar sua obra.

O Salvador reconheceu que haveria impostores que tentariam passar-se por seus representantes autorizados. Ele nos preveniu contra falsos profetas que viriam disfarçados como ovelhas, mas buscariam satisfazer seus próprios interesses egoístas: “Por seus frutos os conheceréis,” disse ele.

“Porventura colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? “Assim toda árvore boa produz bons frutos, e toda árvore má produz frutos maus.

“Não pode a árvore boa dar maus frutos; nem a árvore má dar frutos bons.

“Portanto, pelos seus frutos os conheceréis.” (Mateus 7:15-20.)

É interessante notar que estas declarações do Salvador foram feitas em resposta às acusações dos escribas e fariseus de que ele fazia milagres e curas pelo poder do demônio. “Este não expulsa os demônios senão por Belzebu, príncipe dos demônios,” protestavam. (Mateus 12:24.)

As tentativas dos inimigos do Salvador de destruir sua obra, desacreditando-o, foram inúteis. Tudo

aquilo que ele disse ou fez resistiu à prova do tempo e tem dado bons frutos na vida de milhões de pessoas.

Somando-se aos registros das boas obras realizadas pelo Salvador, é-nos dada a confirmação e testemunho pessoal de nosso Pai Eterno com relação à divina natureza e chamado de Jesus Cristo. Aqueles que estiveram presentes ao batismo do Mestre, ouviram a voz do Pai proclamando dos céus: “Este é o meu Filho amado em quem me comprazo.” (Mateus 3:17.) E novamente, no Monte da Transfiguração, os apóstolos escolhidos do Senhor, ali presentes, ouviram a repetida afirmação: “Este é o meu amado Filho, em quem me comprazo: escutai-o”. (Mateus 17:5.)

De modo semelhante, temos o testemunho do próprio Senhor com relação à natureza divina do chamado de Joseph Smith:

“Portanto, eu, o Senhor, conhecendo a calamidade que haveria de vir sobre os habitantes da terra, chamei meu servo Joseph Smith, lhe falei dos céus e dei-lhe mandamentos.” (D&C 1:17.)

Também: “Eu, o Senhor, sou Deus, e dei estas coisas a ti, meu servo Joseph Smith, e ordenei que sejas testemunha destas coisas...

“Pois mais tarde serás ordenado e irás avante para levar as minhas palavras aos filhos dos homens...

“Mas esta geração receberá a minha palavra por teu intermédio.” (D&C 5:2, 6, 10.)

E ainda: “Os confins da terra inquirirão pelo teu nome, e tolos zombarão de ti, e o inferno contra ti se enfurecerá;

“Enquanto os puros de coração, e os sábios, e os nobres, e os virtuosos procurarão conselho, e autoridade, e bênção de tuas mãos continuamente.

“E o teu povo nunca se voltará contra ti pelo testemunho de traidores.” (D&C 122:1-3.)

Joseph Smith declarou que sua obra era do Senhor. Suas credenciais como um profeta de Deus não são provadas apropriadamente por relíquias históricas.

Os frutos do evangelho restaurado de Jesus Cristo são a verdadeira prova de Joseph e sua obra.

Dentre os frutos de fácil acesso aos homens, hoje, estão as escrituras geradas por seu trabalho. Estas, logicamente, incluem o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor. São frutos tangíveis que não podem ser



suplantados por todo e qualquer comentário dos que se interessam pela reconstituição da História. Elas contêm as revelações de Deus. O valor dos princípios eternos que propõem, pode ser posto à prova pela aplicação no dia-a-dia. Na realidade, esta é a única prova legítima. Alma lança no Livro de Mórmon um desafio para o uso desta prova.

“Mas eis que...” diz ele, “se exercitardes vossas faculdades, pondo à prova minhas palavras, e exercerdes um pouco de fé, sim ainda mesmo que não tenhais mais que o desejo de acreditar, fazei com que esse desejo opere em vós, até acreditardes de tal forma, que possais dar lugar para uma porção de minhas palavras.” (Alma 32:27.)

Comparando esta experiência ao plantio de uma semente, Alma prossegue: “Comparemos, pois, a palavra a uma semente. Se derdes lugar em vossos corações para que uma semente seja plantada, eis que, se for uma semente verdadeira ou boa, e não a

rechaçardes por vossa incredulidade, resistindo ao Espírito do Senhor, ela começará a germinar em vosso peito; e quando lhe sentirdes os efeitos, começareis a dizer a vós mesmos: Deve realmente ser uma boa semente, ou uma boa palavra, porque começa a dilatar a minha alma e a iluminar o meu entendimento; sim, começa a ser-me deliciosa.” (Alma 32:28.)

Há mais de cento e cinquenta anos, desde a fundação de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, milhões de pessoas vêm fazendo a experiência proposta por Alma com relação ao evangelho restaurado por Joseph Smith. Esses e outros em número crescente por todo o mundo, prestam hoje testemunho dos bons frutos que ela lhes proporcionou. Eles aplicaram a prova segura do Salvador.

Dentro do contexto da prova dos frutos prescrita pelo Salvador, está implícito um desafio e uma advertência para todos os que recebem o evangelho restaurado de Cristo, que aceitam

Joseph Smith como Profeta de Deus e se dizem membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. O desafio é lançado pelo Salvador no Sermão da Montanha:

“Vós sois o sal da terra...

“Vós sois a luz do mundo...

“Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.” (Mateus 5:13-16.)

Daqueles que recebem o evangelho, espera-se que manifestem os frutos dele em sua própria vida, não só para seu próprio benefício e bênção, como para trazer outros à verdade.

Isto não significa que aqueles que são obedientes aos princípios da verdade estarão livres de todos os cuidados e preocupações do mundo, pois todos são provados. Mas aqueles que vivem de acordo com o plano de vida do Senhor, serão capazes de suportar essas provações sem sucumbir. Eles resistirão. Sua vida manifestará significativos frutos do evangelho e os tornará em farol para todos aqueles que estão à procura de luz e verdade.

Quando não correspondemos a essa confiança em nós depositada, de certo modo traímos os convênios que fizemos. Não só deixamos de merecer os benefícios plenos do evangelho para nós próprios, como nos tornamos uma pedra de tropeço para os outros. Neste caso, acontecerá conosco o que aconteceu ao filho desobediente de Alma, que cedeu às tentações do mundo, e a quem diz Alma, lamentoso:

“Eis que, meu filho, quanta iniquidade trouxeste sobre os zoramitas; pois, ao observarem eles o teu procedimento, não acreditaram nas minhas palavras.” (Alma 39:11.)

O Salvador preveniu aqueles que, conhecendo a verdade, seguem outro caminho: “... e se o sal for insípido... para nada mais presta senão para se lançar fora, e ser pisado pelos homens.” (Mateus 5:13.)

Participar dos frutos do evangelho não nos deve tornar arrogantes ou indiferentes, mas, sim, nos destacar do mundo por nossa conduta.

E, nesta época, quando tantas verdades fundamentais da restauração e da validade da obra do Senhor estão sendo desacatadas, talvez seja bom perguntarmos a nós próprios até que ponto nosso comportamento nos destaca e manifesta os frutos do evangelho. Desfrutamos do amor e apoio de nossos familiares e nos

qualificamos para tal? Somos justos e honestos em nossas transações comerciais e prontos a cumprir nossas obrigações? Nossa palavra é uma só? Estão nossos mais íntimos pensamentos livres das concupiscências do mundo? Refletem eles nossa absoluta lealdade e fidelidade àqueles com quem fizemos convênios eternos? Nutrimos através de orações e estudo regular das verdades reveladas do Senhor, a força moral e espiritual requerida de nós no mundo de hoje? Nas atividades e entretenimento que procuramos, mantemo-nos limpos das manchas do mundo e em harmonia com o dia santificado do Senhor? Somos generosos com o que possuímos e propensos a prestar serviço aos outros? Reconhecemos nossos erros e fraquezas e buscamos o perdão daqueles a quem possamos ter ofendido ou causado mal?

Permiti-me repetir que aqueles que fazem a obra do Senhor o demonstram pelo fruto de seu trabalho. Analisar e criticar os outros, quer seja do ponto de vista histórico ou pelo que observamos na vida contemporânea, será de pouco impacto, a menos que se harmonize com que o Senhor pensa. Dizia o Apóstolo Paulo:

“Mas tu, por que julgas teu irmão? Ou tu, também por que desprezas teu irmão? Pois todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo...

“De maneira que cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus...”

“Assim que não nos julgemos mais uns aos outros; antes seja o vosso propósito não pôr tropeço ou escândalo ao irmão.” (Romanos 14:10, 12, 13.)

Presto testemunho de que Joseph Smith foi um Profeta de Deus, por meio de quem o Senhor estabeleceu a verdadeira Igreja e o único plano de vida que nos pode trazer felicidade eterna e exaltação. Testifico ainda que aqueles que o sucederam em seu chamado profético até a presente data, têm sido homens escolhidos e revestidos de poder e autoridade para realizar a obra do Senhor.

Reconheço, humildemente, a responsabilidade que compartilho convosco de manifestar em minha vida os frutos do Evangelho de Jesus Cristo. E àqueles que porventura duvidam da autenticidade desta obra, deixo o desafio do Salvador: “Ou fazei a árvore boa, e o seu fruto bom, ou fazei a árvore má, e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore.” (Mateus 12:33.)

Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Paz — Triunfo de Princípios

Marvin J. Ashton
do Quorum dos Doze Apóstolos

“Somente os que sentem paz conseguem suportar bem acusações e calúnias. A paz interior é o grande prêmio dos servos valentes de Deus.”



Há muitos anos ouvi uma história que muito me impressionou. Vou contá-la hoje em alguns instantes, para dirigir vossos pensamentos para a importante palavra “paz”. Num trem lotado, uma linda menininha cega estava sentada no colo do pai. Um amigo, sentado perto, disse ao pai: “Deixe-me ajudá-lo” e, tomando a menina, colocou-a no seu colo. Momentos mais tarde, o pai perguntou à menina: “Sabe quem te está segurando?” “Não”, respondeu a menina: “mas o senhor sabe.”

Alguns talvez digam: “Que confiança total tinha a filha no pai!” Outros talvez dirão: “Que exemplo de fé!” A meu ver, é uma maravilhosa mistura de todos os princípios que deram à criança uma inestimável paz interior. Ela sabia que estava segura, porque seu pai *sabia* quem a estava segurando. Anos de afeição, respeito e carinho haviam plantado no coração dessa menininha uma paz que ultrapassa a todo entendimento. Ela estava em paz, porque conhecia seu pai e confiava nele.

Em nossas orações e pensamentos, rogamos por paz. Onde está a paz? Será que podemos desfrutar dessa grande dádiva enquanto rodeados de guerras,

rumores de guerras, discórdias e contendas? A resposta é “sim”. Assim como a menininha cega se considerava totalmente segura no colo do desconhecido só porque seu pai o conhecia, assim também nós podemos conhecer nosso Pai e encontrar paz interior vivendo seus princípios.

É muito significativo o fato de que, após ressurgir e apresentar-se aos seus discípulos, as primeiras palavras de Jesus foram: “Paz seja convosco”. (Lucas 24:36.) A paz, e não a paixão, bens materiais, nem realização ou felicidade pessoal, é uma das maiores bênçãos que o homem pode receber. Nossa confiança e nosso relacionamento com o Pai Celestial devem ser semelhantes ao da menininha e seu pai terreno. Quando nos sobrevierem pesares, tragédias e desânimo, não seria maravilhoso ouvir os sussurros de Deus a nos perguntar: “Sabes por que isto te aconteceu?” e de mente tranqüila, poder responder: “Não, mas *tu* sabes.”

Certamente a paz é o oposto do medo. A paz é a bênção concedida àqueles que confiam em Deus. Ela se baseia na retidão individual. A verdadeira paz interior só se obtém pela eterna vigilância e constante esforço em retidão. Nenhum homem infiel ao seu “eu” melhor pode sentir-se em paz. Nenhum homem que vive na mentira tem paz duradoura. O transgressor da lei jamais terá paz. Viver as leis de Deus é fundamental para termos paz. Paz é algo que se conquista. Não é um dom; mas antes, algo merecido por aqueles que amam o Senhor e se empenham em obter as bênçãos da paz. Não se trata de um documento escrito. É algo que parte de dentro de nós.

O Vale do Lago Salgado foi colonizado por pessoas que, sob condições extremamente difíceis, atravessaram as planícies para poderem adorar a Deus em paz. Abandonaram Nauvoo, uma cidade profanada pelos inimigos ignorantes, mal informados e



exasperados da Igreja.

Não houve mais paz naquela bela cidade. Quão grande foi o preço pago por alguns daquela época para ter o privilégio de adorar em paz.

Ódio e paz jamais habitarão a mesma alma. A paz permanente foge das pessoas ou grupos, cujo objetivo é condenar, desacreditar, injuriar ou prejudicar aqueles cuja crença difere da sua. Essas pessoas vivem pelo ódio e destruiriam os outros, se pudessem fazê-lo. Os verdadeiros cristão não têm tempo para contendas. É impossível obter paz contínua, enquanto estivermos ultrajando ou odiando as pessoas. Aqueles que pregam ódio, zombaria e mentiras não podem ser chamados de pacificadores. A menos que se arrependam, colherão os frutos a que fazem jus os que odeiam. Sentimentos de inimizade e malícia jamais são compatíveis com sentimentos de paz.

“Mas os ímpios serão como o mar bravo, que se não pode aquietar, e cujas

águas lançam de si lama e lodo.

“Os ímpios, diz o meu Deus, não têm paz.” (Isaias 57:20-21).

Entretanto, somente os que sentem paz conseguem suportar bem acusações e calúnias. A paz interior é o grande prêmio dos servos valentes de Deus. Um testemunho da veracidade dos ensinamentos de nosso Salvador proporciona paz interior nos momentos de adversidade.

Existem aqueles que nos querem seduzir com ofertas de uma falsa e atraente paz; são os cobiçosos e ávidos de poder. “Não erreis; Deus não se deixa escarnecer; ... O que semeia na sua carne, ceifará a corrupção.” (Gálatas 6:7-8.) A paz interior foge dos que sacrificam a virtude à promiscuidade sexual. Há alguns que, sob o disfarce de “aliviar a tensão”, advogam e promovem novas explorações sexuais. Essas pessoas estão apenas “semeando na carne” e apregoando coisas diabólicas. Não importa como a classifiquemos ou

camuflemos, a iniquidade acabará trazendo dor e pesar, e eliminará a paz interior.

Aqueles que participam de conversas e comportamento vulgares jamais gozarão de paz. Não plantemos sementes venenosas, mas nutramos as raízes da paz no solo de princípios retos.

Ralph Waldo Emerson declarou esta grande verdade: “Nada pode trazer-nos paz, a não ser nós próprios; nada exceto o triunfo de princípios, pode trazer-nos paz.” (“Self-Reliance”, *Ralph Waldo Emerson: Essays and Lectures*, Nova York: The Library of America, 1983, p. 282.)

A paz não depende de uma aquisição quimérica. A paz não vem quando se paga a última prestação. A paz não vem com o casamento ou quando todos os filhos estão na escola. A paz não vem quando o último filho volta da missão. A paz não advém da obtenção de uma herança. Paz se obtém quando as cicatrizes da morte começam a sarar.



A verdadeira paz não depende de condições ou acontecimentos. A paz tem que surgir de um contentamento íntimo que se baseia na confiança, fé e boa vontade para com o Senhor, o próximo e o próprio eu. Ela tem de ser fortalecida constantemente pela pessoa firmemente alicerçada no Evangelho de Jesus Cristo. Só então a pessoa entenderá que as provações e tribulações do dia-a-dia são menos importantes que a infinita bondade de Deus.

A paz duradoura é uma busca pessoal eterna. A paz advém da obediência à lei. A paz vem àqueles que desenvolvem caráter e confiança.

Temos um neto jovem que adora ginástica. Ele tem progredido muito e gosta de nos mostrar o que sabe fazer. Enquanto desenvolve sua destreza, seu corpo está-se fortalecendo em flexibilidade e força. A última vez que me pediu que apalpassem seus músculos do braço, dei-lhe parabéns. Senti-me satisfeito. Quando ele saiu pulando, (os ginastas, parece, estão sempre pulando e saltando), ocorreu-me o pensamento de que seus pais, avós, professores e outros têm a obrigação de ensinar-lhe uma das grandes verdades da vida: que a flacidez do caráter deve causar mais

preocupação que a flacidez dos músculos. O preparo e o condicionamento do corpo são metas válidas, mas é preciso muito mais para se adquirir paz interior. Precisamos estabelecer equilíbrio em nossa vida e “crescer em sabedoria e em estatura, e em graça para com Deus e os homens”, para alcançarmos nosso pleno potencial. (Ver Lucas 2:52.)

A não ser que a paz seja fundamentada sobre princípios eternos tais como o amor de Deus, amor ao próximo e amor a si próprio, não será duradoura. Aqueles que amam ao próximo, podem proporcionar paz e alegria a muitos. O amor é capaz de lançar pontes de compreensão e destruir paredes de desconfiança e ódio. O amor como o de Cristo pode levar paz a qualquer vizinhança. Com esse tipo de amor, cada um de nós pode ajudar a resolver pequenas divergências, seja no lar ou na comunidade.

Enquanto eu residia num outro país, pouco antes da Segunda Guerra Mundial, uma preeminente personalidade do governo tentava com denodo manter a paz em seu país. Tinha em mãos um documento assinado que garantia a paz. Após negociações de boa-fé, aparentemente

havia conseguido o que milhões de compatriotas seus vinham almejando e implorando em oração. Ele assegurou-nos publicamente que teríamos paz.

Pouco tempo depois, porém, ele percebeu que fora enganado. Os homens com quem havia negociado eram egoístas, vorazes e famintos de poder. Simplesmente quiseram ganhar tempo, para consolidar sua posição. E houve a guerra.

Nós aprendemos que não se consegue paz negociando com quem nos engana e ignora os princípios básicos ensinados pelo nosso Salvador.

Nessas ocasiões, os acontecimentos externos tornam mais imperativo ainda buscarmos paz dentro de nós mesmos. É fútil procurá-la em fontes externas.

George C. Marshall disse com sabedoria: “Temos de aceitar as nações deste mundo da maneira que são, as paixões e os preconceitos humanos conforme existem, e encontrar alguma forma de garantir ... um mundo pacífico.”

A paz deve ser o triunfo de princípios. O egoísmo e a falta de paciência tendem a bloquear o caminho. Clamamos hoje com urgência: “Tem misericórdia, ó Senhor, de todas as nações da terra; tem misericórdia dos governadores da nossa terra; que os princípios que foram defendidos com tanta honra e nobreza por nossos pais, ou seja, a Constituição da nossa terra, sejam estabelecidos para sempre.” (D&C 109:54.) O venerado Winston Churchill disse: “Dia virá em que ... as nações vitoriosas planejarão e construirão, em justiça e liberdade, uma morada de muitas mansões, onde haverá lugar para todos.”

Deveríamos, hoje, orar fervorosamente para que os líderes das grandes e pequenas nações, livres ou oprimidas, soubessem: “E acima de tudo, como um manto, vesti o vínculo da caridade, que é o vínculo da perfeição e da paz.” (D&C 88:125.)

Apesar dos desafios de refrear os déficits do orçamento federal, e motins, terrorismo, de controlar a produção de armamentos, a inflação e de vencer a ambiciosa batalha da reforma tributária, graças ao Senhor, a América está em paz.

Graças a Deus que existem nações que ensinam e vivem em paz. Graças a Deus que há homens que procuram mantê-la. Nossa responsabilidade como nação e compatriotas é continuar a liderar a promoção de “paz na terra aos homens de boa vontade”. Aos homens

de todo o mundo, que desejam participar da paz duradoura, dizemos: “Mas aprendei que aquele que pratica as obras de justiça receberá a sua recompensa, sim, paz neste mundo e vida eterna no mundo vindouro.” (D&C 59:23.)

A paz duradoura depende de instituições fundamentais como o indivíduo, o lar, a igreja, a escola e o governo. O objetivo principal das escolas deve ser sempre o de desenvolver o caráter, promover lealdade ao governo, lealdade no lar e lealdade para com o indivíduo. Esta é a verdadeira paz interior e exterior. Nenhuma paz, mesmo que temporária, será duradoura, a não ser que seja fundamentada em princípios eternos, tais como amor a Deus, amor ao próximo e amor próprio. A maioria dos homens deseja a paz, clama por paz, ora por paz e trabalha pela paz; porém, não haverá paz duradoura, até que toda a humanidade siga o caminho indicado e trilhado pelo Cristo vivo. Não pode haver paz no pecado e na desobediência. Se eu não tenho paz dentro de mim, aqueles que me rodeiam sofrerão.

Deus sente um amor especial àqueles filhos que promovem e defendem a paz. Nosso dever como membros da Igreja é incutir num número sempre maior de pessoas, o fato de que nossas atitudes e nosso comportamento podem proporcionar num mundo tão problemático, uma certa paz e um sentimento de estabilidade em tempos difíceis. Com paz no coração, saberemos que as tendências deste mundo e as críticas dos homens não conseguem alterar as verdades de Deus.

Quando permearmos adequadamente nossa vida com os verdadeiros princípios do amor, honestidade, respeito, caráter, fé e paciência, teremos a paz como bem inestimável. A paz é o triunfo de princípios corretos.

Assim como a menininha permaneceu calma no colo de um estranho, porque seu pai o conhecia, também poderemos encontrar paz, se conhecermos o nosso Pai e aprendermos a viver segundo os seus princípios.

Ninguém pode evitar as tormentas da vida. Os ventos e as ondas interferirão periodicamente no rumo que escolhemos. As leis do evangelho podem-nos trazer de volta ao rumo e nos conduzir a águas mais tranquilas.

Disto eu presto testemunho especial em nome de Jesus Cristo. Amém.

SESSÃO VESPERTINA DE DOMINGO
6 de outubro de 1985

Apoio dos Oficiais da Igreja

Presidente Gordon B. Hinckley
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência



Meus irmãos e irmãs, apresentar-vos-ei agora as Autoridades Gerais e oficiais gerais da Igreja para voto de apoio.

É proposto que apoiemos o Presidente Spencer W. Kimball como profeta, vidente e revelador, e Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Os que estão a favor, queiram manifestar-se. Quem discordar, pelo mesmo sinal. Marion G. Romney como primeiro conselheiro na Primeira Presidência, e Gordon B. Hinckley como segundo conselheiro na Primeira Presidência. Os que estão a favor, queiram indicá-lo. Quem estiver contra, manifeste-se.

É proposto que apoiemos como presidente do Conselho dos Doze Apóstolos o Élder Ezra Taft Benson, e como membros deste conselho: Ezra Taft Benson, Howard W. Hunter, Thomas S. Monson, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks e M. Russell Ballard. É proposto que apoiemos os conselheiros na Primeira Presidência e os Doze Apóstolos como profetas, videntes e reveladores. Os que estiverem a favor, queiram manifestar-se. Se alguém se opuser, manifeste-se.

Solicitamos ao Élder J. Thomas Fyans, homem de grande capacidade e muita fé, que sirva em Buenos Aires, Argentina, como presidente da Área Sul Americana do Sul da Igreja. Ele e sua esposa se transferirão brevemente para lá. Gostaria de dizer que temos na Igreja poucos homens tão fiéis ou competentes como ele, e o maravilhoso é que fala castelhano.

Também desobrigamos o Élder M. Russell Ballard, que, junto com o Élder Fyans, vinha servindo como presidente do Primeiro Quorum dos Setenta. Todos os que desejarem externar um voto de apreço a esses irmãos que tão fielmente serviram nessas funções, poderão fazê-lo.

Apoiamos como Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta: Carlos E. Asay, Dean L. Larsen, Richard G. Scott, Marion D. Hanks, William Grant Bangerter, Jack H. Goaslind, Jr., e Robert L. Backman. Todos os demais membros do Primeiro Quorum dos Setenta, o Bispado Presidente, os irmãos eméritos e todos os oficiais gerais da Igreja, como presentemente constituídos. Todos a favor, queiram manifestar-se. Se alguém, discordar, poderá indicá-lo.

Parece-me que os votos positivos foram unânimes. Obrigado.



Dia de Jejum

Élder Howard W. Hunter
do Quorum dos Doze Apóstolos

“Disciplinar-se a si próprio por meio do jejum nos coloca em sintonia com Deus. O dia de jejum dá-nos ocasião de pôr de lado o temporal, podendo assim fruir os atributos mais elevados do espiritual.”



Não fosse hoje dia de conferência geral, estaríamos participando dos serviços de jejum em nossa própria ala, pois é o primeiro domingo do mês. Não só estaríamos presentes às reuniões, como teríamos jejuado segundo o hábito tradicional dos membros da Igreja. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é única nesse aspecto, embora o princípio do jejum tenha sido observado durante toda a história eclesiástica.

Pelos anais de que dispomos, torna-se impossível determinar quando e como se iniciou a prática do jejum nos tempos antigos, ou qual era seu propósito no início. Todavia, encontramos referências a ele como tendo sido praticado nos primórdios dos tempos como expressão de pesar ou emoção. Era associado ao sentido e sincero pesar pelo pecado, a horas de luto e momentos de forte emoção.

Os antigos israelitas faziam jejum, embora haja raras referências a ele, e sempre associadas a determinada ocasião ou em conexão com uma tentativa de comunicar-se com Deus, como no caso do jejum de Moisés e

Elias. (Ver Êxodo 34:28; I Reis 19:8.)

Antes da época do exílio, existem só poucos registros de jejum pelo povo de Israel como um todo, exceto os feitos por necessidade em ocasiões especiais, como a morte de Saul e Jônatas. (Ver I Samuel 31:13; II Samuel 1:12.) Houve ainda outros jejuns públicos para assegurar auxílio divino antes de guerras ou batalhas. (Ver Juízes 20:26; II Samuel 14:24; II Crônicas 20:3.) É de presumir que Moisés jejuava, pois ele menciona o jejum, embora sem recomendar qualquer jejum especial em seus escritos.

Após o período do exílio, entretanto, começaram a ser observados jejuns públicos e particulares, às vezes acompanhados de lamentação e uso de saco e cinzas. O mais importante jejum era o do Dia da Expição anual. Igualmente os judeus piedosos, costumavam jejuar dois dias por semana, no segundo e no quinto dia, isto é, os dias em que Moisés subiu e desceu do Monte Sinai.

Ao aproximar-se a era cristã, encontramos grande devoção ao jejum nos grupos de judeus mais radicais, particularmente o dos fariseus. Jesus, entretanto, não estipulou em suas instruções aos discípulos nenhum requerimento específico quanto à natureza ou frequência do jejum. Mas disse no Sermão da Montanha: “Quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas.” (Mateus 6:16.) Isto indica que deveria haver sinceridade no jejum. Ele próprio jejuou quarenta dias e quarenta noites. (Ver Mateus 4:2.)

Muitas coisas instituídas pela Igreja primitiva durante a época de Cristo foram modificadas e deturpadas após a morte dos últimos apóstolos. O jejum e a oração haviam sido uma questão de observância voluntária, mas acabaram sujeitos a leis e regulamentos eclesiásticos obrigatórios para todos os

membros da Igreja, sob pena de excomunhão.

Quando os primeiros colonizadores se estabeleceram na costa leste dos Estados Unidos, não seguiam os jejuns habituais das igrejas que haviam abandonado. Eles instituíram seus próprios dias de jejum muitos dos quais se perpetuaram até o presente. Alguns desses dias de jejum eram apoiados pelos órgãos legislativos ou funcionários governamentais.

Grande parte dos primeiros membros desta Igreja eram originários da Nova Inglaterra ou tinham a formação religiosa dos primitivos colonizadores, que incluía o jejum em suas crenças religiosas. Tendo em vista tais antecedentes, é possível que muitos sentissem a necessidade de uma comunhão mais íntima com o Pai Celestial. Eles observavam o ensinamento do Senhor, jejuando em segredo (ver Mateus 6:7-18), embora não haja menção a esse princípio na história dos primórdios da Igreja.

A revelação moderna contida em Doutrina e Convênios faz escassa menção ao jejum e não dá nenhuma instrução específica a respeito. Um ano e meio após a organização da Igreja, o Profeta Joseph Smith recebeu uma revelação que menciona a observância do Dia do Senhor e se refere incidentalmente ao jejum sem mais comentários. Eis a parte da revelação que faz menção a ele:

“E, neste dia, não farás nenhuma outra coisa, somente seja o teu alimento preparado com singeleza de coração para que o teu jejum seja perfeito, ou, em outras palavras, para que o teu gozo seja completo.

“Na verdade, isso é jejum e oração, ou, em outras palavras, regozijo e oração.” (D&C 59:13-14.)

É um eco dos tempos do Velho Testamento, confirmando nesta dispensação o princípio do jejum no espírito de oração.

Seguiu-se, no ano seguinte, uma revelação mais explícita sobre o assunto, na qual diz o Senhor: “Também vos dou um mandamento de que continueis em oração e jejum de agora em diante.” (D&C 88:76.)

Antes dessa época não havia observância de jejum na Igreja em caráter regular. A formulação desta revelação, “... que continueis em oração e jejum de agora em diante”, parece sugerir a instituição de reuniões de jejum, mas aparentemente não houve nenhuma até a construção do

Templo de Kirtland, em 1836.

A única outra menção ao jejum na revelação moderna está ligada à construção do Templo de Kirtland e na própria oração de dedicação, na qual o templo é chamado de “uma casa de oração, uma casa de jejum”. (Ver D&C 88:119; 95:7, 16; e 109:8, 16.) No Livro de Mórmon dele há freqüente menção; contudo, trata-se de escrituras antigas, como as da Bíblia. As escrituras desta dispensação nos adiantam pouca informação.

Não sabemos quando o jejum foi adotado na Igreja como observância regular, mas existem registros indicando que se realizaram algumas reuniões de jejum no Templo de Kirtland, na primeira quinta-feira de cada mês, no ano de 1836. Não temos indicação de que estivessem associados a donativos para os pobres, com exceção de um comentário de Brigham Young, passados mais de trinta anos, no Velho Tabernáculo, na Cidade do Lago Salgado, quando disse:

“Sabeis que temos por dia de jejum a primeira quinta-feira de cada mês. Quantos conhecem a origem desse dia? Antes de se pagar o dízimo, os pobres eram mantidos com donativos. Eles foram pedir auxílio a Joseph, em Kirtland, e ele disse que deveria haver um dia de jejum, o que ficou decidido. Devia ser observado uma vez por mês, como agora, e que tudo o que teria sido consumido nesse dia, em termos de farinha de trigo, carne, manteiga, frutas ou coisas que tais, deveria ser levado à reunião de jejum e entregue nas mãos de uma pessoa designada para cuidar dos donativos e distribuí-los aos pobres.” (*Journal of Discourses*, 12:115.)

Apesar de Brigham Young afirmar ter sido a decisão tomada, não existe nenhum registro de que chegou a ser observada.

Em Nauvoo, realizavam-se jejuns ocasionais por algum motivo especial, mas não em caráter habitual e regular. Foi só em 1845 que houve em Nauvoo um jejum para socorrer os pobres. Em *History of the Church*, encontramos este registro feito por Brigham Young:

“Quinta-feira, 15 ... *Dia de Jejum*: Todo trabalho suspenso. Houve reuniões em diversas alas, e donativos entregues aos bispos para os pobres; contribuiu-se o suficiente para suprir as necessidades dos pobres até a colheita.” (*History of the Church*, 7:411.)

Observaram-se dias de jejum para vários fins durante o êxodo de Nauvoo



e depois que os santos chegaram ao Vale do Lago Salgado, sendo alguns deles feitos na primeira quinta-feira do mês. Não podemos dizer com certeza quando os dias de jejum foram instituídos em caráter regular, mas, durante os difíceis anos de 1855 e 1856, devido à prolongada seca e escassez, inverno excepcionalmente rigoroso e a praga de gafanhotos, muitos santos estavam em situação desesperadora. Eis o que escreveu a respeito Brigham H. Roberts:

“A fim de satisfazer à pesada demanda de caridade que recaiu sobre os santos dos últimos dias naqueles anos penosos, criou-se o nosso dia de jejum; os servos do Senhor instituíram a primeira quinta-feira do mês como dia de jejum, visando lançar mão do poupado por esse sacrifício, para auxiliar aqueles que, sem isto, ficariam carentes. Esse plano para atender a uma emergência tornou-se uma instituição estabelecida.” (Conference Report, abril de 1913, p. 120.)

Antes dessa época, os pobres eram mantidos com doações, mas agora seu sustento associou-se ao dia de jejum, e as doações passaram a ser chamadas de ofertas de jejum e eram trazidas mensalmente à reunião de jejum. Desde a chegada dos santos aos vales das montanhas até 1896, o dia de jejum era observado na primeira quinta-feira do mês, e as ofertas geralmente eram feitas em espécie.

Naqueles tempos, em que o número de membros da Igreja era pequeno, a

observância do dia de jejum na quinta-feira não constituía problema. Com o passar dos anos, entretanto, os empregados tinham de deixar o trabalho para ir à reunião de jejum, os comerciantes eram obrigados a fechar seus estabelecimentos, além de outras dificuldades resultantes da observância num dia da semana. A Primeira Presidência e os Doze decidiram, pois, que a reunião de jejum passaria a ser realizada no primeiro domingo do mês, ficando marcada a mudança para o primeiro domingo de dezembro de 1896. Desde então até o presente, quase um século, o dia de jejum vem sendo observado, na maioria dos casos, no primeiro domingo do mês como prática religiosa.

Os membros da Igreja podem jejuar sempre que sentirem necessidade, mas o jejum feito no dia oficialmente designado como tal, conforme definição do Presidente Joseph F. Smith, “é que não se deve comer e beber por vinte e quatro horas, ‘do entardecer a entardecer’”, o que tem sido interpretado como abster-se de duas refeições: do jantar da véspera até o jantar do dia de jejum. O Presidente Smith prossegue, dizendo:

“Além disso, o objetivo capital e (principal) da instituição do jejum para os santos dos últimos dias foi o de prover alimentos aos pobres. É, portanto, dever de todo santo dos últimos dias entregar ao bispo, no dia de jejum, os alimentos que ele ou sua família consumiria naquele dia, a fim de que sejam dados aos pobres para seu benefício e bênção; ou, em lugar de alimento, o valor equivalente, ou, se a pessoa for abastada, um donativo generoso em dinheiro, para que seja guardado e dedicado aos pobres.” (*Improvement Era*, dezembro de 1902, p. 148.)

Não somos ricos se o Senhor nos abençoou com algo que podemos compartilhar com os outros?

Disciplinar-se a si próprio por meio do jejum nos coloca em sintonia com Deus. O dia de jejum dá-nos ocasião de pôr de lado o temporal, podendo, assim, fruir os atributos mais elevados do espiritual. Jejuando nesse dia, aprendemos a entender melhor as necessidades dos menos afortunados.

Que o Senhor nos abençoe, ao vivermos os mandamentos e compartilharmos o que temos com nossos irmãos e irmãs, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

O Evangelho

Élder Hartman Rector, Jr.
do Primeiro Quorum dos Setenta

“O evangelho é o caminho da salvação e, sem dúvida, não existe nenhum outro. Os mortais chegarão lá pelo Evangelho de Jesus Cristo, ou não terão salvação, significando vida eterna.”



Meus irmãos e irmãs, gostaria de debater convosco, por alguns momentos, o poder de Deus para a salvação, ou o Evangelho de Jesus Cristo. Penso mais propriamente que para nós, o evangelho é o *caminho* da salvação, e sem dúvida não existe nenhum outro. Os mortais chegarão lá pelo Evangelho de Jesus Cristo, ou não terão salvação, significando vida eterna.

A palavra *evangelho* significa literalmente “boas-novas”. Se recebêssemos a notícia de que faleceu um parente desconhecido, cujo paradeiro era há muito ignorado e vos deixou um milhão de dólares, isto bem que poderia ser considerado “boas-novas”, mas ainda assim não seria o evangelho. O evangelho é, pois, um tipo especial de boa notícia, a boa notícia a respeito de Jesus Cristo e seu sacrifício expiatório por nossos pecados e pela transgressão que se deu no Jardim do Éden.

Se quiséssemos procurar a melhor definição do que contém o Evangelho de Jesus Cristo, dificilmente encontraríamos alguma melhor que a do próprio Senhor Jesus Cristo. Em 3 Néfi 27, lemos, a partir do versículo

treze: “Eis que vos dei o meu evangelho, e este é o evangelho que vos dei: que vim ao mundo para fazer a vontade do Pai, porque ele me enviou.” Presumo que nós, vós e eu também viemos ao mundo para fazer a vontade do Pai, pois foi ele quem nos enviou, igualmente. Não fomos mandados para cá para fazer precisamente o que Jesus Cristo devia fazer; porém, é vitalmente importante que nós, também, façamos a vontade do Pai.

E Jesus prossegue, informando-nos o que exatamente foi mandado fazer: “E o Pai me enviou para que eu fosse levantado sobre a cruz, e para que, depois que eu tivesse sido levantado sobre a cruz, pudesse atrair a mim todos os homens, a fim de que, assim como fui levantado pelos homens, assim também possam eles ser levantados pelo Pai, para comparecer perante mim, a fim de serem julgados por suas obras, sejam elas boas ou más.” (Ver o vers. 14.)

Jesus veio para dar a vida sobre a cruz, a fim de salvar a humanidade inteira, sob a condição de que aceitassem o que fez. Seria lícito perguntar: Ele queria morrer na cruz? Penso que não. Se assim fosse, não teria orado: “Pai, se queres, passa de mim este cálix, todavia não se faça a minha vontade, mas a tua.” (Lucas 22:42.) Parece que ele não procurou morrer na cruz, mas queria fazer a vontade do Pai.

Aprendi esta lição de meu próprio pai, quando ainda bem novo. Meu pai era mais inteligente que eu, quando eu tinha sete anos. Naturalmente eu era mais inteligente que ele quando tinha dezessete, mas isto mudou mais tarde, também. Ele me disse certa ocasião: “Você ainda não tem idade para ordenhar as vacas.”

Ora, mas eu sabia que tinha. Estava então com sete anos, e sabia que era capaz de ordenhar as vacas. Então,

provei-lhe que conseguia fazê-lo.

Papai comentou: “Sabe, agora acredito que você sabe ordenhar. O trabalho é seu.” E assim, nos dez anos seguintes, ordenei de oito a doze vacas pela manhã e à noite. Podeis estar certos de que cheguei ao ponto de não querer mais nem ouvir falar em ordenha, e uma vez disse a papai: “Pai, não quero mais ordenhar”, ao que ele respondeu: “Muito bem. Você não precisa querer, desde que o faça.” Isto parece exatamente o que o Senhor nos diz, às vezes, quando as coisas ficam duras, e nós achamos: “Na verdade não tenho vontade de ir ao templo”, ou “Que dureza pagar o dízimo”, ou “Não quero fazer ensino familiar”. Sei, com certeza, que Jonas não queria fazer determinada missão. Mas ele a fez.

Jesus foi levantado na cruz, para que todos os homens se achegassem a ele. Poderíamos perguntar: Como o fato de ser levantado sobre a cruz conseguiria atrair para ele todos os homens? Muitos outros foram crucificados sem atrair ninguém. Bem, é preciso levar em conta quem ele era e o que estava fazendo na terra. Ele era o Filho sem pecado de Deus, enviado à terra para pagar o preço do pecado (ver I Coríntios 6:20), tanto da transgressão original no Jardim do Éden como dos pecados individuais. A transgressão no Jardim do Éden trouxe a morte ao mundo, tanto a morte temporal (a separação de espírito e corpo), como a morte espiritual (o afastamento do espírito da presença de Deus). Expiando pela transgressão original, ele possibilitaria a ressurreição, a reunião do espírito e corpo de toda a humanidade. Pagando o preço dos pecados individuais, abriria a porta da vida eterna para que todos pudessem voltar à presença de Deus, eliminando, assim, a morte espiritual. Nenhuma das duas coisas o homem poderia fazer sozinho. Somente Jesus poderia prover o caminho e meios de salvar o homem decaído; e ele o fez, porque amava o ser humano. Diz ele: “Ninguém tem amor maior do que este: de dar alguém a vida pelos seus amigos.” (João 15:13.)

Entendendo isto, fica fácil amar nosso Salvador. O sacrifício dele prova o amor infinito que nos tem; e gera em nós amor infinito por aquele que deu sua vida em resgate de todos. Como ele foi levantado (crucificado) pelos homens, pelo que tornou realidade a ressurreição, assim todos os homens, sejam bons ou maus, hão de ser

levantados ou ressuscitados pelo Pai. A ressurreição é um dom gratuito de Jesus Cristo. Para recebê-lo, basta ter nascido na terra. Entretanto, os homens iníquos ressuscitarão iníquos; e os justos continuarão sendo justos. Segundo o Mestre, a ressurreição acontece para que possamos ser julgados. Suas palavras parecem implicar que o julgamento requer que espírito e corpo estejam inseparavelmente ligados, a fim de poder receber plenitude de glória, quer dizer, a exaltação, ou condenação. E no que se baseará o julgamento? Nas ações realizadas na carne, não no que fizemos antes de nascer, nem no que fizemos após a morte, mas no que fazemos enquanto estamos aqui na mortalidade. (Ver Alma 5:15.) Todos nós nascemos; todos nós morreremos. Assim, a palavra do Senhor é: “Pois eis que esta vida é o tempo para os homens se prepararem para o encontro com Deus; sim, eis que o dia desta vida é o dia para os homens executarem seus labores ...

“Não podereis dizer, quando fordes levados a essa terrível crise: Eu me arrependerei para que possa retornar a meu Deus. Não, não podereis dizer isso; porque o mesmo espírito que possui vossos corpos quando deixardes esta vida, terá forças para possuir vossos corpos naquele mundo eterno.” (Alma 34:32, 34.)

Aparentemente não mudamos ao morrer, o que significa que, se formos viciados em drogas, tivermos maus hábitos e desejos ímpios quando partirmos desta vida, essas tendências provavelmente nos acompanharão. Portanto, arrependimento e perdão, que correspondem a temer a Deus e guardar seus mandamentos, são nosso único dever aqui na mortalidade. (Ver Eclesiastes 12:13.) A mortalidade, de fato, é um período muito, muito breve; comparada à eternidade, é literalmente como o estalar dos dedos. É tão breve, que conseguimos fazê-lo, conseguimos vencer. Ora, a gente agüenta ficar com o pé apertado como que num torno, se souber que logo será liberto. Quando não se tem esperança de um breve alívio é que se torna insuportável. Sim, a provação eterna é breve comparada com a eternidade, mas tanta coisa depende de como suportamos as provações e tentações da carne. Na verdade, é como o Senhor disse ao Profeta Joseph Smith: “Tuas aflições serão por um momento; e então, se as suportares bem, no alto Deus te exaltará” para todo o sempre. (Ver



D&C 121:7-8; 122:4.)

Por conseguinte, uma das razões de sermos ressuscitados é para podermos ser julgados. O Mestre continua dizendo: “E por esta razão fui levantado; portanto, de acordo com o poder do Pai, chamarei os homens a mim, para que sejam julgados segundo suas obras.” (3 Néfi 27:15.) Creio que as obras a que o Mestre se refere aqui, são aquelas que ele nos inspira por seu Santo Espírito. Falando aos que haviam feito convênio de fazer a vontade de Jesus, por meio do evangelho, dizia Paulo: “Porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar.” (Filipenses 2:13.) E diz ainda: “E para isto também trabalho, combatendo segundo a sua eficácia, que obra em mim poderosamente.” (Colossenses 1:29.)

As obras que realizamos por nós mesmos não bastam para nos exaltar. Nas palavras do Rei Benjamim: “Digo-vos que, se o servirdes com toda a vossa alma, ainda assim sereis servidores inúteis.” (2 Néfi 2:21.) Parece-me que podemos fazer muito pouco de nós mesmos, mas, por meio de Cristo, somos capazes de fazer todas as coisas. (Ver Filipenses 4:13.)

Por isso, quando agimos bem, estamos recebendo crédito por suas obras. Conforme diz Néfi, estamos “confiando plenamente nos méritos daquele que tem o poder de salvar”. (2 Néfi 31:19.) Morôni ecoa o mesmo tema, ao dizer que o povo da Igreja confiava “somente nos méritos de Cristo, que era o autor e aperfeiçoador de sua fé”. (Morôni 6:4.) Depois o Mestre nos diz como podemos tornar atuante o seu sacrifício expiatório em

nossa vida e obter crédito por suas obras de justiça. “E sucederá que todos os que se arrependerem e forem batizados em meu nome, serão satisfeitos; e, se perseverarem até o fim” — e eu acrescentaria em arrependimento, incluindo obediência e perdão — “eis que os terei por inocentes perante meu Pai, naquele dia em que eu me levantar para julgar o mundo”. (3 Néfi 27:16.) Ah, então vós e eu precisamos estar sem culpa no último dia, e sendo pecadores como somos, isto seria impossível sem Cristo pagar por nossos pecados e sem aceitarmos esse seu pagamento por meio de nossa fé, arrependimento e batismo.

O Mestre continua: “E aquele que não perseverar até o fim, será derrubado e arrojado ao fogo, do qual não mais voltará, em virtude da justiça do Pai.” (3 Néfi 27:17.) Frequentemente a justiça de Deus parece ser relegada ao último plano, enquanto a misericórdia de Deus merece toda a atenção. Presumo que seja assim, porque todos nós almejamos misericórdia, tentando evitar a justiça, se fosse de todo possível. Mas Deus é justo, isto é um fato, e a misericórdia não pode roubar a justiça. A justiça terá o que devido lhe é! É igualmente um fato que a misericórdia, embora não possa roubar a justiça, pode satisfazer suas exigências sob uma condição, uma única condição. Isto foi muito bem expresso por Amuleque:

“E eis que este é o inteiro significado da lei (de Moisés), tudo indicando aquele grande e último sacrifício; e aquele grande e último sacrifício será o Filho de Deus, sim, infinito e eterno.

“E assim trará a salvação a quantos acreditarem em seu nome, sendo a finalidade de seu último sacrifício despertar as entranhas da misericórdia, que sobrepuja a justiça, dando meios para que os homens possam ter fé e se arrepender.

“E assim a misericórdia pode *satisfazer* as exigências da justiça, e os envolve nos braços da segurança, enquanto aqueles que não exercem a fé para o arrependimento, ficam expostos a todas as disposições das *exigências* da justiça; portanto, apenas sobre os que possuem fé para se arrepender tem efeito o grande e eterno plano de redenção.” (Alma 34:14-16; grifo nosso.)

Assim, pois, embora a misericórdia não possa roubar a justiça, ela pode satisfazer suas exigências, porém só no caso de exercermos fé em Jesus Cristo para nos arrependermos.

O Mestre disse aos nefitas:

“E esta é a palavra que ele (o Pai) deu aos filhos dos homens. E por esta razão cumpre as palavras que deu, e não mente, mas cumpre todas as suas palavras.” (3 Néfi 27:18.) Sendo o Senhor que falou, podeis acreditar. Ele é a própria verdade, não consegue mentir. E diz mais que “nada que seja imundo pode entrar em seu reino; portanto, ninguém entra em seu repouso sem que tenha lavado suas vestes em meu sangue”. E como se faz isto? “Em virtude de sua fé, do arrependimento de todos os seus pecados e de sua fidelidade até o fim.” (3 Néfi 27:19.)

A seguir, o Mestre finaliza seu pronunciamento sobre o evangelho com estas palavras:

“E este é o mandamento:

Arrependei-vos, todos vós, extremos da terra; vinde a mim e sede batizados em meu nome, a fim de que sejais santificados pelo recebimento do Espírito Santo, para que possais comparecer sem mancha perante mim, no último dia.

“Em verdade, em verdade vos digo que *este é o meu evangelho.*” (3 Néfi 27:20-21; grifo nosso.)

Digo-vos como fazia o Rei Benjamim: “Não se dará nenhum outro nome e não haverá nenhum outro caminho ou meio pelo qual os filhos dos homens possam obter sua salvação, que não seja em nome de Cristo, e através de Cristo, o Senhor Onipotente” (Mosiah 3:17), do que presto testemunho em nome de Jesus. Amém.

Resposta ao Chamado

Élder M. Russell Ballard
do Quorum dos Doze Apóstolos

“Todos nós aprendemos, obedientemente, que atenderemos ao chamado e nos desincumbiremos dele o melhor que pudermos, seja como mestre familiar, presidente de estaca ou Autoridade Geral.”



o além é bastante tênue. Reconheço que tem sido uma grande bênção em minha vida ter nascido de pais, avós e bisavós justos que deram tudo o que lhes foi pedido para a edificação do reino de Deus na terra.

Agora, irmãos e irmãs, gostaria de recomendar-me à vossa fé e orações. Externo meu afeto a minha mulher e meus filhos, que me sustentam em tudo o que o Senhor porventura me pedir. Sou grato por esta abundante bênção e oro humildemente por servir-vos, membros desta Igreja, de maneira agradável e aceitável ao nosso Pai Celeste, e isto rogo humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

Irmãos e irmãs, sinto-me profundamente humilde pela confiança do Senhor e meus irmãos, e prometo-vos que farei sinceramente o melhor de que sou capaz. Os últimos nove anos e meio a serviço do Senhor por este mundo afora, me ensinaram que esta Igreja está repleta de homens justos, bons, dedicados. Todos nós aprendemos, obedientemente, que atenderemos ao chamado e nos desincumbiremos dele o melhor que pudermos, seja como mestre familiar, presidente de estaca ou Autoridade Geral.

Conheço a origem do chamado. Aprendi nos últimos nove anos e meio que esta é a Igreja de nosso Pai Celeste. As incumbências recebidas para atuar em nome do Senhor me capacitam a testificar-vos hoje que eu sei, tão certo quanto estou perante vós, que Jesus é o Cristo, que ele vive. Ele acompanha esta obra muito de perto, como está muito perto de todos nós que somos chamados a trabalhar em seu nome na terra.

Gostaria de prestar testemunho de que, no meu caso, o véu entre o aqui e



Joseph Smith, o Instrumento Eleito

Élder Rex C. Reeve
do Primeiro Quorum dos Setenta

“Joseph Smith foi escolhido pelo Senhor antes de nascer para a importante missão de restaurar o Evangelho de Jesus Cristo. Os profetas antigos tinham conhecimento dele e falaram a seu respeito.”



Sinto-me humilde e privilegiado por ter participado convosco desta grande conferência, quer a tenhais acompanhado via satélite, em casa, ou pelo vídeo. Estou entusiasmado e emocionado pelos chamados que hoje foram anunciados, e apóio as Autoridades Gerais de todo o coração. Sou grato por participar da obra do Senhor.

Diz o Senhor:

“Em verdade, em verdade vos digo, como disse aos meus discípulos, que onde dois ou três se reunirem em meu nome, unânimes, eis que aí estarei no meio deles; assim também estou no meio de vós.” (D&C 6:32.)

Nesta grandiosa conferência, fomos abençoados com o cumprimento dessa promessa.

Toda verdade e toda esperança estão concentradas no Senhor Jesus Cristo.

As escrituras definem o evangelho em apenas dois curtos versículos:

“E este é o evangelho, as alegres novas, do qual a voz dos céus nos

testificou:

“Que ele veio ao mundo, Jesus mesmo, para ser crucificado por ele, para carregar os pecados do mundo, e para santificá-lo e purificá-lo de toda a iniquidade.” (D&C 76:40-41.)

Em nossos dias, ele mais uma vez restaurou à terra o seu evangelho, e também a autoridade para pregar e ministrar as ordenanças de salvação.

Joseph Smith, o Profeta, foi o instrumento eleito pelo qual se operou a Restauração. Ele foi escolhido pelo Senhor antes de nascer para esta importante missão. Os profetas antigos tinham conhecimento dele e falaram a seu respeito.

José, que foi vendido no Egito, dele profetizou; conhecia até mesmo seu nome e o nome do pai.

“Porque José em verdade testificou, dizendo: O Senhor meu Deus levantará um vidente...”

“Eis que o Senhor abençoará esse vidente...”

“E seu nome será igual ao meu, e será também chamado pelo nome de seu pai. E ele será semelhante a mim; porque aquilo que o Senhor fizer através de sua mão, pelo poder do Senhor, guiará meu povo à salvação.” (2 Néfi 3:6, 14-15.)

Quando o Senhor quer modificar o mundo, ele não envia exércitos ou utiliza grupos poderosos.

Chegando a hora de livrar os filhos de Israel da servidão no Egito, o Senhor não mandou um exército; enviou um infante a um casal levita, o qual mais tarde veio a ser conhecido como Moisés, o grande legislador, aquele que livrou Israel da escravidão.

No meridiano dos tempos, o Pai enviou seu próprio Filho, fazendo-o nascer de uma virgem e dormir numa humilde manjedoura. O mundo inteiro

foi afetado pela sua breve missão na vida, e ele continua sendo a única esperança da humanidade, aqui e no além.

Quando chegou a época de restaurar o evangelho, a fim de preparar o mundo para a segunda vinda de seu Filho, ele mais uma vez enviou um infante ao lar de pais justos. Aos vinte e três de dezembro de mil oitocentos e cinco, Joseph e Lucy Mack Smith tiveram um garotinho.

Nasceu como filho de pais nobres, tementes a Deus e que amavam o Senhor.

Anos antes de Joseph nascer, afirmava Asael Smith, seu avô paterno:

“Tem sido testificado à minha alma que um de meus descendentes promulgará uma obra que revolucionará o mundo de fé religiosa.” (Joseph Fielding Smith, *Essentials in Church History*, Classics in Mormon Literature, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1979, p. 25.)

Disse Joseph Smith: “Todo homem que recebe o chamado para exercer seu ministério a favor dos habitantes do mundo, foi ordenado precisamente para esse propósito no grande conselho dos céus, antes que este mundo existisse.” (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 357.)

Testifico-vos que ele *foi*, e *é* um Profeta de Deus, e de fato restaurou o Evangelho de Jesus Cristo em nossos dias, junto com o poder e as chaves de autoridade para nele ministrar.

Muitas designações têm-me levado às regiões onde ele nasceu, viveu e serviu, onde morreu como mártir.

Nas imediações de Royalton Sul, Vermont, ergue-se um obelisco de granito de quase doze metros de altura, pesando cinquenta toneladas (um sólido monobloco com um pé de altura para cada ano de vida), marcando o local onde ele nasceu. Ali tem-se, certamente, uma sensação santificante.

Interessou-me saber pela história dessa região que ali houve três invernos seguidos com nevascas excepcionalmente fortes e prolongadas, tornando a agricultura difícil e quase improdutiva, o que fez a família Smith mudar-se para a parte setentrional do Estado de Nova York, na área de Manchester, Palmyra, onde esperavam condições de vida mais propícias. Isto aproximou Joseph do Monte Cumorah, onde devia estar.

Pela necessidade de decidir a qual igreja filiar-se, ele leu em Tiago esta passagem:



“Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e não lança em rosto, e ser-lhe-á dada.” (Tiago 1:5.)

No Bosque Sagrado onde foi orar, ele de fato viu e ouviu Deus, o Pai, e seu Filho, Jesus Cristo. Respondendo à indagação sobre a qual igreja filiar-se, recebeu esta resposta (e passo a citar suas palavras):

“Foi-me respondido que não me unisse a nenhuma delas, porque todas estavam erradas;... ‘Eles se chegam a mim com os lábios, mas seus corações estão longe de mim; eles ensinam como doutrina os mandamentos dos homens, tendo uma religiosidade aparente, mas negam o meu poder.’” (Joseph Smith 2:19.)

Nesse bosque existe algo de especial. A sensação, o espírito ali reinante é diferente. Uma reverência bendita impregna toda a área.

Não muito longe do Bosque Sagrado ergue-se o Monte Cumorah, no qual Morôni, um antigo profeta americano, havia depositado num receptáculo de pedra as placas de ouro que continham os anais resumidos dos negócios do Senhor com um povo que vivera no continente americano muitos séculos antes.

Pelo dom e poder de Deus, Joseph traduziu o escrito nessas placas e publicou uma obra sagrada conhecida como o Livro de Mórmon, que é um outro testamento de Jesus Cristo.

Este livro foi publicado em Palmyra, Nova York, pela Editora E.B. Grandin, cujo prédio é agora um centro de visitantes onde se conta a história da publicação do livro. A partir desse

humilde começo, o Livro de Mórmon já foi publicado em setenta idiomas, tornando-o acessível a setenta e três por cento dos povos da terra.

Trata-se de um registro sagrado traduzido pelo dom e poder de Deus. O prefácio, dado por revelação, declara seu propósito: Convencer judeus e gentios de que Jesus é o Cristo, o Deus Eterno. Ele ensina e testifica de Jesus Cristo, e contém a plenitude do evangelho.

Disse Joseph Smith a respeito dele: “Declarei aos irmãos que o Livro de Mórmon era o mais correto de todos os livros da terra, e a pedra angular de nossa religião; e que o homem se achegaria mais a Deus cumprindo seus preceitos que os de qualquer outro livro.” (*History of the Church*, 4:461; *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 189.)

O Senhor ordenou aos santos que fossem para Ohio. Cito suas palavras: “Portanto, para este fim vos dei o mandamento, dizendo que devereis ir a Ohio; e lá vos darei a minha lei; e lá sereis dotados com o poder do alto.” (D&C 38:32.)

Estudando os importantes eventos ocorridos em Ohio, descobri que lá se deram muitas coisas maravilhosas. Como o incidente na loja dos Whitney, quando Joseph e Emma lá chegaram pela primeira vez, num trenó puxado por cavalo e o Profeta saltou e saudou Newell K. Whitney, proprietário da loja, com estas palavras:

“Newell K. Whitney! Tu és o homem... Trouxeste-me aqui com tuas orações; agora, o que queres de mim?” (*History of the Church*, 1:146.)

Um cômodo acima da loja foi o local de reunião da primeira Escola dos Profetas; a revelação sobre a Palavra de Sabedoria e muitas outras, foram recebidas ali.

O Templo de Kirtland foi edificado pelos santos, apesar de sua extrema pobreza, e erigido com enorme sacrifício.

O próprio Joseph trabalhou na pedreira. Ainda se podem ver as marcas dos furos para cortar as pedras.

Após a dedicação do primeiro templo, que foi um acontecimento glorioso, enquanto se encontravam ajoelhados orando, o Cristo ressurreto apareceu a Joseph Smith e Oliver Cowdery. Cito suas palavras:

“O véu foi retirado de nossa mente, e abertos os olhos do nosso entendimento.

“Vimos diante de nós o Senhor, de pé no parapeito do púlpito; e sob os seus pés um calçamento de ouro puro, da cor de âmbar.

“Seus olhos eram como a labareda de fogo; os cabelos de sua cabeça eram brancos como a pura neve; seu semblante resplandecia mais do que o sol; e a sua voz era como o som de muitas águas, mesmo a voz de Jeová, que dizia:

“Sou o primeiro e o último; sou o que vive; sou o que foi morto; sou o vosso advogado junto ao Pai...

“Que se regozijem os vossos irmãos, e os corações de todo o meu povo, o qual, com sua força construiu esta casa ao meu nome.

“Pois eis que aceitei esta casa, e o meu nome aqui estará; e nesta casa em misericórdia manifestar-me-ei ao meu povo...

“E a fama desta casa se espalhará por terras estrangeiras; e este é o princípio das bênçãos que serão derramadas sobre as cabeças do meu povo. Assim seja. Amém.” (D&C 110:1-4, 6-7, 10.)

Após esta visão, apareceram a Joseph e Oliver, Moisés, Elaiás e Elias, trazendo as chaves do sacerdócio de tão grande valor para nós e toda a humanidade.

Os santos foram forçados a abandonar Ohio e seu templo, construído com tamanho sacrifício e tão alto custo, transferindo-se para o Missouri, onde voltariam a sofrer. Alguns perderam a vida. Outros refugiaram-se em Commerce, Illinois, um lugar pantanoso na margem leste do Rio Mississippi, onde, com sua operosidade e fé levantaram a bela

cidade de Nauvoo, e erigiram outro templo ao seu Deus. Nauvoo tornou-se a maior cidade do grande estado de Illinois.

Entretanto, não encontraram paz duradoura, sendo mais uma vez obrigados a deixar Nauvoo e seu templo, indo para um lugar deserto que ninguém mais queria.

Esse infante de Vermont estava agora para findar sua obra. Havia traduzido e publicado o Livro de Mórmon, recebido as chaves e autoridade de Deus e organizado A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A vida terrena do Profeta Joseph e Hyrum Smith chega ao fim, em Carthage, Illinois.

Confiando na promessa de proteção do governador de Illinois, eles se entregaram à custódia da lei.

Entretanto, não tiveram nenhuma proteção, e ali chegava ao fim a vida mortal deles nas mãos do populacho sem lei. Como mártires, eles selaram seu testemunhos com o próprio sangue.

É difícil colocar em palavras nossos sentimentos, quando visitamos esse lugar sagrado.

Após a morte de Joseph, o governador de Illinois, Thomas B. Ford, que lhe prometera proteção, disse a seu respeito:

“Assim caiu Joe Smith, o impostor de maior sucesso nos tempos modernos.” (*History of the Church*, 7:35.)

Neste verão, ao participarmos da dedicação do segundo templo edificado em Illinois e tomarmos conhecimento de que mais de cem mil de nossos amigos haviam percorrido o lindo Templo de Chicago durante os dias de visita pública, estas palavras proféticas de Joseph Smith a respeito de quem dirige esta obra, adquiriram novo significado: “Nenhuma impura mão poderá impedir o progresso da obra; perseguições poderão sobrevir, motins poderão ser convocados, exércitos reunidos, calúnias poderão difamar, mas a verdade de Deus, irá adiante, majestosa, nobre e independente, até que tenha penetrado em cada continente, visitado cada região, varrido cada país e soado em cada ouvido, até que os propósitos de Deus sejam alcançados, e o Grande Jeová declare que sua obra está consumada.” (*History of the Church*, 4:540; também *Debates para o Seminário de Preparação para o Templo*, p. 30.) Isto eu testifico em nome de Jesus Cristo, o Senhor. Amém.

A Única Igreja Verdadeira

Élder Boyd K. Packer
do Quorum dos Doze Apóstolos

“Inevitavelmente (e com razão), a doutrina da ‘verdadeira igreja’ emerge logo em qualquer debate sério do evangelho, pois não existe melhor maneira de iniciar tal debate do que pela Primeira Visão.”



“Cremos que o homem deve (não poderia, ou deveria, mas tem de) ser chamado por Deus, pela profecia e pela imposição das mãos, por quem possua autoridade para pregar o evangelho e administrar as suas ordenanças.” (Regras de Fé, 1:5.) É assim que recebemos nossa comissão de ir adiante.

Hoje, todos nós participamos do apoio ao Élder M. Russell Ballard como novo membro do Quorum dos Doze Apóstolos. Estou certo de que o Irmão Bruce R. McConkie com quem o Irmão Ballard trabalhava diariamente na obra missionária, alega-se com o que aconteceu hoje.

Penso que o mundo não compreende a importância deste sagrado corpo eclesialístico, e alio-me aos meus irmãos, dando-lhe as boas-vindas, Irmão Ballard, a esta sagrada fraternidade.

Noutros tempos eram Pedro, Tiago, João, André, Filipe, Bartolomeu e outros. E num sentido muito real e literal, o mesmo ofício, o mesmo

chamado, o mesmo sagrado relacionamento como existe hoje com o Senhor. Atualmente, são Spencer, Marion, Gordon, Ezra, Howard, Thomas e os outros, com a mesma obrigação, o mesmo poder sustentador para levar esta obra adiante.

Sinto-me humilde pelo privilégio de, convosco, erguer minha mão nesta sagrada oportunidade.

Desejo, nos poucos minutos que me são concedidos, incentivar aqueles que se sentem mal, quando alguém rejeita uma ou outra doutrina fundamental do evangelho.

O Senhor disse que “todo homem fale, em nome de Deus, o Senhor, o Salvador do mundo”. (D&C 1:20.) E assim, homens e mulheres humildes, e até mesmo jovens não profissionalmente treinados para o ministério, levam adiante a obra do Senhor, muitos deles com pouco mais que a convicção espiritual de que ela é verdadeira.

Às vezes, sem dúvida, devemos parecer bastante canhestros em comparação com o clero profissional de outras igrejas.

Uma das doutrinas representa um desafio particularmente difícil: nossa firme convicção de que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é, conforme afirma a revelação, “a única igreja verdadeira e viva sobre a face de toda a terra”. (D&C 1:30.)

Ela muitas vezes provoca resistência e repele o pesquisador casual. Alguns chegam a dizer: “Não queremos nada com alguém que afirma coisa tão pretenciosa.”

Os primeiros santos dos últimos dias foram duramente perseguidos por defender tal doutrina. Foram alvo de muitas chacotas espirituosas. Nós, é lógico, também não estamos livres delas, hoje.



Não seria o caso, então, de nos adaptarmos, deixando essa doutrina de lado? Não seria preferível mais pessoas aceitarem o restante do evangelho do que os relativamente poucos que se convertem agora?

Nossos missionários “peneiram” milhares, até encontrarem um que se converte. Nossa safra pode parecer impressionante, mas não passamos de respigadores. Conforme predisseram as escrituras, nós apanhamos “um de uma cidade, e a dois de uma geração”. (Jeremias 3:14.)

Alguns têm recomendado que nos limitemos estritamente às evidências palpáveis do evangelho: Vida familiar feliz, viver moderado etc.

Não poderíamos usar os termos *melhor* ou *a melhor*? A palavra *única* não é realmente a maneira mais atraente de iniciar uma conversa sobre o evangelho.

Se pensássemos apenas em termos de diplomacia ou popularidade, certamente modificaríamos de rumo.

Entretanto, nós temos de nos apegar a essa verdade, ainda que muitos se afastem.

Não é de admirar que nossos missionários sejam considerados muitas vezes arrogantes, embora demonstrem a máxima cortesia.

Se nosso principal objetivo é ser aceito ou aprovado, sem dúvida nos sentiremos desapontados, quando outros rejeitam o evangelho.

Lembro-me de uma experiência durante a instrução de pilotagem na II Guerra Mundial. Os cadetes da Aeronáutica recebiam seu treinamento básico em escolas superiores. Nosso grupo foi designado para a Universidade Estadual de Washington, em Pullman. Oito de nós, totalmente estranhos entre si, foram mandados para o mesmo alojamento. Na primeira noite tratamos de nos apresentar.

O primeiro a falar vinha de uma família abastada do Leste. Falou das escolas particulares que freqüentou, contou que todo verão sua família “ia para o Continente”. Eu não sabia que isto significava viajar para a Europa.

O pai do seguinte fora governador de Ohio, e na época integrava o ministério do presidente.

É assim por diante. Eu era mais moço que a maioria, e a primeira vez que ficava longe de casa. Todos haviam freqüentado alguma faculdade. Eu não. Na verdade, não havia nada em mim que me distinguisse.

Quando, finalmente, reuni coragem para falar, disse: “Venho de uma cidadezinha em Utah, da qual nunca ouviram falar. Minha família é numerosa, somos onze filhos. Meu pai é mecânico e possui uma pequena oficina de automóveis.”

Contei que meu bisavô se filiara à Igreja e viera com os pioneiros para o Oeste.

Para minha surpresa e alívio, fui aceito. Minha fé e obscuridade não foram obstáculos.

Desde aí, nunca mais me senti pouco à vontade entre pessoas ricas ou distintas, de alta ou baixa posição social. Tampouco me sinto envergonhado de minha origem ou da Igreja, ou senti necessidade de justificar-me por qualquer de suas doutrinas, mesmo aquelas que não conseguiria defender a contento.

Inevitavelmente (e com razão), a doutrina da ‘verdadeira igreja’ emerge logo em qualquer debate sério do evangelho, pois não existe melhor maneira de iniciar tal debate do que pela Primeira Visão. E nela, na primeira conversação com o homem nesta dispensação, o Senhor a expôs com inequívoca clareza.

Joseph Smith procurava saber “qual de todas as seitas era a verdadeira e a qual deveria (unir-se)”. (Joseph Smith, 2:18.) Certamente supunha que devia existir uma igreja “verdadeira”. A simples indicação de qual seria, resolveria seu problema. Então poderia

filiar-se a ela, viver os preceitos que adotava e pronto.

Mas não seria assim. Em resposta à sua humilde prece, apareceram-lhe o Pai e o Filho. Quando conseguiu recobrar-se a ponto de poder falar, ele indagou “qual de todas as seitas era a verdadeira, a fim de saber a qual (unir-se)”. (Joseph Smith 2:18.) E diz ele:

“Foi-me respondido que não me unisse a nenhuma delas, porque todas estavam erradas; e o Personagem que se dirigiu a mim disse que todos os seus credos eram uma abominação à sua vista, que todos aqueles mestres eram corruptos, que: ‘Eles se chegam a mim com os seus lábios, porém seus corações estão longe de mim; eles ensinam como doutrina os mandamentos dos homens, tendo uma religiosidade aparente, mas negam o meu poder.’

“Novamente proibiu que me unisse a qualquer delas.” (Joseph Smith 1:19-20.)

Que linguagem ousada! Não admira que, quando a repetiu, começaram seus problemas.

Se alguma vez tentou esquecer essas palavras, elas foram repetidas e corroboradas em revelações subseqüentes. Pouco mais de um ano após a organização da Igreja, foi revelada a primeira seção de Doutrina & Convênios. Nela diz o Senhor que o Livro de Mórmon foi dado a fim de que seus servos tivessem “poder para estabelecer o alicerce desta igreja e tirá-la da obscuridade e das trevas, a única igreja verdadeira e viva sobre a face de toda a terra, com a qual, eu, o Senhor me deleito, falando à igreja coletiva e não individualmente”. (D&C 1:30; grifo nosso.)

Depois de deixar claro que falava “à igreja coletiva e não individualmente”, o Senhor advertiu: “Não posso encarar o pecado com o mínimo grau de tolerância.” (D&C 1:31.)

Sabemos que existem pessoas decentes, respeitáveis e humildes em muitas igrejas, sejam elas cristãs ou não. Por outro lado, infelizmente há pretensos santos dos últimos dias comparativamente não tão dignos, pois não guardam os convênios feitos.

Não se trata, porém, de comparar pessoas. Nós não somos batizados como coletividades, nem seremos julgados coletivamente.

A boa conduta sem as ordenanças do evangelho não redimirá nem exaltará a humanidade; os convênios e ordenanças são essenciais. É-nos requerido que ensinemos as doutrinas, mesmo as

impopulares.

Sem essa doutrina, não há como justificar a Restauração. Ela é verdadeira, e lógica. O contrário, não.

Semanas atrás, voltando do Leste com o Presidente Hinckley, conversamos com um passageiro que fez um comentário no sentido de que todas as igrejas conduzem aos céus. Quantas vezes já ouvistes isto: A filosofia dos caminhos paralelos que conduzem ao céu?

Eles alegam que uma igreja não é superior à outra, apenas diferente, e os caminhos acabarão convergindo, se encontrando. Portanto, a pessoa está segura em qualquer igreja que seja.

Embora seja uma teoria muito generosa, simplesmente não é verdadeira.

Acho interessante que aqueles que nos condenam, rejeitam igualmente a teoria dos caminhos paralelos, quando se trata de igrejas não-cristãs.

Pois, se não o fizéssemos, não teriam motivos para aceitar o Senhor como nosso Redentor ou considerar essencial a Expição. E o que fariam com a declaração de que “quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado?” (Marcos 16:16.)

Embora muito atraente, a idéia do caminho convergente não é racional.

Suponede que as escolas funcionassem segundo essa filosofia, com cada matéria seguindo um caminho separado conduzindo ao mesmo diploma. Não importa quem estudasse ou não, que passasse nos exames ou não, todos receberiam o mesmo diploma, aquele que escolhessem. Sem qualificar-se, a pessoa poderia escolher o diploma de advogado, engenheiro ou médico.

Certamente vós vos submeterieis a uma cirurgia pelas mãos de um médico diplomado por semelhante escola!

Mas não é assim que funciona. Não é possível funcionar assim, seja na instrução ou em questões espirituais.

Existem ordenanças essenciais exatamente como há cursos obrigatórios. Existem padrões prescritos de merecimento. Se nós os rejeitarmos, evitarmos ou não os preenchermos, não acompanharemos aqueles que completam o curso.

Já entendestes que o conceito da igualdade de todas as igrejas pressupõe que a verdadeira Igreja de Jesus Cristo não existe, absolutamente?

Bem, outros podem insistir em que esta não seria a igreja verdadeira. É um direito que lhes cabe. Mas afirmar que ela absolutamente não existe, que não



precisa existir, equivale a negar as escrituras.

O Novo Testamento prega “um só Senhor, uma só fé, um só batismo” e fala de “todos (chegarem) à unidade da fé” (Efésios 4:5, 13), e dos “tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio”. (Atos 3:21.)

Nós não inventamos a doutrina da única igreja verdadeira; ela veio do Senhor. Somos obrigados a ensiná-la a todos os que quiserem ouvir, seja qual for a conceituação que outros fazem de nós, por mais presunçosos que pareçamos, a despeito das críticas que nos dirigem.

O Senhor ordenou aos santos dos últimos dias que “não obstante a tribulação que sobre vós descerá”, a Igreja terá de permanecer “independente, acima de todas as outras criaturas sob o mundo celeste”. (D&C 78:14.)

E por obediência, permanecemos independentes. Embora cooperemos com outros para atingir objetivos comuns, nós o fazemos à nossa própria maneira. Não reconhecemos as ordenanças celebradas em outras igrejas. Não fazemos intercâmbio de batismos, prática comum no mundo cristão, atualmente.

Não nos filiamos a associações clericais ou conselhos de igrejas. Mantemo-nos distantes dos movimentos ecumênicos. O evangelho restaurado é

um meio pelo qual os cristãos serão finalmente reunidos.

Não pretendemos que outros não tenham nenhuma verdade. O Senhor diz que eles possuem “religiosidade aparente”. Os que se convertem à Igreja poderão trazer consigo toda a verdade que possuem e tê-la acrescida.

Não temos a liberdade de alterar essa doutrina fundamental do evangelho, nem mesmo em face da tribulação profetizada. (D&C 78.) Possivelmente, a popularidade e aprovação do mundo devam permanecer sempre fora de nosso alcance.

Anos atrás, fui convidado a dirigir a palavra a certo grupo na Universidade de Harvard. Na época, um membro da Igreja concorria a um cargo público eletivo, e isto despertou bastante interesse. Deviam estar presentes tanto estudantes como membros do corpo docente. Eu, naturalmente, tinha esperanças de que fosse aceita a mensagem do evangelho, e a reunião terminasse com pontos de vista harmônicos.

Quando orei nesse sentido, tive a forte impressão de que minha prece não seria atendida.

Decidi que, por mais absurdo lhes pudesse parecer a conversa de anjos, placas de ouro e restauração, eu ensinaria a verdade com tranqüila confiança, pois tenho testemunho da verdade. Se alguém saísse da reunião descontente ou perturbado, não fosse eu. Que eles se perturbassem, se

quisessem.

E aconteceu como o Espírito previu. Alguns sacudiam a cabeça assombrados, até mesmo com cínico divertimento, que alguém fosse capaz de crer em tais coisas.

Eu, entretanto, sentia-me em paz. Ensinar a verdade, e eles podiam aceitá-la ou rejeitá-la, como bem quisessem.

Sempre resta a esperança, e muitas vezes ela se concretiza, de que, entre tantos, alguém de mente aberta admita um simples pensamento: “Poderia ser verdade?” Combinando este pensamento com sinceras preces, mais uma alma entrará no bosque sagrado para encontrar a resposta para: “Qual de todas as igrejas é verdadeira e a qual devo unir-me?”

Ao avançar em idade e experiência, sinto-me cada vez *menos* preocupado com que os outros concordem conosco, e *mais* preocupado com que eles nos compreendam. Se nos compreenderem, eles têm seu livre-arbítrio para aceitar ou rejeitar, como bem quiserem.

Não é nada fácil para nós defender a posição que aborrece tantos outros.

Irmãos e irmãs, jamais vos envergonheis do Evangelho de Jesus Cristo. Jamais vos desculpeis pelas doutrinas sagradas do evangelho.

Jamais vos sintais mal ou inquietos por não conseguir dar explicações satisfatórias a todos os que vos interrogarem. Não fiquéis desapontados ou desgostosos por não poder dar muito mais que vossa certeza.

Estai seguros de que, se explicardes o que sabeis e testificardes o que sentis, estareis possivelmente lançando uma semente que um dia germinará e florescerá num testemunho do Evangelho de Jesus Cristo.

Presto-vos testemunho de que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é, conforme afirmou o Senhor, a única Igreja verdadeira e viva sobre a face da terra; e que ele se deleita com ela, falando dela coletivamente. E que, se formos fiéis e humildes, também seremos por ele aprovados individualmente.

Se conseguirmos testificar que o evangelho foi restaurado, que há profetas e apóstolos sobre a terra, que a verdade está ao alcance de toda a humanidade, sem pejo, sem hesitação nem embaraço, o Espírito do Senhor estará conosco. E esta certeza pode ser transmitida a outros. Disto eu presto testemunho em nome de Jesus Cristo. Amém.

“Levemos Avante Esta Obra”

Presidente Gordon B. Hinckley

Segundo conselheiro na Primeira Presidência

“Voltemos agora para casa, determinados a viver mais plenamente o evangelho. Não há nada que o Senhor espera de nós que não sejamos capazes de fazer. Seus mandamentos são essencialmente tão fáceis.”



Meus irmãos e irmãs, estamos chegando ao final da 155ª Conferência Geral Semi-Anual da Igreja. Desfrutamos dois dias ricos e proveitosos. Fomos esclarecidos e abençoados pelos que nos dirigiram a palavra. Nosso coração foi edificado pela maravilhosa música que ouvimos. As orações foram igualmente inspiradas e inspiradoras.

Todos nós apreciamos a presença do Presidente Spencer W. Kimball nas quatro sessões gerais. Embora não esteja em condições de nos falar, pudemos contemplar sua face, e isto foi uma inspiração para nós. Sabemos que ele continua sendo o profeta do Senhor, hoje.

Oro que, ao retornarmos para nosso lar, façamo-lo com a resolução de viver o evangelho e ensinar nossos filhos por preceito e exemplo a fazer o mesmo. As sublimes palavras de Néfi ao pai, quando ele os mandou de volta a Jerusalém para buscar os anais de seus antepassados, são frequentemente

citadas por nós. Todos nós as conhecemos; ainda assim, desejo repeti-las com a sugestão de que voltemos todos para casa, tendo-as por lema nos meses futuros: “Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas.” (1 Néfi 3:7.)

Nos últimos dois dias, os mandamentos do Senhor nos foram lembrados seguidamente. Ouvimos os conselhos de seus profetas. Todo o aconselhamento, porém, terá sido em vão, se nós, os ouvintes, não acrescentarmos em nosso coração a decisão de sair daqui em fortalecido espírito de obediência à vontade do Senhor.

Sei que muitas vezes não é fácil viver à altura do que se espera de nós. Muitos acham que não conseguem. Necessitamos de um pouco mais de fé. Devemo-nos lembrar de que o Senhor não nos dará mandamentos superiores às nossas forças. Não nos pedirá que façamos coisas para as quais nos falte capacidade. Nosso problema está em nossos receios e apetites.

Brevemente estaremos chamando sessenta ou mais irmãos para presidirem uma missão. Nós lhes daremos mais tempo do que os irmãos presidentes costumavam conceder aos presidentes de missão anos atrás, quando simplesmente liam seus nomes em conferências como esta. Os irmãos com quem falaremos nos próximos dois ou três meses, só estarão partindo em julho vindouro. Vivemos numa sociedade muito complexa, e damo-nos conta de que eles precisam de algum tempo para pôr seus negócios em ordem.

Nos últimos anos, coube-me a responsabilidade de chamar dezenas de

irmãos, suas esposas e filhos para o campo missionário, deixando tudo para trás. Aqueles com quem falaremos nos próximos meses, reagirão da mesma forma como os outros. Responderão de fato: “Naturalmente, estou pronto para ir quando e para onde o Senhor me chamar.”

Eles e suas esposas reunirão os filhos em torno de si. Haverá lágrimas, quando os filhos pensarem em deixar a escola e seus amigos. A família se ajoelhará em oração e, ao se levantarem, embora com olhos ainda úmidos, dirão em uníssono: “Aonde mandares irei, Senhor... O que ordenares farei, ó Senhor.” (*Hinos*, nº 57.)

Confesso que, vez por outra, reluto em pedir às pessoas que façam certas coisas na Igreja, porque sei que aceitarão sem hesitar. E sei também que essa aceitação implica em sacrifício. Sei, porém, igualmente, que no caso dos presidentes de missão e seus familiares, correrão mais lágrimas quando deixarem o campo missionário para voltarem para casa, do que quando partem para o campo. O mesmo acontece com os presidentes de templo e muitos outros chamados pela Igreja para servir, longe de casa, nas searas do mundo.

Em minha longa experiência, jamais alguém recusou um chamado assim. Houve alguns casos em que, quando investiguei suas condições, chegamos à conclusão de que não deveriam ir, pelo menos naquela ocasião. Mas, mesmo nesses casos, acontece uma coisa estranha. Depois de se conversar com alguém a respeito de uma dessas designações, mesmo não se concretizando o chamado, ele nunca consegue esquecê-lo. E não se passa muito tempo, ele escreve ou telefona para dizer que está preparado para partir.

Ocasionalmente, alguém comenta que, nos primórdios da Igreja, os sacrifícios eram enormes, mas que hoje já não existem. O observador diz que, na época dos pioneiros, as pessoas se mostravam dispostas a sacrificar suas fortunas e até mesmo a vida. “O que aconteceu com o espírito de consagração?”, perguntam. Gostaria de dizer, com grande ênfase, que esse espírito continua muito forte entre nós. Descobri que nenhum sacrifício é grande demais para o fiel santo dos últimos dias.

Faz apenas uma semana, um irmão foi recomendado para uma função num



país distante. Depois de verificar sua dignidade e aptidões, conversei com ele. Informei-me de suas condições. Perguntei quando pretendia aposentar-se de seu emprego. Respondeu que dentro de uns cinco anos. Indaguei qual seria o efeito sobre sua futura aposentadoria, se deixasse o emprego agora. Disse-me que representaria uma redução substancial. Depois de tratar de mais alguns outros pontos, achei que não convinha chamá-lo.

Na manhã seguinte, telefonou-me, dizendo que ele e sua mulher haviam discutido o assunto, e que estavam prontos para partir a qualquer hora. Disse que não se preocupariam com o futuro, que tinham fé para crer que encontrariam um meio de prover suas necessidades, se estivessem dispostos a fazer o que o Senhor esperava deles. Explicou que o Senhor vinha sendo tão bom e generoso com eles e seus filhos, que estavam dispostos a fazer qualquer coisa para mostrar-lhe sua gratidão. Eles não eram abastados nas coisas do mundo, mas tinham o bastante para as necessidades essenciais; e o mais importante, tinham o Evangelho de Jesus Cristo e todas as bênçãos dele decorrentes.

Bem, irmãos e irmãs, a maioria de vós não será solicitada a fazer tais sacrifícios ou aceitar esses chamados. Mas o que fazeis com vossa vida no dia-

-a-dia não é menos importante.

Voltemos agora para casa, determinados a viver mais plenamente o evangelho. Não há nada que o Senhor espera de nós que não sejamos capazes de fazer. Seus mandamentos são essencialmente tão fáceis. Ele disse, por exemplo, concernente à Palavra de Sabedoria, que é um “preceito com promessa, adaptado à capacidade dos fracos e à do mais fraco de todos os santos, que são ou podem ser chamados santos”. (D&C 89:3.)

Nós *podemos* observar a Palavra de Sabedoria. Recebemos inúmeras cartas indagando se isto ou aquilo é proibido pela Palavra de Sabedoria. Se evitarmos as coisas definitiva e especificamente, prescritas, e além disso observarmos o espírito dessa grande revelação, ela não representará um fardo. Será antes uma bênção. Não vos esqueçais de que é o Senhor quem fez a promessa.

Nós *podemos* pagar o dízimo. Não se trata tanto de uma questão de dinheiro como de fé. Ainda não encontrei um fiel dizimista que não possa testificar que, de maneira literal e maravilhosa, as janelas dos céus se abriram, derramando ricas bênçãos sobre ele.

Exorto-vos, meus irmãos e irmãs, a provar o Senhor nesta importante questão. Foi ele quem deu o mandamento e fez a promessa. Volto a Néfi, que naqueles dias de dificuldades



Élder Yoshihiko Kikuchi, do Primeiro Quorum dos Setenta.

e preocupação, disse aos irmãos: “Sejamos fiéis aos mandamentos do Senhor, pois ele é mais poderoso que todo mundo.” (1 Néfi 4:1.)

Não é pesado abster-se de duas refeições por mês e doar o equivalente para a assistência aos necessitados. Pelo contrário, é uma bênção. Não só o físico se beneficia com a observância desse princípio, como o espírito também. Nosso programa do dia de jejum e oferta de jejum é tão simples e belo, que não entendo por que não é adotado por todos. Recentemente, foi apresentada no Congresso dos Estados Unidos uma proposta recomendando ao presidente realizar um dia de jejum para levantar fundos para as pessoas que estão morrendo de inanição na África. A nossa experiência na primavera passada foi tão fácil de executar e tão enormemente produtiva, que nossas contribuições abençoaram milhares de pessoas, sem causar o mínimo de sofrimento a nenhum de nós.

Nós *podemos* freqüentar as reuniões sacramentais, a fim de participar dos emblemas do sacrifício de nosso Salvador. E assim fazendo, estaremos renovando nossos convênios e lembrando-nos das sagradas obrigações dos que tomaram sobre si o nome do Senhor. Nessas reuniões, ouviremos conselhos para o nosso bem. Conviveremos com maravilhosos irmãos e amigos no evangelho, e que coisa preciosa isto pode ser!

Nós *podemos* ler as escrituras,

ponderar seu sentido e nos familiarizarmos com elas para nosso benefício eterno. Poderemos fazê-lo em nossas noites familiares, fomentando nos filhos o amor ao Senhor e sua sagrada palavra.

Nós *podemos* ajudar-nos mutuamente como irmãos e amigos, indo mesmo além dos da Igreja para assistir qualquer pessoa em dificuldades, seja quem for. Há tanta aflição neste mundo! Há tanta solidão e medo! Há tanto ódio e amargura, tanta desumanidade de homem para homem!

Cultivemos nós, santos dos últimos dias, o espírito da fraternidade em todas as nossas relações. Sejamos mais caridosos ao julgar, mais simpáticos e compreensivos para com os que erram, mais dispostos a perdoar aqueles que nos ofenderam. Não contribuamos para o ódio que periodicamente varre o mundo. Sejamos bondosos para com todos os homens, mesmo com os que falam mal de nós e, se pudéssemos, gostariam de prejudicar-nos.

Em suma, vivamos mais plenamente o evangelho do Mestre, cujo nome assumimos. Promovamos esta obra; vivamos de modo que sejamos dignos de emulação.

Ao concluir minhas palavras e encerrarmos esta conferência, lembro-me da exortação do moribundo Rei Davi a seu filho Salomão: “Esforça-te pois, e sê homem.

“E guarda a observância do Senhor teu Deus, para andares nos seus caminhos, e para guardares os seus estatutos, e os seus mandamentos, e os seus juízos, e os seus testemunhos, como está escrito na lei de Moisés, para que prospere em tudo quanto fizeres, para onde quer que te voltares.

“Para que o Senhor confirme a palavra que falou de mim, dizendo: Se teus filhos guardarem o seu caminho, para andarem perante minha face fielmente, com todo o seu coração e com toda a sua alma, nunca, disse, te faltará sucessor ao trono de Israel.” (1 Reis 2:2-4.)

Se assim nos conduzirmos como santos dos últimos dias, esta obra jamais malogrará, nem mesmo se retardará. Irá avante rumo ao destino que lhe deu aquele cujo nome ostenta. Nosso Pai sorrirá sobre nós com agrado, e nós olharemos para ele e viveremos.

Por estas grandes bênçãos eu oro humildemente, ao vos expressar meu apreço, meu amor e minha gratidão, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Reunião Geral das Mulheres

Os discursos seguintes foram proferidos na reunião geral das mulheres, realizada na noite de sábado, 28 de setembro de 1985, na Cidade do Lago Salgado. Mulheres e jovens SUD, com mais de dez anos de idade, lotaram o Tabernáculo e o Assembly Hall, na Praça do Templo, para ouvir as Autoridades Gerais e líderes das auxiliares falarem sobre o tema “Achegai-vos a Mim e Eu Me achegarei a vós”. (D&C 88:63.) O Presidente Gordon B. Hinckley, segundo conselheiro na Primeira Presidência, presidiu a reunião e foi o último orador. Dentre outros oradores, estavam o Élder J. Thomas Fyans, da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta; Barbara W. Winder, Presidente Geral da Sociedade de Socorro; Ardeth G. Kapp, Presidente Geral das Moças; e Dwan J. Young, Presidente Geral da Primária.



Dez Bênçãos do Senhor

Presidente Gordon B. Hinckley
Segundo conselheiro na Primeira Presidência

“Sois as filhas de Deus, dotadas por herança de dons maravilhosos e de um potencial imensurável.”



Tenho certeza de que não há ninguém, nesta grande congregação, que não tenha sido profundamente tocado pelas coisas que vimos e ouvimos.

Fiquei impressionado com o grande fardo que muitas pessoas carregam. Há tanta tristeza no mundo! Há tanta dor! Há tanta solidão, medo e miséria! Há tantas pessoas em circunstâncias desesperadoras, chorando em profunda dor!

O Presidente Kimball não está conosco. Gostaria de que estivesse. Que homem maravilhoso é ele! Que vida maravilhosa tem vivido! Agora está cansado, tolhido pelas enfermidades da idade. Mas a imensa e transbordante bondade de seu coração é sentida por todos nós que o vemos. Somos portadores de sua bênção, seu amor.

O Presidente Romney comemorou noventa anos de idade há apenas uma semana. Ele também foi atingido e vergado pelas tempestades da vida e igualmente envia seu amor a cada uma de vós.

Em nome deles, nossos irmãos e líderes, em nome da Primeira

Presidência da Igreja, agradeço-vos, a todas vós, onde quer que estejais, vós, grandes mulheres SUD, tanto idosas como jovens, que confiais no Senhor e andais em fé e vos esforçais para guardar seus mandamentos. Que vossas orações possam ser respondidas. Que possais ter paz, força, amor e alegria. Exorto-vos a erguerdes a cabeça e a andardes em gratidão. Evitai a indulgência da autopiedade. Ela sempre causa o vosso próprio fracasso. Sujeitai as coisas negativas e enfatizai as positivas. Contai as bênçãos e não os problemas.

Algumas pessoas se inclinam a queixar-se de que sois discriminadas. Todos nós nos alegamos pelo alargamento das oportunidades para as mulheres. De acordo com a lei, há poucas oportunidades oferecidas aos homens que também não estejam abertas para as mulheres. Com esse alargamento das oportunidades, algumas mulheres SUD estão perguntando por que não têm o direito de ter o sacerdócio. Em relação a isso, posso dizer que somente o Senhor, por meio de revelação, poderia alterar essa circunstância. Ele não o fez, e assim, é inútil especularmos e nos preocuparmos com isso. Ao invés disso, gostaria de sugerir que vos ativésseis às marcantes bênçãos que são vossas, aos grandes e positivos privilégios de vossa vida como mulheres de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e aos dons espirituais transcendentais que podem ser vossos. Gostaria de citar dez dessas bênçãos, com suas respectivas responsabilidades. Terei tempo apenas para tecer breves comentários sobre cada uma.

1. *Tendes o dom, a oportunidade e a responsabilidade de fazer o bem.*

Tendes uma inclinação instintiva para ajudar aqueles que passam por sofrimento, e tendes uma forma peculiar e notável de fazê-lo. Há tantos

que necessitam de vossa ajuda! Há rapazes e jovens que se debatem e se deixam levar, desperdiçando a vida por falta de alguém que se interesse por eles para aconselhá-los, renovar sua confiança, confortá-los e orientá-los.

Os asilos estão lotados de pessoas idosas e enfermas que imploram por alguém que as ouça e por uma palavra de conforto. Há tantas criaturas que estão sozinhas e com medo, para as quais um pouco de companhia significaria muito, muito mesmo. Há os doentes e agonizantes que vivem em dor e medo, para os quais um aperto de mão ou algumas palavras serenas poderiam fazer toda a diferença do mundo.

Foi Florence Nightingale, a frágil jovem inglesa, que, sem fazer algo que realmente lhe dizia respeito, foi para a Criméia e cuidou dos feridos, e por meio de seus esforços surgiu a grande Cruz Vermelha Internacional.

Vivemos num mundo em que a paz existe apenas em razão de um equilíbrio com o terror. Tenho sempre pensado que, se um grande número de mulheres de todas as nações se unissem e erguessem suas vozes a favor da paz, aí seria desenvolvido um desejo universal que poderia salvar nossa civilização e evitar sofrimento, miséria, pragas, fomes inenarráveis e a morte de milhões.

Jesus foi descrito como alguém que “andou fazendo o bem”. (Atos 10:38.) Podeis vós, suas seguidoras, fazer menos? Ao organizar a Sociedade de Socorro, o Profeta Joseph Smith disse o seguinte, em relação às mulheres: “Elas derramarão óleo e vinho no coração ferido dos que sofrem; secarão as lágrimas dos órfãos e farão o coração das viúvas se alegrar.” (*History of the Church*, 4:567.)

2. *Orar.* Este é um grande dom espiritual que está à disposição de todos. Toda mulher tem, com certeza, o direito de chegar ao trono da deidade em oração, como faz qualquer homem. Estou convencido de que nosso Pai Celestial ama suas filhas tanto quanto a seus filhos e de que ele está igualmente pronto a ouvir-lhes as súplicas e conceder suas petições. As palavras de Tiago com relação à bênção dos doentes são interessantes:

“Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e orem sobre ele, ungiendo-o com azeite em nome do Senhor;

“E a oração da fé salvará o doente.” (Tiago 5:14-15.)



Élder M. Russell Ballard, à esquerda, novo membro do Quorum dos Doze recebe cumprimentos do Élder Yoshihiko Kikuchi, do Primeiro Quorum dos Setenta.

Repito: “a oração da fé salvará o doente.” É privilégio e responsabilidade dos portadores do sacerdócio ungir e abençoar. É seu privilégio também orar. E da mesma forma é vosso privilégio orar, com toda a esperança de que vosso Pai Celestial ouvirá essa oração, quando é oferecida em fé.

É vosso privilégio orar nas reuniões da Igreja — não apenas nas reuniões das organizações de mulheres, mas nas reuniões sacramentais, que todos os santos devem assistir. É vosso privilégio orar em reuniões tão grandes quanto esta. Espero que tenhais notado a bela e tocante oração da Irmã Perezgea, na abertura da reunião. Tendes a vossa disposição o grande dom espiritual da oração.

3. É vosso privilégio e direito ensinar. Estais dentro do âmbito da admoestação dada pelo Senhor:

“E vos dou o mandamento de que ensineis a doutrina do reino uns aos outros.

“Ensinais diligentemente, e a minha graça vos atenderá, para que sejais instruídos mais perfeitamente em teoria, em princípio, em doutrina, na lei do evangelho, e em todas as coisas que pertencem ao reino de Deus, e que vos é conveniente compreender.” (D&C 88:77-78.)

E mais ainda: “E como nem todos têm fé, buscai diligentemente e ensinai-vos uns aos outros palavras de sabedoria; sim, nos melhores livros procurai palavras de sabedoria;

procurai conhecimento, mesmo pelo estudo e também pela fé.” (D&C 88:118.)

Quando eu era garoto, morando na Ala Um da Estaca Liberty, a presidente da Sociedade de Socorro era a sogra do Élder Mark E. Petersen, a Irmã Sarah McDonald. Ela também era a professora do curso de Doutrina do Evangelho na Escola Dominical. Os homens, assim como as mulheres, tiraram proveito de sua visão equilibrada, de seu senso de humor inigualável, de sua tremenda instrução e familiaridade com as escrituras, e de seu firme testemunho que havia nascido do grande sacrifício que fizeram para tornar-se membro desta Igreja.

É vosso, minhas irmãs, o privilégio de ensinar, é vossa a responsabilidade, é vossa a oportunidade. Poucos recursos há dos quais necessitemos mais que de professores dedicados do evangelho, os quais ensinem com fé, com convicção, e com o conhecimento que surge com o estudo.

4. É vossa a oportunidade de presidir. Ouvistes falar da Irmã Young, que preside a Associação Primária, com 825.000 crianças alistadas. Ouvistes as palavras da Irmã Kapp, que preside aproximadamente 300.000 jovens. Ouvistes as palavras da Irmã Winder, que preside a Sociedade de Socorro, que abrange 1.682.000 mulheres em todo o mundo.

Quando um dos candidatos à presidência dos Estados Unidos nos

visitou há um ano, apresentei-lhe essas três mulheres. Afirmei que a Irmã Winder preside mais de 1.600.000 mulheres. Ele parecia incrédulo. Possivelmente tinha ouvido falar do absurdo de que as mulheres mórmons são subjugadas e não têm oportunidades. Quando ele encontrou essa mulher encantadora e ficou sabendo que ela preside 1.600.000 mulheres, parecia mal poder acreditar nisso.

Essas mulheres têm conselheiras e têm as juntas gerais. Têm as líderes correspondentes nas estacas e alas. Elas lidam com grandes responsabilidades, grandes recursos, e com um grande número de pessoas. São executivas no verdadeiro sentido do termo.

A Irmã Winder e a Irmã Kapp são membros do Conselho Diretor da Universidade Brigham Young, a maior universidade particular da América. Servem também como membros da Junta Educacional da Igreja. Suas opiniões têm tanto peso quanto as de qualquer das Autoridades Gerais. A Irmã Winder e suas conselheiras são membros do Comitê Geral de Bem-estar. Esse é o grupo que elabora as normas que regem todas as atividades de Bem-estar da Igreja. A Irmã Young faz parte do Comitê Nacional dos Lobinhos.

Minhas queridas irmãs, vós, como mulheres, tendes grandes responsabilidades como executivas nesta Igreja. E ninguém aprecia mais do que eu as maravilhosas contribuições que fazeis e a grande sabedoria que trazeis.

5. Pode ser vosso o espírito de profecia. Isso pode parecer estranho a algumas de vós. Miriam, no Velho Testamento, é citada como profetisa. Pedro, no dia de Pentecostes, repetiu as palavras do Profeta Joel, dizendo:

“E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos mancebos terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos;

“E também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e minhas servas naqueles dias, e profetizarão.” (Atos 2:17-18.)

Alguém pode duvidar de que muitas mulheres têm uma intuição especial, mesmo uma compreensão presciente das coisas futuras?

João, o Revelador, faz uma afirmação interessante: “O testemunho de Jesus é o espírito de profecia.” (Apocalipse 19:10.) Tanto quanto qualquer homem no mundo, cada uma

de vós tem a oportunidade e o encargo de desenvolver um testemunho de Jesus como Salvador da humanidade. Esse testemunho é o “espírito de profecia”. É um dom que pode ser vosso.

6. *É vosso a oportunidade de proclamar o evangelho.* Falando exclusivamente de duplas de missionários, temos agora 5.872 irmãs missionárias no campo. Na maioria, essas jovens são chamadas como os outros missionários o são. Muitos presidentes de missão dão às missionárias o crédito de serem mais eficientes que os élderes, ao abrir as portas e as mentes para o ensino do evangelho. Um presidente de missão contou, talvez em tom de brincadeira, que, se tivesse quatro duplas de missionárias fazendo a busca e o ensino poderia manter uma dupla de élderes ocupados fazendo os batismos.

Perguntar-me-eis imediatamente por que, então, as missionárias não são chamadas antes dos vinte e um anos, enquanto os rapazes são chamados com dezenove anos? Ao mesmo tempo que reconhecemos o grande bem que as irmãs missionárias fazem, e ao mesmo

tempo apreciamos muito seu grande serviço, estamos relutantes em ter no campo o mesmo número, ou um número maior de missionárias que de élderes. Acredito que haja grande sabedoria nisso.

Mas ainda, consideramos um casamento feliz a maior missão que qualquer jovem pode cumprir, e sentimos que as oportunidades para isso vão aumentar, se houver um pouco de retardamento na ida das jovens para o campo missionário.

Não obstante, tendes o privilégio. Tendes o direito, condicionado à dignidade. Tendes a oportunidade de, ao servir como missionárias de tempo integral ou apenas em âmbito local, ensinar o Evangelho de Jesus Cristo com poder e convicção.

7. *As mulheres têm as grandes oportunidades das bênçãos do templo.* O direito de receber as ordenanças do templo pertence tanto às mulheres quanto aos homens. As bênçãos a serem recebidas por meio dessa experiência são tão grandes para as mulheres como o são para os homens. Embora desencorajemos as jovens a

irem ao templo, assim como o fazemos em relação aos rapazes, a menos que sirvam como missionários de tempo integral, ainda assim a longo prazo, na vida ou na eternidade toda mulher digna da Igreja pode qualificar-se para receber a bênção do endowment no templo.

Para a mulher que se casa no templo, é oferecida a oportunidade de felicidade e segurança, para o tempo e para a eternidade, num grau que não é encontrado em nenhum outro tipo de casamento. Na realidade, apenas no casamento na casa do Senhor pode haver a promessa de companheirismo eterno, condicionado, é claro, à fidelidade de ambos a esse casamento. O homem não pode ser exaltado sem a mulher; nem a mulher sem o homem. (Ver I Coríntios 11:11.)

8. *É vosso também o privilégio de ministrar nos templos.* As mulheres realizam as ordenanças vicárias para mulheres. É tão importante que essa obra seja realizada em favor daqueles que estão além do véu no caso das mulheres, como o é no caso dos homens. A obra que assim fazeis é





aceitável ao Senhor. É necessário para o cumprimento de seus propósitos. É tão enaltecida espiritualmente quanto a obra que os homens realizam.

Mais ainda, as mulheres têm responsabilidades muito importantes como oficiantes nas ordenanças do templo. Tão certo quanto existe um presidente do templo, há também uma superintendente do templo. Deve haver muitas pessoas que ajudam a levar adiante a obra sagrada das ordenanças na Casa do Senhor.

9. *Menciono a seguir o privilégio singular, dado por Deus, da maternidade.* Não há milagre em todo o mundo como a criação de uma nova vida. Não há maior responsabilidade que criar filhos na “doutrina e admoestação do Senhor”. (Efésios 6:4.)

Sem os esforços da mãe, seu sofrimento, sua preocupação com a família e serviço prestado, não é necessário dizer que a raça humana logo desapareceria. Os propósitos de Deus seriam totalmente frustrados.

Sua parceria com o Todo-Poderoso para realizar seu plano eterno é uma bênção que nenhum homem pode ter nesse mesmo sentido.

Reconheço, é claro, que há muitas dentre as que ouvirem minha voz que não são casadas e que talvez nunca se casem nesta vida. O número de mulheres adultas que atualmente não são casadas constitui aproximadamente um terço dos membros da Igreja do sexo feminino, nos Estados Unidos e no Canadá. No entanto, essa bênção é oferecida a dois terços das mulheres da

Igreja. A vós, que sois mães, desejo dizer que sei que vosso trabalho é grande, que vossos fardos são muitos, que a tarefa de criar filhos nesta época complexa é séria e exigente. Mas não pode haver dúvidas de que, à medida que os anos passarem, tereis uma satisfação que não tendes de nenhuma outra maneira. Tereis um pouco da paz, do amor, daquela alegria profunda e doce que não pode advir de nenhuma outra fonte.

A vós, que sois sozinhas com famílias para criar, sei que vossa carga é particularmente pesada. Oramos para que o Senhor vos abençoe e vos apóie, e para que tenhais recursos para fazer o que tem de ser feito, e que o façais bem. Os recursos da Igreja podem ser mobilizados para ajudar-vos, quando precisardes de ajuda.

Penso na avó de minha mulher que, quando era recém-casada, foi a Manti com o marido, que foi chamado para trabalhar no templo que estava sendo construído. Enquanto trabalhava lá, sofreu um ferimento que lhe tirou a vida. Ela viveu como viúva por mais de sessenta anos, trabalhando e lutando, grande parte do tempo sozinha, para criar e educar os filhos. Seu destino era duro, mas sua satisfação foi grande e o que realizou foi heróico.

Reconheço que há muitas mulheres solteiras que desejam ter um filho. Algumas pensam em fazer isso acontecer por meio da fecundação artificial. A Igreja desencoraja totalmente. Aquelas que assim o fizerem, podem esperar ser sujeitas à disciplina da Igreja. Uma criança assim

concebida e nascida não pode ser selada a apenas um dos pais. Esse procedimento frustra o plano familiar eterno.

10. *Concluo com o décimo grande privilégio e oportunidade que tendes. É a oportunidade e o encorajamento para que eduqueis a mente e as mãos, para refinar os talentos, e assim vos qualificardes para trabalhar na sociedade na qual viveis.*

Sou grato por terem as mulheres hoje as mesmas oportunidades de estudarem para a ciência, para terem uma profissão e para qualquer outra faceta do conhecimento humano. Vós tendes o mesmo direito que os homens ao Espírito de Cristo, que ilumina todo homem ou mulher que vem ao mundo. (Ver D&C 84:46.) Estabelecei prioridades em termos de casamento e família, mas também procurai programas educacionais que conduzam a um trabalho satisfatório e a um emprego produtivo, no caso de não vos casardes, ou para terdes segurança e realização, se realmente vos casardes.

Também é importante acentuar nossa apreciação pelas artes e pela cultura, que são a própria substância de nossa civilização. Alguém pode duvidar de que a boa música é divina, ou que pode haver um pouco da essência do céu na grande arte? A educação aumentará vossa apreciação e refinará vosso talento.

Deus vos abençoe, queridas irmãs. Sabeis que sois valorizadas. Sabeis que vosso lugar no plano divino não é menos importante, menos grandioso, nem menos necessário do que o dos homens. Paulo disse: “Nem o varão é sem a mulher, nem a mulher sem o varão, no Senhor.” (I Coríntios 11:11.)

Contai vossas maravilhosas bênçãos. Não dilacereis vossa vida com preocupações a respeito dos assim chamados “direitos”, mas progredi, preocupadas com vossas responsabilidades e encargos. Vosso potencial é ilimitado. Sois filhas de Deus, com direito a herdar dons maravilhosos e um potencial imensurável. Aceitai o desafio. Ide adiante com confiança no conhecimento de que as diferenças que enfrentais não são tanto as que vêm da discriminação como as vindas em consequência da designação. Que possais ser felizes, e que vossa vida possa ser rica e plena da satisfação que advém, quando desenvolveis os dons espirituais. Oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

‘‘Achegai-vos a Mim’’

Élder J. Thomas Fyans

da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

Podemos chegar-nos ao Pai Celestial, se procurarmos conhecimento a respeito dele por meio do estudo, pedirmos a ele em oração, e batermos na sua porta pela obediência.



‘‘**E**um menino os guiará.’’ (2 Néfi 21:6.)

Podeis imaginar a alegria que o Pai Celestial deve sentir, quando nos dirigimos a ele com a terna fé que uma criança tem e aceitamos o amor que ele devota a cada um de nós? Ele quer que nos achemos a ele e prometeu que estará lá para nos receber. Em Doutrina e Convênios, disse: ‘‘Achejai-vos a mim e eu me achegarei a vós.’’ (D&C 88:63.) Esse é o convite do Pai Celestial para compartilharmos as bênçãos maravilhosas que reservou para nós. Ele então dá orientações explícitas a respeito de como encontrá-lo:

‘‘*Procurai-me* diligentemente e me achareis; *pedi*, e recebereis; *batei*, e abri-se-vos-á.’’ (D&C 88:63; itálicos acrescentados.) *Procurar, Pedir, Bater.*

Com essa instrução dada nas escrituras, ele mostrou os passos que devemos seguir para dele nos achegarmos. Nós o *procuramos* estudando as escrituras e ouvindo seus profetas, por meio dos quais aprendemos a seu respeito e do plano eterno que tem para nós. *Pedimos* por meio da oração e recebemos a orientação de seu Espírito. E quando *batermos*, abre-se o caminho para a vida

eterna e para voltarmos à presença do Senhor através da obediência aos mandamentos.

A respeito da oração, às vezes nos perguntamos: ‘‘Nosso Pai Celestial pode realmente nos ouvir? E ele responde às orações?’’ Há muitos anos, aprendi estas poucas linhas:

Se os dedos finos do rádio podem colher uma melodia da noite, e lançá-la através de um continente ou do mar,

Se as notas petaladas de um violino são lançadas por sobre uma montanha, ou no tumulto de uma cidade,

Se as músicas, qual rosas rubras, são arrancadas do ar azul rarefeito,

Então, por quê? — Por que os mortais se perguntam se Deus ouve as orações? (Ethel Romig Fuller, ‘‘Proof’’, *Masterpieces of Religious Verse*, ed. John Delton Morrison, New York: Harper and Brothers, 1948, p. 407.)

O Salvador nos prometeu: ‘‘Tudo o que em meu nome pedirdes ao Pai, ser-vos-á dado, se for para vosso bem.’’ (D&C 88:64.)

Pelo estudo das escrituras, recebemos mais orientação relativa à maneira de nos achegarmos ao Senhor: ‘‘Santificai-vos para que vosso mente se ponha em acordo com Deus, e dias virão em que o vereis; pois vos desvendará o seu rosto, e será no seu próprio tempo, no seu

próprio modo, e de acordo com sua própria vontade.’’ (D&C 88:68.)

Santificar significa tornar sagrado ou santo — tornar livre do pecado, purificar. Isso fazemos para estar em sintonia com o seu Espírito.

Recebemos uma orientação que regularmente nos faz lembrar as maneiras como podemos estar livres do pecado e ter o seu Espírito conosco. Ouvimos isso cada vez que partilhemos do sacramento. Ouvi cuidadosamente as palavras: ‘‘Ó Deus, Pai Eterno, nós te rogamos em nome de teu Filho, Jesus Cristo, que abençoe e *santifique* este pão, para as almas de todos os que partilharem dele, para que o comam em lembrança do corpo de teu Filho, e testemunhem a ti, ó Deus, Pai eterno, que desejam tomar sobre si o nome de teu Filho, e recordá-lo sempre e guardar os mandamentos que ele lhes deu, para que possam ter sempre consigo o seu Espírito.’’ (Morôni 4:3; também D&C 20:27; itálicos acrescentados.)

O versículo 1, da seção 93 de Doutrina e Convênios, é um sumário de nossas oportunidades: ‘‘Em verdade, assim diz o Senhor: Acontecerá que toda alma que renunciar aos seus pecados e vier a mim, e *clamar* ao meu nome, e *obedecer* à minha voz, e guardar os meus mandamentos, verá a minha face e saberá que eu sou.’’ (Itálicos acrescentados.) Essa é a promessa que o Senhor faz a cada uma de vós, irmãs maravilhosas, crianças, jovens ou já mulheres — conduzir-vos em direção ao céu.

Procurar. Pedir. Bater.

Procurar através das escrituras.

Pedir através da oração.

Bater através da obediência.

Que possamos unir nossos esforços ao seu poder. Ele vive hoje. Podemos ter o seu Espírito conosco.

No sagrado nome de Jesus Cristo. Amém.



Achegai-vos a Ele em Oração

Dwan J. Young

Presidente Geral da Primária

Podemos orar eficazmente, preparando-nos, sentindo gratidão, buscando a ajuda do Pai Celestial, e orando em nome de Jesus, nosso mediador.



O brigada, jovens, pela bela música. As palavras que vocês acabaram de cantar me fazem lembrar de uma oração — e cantar hinos é uma forma de orarmos, um modo de nos aproximarmos do Pai Celestial.

É sobre a oração que quero falar hoje. Nosso Pai Celestial disse: “Achegai-vos a mim e eu me achegarei a vós.” (D&C 88:63.) A maneira de nos achegarmos ao Pai Celestial é falar com ele, e é isso que chamamos de oração. Falamos com o Pai Celestial de um modo muito semelhante ao que falamos com nosso pai terreno, a quem amamos e honramos.

Amedronta-as falar com o Pai Celestial? Não deveria. É verdade que ele é poderoso, mais do que qualquer uma de nós pode chegar a entender. Mas ele também nos ama — muito mais do que jamais podemos saber. Ele sabe tudo a respeito de vocês, conhece todos os seus segredos, todas as coisas das quais vocês têm medo, e mais — ele sabe o que vocês são capazes de

fazer. Ele as conhece melhor do que vocês mesmas. Ele quer o que é melhor para vocês, e quer que vocês tenham sucesso e sejam felizes na vida. Para que possa ajudá-las, quer que vocês lhe falem com frequência, em oração reverente e humilde.

Algumas pessoas dizem que não sabem como orar, mas há apenas quatro passos a seguir, quando querem falar com o Pai Celestial:

O primeiro é *preparar-se*.

Lembrem-se de quem é a pessoa com quem estão falando. Devemos chegar ao nosso Pai com humildade e mansidão, prontas a ouvir, da mesma forma que a falar. Devemos sempre lembrar que é com o Pai Celestial que estamos falando, e assim, sempre que possível, nos ajoelhem. Cruzemos os braços e inclinemos a cabeça para mostrar-lhe que somos reverentes. Às vezes não é possível fazer essas coisas — nem mesmo é possível fechar os olhos por um momento, enquanto oramos. Mas, mesmo nessas ocasiões incomuns, ainda podemos começar com reverência.

Vou dar-lhes alguns exemplos. Orei silenciosamente, pedindo ajuda enquanto dirigia o carro — quando seria perigoso cruzar os braços, e, certamente, fechar os olhos, mesmo que por um momento. Às vezes inclino a cabeça rapidamente, enquanto estou parada num sinal. Algumas pessoasoram, enquanto estão andando num bosque ou em algum outro lugar tranquilo. Outras oram enquanto estão nos elevadores, ou nos ônibus, ou na escola antes de uma prova. A necessidade de orar pode ocorrer a qualquer momento; quando ela surge, lembrem-se apenas de ser reverentes — ajoelhem-se, inclinem a cabeça, fechem os olhos sempre que puderem. Depois, comecem invocando o Pai Celestial.

O segundo passo é *ser grata*.

Lembrem-se de agradecer ao Pai

Celestial. Esse é um passo muito importante, não apenas porque o Pai Celestial quer que sejamos gratos, mas porque ele faz tanto por nós. Na maioria das vezes, pensamos em oração apenas quando queremos algumas coisas; mas, quando começamos por expressar gratidão pelas coisas que já temos, começamos a encarar a vida de uma forma nova.

Tive essa experiência como presidente geral da Primária. Meu chamado é cuidar não apenas das crianças de nossa Igreja, mas das crianças de todo o mundo. Essa é uma responsabilidade tremenda, e no início só conseguia sentir o peso dessa responsabilidade. Mas procuro constantemente a ajuda do Senhor, oro para ter força e discernimento suficientes para cumprir a designação para a qual fui chamada, e pelas líderes em todo mundo a fim de que possam ter o Espírito do Senhor para ajudá-las a amarem e compreenderem as crianças pelas quais são responsáveis. Suplico ao Pai Celestial que dê a cada professora o senso de responsabilidade, para que possa ajudar as crianças a conhecerem o evangelho de amor. Oro para que os pais amem e ensinem os filhos.

E então, certa manhã, há pouco tempo, pensei: “Tenho pedido demais. Esta manhã não vou pedir nada. Vou apenas ser grata.” Ajoelhei-me e agradei ao Senhor por minha boa saúde, por meu marido compreensivo, por nossos filhos, por nosso filho missionário, pelo privilégio de servir, pelos membros da junta e pela equipe que me auxilia, pelos membros das estacas e das alas de todo o mundo que estão servindo, e especialmente pelas professoras que se dedicam e se preocupam tanto. Agradei-lhe pelas crianças de toda parte. Agradei-lhe pelo profeta. E a lista continuou. Meu espírito elevou-se. Que experiência incrível saber que tenho tanto! É necessário um coração grato para experimentar essa elevação, a conscientização do quanto o Pai Celestial as ama, do quanto ele faz por vocês.

Às vezes não é fácil ser grata. Às vezes estamos em tal desespero quando nos aproximamos do Pai Celestial, que é difícil pensar em alguma coisa pela qual ser grata. Essas são as ocasiões em que a oração é particularmente importante, ocasiões em que nos achegarmos a ele é essencial, porque precisamos desesperadamente de que ele se achegue a nós.



Minhas jovens amigas, quero que saibam que não há nada em sua vida que seja tão terrível, que não possam levar ao Senhor. Talvez vocês se julguem sozinhas. Talvez achem que não há uma só pessoa no mundo inteiro que se preocupe com vocês, mas eu prometo, alguém se preocupa. Não importa o que aconteça, vocês têm um Pai que se preocupa, que conhece o seu coração, que está pronto para ouvir a qualquer momento. Acheguem-se a ele em oração; permitam que ele se achegue a vocês. Procurem-no, reconheçam-no como seu Pai Eterno, e sejam gratas — pela vida, pela oportunidade de crescer, se não for por outra coisa. E estarão prontas para o terceiro passo na oração.

O terceiro passo é *buscar*. Peçam-lhe ajuda, mas peçam com um espírito aberto, profundo. Supliquem por orientação, para enfrentar os desafios que lhes forem apresentados. Peçam, sabendo como Néfi sabia, que “o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas”. (1 Néfi 3:7.)

Parte da busca é permitir que haja espaço para uma resposta. Depois que vocês tiverem pedido ajuda, parem e ouçam. Muitas vezes o Senhor responde às nossas orações com uma voz mansa e delicada. Talvez seja uma resposta que vocês não queiram ouvir. Ou talvez não reconheçam o que lhes acontece como uma resposta às suas orações.

Vou dar-lhes um exemplo. Três garotinhos estavam empinando pipa num campo longe de casa. Começou a chover, e eles queriam salvar sua pipa. Ao puxarem apressadamente a pipa do céu, ela se enroscou num ramo de árvore.

Eles encontraram uma longa vara e tentaram puxá-la para baixo, mas não conseguiam alcançá-la. Tentaram tudo em que poderiam pensar para pegá-la, mas a pipa apenas se revirava e balançava na tempestade. Um dos meninos disse aos outros: “Acho que devemos orar.” Os outros dois olharam para ele, e então seguiram sua sugestão, inclinando a cabeça, enquanto ele proferia as palavras. Quando abriram os olhos, viram um carro que vinha em direção a eles pela rua que conduzia ao campo. À medida que se aproximava, os meninos ficaram imóveis e quase nem respiravam, olhando fixamente para a senhora que dirigia o carro.

Seu olhar fixo fascinou a senhora, e assim ela parou e se dirigiu a eles: “Vocês estão com algum problema?”

“Sim”, disseram eles. “Nossa pipa está enroscada na árvore. A senhora poderia nos ajudar a pegá-la?”

“Vou tentar”, disse ela. “Afastem-se, enquanto dou marcha à ré.”

Ela colocou o carro em posição bem abaixo da pipa, e depois saiu, subiu no carro, e, com a vara longa, recuperou a pipa.

Quando o menino que havia

proferido a oração levou a pipa para casa, contou à mãe que a pipa havia ficado enroscada na árvore. Ela perguntou: “Quem ajudou vocês a pegarem a pipa?”

“O Pai Celestial”, respondeu ele. O menino, que havia orado com total confiança, conheceu a resposta à oração, quando a viu.

O quarto e último passo em relação à oração é encerrar. Lembre-se de proferir a oração em nome de Jesus Cristo. Ele é nosso emissário, nosso representante junto ao Pai. É por isso que proferimos orações em seu nome. É nosso reconhecimento de que ele é nosso Salvador.

Assim, estes são os quatro passos na oração: primeiro, *preparem-se*; segundo, *sejam gratas*; terceiro, *procurem*; e quarto, *encerrem* em nome de Jesus Cristo.

Sua oração pode assumir várias formas. Pode ser cantada num hino, ou sussurrada, ou mesmo pensada. Pode ser constituída de apenas uma palavra — “socorro” — ou pode ser longa como a oração de Enos, que durou toda uma noite e todo um dia.

A coisa importante a se lembrar é orar freqüentemente, falar com o Pai Celestial, buscar seu conselho para que possa guiá-las. Quando vocês se achegam ao Pai Celestial em oração, ele se achegará a vocês. Não precisam sentir-se sozinhas novamente. Testifico disso em nome de Jesus Cristo. Amém.

As Sagradas Escrituras: Cartas Recebidas de Casa

Ardeth G. Kapp

Presidente Geral das Moças

“As escrituras sagradas são como cartas recebidas de casa, dizendo-nos como podemos aproximar-nos do Pai Celestial.”



Como desejaria poder sentar-me à beira da cama com vocês, jovens, olhá-las nos olhos, e ajudá-las a entenderem a grandeza de seu espírito. Falaríamos então sobre o desejo de ser popular e da influência dos amigos e da importância das famílias e dos bons momentos. Talvez vocês me falassem de quando estiveram desencorajadas ou desapontadas, confusas, talvez com medo.

Penso nas perguntas que as jovens me fizeram. “Como ficar perto do Senhor?” “Posso conseguir isso?” “Há um caminho de volta?” Em resposta a essas perguntas, elevo a voz e digo, com todo o fervor de minha alma: “Vocês *podem* sentir a proximidade com nosso Pai Celestial. Vocês podem conseguir isso, não importa quanto o teste seja duro.” E para algumas, eu diria com a mais profunda convicção: “Sim, há um caminho de volta — voltem.”

Dir-lhes-ia como buscar as escrituras sagradas pode responder a todas as perguntas que vocês poderão ter um dia na vida. Lembro-me de uma época difícil em minha vida, em que pensava que não poderia consegui-lo. Havia sido

reprovada na escola. Foi horrível. Lembro-me bem de haver orado com todo o coração, para que pudesse ser inteligente. Algum tempo depois, conscientizei-me de que as escrituras poderiam fornecer respostas, quando eu precisasse de ajuda. Gostaria de compartilhar uma escritura que realmente me ajudou nesse período de minha vida.

“Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento.

“Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas.” (Provérbios 3:5-6.)

Vocês poderiam pensar que agora nunca tenho falta de confiança, mas às vezes isso acontece. E quando me sinto assim, releio essa escritura, e consigo sentir seu amor e saber que ele está perto.

Vocês poderiam perguntar como isso acontece. Talvez vocês sejam como muitos jovens e como algumas pessoas mais velhas — acham as escrituras enfadonhas, ou que elas não têm muito significado para vocês. Se for esse o caso, talvez vocês ainda não tenham aplicado o tempo, o esforço e a fé para aprender a entender e amá-las.

Aprender a amar as escrituras é muito semelhante a aprender a andar. No início, vocês ficam inseguras — às vezes tropeçam e não conseguem ir a parte nenhuma com muita rapidez. Mas, se parassem de tentar andar e desistissem, simplesmente porque não foi agradável a princípio, jamais conheceriam a alegria de andar. Se persistirem, aprenderão a andar; logo, conseguirão correr e ir a lugares a que não podiam ir antes.

Aprender a estudar as escrituras é como aprender a andar. Ao começar a lê-las pela primeira vez, vocês estarão inseguras; prefeririam ler algo familiar, como uma história preferida. Mas posso dizer-lhes, por experiência

própria, que, se tentarem ler as escrituras todos os dias, assim como tentaram andar, esses registros preciosos se tornarão tão importantes para vocês como poder andar. Na realidade, acredito que mais importantes. Cada dia será melhor para vocês. Sua confiança crescerá, e vocês encontrarão a força para resistir à tentação e à falta de coragem. Mas vocês têm de começar. Assim, se não o fizeram ainda, gostariam de começar esta noite, marcando uma escritura preferida antes de ir para a cama? Se não tiverem uma escritura preferida, poderiam marcar aquela que citei em Provérbios, capítulo 3, versículos 5 e 6, e colocar a data de hoje ao lado dela, como uma lembrança de nossa visita nesta noite.

Vocês poderiam começar lendo as notas no início do capítulo para conseguirem sentir a história. A nota no início do capítulo um, em Terceiro Néfi no Livro de Mórmon, diz, em parte, o seguinte: “Manifestação de sinais do nascimento do Salvador.” Vocês já estão familiarizadas com esse acontecimento miraculoso, e lendo esse capítulo, podem tranquilamente iniciar o caminho — um primeiro passo que pode levar a muito mais a cada dia.

Quero compartilhar uma experiência que tive neste verão. Passei três dias num acampamento, num lugar ermo com 150 jovens. Fizemos longas caminhadas e tivemos alguns difíceis desafios físicos, como quando descemos por um penhasco de quase dois metros e meio. No último dia, deram-nos instruções para penetrar no bosque sozinhas. Antes de nos separarmos do grupo, foi dada a cada jovem uma carta de casa que havia sido escrita por sua mãe ou por seu pai para essa ocasião.

Quando saí sozinha, levei as escrituras comigo. Li a respeito do amor de meu Pai Celestial a todos nós e a mim. Foi então que percebi que essas escrituras são como cartas recebidas de casa.

Depois de algum tempo, nos reunimos outra vez. Todos tinham aberto e lido sua carta. Uma jovem levantou-se, expressando os sentimentos de seu coração. Tinha na mão a carta fechada. Estas foram suas palavras: “Quase gritei com todas as forças, quando me vi lá sentada, sozinha, e percebi o quanto minha mãe e meu pai me amam.” Eu quase gritei com todas as forças, quando li novamente a respeito do quanto o Pai Celestial nos ama.

Vocês conseguem imaginar como seria estar fora de casa e receber uma carta de seus pais e não se preocupar em abri-la e lê-la? É isso o que acontece, quando não lemos esses registros preciosos. As escrituras sagradas são como cartas de casa, contando-nos como podemos nos chegar ao Pai Celestial. Ele nos diz que nos aproximemos exatamente como estamos. Ninguém será rejeitado. Ele ama a todos. (Ver 3 Néfi 9:14, 17-18.)

Pergunto-lhes: vocês vão abrir as escrituras e lê-las todos os dias? E por quê? Porque as gloriosas promessas serão suas então. Vocês podem ter um testemunho seguro a respeito do amor do Pai Celestial por vocês. Podem conhecer o plano do evangelho e as bênçãos que advêm da obediência e das escolhas certas. Os versículos que vocês marcam se tornarão âncoras nas quais poderão segurar-se, quando as vozes do mundo tentam confundi-las ou desencorajá-las. Elas as elevarão espiritualmente, quando estiverem deprimidas, e vocês poderão ter a experiência do sentimento de estar perto do Pai Celestial. Eu sei disso, mas gostaria de que vocês ouvissem as palavras de uma jovem que fez da leitura das escrituras um hábito. Pedi a Gail Gardner que lhes contasse como isso funciona com ela.

Gail: “Leio as escrituras, porque há uma série de coisas boas que me aconteceram como resultado da sua leitura. Os momentos em que sinto que realmente conheço e entendo meu Pai Celestial e o que ele deseja para mim, têm sido quase sempre aqueles em que estou lendo as escrituras.”

Irmã Kapp: “Você tem uma escritura preferida, Gail?”

Gail: “Sim. Uma escritura que realmente me ajudou está no Livro de Mórmon, em Mosiah 4:27. Fala a respeito de o homem não ter necessidade de correr mais do que as forças o permitem, mas, se ele for diligente, todas as coisas lhe serão dadas. Essa escritura me ajuda, porque tenho estado sempre ocupada.

“Um fato específico com essa escritura ocorreu há pouco tempo. Estava-me preparando para competir num grande concurso de oratória e enfrentando os exames para entrar na faculdade. Acabara de ser chamada para servir em nosso conselho do seminário e estava preocupada com as responsabilidades desse cargo. Tenho também um irmão e seis irmãs com os quais realmente me preocupo, e queria



passar algum tempo com eles. Li aquela escritura e outras iguais a ela que diziam que tudo o que eu precisava fazer era estabelecer meu próprio ritmo e mantê-lo. Senti que o Pai Celestial havia respondido às minhas orações naquela escritura.”

Irmã Kapp: “Gail, como você fez do estudo das escrituras um hábito?”

Gail: “Tento manter em mente três coisas. Primeiro, descobri que dez minutos de estudo sério e concentração a cada dia têm muito mais significado e valor para mim do que uma hora de leitura ‘rápida’ uma vez por semana.

“Segundo, descobri que é mais fácil tornar a leitura das escrituras um hábito, se fizer isso por um período de tempo determinado e uma hora específica do dia, se isso for possível. Para mim, traz mais resultados ler pelo menos dez minutos por dia, e geralmente faço isso logo depois das orações, antes de ir para a cama. Alguns dias são difíceis, e ler as escrituras todos os dias ajuda-me a me aproximar do Pai Celestial e torna mais fácil fazer o que é certo.

“Por último, eu diria que a leitura das escrituras e a oração estão lado a lado. Muitas vezes não entendo uma escritura, mas, com o sentimento que tenho quando estou estudando, a leitura e a oração freqüentemente podem trazer respostas a todos os tipos de perguntas e dúvidas.”

Irmã Kapp: “Como se sente em relação ao fato de ter seus próprios exemplares das escrituras?”

Gail: “Gosto muito deles. As escrituras que marquei e estudei me ajudaram a aumentar o testemunho.

Tenho apenas dezessete anos, mas os princípios e orientações que compreendo e a que aprendi a obedecer realmente me aproximaram mais do Pai Celestial. Com o estudo das escrituras, sei que são verdadeiras.”

“Obrigada, Gail, por seu forte testemunho. Também sei que elas são verdadeiras.”

Vocês, jovens de toda parte, gostariam de assumir o compromisso, nesta noite, de tornar um hábito a leitura das cartas recebidas de casa — as escrituras — com maior freqüência? Se pedirem ao Pai Celestial nas orações diárias que as ajude a entender as mensagens e encontrar as respostas para seus problemas e perguntas, e se vocês se esforçarem por guardar os mandamentos, poderão ter a companhia do Espírito Santo para ensiná-las e para abrir-lhes a mente mais do que vocês jamais pensaram ser possível. São mensagens especiais para vocês, relacionadas a suas necessidades individuais numa determinada época da vida.

Freqüentemente, enquanto vocês estão estudando, sentem-se muito perto do Pai Celestial, e assim vão querer ter as escrituras consigo.

Tenho os exemplares neste tamanho pequeno, de modo que posso levá-las comigo quase sempre. Vocês já levam os livros escolares; gostariam de levar as escrituras? Se o fizerem, outras pessoas vão seguir seu exemplo. Descobrirão amigos importantes que ficarão entusiasmados por partilhar com vocês escrituras que são especiais para eles. Tenho uma amiga que freqüentemente me telefona e diz: “Está com as escrituras aí?” Com entusiasmo na voz, ela diz: “Quero compartilhar com você o que descobri.” E então ela o lê para mim, e eu digo: “Onde encontrou isso? Qual é a referência?” Então me entusiasmo e marco minhas escrituras.

Mas tive de aprender a andar antes. Se continuarem tentando, mais cedo do que possam perceber, terão algumas escrituras preferidas marcadas que podem ser facilmente consultadas. E vocês aprenderão a amar a esses livros como amigos especiais. Se não tiverem seus próprios exemplares das escrituras, façam um plano para adquiri-los.

Permitam que lhes conte algo a respeito destes velhos exemplares que mamãe e papai me deram, quando tinha dezessete anos. Eu havia lido o Livro de Mórmon antes, mas desta vez foi diferente. Eu era jovem, mas queria saber por mim mesma se o Livro de

Mórmon era realmente verdadeiro. Naquele dia, havia chegado a Alma, capítulo 32, que fala sobre a fé. Quando terminei o capítulo, senti algo que reconheci ser um testemunho do Espírito Santo — eu sabia que o Livro de Mórmon era verdadeiro. Queria levantar-me e gritar. Queria dizer ao mundo todo o que eu sabia e o que sentia, mas estava sozinha. Assim, com lágrimas de alegria rolando na face, escrevi na margem, ocupando todo o espaço nos dois lados, os sentimentos de meu coração naquele momento. Fiz um grande asterisco vermelho no canto superior e escrevi: “31 de maio, 7h30min da manhã. Sei que isto foi escrito como se fosse para mim.” Então escrevi na outra margem: “Recebi uma confirmação. Sei que o Livro de Mórmon é verdadeiro.” No outro lado, escrevi: “Há exatamente um mês comecei a jejuar todas as terças-feiras por um conhecimento mais seguro. Isso eu sei.”

Por meio da oração e do estudo, vocês podem saber que as escrituras são verdadeiras. Temos o maior desejo de que vocês conheçam e amem as escrituras, de modo que elas possam dar-lhes respostas nos anos de adolescência, quando a subida for íngreme, assustadora e perigosa e quando vocês precisarem de inspiração para efetuarem escolhas importantes a cada dia. Ao se familiarizarem cada vez mais com as escrituras, elas por fim podem tornar-se suas histórias preferidas, fáceis de ler; e as ajudarão a obter a determinação para permanecerem firmes em retidão, mesmo quando for difícil.

Depois desta conferência, vocês gostariam de renovar o compromisso de aumentar o estudo das escrituras, tornando-o regular? Gostariam de fazer um plano para ter seus próprios exemplares das escrituras à mão e levá-los consigo? Cada pessoa que ouve minha voz gostaria de aceitar o convite, o desafio de assumir o compromisso de ler as escrituras regularmente neste ano? Se vocês fizerem isso, prometo-lhes e presto testemunho de que nosso Pai Celestial se achegará a vocês, porque vocês se estarão achegando a ele. (Vejam D&C 88:63.) Vivemos e um dia morreremos. E quando isso acontecer, conheceremos nosso Salvador, pois teremos buscado as escrituras sagradas e sentido sua proximidade enquanto caminha conosco na jornada para casa. Presto testemunho disso em nome de Jesus Cristo. Amém.

Achegai-vos a Mim pela Obediência

Barbara W. Winder

Presidente Geral da Sociedade de Socorro

“Cada uma de nós pode ter um sentimento de confiança e paz interiores, quando obedecemos aos princípios do evangelho.”



Minhas queridas irmãs, aqui presentes e de todo o mundo, que alegria encontrar vocês unidas em espírito, para aprender como nos achegamos mais ao Pai Celestial e a seu Filho Jesus Cristo.

Ouvimos como podemos fazer isso por meio da oração e do uso das escrituras. Também nos foi lembrado que, quando participamos do sacramento a cada domingo, nossa mente e nosso coração devem concentrar-se no compromisso de “recordá-lo sempre e guardar os mandamentos”. (D&C 20:77.) Ao ouvirmos essa oração, posteriormente ouvimos a promessa de “ter(em) sempre consigo o Seu Espírito”. (Versículo 77.)

Desde o princípio, Deus ensinou a seus filhos que virão bênçãos àqueles que forem obedientes. Quando transmitiu aquelas regras especiais no Monte Sinaí para a orientação de Israel, o Senhor declarou que *faria misericórdia* aos que guardassem os seus mandamentos. (Vejam Êxodo 20:6.) Em Deuteronômio, somos

informados de que “o Senhor nos ordenou ... *para o nosso perpétuo bem*”. (6:24; itálicos acrescentados.)

O Rei Benjamim, em seu discurso de despedida após uma longa vida de serviço e experiência, disse: “Se guardardes seus mandamentos, ele vos abençoará.” (Mosiah 2:22.)

Podemos ter um sentimento de confiança e paz interiores, quando obedecemos aos princípios do evangelho.

Há vários anos, nossa filha recém-casada e seu marido iniciaram uma série de mudanças de um lugar para outro — faculdade, pós-graduação, primeiro trabalho, e assim por diante. Essas mudanças os levaram a várias partes do país. Em cada lugar, as condições de clima e solo eram diferentes, mas eles determinaram que seguiriam o conselho do profeta de ter uma horta. Suas primeiras tentativas para ter a horta foram patéticas. As ervas daninhas cresceram mais que os legumes. A horta era uma “horta de obediência”. Entretanto, com esforço contínuo, a cada ano as hortas melhoraram. Aprenderam técnicas novas e desenvolveram habilidades. Quando chegaram os filhos em sua família, cada um foi ensinado a trabalhar e assumir uma responsabilidade naquelas “hortas de obediência”. Agora suas hortas são atraentes, projetos de “sobrevivência” de valor, pois a família aproveita e partilha os produtos. Eles guardam o excedente para uso posterior. Além das lições práticas que aprenderam, encontraram paz e segurança

guardando os mandamentos. Com certeza a promessa foi cumprida para eles: o conselho do profeta foi para o perpétuo bem deles.

Às vezes pensamos que, por estarmos em circunstâncias difíceis, não é prático guardar todos os mandamentos do Senhor. Há, por exemplo, aqueles que sentem que não podem pagar o dízimo. Mas, à medida que obedecemos aos mandamentos, temos a evidência das bênçãos, o sentimento de realização, e paz interior.

Certa irmã querida e seu marido, que recentemente se filiaram à Igreja, tinham uma casa que era simplesmente uma casca de noz, sem o conforto de banheiro, fogão, ou pia. Devido à renda muito baixa, eles não conseguiram sustentar o filho de oito anos, que tinha de viver com os avós. Esse jovem casal achou que o dízimo era um princípio muito difícil de obedecer.

Depois de serem membros da Igreja por cinco meses, a jovem mãe decidiu que iria obedecer ao mandamento do dízimo. Para fazer isso, ela entregou todo o dinheiro que tinha em casa ao bispo na metade do mês, e depois imaginou o que seria dela, do marido e da filha de três anos nos quinze dias restantes. Eles não tinham nenhum dinheiro guardado e estavam com pouquíssimo alimento.

“As janelas do céu”, como está descrito em Malaquias 3:10 realmente se abriram. Naquela semana, uma amável irmã da Sociedade de Socorro trouxe pão fresco, o alimento básico de seu país. Além disso, uma dívida atrasada foi paga ao marido, e apenas três meses depois ele recebeu uma alentadora promoção salarial em seu trabalho.

O Pai Celestial cuidou verdadeiramente de suas necessidades, à medida que eles exerceram grande fé para serem obedientes.

Em 1 Nêfi 17:3, lemos: “E, se os filhos dos homens seguirem os mandamentos de Deus, ele os nutrirá, fortalecerá e lhes dará meios pelos quais poderão cumprir as coisas que ordenou.”

Novamente, ouçam as palavras do Rei Benjamim: “Quisera que considerásseis o estado feliz e abençoado daqueles que guardam os mandamentos de Deus. Porque, eis que são abençoados em tudo, tanto corporal como espiritualmente; e, se eles se conservarem fiéis até o fim, serão recebidos no céu, para habitar com Deus em um estado de alegria sem fim. Oh, lembrai-vos, lembrai-vos de que

estas coisas são verdadeiras.” (Mosiah 2:41.)

A obediência traz bênçãos aqui e agora. Jesus disse: “Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois, se as *fizerdes*.” (João 13:17; *itálicos acrescentados*.) A felicidade e a paz são encontradas quando estamos em harmonia conosco mesmos, com Deus e com o próximo.

Pela obediência, adquirimos a força espiritual que nos sustém nas horas de adversidade. Minha amiga e conselheira Joy F. Evans conta a respeito de uma época assim em sua vida. Ela estava com quatro filhos e esperando o quinto bebê. O tão esperado dia do nascimento chegou — aproximadamente seis semanas antes do previsto. Eles esperavam ter “um” bebê, mas ao invés disso, tiveram gêmeos, Michael e Amy, prematuros e muito pequenos.

Eles já haviam perdido um filho antes, e Joy, sendo enfermeira, estava certa de que aqueles bebês também iriam morrer. Tinha até mesmo receio de que sua própria falta de fé contribuiria para que eles morressem, e queria desesperadamente que vissem!

Em suas próprias palavras, “Acho que foi a primeira vez que eu não conseguia dizer ‘Seja feita a tua vontade.’ Eu simplesmente não conseguia dizê-lo.”

No segundo dia após o nascimento dos bebês, seu marido orou, não pelos bebês, mas pela esposa, mãe deles. E então ela teve uma doce certeza de que tudo estava bem; o que quer que acontecesse era a vontade do Senhor. Os bebês realmente morreram, um dois dias depois, e o outro três dias mais tarde; mas Joy ainda sentia paz. Ela podia recorrer ao maravilhoso reservatório de força que havia construído, guardando os mandamentos no decorrer dos anos.

Ter os bebês adequadamente vestidos para o enterro era muito importante para a mãe, mas eles eram tão pequenos, que foi impossível achar roupas suficientemente pequenas para eles. Quando a presidente da Sociedade de Socorro veio depois que o segundo bebê morreu, percebeu o desapontamento de Joy por não poder vestir os bebês como gostaria. A presidente foi para casa e costurou ativamente naquela noite. Quando voltou na manhã seguinte, o dia do sepultamento, tinha um lindo terninho branco para Michael e um delicado vestidinho branco para Amy.

A pessoa que dá e a que recebe

podem ter paz, quando seguem a inspiração do Espírito para servir-nos uns aos outros.

O Senhor disse: “Guarda os meus mandamentos e *auxilia* a trazer à luz a minha obra.” (D&C 11:9; *itálicos acrescentados*.)

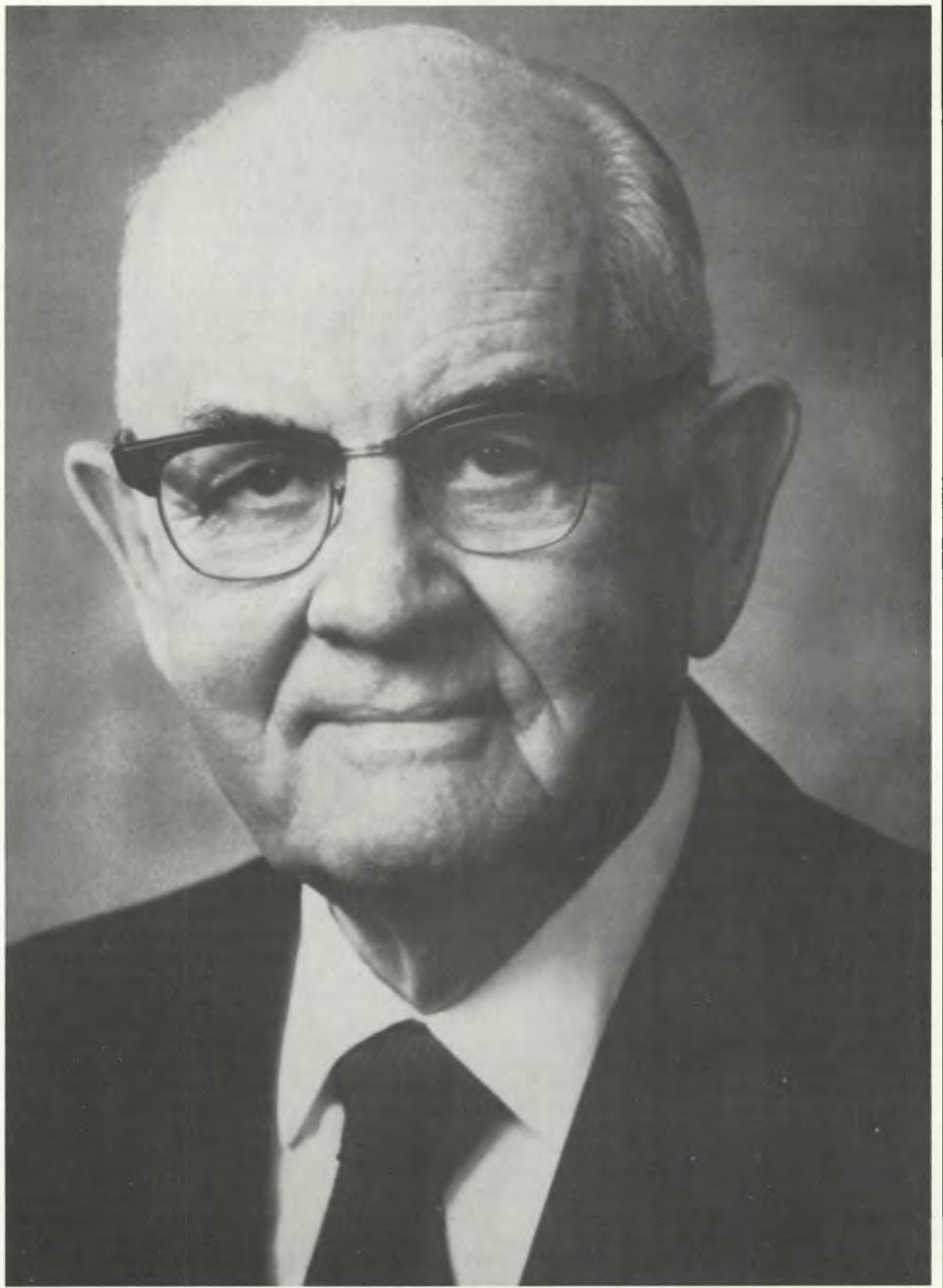
Irmãs, como irmãs na Igreja, temos um papel importante a cumprir na edificação do reino na terra. A maneira de fazer isso é clara. Foi-nos ordenado que nos santificássemos para que nossa mente possa tornar-se uma com Deus, de modo que possamos permanecer firmes na fé, sem vacilar, até que nossa obra esteja completa. Ao reservarmos um momento para o estudo regular das escrituras e um momento de sossego para as orações, recebemos conhecimento e inspiração. Então, pela obediência, colocamos essas informações em ação. Estamos santificando-nos um pouco de cada vez, à medida que aceitamos a responsabilidade pessoal por nossas ações, e honramos os convênios que fazemos no batismo, no templo, e ao tomarmos o sacramento a cada domingo. Progredimos quando vivemos de modo digno de receber as bênçãos reservadas para nós, respondendo às inspirações para servir os outros, amando-nos uns aos outros, e tentando obedecer à voz do profeta em todas as coisas.

O Élder Heber J. Grant disse: “Se estamos lutando, se estamos trabalhando, se estamos tentando, dando o melhor de nós para melhorar dia a dia, *então estamos de acordo com nosso dever*.” (Em Conference Report, abril de 1909, p. 111.)

Daquele campo de refugiados da Tailândia, Mary Ellen expressou isso muito bem, ao dizer: “Quanto a mim, sinto-me próxima do Salvador, quando posso fazer por uma outra pessoa mesmo que seja uma pequena parcela daquilo que ele faria, se estivesse ali. De certa forma, é isso que significa ser um instrumento ... tornar possível que o seu amor alcance um número maior de seus filhos.”

Irmãs, somos esses instrumentos. Ele precisa de nós, e nós precisamos dele. Instrumentos que estão em harmonia tocam belas melodias. Sejam obedientes. Orem sempre. Lembrem-se dele. Guardem seus mandamentos. Achequem-se a ele e sintam a alegria e a paz que surgem, quando ele se chega a vocês. (Ver D&C 88:63.)

Sei que essas coisas são verdadeiras e o digo em nome de Jesus Cristo. Amém.



SPENCER WOOLLEY KIMBALL

Spencer Woolley Kimball tornou-se o décimo-segundo presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias a 30 de dezembro de 1973, depois de mais de trinta anos de serviço como membro do Conselho dos Doze Apóstolos. Desde então, presidiu mais de 5 milhões de membros da Igreja em todo o mundo.

Nascido a 28 de março de 1895, o Presidente Kimball foi o sexto filho de Olive Woolley e Andrew Kimball. Viveu na Cidade do Lago Salgado durante três anos, até que seu pai foi chamado para presidir a Estaca de St. Joseph em Thatcher, Arizona. Lá viveu até que foi chamado para ser missionário na Missão Suíça-Germânica, sendo transferido para a Missão dos Estados Centrais dos E.U.A. no início da I Guerra Mundial. Ao retornar da missão, casou-se com Camilla Eyring, em novembro de 1917. Eles são pais de três filhos e uma filha.

Como homem de negócios do Arizona, o Presidente Kimball começou a trabalhar em bancos, tornando-se o proprietário e administrador da Companhia de Bens Imóveis e Seguros Kimball-Greenhalgh, até ser chamado como membro do Conselho dos Doze Apóstolos. Suas atividades incluíam trabalhos comunitários, profissionais e cívicos, como escotismo, educação, governo, câmara de comércio e Rotary Club.

O Presidente Kimball determinou ser o "crescimento" o desafio da Igreja. Mais de 224.000 conversos uniram-se à Igreja em 1981 e 30.000 rapazes, moças e casais idosos, estão trabalhando como missionários em diferentes áreas ao redor do mundo.

Ele foi o Presidente da Junta de Educação da Igreja, a qual inclui aproximadamente 400.000 estudantes em escolas na América do Norte, do Sul e no Pacífico. A Universidade Brigham Young, a maior universidade particular da nação, faz parte deste vasto sistema educacional.

O Presidente Kimball anunciou planos de

construir 26 novos templos — Apia, Oeste de Samoa; São Paulo, Brasil; Atlanta, Georgia; México City, México; South Jordan, Utah; Seattle, Washington; Tokio, Japão; Buenos Aires, Argentina; Sidney, Austrália; Santiago, Chile; Papeete, Tahiti; Nuku'alofa, Tonga; Chicago, Illinois; Dallas, Texas; Boise, Idaho; Denver, Colorado; Guatemala City, Guatemala; Lima, Peru; Frankfurt, Alemanha; Estocolmo, Suécia; Seoul, Coréia; Manila, Filipinas; Johannesburg, África do Sul; Taipei, Taiean e Guayaquil, Equador; isto irá aumentar o número de templos mórmons em todo o mundo, para 41.

Sob sua direção, foi organizado o Primeiro Quorum dos Sétenta, movimento esse que aumentou a eficiência da organização da Igreja durante um período de rápido crescimento internacional. Também sob sua liderança, foi estabelecido um conceito inovativo de "reuniões combinadas", sendo as reuniões da Igreja combinadas em três horas no domingo, com o propósito de aumentar sua eficácia, bem como a conservação de energia e a economia financeira.

O Presidente sobreviveu a inúmeras lutas com doenças e desastres.

Aos dez anos de idade quase se afogou. Um ano depois sua mãe faleceu. Não muito mais tarde sobreviveu à febre tifóide e à varíola.

Depois do chamado para o Quorum dos Doze, o Presidente Kimball sofreu uma série de ataques do coração. Em 1957 teve que retirar uma corda vocal e meia que estavam com câncer (é por isso que ele tinha a voz rouca) e em 1972 submeteu-se a uma cirurgia cardíaca. Também se submeteu a várias operações para remover sangue e fluido perto do cérebro.

O Presidente Kimball é o autor de vários panfletos e três livros muito lidos: *O Milagre do Perdão*, *Faith Precedes the Miracle*, e *One Silent Sleepless Night* (não traduzidos para o português).

Acontecimentos Importantes na Vida de um Profeta

O Presidente Spencer W. Kimball, um ativo e devotado líder da Igreja, teve uma existência repleta de significação. Seguem-se alguns pontos culminantes de sua vida:

1895 — Nasceu no dia 28 de março, o sexto dos onze filhos de Andrew e Olive Woolley Kimball.

1898 — Mudou-se com a família para Thatcher no Arizona, uma cidade pioneira onde Andrew foi chamado para ser o presidente da Estaca St. Joseph.

1914 — Formou-se na Gila Academy, com louvor como presidente de classe; foi ordenado sacerdote, élder, setenta, e foi chamado para a Missão dos Estados Centrais.

1917 — Retornou da missão e casou-se com Camilla Eyring em 16 de novembro.

1918 — Chamado como secretário de estaca, serviu sob a presidência de seu pai na Estaca St. Joseph. Manteve esse chamado por 20 anos.

1924 — Chamado para a presidência da estaca após a morte de Andrew Kimball e ordenado sumo sacerdote pelo Presidente Heber J. Grant.

1938 — Chamado como presidente da Estaca Mount Graham quando a Estaca St. Joseph foi dividida.

1943 — Chamado para o Conselho dos Doze. Foi ordenado apóstolo no dia 7 de outubro pelo Presidente Heber J. Grant.

1957 — Submeteu-se a uma cirurgia na garganta para a remoção de uma corda vocal e parte de outra, devido a um câncer.

1959-1966 — Visitou o Pacífico Sul, América do Sul e a Terra Santa, dirigindo conferências de estaca e outras reuniões.

1969 — Recebeu o grau de doutor honorário em leis pela BYU e teve publicado o seu livro *O Milagre do Perdão*.

1970 — Tornou-se presidente interino do Conselho dos Doze após a morte do Presidente David O. McKay.

1972 — Sofreu uma cirurgia de coração em abril, tornou-se presidente do Conselho dos Doze em julho após a morte do Presidente Joseph Fielding Smith. *Faith Precedes the Miracle* foi publicado.

1973 — Ordenado e designado presidente da Igreja em 30 de



Foto de J. Molar Hestlop
Pres. Kimball e Pres. N. Eldon Tanner conversam sobre o terreno do templo no Brasil.

dezembro, após a morte do Presidente Harold B. Lee.

1974

6 de abril — Apoiado como presidente pelos membros em conferência geral. Divulgou o famoso discurso “Alongar os Passos” para os Representantes Regionais dois dias antes.

16-18 de agosto — Assistiu à conferência de área em Estocolmo, na Suécia, a primeira de muitas que presidiria por todo o mundo.

19 de novembro — Dedicou o Templo de Washington.

1975

1º de março — Anunciou a construção do Templo de São Paulo numa conferência de área no Brasil.

7 de junho — Delegou as obrigações temporais e de corporação aos conselheiros.

24 de julho — Dedicou 28 andares do Edifício dos Escritórios da Igreja.

9-17 de agosto — Anunciou os planos para o Templo de Tóquio durante as conferências de área no Extremo Oriente.

3 de outubro — Reativou o Primeiro Quorum dos Setenta.

15 de novembro — Anunciou os planos para o Templo de Seattle.

1976

3 de abril — Presidiu a conferência geral quando duas revelações foram acrescentadas à Pérola de Grande Valor.

13 de junho — Visitou a área inundada pela Represa Teton, de Idaho,

que deixou 40.000 desabrigados, sendo a maioria, santos.

4 de julho — Discursou para 23.000 pessoas reunidas para o Bicentenário nacional em Landover, Maryland.

1º de outubro — Supervisionou a reorganização das Autoridades Gerais, chamando os Assistentes dos Doze e membros do Primeiro Conselho dos Setenta para o Primeiro Quorum dos Setenta.

1977

14 de janeiro - 5 de fevereiro — Colocou as funções temporais sob a responsabilidade do Bispo Presidente. Foram criados os Escritórios Internacionais do Bispo Presidente.

21 de fevereiro - 11 de março — Encontrou-se com os dirigentes do México, Guatemala, Chile e Bolívia, durante a viagem de um mês pela América Latina para realizar conferências de área. Posteriormente, visitou a Casa Branca em Washington D.C., com o Presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter.

24-26 de agosto — Rededicou a Polônia para pregação do evangelho, ao fim de uma viagem por sete países.

15 de outubro — Anunciou os planos para o Templo de Samoa.

1978

3 de fevereiro — Anunciou os planos para o Templo de Jordan River.

9 de junho — Anunciou a revelação estendendo o sacerdócio a todos os homens fiéis da Igreja.

1º de julho — Dedicou o Monumento às Mulheres, em Nauvoo, Illinois.

30 de outubro - 2 de novembro — Dedicou o Templo de São Paulo.

27 de novembro — Discursou no programa Semana Nacional da Família, no Tabernáculo, quando falou também o Presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter.

1979

9 de março — Registrou o crescimento de 113 para 175 missões da Igreja desde que se tornara presidente em dezembro de 1973.

13 de março — Rededicou o reformado recentemente Templo de Logan.

30 de março — Impulsionou a obra missionária mundial através de um discurso proferido aos Representantes Regionais, alcançando alguns sucessos na África e com os esforços bem intencionados na China.

9 de julho — Utilizou uma máquina escavadeira para iniciar a escavação na cerimônia de abertura da terra do Templo Jordan River, simbolizando “Alongar os Passos”.

9 de setembro — Submeteu-se à primeira operação de hematoma subdural e “teve recuperação notável”.

6 de outubro — Presidiu a primeira conferência transmitida em videotape para a Europa.

24 de outubro — Dedicou os Jardins Orson Hyde em Jerusalém.

17 de novembro — Submeteu-se à segunda operação de hematoma subdural; recuperou-se novamente ultrapassando as expectativas dos médicos.



Da fazenda de Peter Whitmer, o Pres. Kimball falou, em conferência geral.

1980

1º de fevereiro — Anunciou o início do programa de reuniões combinadas.

27, 28 de março — Realizou-se uma festa de aniversário em todo o mundo no seu 85º aniversário, e uma noite de tributo com a presença de personalidades nacionais.

2 de abril — Anunciou a era de templos pequenos em várias localidades com a construção de sete novos templos.

6 de abril — Discursou em conferência, do lugar onde a Igreja foi restaurada, em Fayette, Nova York, durante transmissão simultânea pela televisão, em comemoração ao Sesquicentenário da Igreja.

12 de agosto — Proferiu um discurso importante na Conferência Mundial da Igreja sobre Registros.

27 de outubro — Dedicou o Templo de Tóquio.

17-21 de novembro — Dedicou o Templo de Seattle.

1981

13, 18, 19 de fevereiro — Presidiu cerimônia de abertura da terra para a construção de templos no Taiti, em Tonga e em Samoa Ocidental respectivamente.

7 de março — Presidiu a cerimônia de abertura da terra para a construção do Templo de Atlanta.

13 de março — Presenteou o Presidente Ronald Reagan com a sua genealogia.

1º de abril — Anunciou a construção de nove templos novos em todo o mundo, totalizando 21 anunciados por ele.

30 de maio — Presidiu a cerimônia de abertura da terra para a construção do Templo do Chile.

6 de agosto — Cortou a fita na inauguração da estação de satélite da Igreja, um passo adicional para as comunicações na era espacial.

5 de setembro — Submeteu-se à terceira operação de hematoma subdural.

26 de setembro — Conclusão do projeto de compreensão das escrituras, alcançado com a publicação da tripla combinação.

16 de novembro — Presidiu a dedicação do Templo de Jordan River.

1982

9 de março — Assistiu à dedicação da Torre Spencer W. Kimball, o edifício mais alto no campus da BYU, em sua primeira aparição pública desde sua hospitalização em setembro passado.

28 de março — Participou de um jantar em família no seu 87º aniversário.

2 de abril — Presidiu a conferência geral, na qual prestou um breve testemunho e anunciou modificações importantes, incluindo a redução de tempo nas missões de longo prazo, e redução nas despesas das construções locais. A Igreja alcança a marca de cinco milhões de membros.

3 de outubro — Emitiu importante discurso, através de seu secretário, D. Arthur Haycock.

16 de novembro — Celebrou 65 anos de casamento com sua esposa Camilla, em uma discreta recepção no apartamento do Hotel Utah.

11 de dezembro — Reorganizou a Primeira Presidência após a morte do Presidente N. Eldon Tanner. O Presidente Gordon B. Hinckley,

conselheiro, foi chamado como segundo conselheiro.

1983

28 de março — Participou de um jantar discreto, em família, por ocasião de seu 88º aniversário.

1º, 2 de outubro — Compareceu à conferência geral, mas não discursou.

20 de novembro — Recebeu o Prêmio Búfalo de Prata do Conselho Nacional dos Escoteiros da América.

1984

28 de março — Celebrou tranqüilamente seu 89º aniversário em seu apartamento no Hotel Westin Utah.

7 de abril — Presidiu a conferência geral quando os Élderes Russell M. Nelson e Dallin H. Oaks foram chamados para o Conselho dos Doze. Foram chamados novos membros para o Primeiro Quorum dos Setenta em base temporária. Foram anunciados cinco novos templos.



O Pres. Kimball mostra seu senso de humor em seu 82º aniversário.

1985

28 de março — Celebrou seu 90º aniversário durante uma recepção onde recebeu os cumprimentos de quase todas as 65 Autoridades Gerais. Perguntando: “Não é ótimo ter 90 anos de idade?” ele respondeu: “Cem anos de serviço seria ainda melhor.”

6, 7 de abril — Assistiu às quatro sessões da conferência geral pela primeira vez desde abril de 1981.

5, 6 de outubro — Assistiu às quatro sessões da conferência geral, parecendo estar mais forte do que na conferência geral de abril. Permaneceu algum tempo após o encerramento da sessão com as Autoridades Gerais.

5 de novembro — Faleceu aos 90 anos de idade em seu apartamento no Hotel Westin Utah.

Élder M. Russell Ballard Do Quorum dos Doze Apóstolos

Numa estante junto à janela, no escritório do Élder M. Russell Ballard, encontra-se um busto em tamanho quase natural de seu bisavô, o Presidente Joseph F. Smith. Ao seu lado encontram-se outros dois bustos, de Hyrum Smith, o tetravô de Élder Ballard, e do Profeta Joseph Smith, seu tio tetravô.

Na parede oposta à mesa, estão os retratos de seus dois avós, Élder Hyrum M. Smith e Élder Melvin J. Ballard, ambos antigos membros do Quorum dos Doze.

Élder Ballard diz que houve momentos em que aqueles retratos lhe deram o encorajamento necessário para que ele perseverasse em seus chamados. Agora, “compreendo que ser convidado para estar no mesmo círculo em que eles estiveram em vida, traz sentimentos especiais.”

Ele aludiu a estes sentimentos na sessão de encerramento da conferência geral em 6 de outubro, quando aceitou o chamado para ser o mais novo membro do Quorum dos Doze.

“Gostaria também de prestar testemunho de que, em meu caso particularmente, o véu entre este mundo e o outro é tênue. Confesso que tem sido uma grande bênção para mim ter nascido de pais, avós e bisavós virtuosos que deram tudo o que deles foi requerido para a edificação do reino de Deus na terra.”

“Conheço a origem do chamado”, disse ele. “Esta é a Igreja de nosso Pai Celestial... Sei, como estou aqui à sua frente, que Jesus é o Cristo, que ele vive. Ele está intimamente ligado a este trabalho e bem junto a todos nós que somos chamados para, em seu nome, realizar a obra por toda a terra.”

Nove anos e meio como Autoridade Geral ajudaram-no a preparar-se espiritualmente para seu novo chamado, mas isto não era algo para o qual ele estivesse mentalmente preparado naquela manhã de domingo. Como em outras determinadas ocasiões, tivera “pequenos cutucões inspiradores” que alguma mudança estaria para ocorrer em sua vida; contudo, esperava uma mudança na



designação no Primeiro Quorum dos Setenta.

O chamado não modificará a maneira como Élder Ballard encara o serviço na Igreja. “Sinto-me profundamente humilde com a confiança do Senhor e de meus Irmãos, e prometo-lhes que farei o melhor de que sou capaz”, disse ele no pequeno discurso durante a conferência. Este espírito, dizendo “o melhor de que sou capaz”, tem caracterizado sua vida.

Natural da Cidade do Lago Salgado, nasceu no dia 8 de outubro de 1928, filho de Melvin R. e Geraldine Smith Ballard. Descreve seu pai como um homem “brilhante” que lhe ensinou o valor do trabalho árduo, e sua mãe como “uma pessoa muito suave, doce, terna... durante meus anos de crescimento, ela foi, provavelmente, minha melhor amiga.”

Quando jovem, Russell Ballard foi líder entre seus colegas na Escola Secundária (onde foi presidente de seminário) e na Universidade de Utah. Aos 21 anos, como missionário, foi chamado em 1949 para ser o primeiro conselheiro na presidência da Missão Inglesa.

Após a missão, iniciou o trabalho profissional na revendedora de automóveis de seu pai. Foi o início de uma variada carreira de negócios que incluiu mineração, comércio de

automóveis e atividades imobiliárias e de investimentos. Os serviços profissionais e comunitários sempre fizeram parte de sua vida. Conquistou posições de liderança em organizações profissionais e na Câmara do Comércio. Atualmente é membro da diretoria da Deseret Book Company e do Conselho Consultivo de Salt Palace.

Quando aceitou o chamado como presidente da Missão Toronto Canadá, em 1974, ele não poderia imaginar quão profundamente aquela decisão lhe afetaria a vida. Dois anos mais tarde, porém, em 3 de abril de 1976, seu chamado para o serviço de tempo integral na Igreja tornou-se permanente, quando foi apoiado como membro do Primeiro Quorum dos Setenta. Foi chamado para a presidência daquele quorum em 21 de fevereiro de 1980.

Anteriormente ao chamado para os Doze, foi Diretor Executivo do Departamento Missionário da Igreja e antes havia dirigido os departamentos de Currículo e Correlação.

Élder Ballard casou-se com Barbara Bowen no Templo de Lago Salgado; o casal tem sete filhos (cinco casados) e dezoito netos.

Ele fala amorosamente de sua esposa como uma “alegria, uma grande mulher”, que tem sido “um apoio total e completo” em seus anos como profissional, como presidente de missão e membro do Primeiro Quorum dos Setenta.

Este novo chamado, diz Élder Ballard, será um desafio. Refletindo sobre o poder espiritual, a experiência, a educação de seus Irmãos no Quorum dos Doze, ele se pergunta quão apto estará para contribuir. Mas está determinado a cumprir “cada designação que me for dada com o melhor de meu conhecimento e experiência.”

“Não podemos deixar de sentir nossa dependência do Senhor” para ter orientação, diz ele, na tentativa de edificar Seu Reino. Prosseguimos nesta edificação, “fazendo, diariamente, as coisas certas da melhor maneira que formos capazes todos os dias.”

Élder Jack H. Goaslind, Élder Robert L. Backman da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta



Goaslind foi vice-presidente da Affiliated Metal, Inc.

Nasceu em 18 de abril de 1928, filho de Jack H. e Anita Jack Goaslind. Após cumprir missão, formou-se pela Universidade de Utah onde conheceu sua futura esposa. Natural da Cidade do Lago Salgado, Élder Goaslind é um ávido esquiador e aprecia as atividades com sua família. Ele e irmã Goaslind são pais de três filhos e três filhas e esperam o nono neto.

Seu pai sempre foi uma inspiração para ele. Uma das experiências memoráveis de sua vida, foi quando serviu primeiramente como bispo e posteriormente como presidente de estaca, enquanto seu pai tinha ao mesmo tempo as mesmas designações em uma estaca vizinha. Sentia-se honrado por estar associado a seu pai naquele serviço. “Serei eternamente grato”, falou a respeito de seus pais, “por seu amor e sua profunda influência em minha vida”.

Desde sua conversa com o Presidente Kimball, quando foi chamado para o Primeiro Quorum dos Setenta, “as coisas não foram as mesmas. Mais do que nunca”, testifica ele, “sinto minha total dependência do Senhor e oro sinceramente para que seu Espírito me acompanhe.”

“Quando garoto, eu buscava a felicidade determinada pelo mundo”, diz Élder Robert L. Backman. “Isto aconteceu até eu ser chamado para uma missão, quando descobri que a felicidade é realmente um produto derivado do serviço.”

O serviço desde aí tem sido importante para Élder Backman. Chamado recentemente para a Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, serviu na Legislatura do Estado de Utah e em muitos chamados na Igreja, inclusive como membro de bispado, de presidência de estaca, como presidente geral, conselheiro e membro da Junta dos Rapazes, Representante Regional, e presidente de missão. Foi também membro do Conselho Executivo Nacional dos Escoteiros da



América e membro da Fundação dos Estados Unidos para o Escotismo Internacional.

Nascido em 22 de março de 1922, na Cidade do Lago Salgado, filho de Le Grand P. e Edith Price Backman, Robert Le Grand Backman passou parte da infância na África do Sul onde seu pai foi presidente de missão. Quando adolescente, sua família retornou a Lago Salgado, onde ele completou seus estudos na escola secundária. Por ter frequentado na África do Sul uma escola somente para meninos, ele era muito introvertido. Conta que foi o chamado para a missão nos Estados do Norte que transformou sua vida e o converteu ao princípio de serviço.

Após servir o exército durante a Segunda Guerra Mundial, retornou à Cidade do Lago Salgado para estudar Direito. Tinha intenção de concentrar-se exclusivamente nos estudos, mas o princípio de serviço falou mais alto. Em seu primeiro dia na cidade, encontrou o bispo de sua ala no ônibus, e antes de descer, já havia sido chamado como consultor do quorum dos diáconos.

Em 1941, casou-se com Virginia Pickett, que conhecera na escola secundária. Nos anos seguintes, foram abençoados com sete filhos.

Formou-se em Direito no ano de 1949, pela Universidade de Utah, e em 1966, foi chamado como presidente da

Na sexta-feira que antecedeu a Conferência geral, Élder Jack H. Goaslind, Jr., contou à esposa Gwen que uma “bomba” havia caído sobre ele. Sua secretária lhe dissera que se estava mudando e teria de deixar o emprego. Para um homem que tem um bom relacionamento com aqueles com quem trabalha, a notícia não foi realmente muito boa.

Mas a conferência geral trouxe, sem dúvida, maiores mudanças em sua vida do que ele poderia prever. Foi chamado como um dos sete presidentes do Primeiro Quorum dos Setenta.

Na ocasião do chamado, Élder Goaslind era presidente da Área Noroeste da América do Norte da Igreja e diretor do Departamento do Sacerdócio. Anteriormente foi membro da Presidência de Área da Ásia, diretor do Departamento Missionário e Representante Regional.

Em 1972, Élder Goaslind foi chamado como conselheiro na presidência da Associação de Melhoramentos Mútuos do Sacerdócio Aarônico. Ele e sua esposa, Gwen Bradford, em solteira, foram aí chamados para presidirem a Missão Tempe, Arizona. Em setembro de 1978, foi chamado como membro do Primeiro Quorum dos Setenta.

Antes de ser chamado para o serviço de tempo integral para a Igreja, Élder

Missão dos Estados do Noroeste, uma oportunidade que ele e sua mulher apreciaram bastante. Como disseram, eles estavam esperando um outro chamado para missão, quando Élder Backman “recebeu outro daqueles chamados telefônicos” e foi chamado para o Primeiro Quorum dos Setenta, no dia 1º de abril de 1978.

Na última conferência geral de outubro, foi chamado para a Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta. Seu novo chamado lhe dará mais oportunidades de serviço. “Uma vida nunca pode ser feliz, se focalizada para dentro de si mesma”, diz ele. “Se alguém estiver angustiado deve esquecer seus problemas. Deve caminhar em direção à porta e encontrar alguém que necessite de ajuda.” Sua vida exemplifica tal filosofia.



Chamada a Nova Presidência dos Rapazes



Élder Vaughn J. Featherstone, no centro, é o novo presidente dos Rapazes, com Élder Rex D. Pinegar, à esquerda e Élder Robert L. Simpson, como primeiro e segundo conselheiros respectivamente.

Élder Vaughn J. Featherstone, do Primeiro Quorum dos Setenta, anteriormente primeiro conselheiro na Presidência Geral dos Rapazes, foi chamado como Presidente dos Rapazes, anunciou a Primeira Presidência.

Os élderes Rex D. Pinegar e Robert L. Simpson, ambos do Primeiro Quorum dos Setenta, serão o primeiro e o segundo conselheiro, respectivamente. Élder Pinegar foi anteriormente segundo conselheiro naquela organização.

Élder Featherstone sucede a Élder Robert L. Backman, que na conferência geral de outubro foi chamado para a Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta.

A Presidência Geral dos Rapazes, que supervisiona os materiais e programas dos Rapazes, é uma fonte de recursos para as presidências de área que presidem os Rapazes nas áreas. A presidência é auxiliada por uma junta

geral, composta de oito homens. Ela também desempenha um papel significativo dentro dos Escoteiros da América e de outros países.

Élder Featherstone, presidente da Área Sudeste da América do Norte, teve uma atuação notável junto ao Sacerdócio Aarônico até ser chamado como Autoridade Geral, em 6 de abril de 1972. Foi chamado como segundo conselheiro no Bispado Presidente, que naquela ocasião era responsável pelo Sacerdócio Aarônico.

Foi chamado para o Primeiro Quorum dos Setenta, no dia 1º de outubro de 1976, e como primeiro conselheiro dos Rapazes, em 6 de outubro de 1979. Antes, foi presidente da Missão San Antonio Texas, fez parte da Junta Geral dos Rapazes e foi presidente da Estaca Boise Norte.

Élder Pinegar, conselheiro na Área Sudoeste da América do Norte, foi

conselheiro dos Rapazes até 6 de outubro de 1979. Serviu como presidente da Missão Carolina do Norte-Virginia e na junta geral dos Rapazes. Antes de ser chamado como Autoridade Geral, em 6 de outubro de 1972, foi diretor do departamento educacional de psicologia da BYU. Obteve o Ph. D. pela Universidade do Sul da Califórnia.

Élder Simpson, que serviu no Bispado Presidente quando este era responsável pelo Sacerdócio Aarônico, é uma Autoridade Geral há 24 anos. Foi chamado como Assistente dos Doze em 6 de abril de 1972, e para o Primeiro Quorum dos Setenta em 1º de outubro de 1976.

Foi presidente das Missões Nova Zelândia e Londres Leste, e do Templo de Los Angeles. Foi também presidente da Área do Pacífico. Antes de ser chamado como Autoridade Geral, trabalhou na Bell Telephone System.



